



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGE

**A TRAJETORIA ESCOLAR DE FILHOS DE FAMÍLIAS COM BAIXA
ESCOLARIDADE**

ALAN DA ROCHA BRUM

**SÃO PAULO
2014**

ALAN DA ROCHA BRUM

**A TRAJETORIA ESCOLAR DE FILHOS DE FAMÍLIAS COM BAIXA
ESCOLARIDADE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho — UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho.

SÃO PAULO
2014

**A TRAJETORIA ESCOLAR DE FILHOS DE FAMÍLIAS COM BAIXA
ESCOLARIDADE**

ALAN DA ROCHA BRUM

São Paulo, 31 de março de 2014.

Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho, UNINOVE

Prof. Dr. Miguel Henrique Russo, UNINOVE

Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochite, UNESP

Prof. Dr. José Eustáquio Romão
Diretor do Programa de Pós-Graduação em Educação, UNINOVE

*Dedico esse trabalho à minha
família, por acreditar e me incentivar
na busca de novos desafios e conquistas.
Á todos aqueles que acreditam
na educação e que dedicam
suas vidas ao estudo
e à pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

À iniciativa da *Universidade Nove de Julho* – UNINOVE, em apoiar a pesquisa oferecendo *bolsas de estudo integrais* para alunos da Pós-Graduação, exercendo assim um papel fundamental na ampliação do acesso à Pós-Graduação no Brasil.

À Prof^ª. Dr^ª. Graziela Perosa, pelo incentivo e pela oportunidade de acompanhar suas aulas na *Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo* - EACH-USP.

À Prof^ª. Dr^ª. Ivanise Monfredini, por ter acreditado nessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho, meu orientador, pelo cuidado e paciência nessa jornada de angústias e descobertas.

À Pró-Reitoria da *Universidade de São Paulo*, pelo apoio institucional no contato com os alunos participantes do INCLUSP.

Ao Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró Reitoria de Graduação da USP, pela entrevista concedida.

À Helena Marcon, pela enorme colaboração frente ao contato com os alunos colaboradores da pesquisa.

Ao Joshua David Levesque, pela colaboração, atenção e incentivo nesse longo percurso de pesquisa.

Ao Guilherme Sant'Anna, pelo apoio e incentivo na realização do Mestrado.

Aos colegas do Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – pela colaboração nas discussões em sala de aula.

Especialmente, à colega *Ma.Valéria Aparecida da Silva Passos Meirelles* por toda atenção frente a pesquisa e a revisão ortográfica do texto.

À minha família, pelo suporte emocional e pela compreensão dos momentos que estive ausente para prosseguir com a minha dissertação.

Ao Sérgio Ortiz Lessa pela diagramação.

Meu especial agradecimento ao meu orientador Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho, e aos professores Dr. Carlos Bauer de Souza, Dr. Miguel Henrique Russo, Prof^a. Dr^a. Roberta Gurgel Azzi, por toda a atenção, apoio, incentivo, que foram fundamentais para meu crescimento pessoal, intelectual e acadêmico.

[...] diferentes modelos implícitos ou explícitos de “sucesso” (que cada pesquisador, segundo sua própria trajetória social, tem tendência a universalizar), tendem a fazer esquecer que as combinações entre as dimensões moral, cultural, econômica, política e religiosa, podem ser múltiplas... e que os graus de “êxito” comparáveis sob o ângulo dos desempenhos e dos resultados, podem esconder, às vezes, estilos de “sucesso” diferentes. (LAHIRE, 2008, p. 31).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo da trajetória escolar de alunos, filhos de pais com baixa escolaridade, denominados no campo da pesquisa como alunos da primeira geração. Os objetivos dessa pesquisa foram: Constatar o padrão de ingresso na USP, segundo os dados oficiais da FUVEST; Conhecer a trajetória de formação educacional do aluno; Detectar dificuldades encontradas pelos alunos na adaptação à universidade pública; Identificar a relação entre o ingresso na universidade e a atuação dos familiares. A pesquisa foi dividida em duas partes, a primeira parte corresponde à uma investigação dos dados estatísticos oficiais disponibilizados pela FUVEST, dos anos de 2011, 2012 e 2013, com a intenção de analisar o padrão de ingresso na USP, como também identificar o percentual de alunos da primeira geração que estão matriculados. A segunda parte da pesquisa foi realizada com a análise da narrativa de alguns alunos entrevistados matriculados na EACH, para compor o panorama de análise. A presente pesquisa concluiu que a representação que os alunos entrevistados têm das dificuldades de acesso à universidade pública, especialmente à USP, ainda são muito grandes, e que, o padrão de ingresso na Universidade de São Paulo, nos anos citados, é muito pequeno do total de alunos da rede pública de ensino, mesmo com a criação do Programa de Inclusão Social – INCLUSP. Desta forma, se faz necessário a intensificação do programa de inclusão ou ações governamentais mais efetivas com a intenção de alterar o padrão de ingresso na Universidade de São Paulo, que se caracteriza, em sua maior parte, por alunos da rede privada de ensino.

Palavras-chave: Primeira geração; INCLUSP; Ingresso na Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

This research has the objective of analyzing the school path of students, children of parents with a low educational level, who are considered as students of the first generation. The objectives of this research were to: confirm the enrollment pattern at the University of Sao Paulo according to the official data from FUVEST; know the educational background of the student; detect the difficulties encountered by the students in the adaptation to public university; identify the relationship between the university admittance and the role of family members. The research was divided into two parts. The first part corresponded with the investigation of the official statistic data available from FUVEST from 2011, 2012 and 2013, with the intention to analyze the USP entrance pattern, as well as identify the percentage of students from the first generation that were registered. The second part of the research was done with the analysis of the narration of some interviewed students registered in EACH, to compose an analysis panorama. The present research concluded that the interviewed students feel that accessing a public university, especially USP, is still very difficult and challenging, and that the entrance pattern of students from the public educational system to the University of Sao Paulo in the years cited was very small, even with the creation of the Social Inclusion Program (INCLUSP). Therefore, it is necessary to intensify the inclusion program or make governmental actions more effective with the intention to alter the admittance pattern to the University of Sao Paulo, which is characterized primarily by its students from the private educational system.

Key words: First Generation; INCLUSP; University of Sao Paulo admittance

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO..... | vi |
| ABSTRACT..... | vii |
| LISTA DE GRÁFICOS..... | ix |
| LISTA DE TABELAS..... | x |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS..... | xi |
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1 A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E AS POLÍTICAS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO..... | 29 |
| 1.1 OS ALUNOS DA PRIMEIRA GERAÇÃO..... | 33 |
| 1.2 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE INCLUSÃO..... | 40 |
| 1.3 LEI 12.711/2012 DE POLÍTICAS DE COTAS NAS UNIVERSIDADES..... | 47 |
| 2 A USP NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS SOCIAIS DE INCLUSÃO..... | 51 |
| 2.1 NOVOS CAMPI – NOVAS VAGA..... | 58 |
| 2.2 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E PROGRAMAS DE INCLUSÃO..... | 62 |
| 2.3 A PROPOSTA DE POLÍTICA DE COTAS NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS..... | 69 |
| 2.4 A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E OS ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA..... | 74 |
| 2.5 A ENTRADA DE FILHOS DE PAIS COM BAIXA ESCOLARIDADE NA USP..... | 86 |
| 3 USP LESTE E ALUNOS FILHOS DE PAIS COM BAIXA ESCOLARIDADE..... | 88 |
| 3.1 O GRUPO DE ALUNOS ENTREVISTADOS..... | 93 |

| | |
|---|------------|
| 3.2 A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DOS COLABORAÇÕES DOS DEPOIMENTOS DOS ALUNOS..... | 97 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 113 |
| REFERÊNCIAS..... | 118 |
| ANEXOS | |
| 1 ENTREVISTA MAURO BERTOTTI..... | 127 |
| 2 INCLUSP..... | 147 |
| 3 MOÇÃO INSTITUTO DE PSICOLOGIA..... | 162 |
| 4 ENTREVISTA <i>KATYA</i> | 164 |
| 5 ENTREVISTA <i>SERGIO</i> | 180 |
| 6 ENTREVISTA <i>LUCIA</i> | 193 |
| 7 ENTREVISTA <i>PAULO</i> | 206 |
| 9 ENTREVISTA <i>FELIPE</i> | 218 |

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das cotas – Lei 12.711/2012

Gráfico 2: Estatística Sócio Econômica dos Alunos Matriculados na Última Chamada 2011

Gráfico 3: Estatística Sócio Econômica dos Alunos Matriculados na Última Chamada 2012

Gráfico 4: Estatística Sócio Econômica dos Alunos Matriculados na Última Chamada 2013

Gráfico 5: Alunos matriculados na última chamada participantes do Programa Social de Inclusão da Universidade de São Paulo

Gráfico 6: Comparativo referente aos ingressantes de escola pública na USP nos anos de 2008, 2009 e 2010.

Gráfico 7: Comparativo referente aos ingressantes de escola particular na USP nos anos de 2008, 2009 e 2010.

Gráfico 8: Percentual de alunos matriculados no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Gráfico 9: Alunos de pais com baixa escolaridade matriculados na USP nos anos de 2011, 2012 e 2013.

Gráfico 10: Referente a relação de alunos de escola pública e filhos de pais com baixa escolaridade matriculados na USP nos anos de 2011, 2012 e 2013.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução das taxas de escolarização bruta e líquida na educação superior – Brasil e regiões – 2001-2009

Tabela 2: Evolução do Número de Ingressos (Todas as Formas) por Categoria Administrativa – Brasil – 2001 – 2010

Tabela 3: Número de bolsas de estudo parciais e integrais do PROUNI no 2º semestre de 2012

Tabela 4: Bonificação do INCLUSP, para candidatos que cursaram o ensino básico em escola pública 2014

Tabela 5: Bonificação do INCLUSP, para candidatos que cursaram o ensino médio em escola pública

Tabela 6: Bonificação do INCLUSP, para candidatos pretos, pardos e indígenas

Tabela 7: Mudanças das pontuações do INCLUSP, no Plano Institucional da Universidade de São Paulo

Tabela 8: Padrão de ingresso na Universidade de São Paulo entre os anos de 2005 e 2013.

Tabela 9: Ingressantes do curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre os anos de 2005 e 2011.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADJ - Associação dos Juízes pela Democracia

ADUSP - Associação de Docentes da USP

ALESP - Assembleia Legislativa de São Paulo

CRUESP - Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas

EACH-USP - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

EAD – Educação à Distância

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FATEC – Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo

FUVEST - Fundação Universitária para o Vestibular

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES - Instituições de Ensino Superior

INCLUSP – Programa de Inclusão Social da Universidade de São Paulo

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LEFE- Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia pela Universidade de São Paulo

PASUSP - Programa de Avaliação Seriada da USP

PCDOB – Partido Comunista do Brasil

PES - Grupo de pesquisa Psicologia e Ensino Superior

PIMESP - Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão da UNESP

PROUNI – Programa de Universidade para Todos do Governo Federal

PT – Partido dos Trabalhadores

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SARESP - Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SISU - Sistema de Seleção Unificado

THE - Times Higher Education - Instituto Britânico Times Higher Education

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense

UNB - Universidade de Brasília

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP - Universidade Federal de Campinas

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

O caminho dissociado das experiências de quem o percorre é apenas uma proposta de trajeto, não um projeto, muito menos o nosso próprio projeto de vida.

Ademar Ferreira dos Santos

Essa pesquisa é mais do que uma discussão sobre as políticas públicas educacionais de expansão do sistema universitário público brasileiro, mas um encontro singular de histórias vividas pelos alunos da Universidade de São Paulo (USP), impactadas por essas políticas. Vale salientar que os alunos participantes colaboraram com genuínos relatos repletos de sensibilidade e beleza.

A expansão do ensino superior no Brasil tem sido pautada por uma ampla discussão sobre as políticas públicas de inclusão, tanto no ensino privado quanto no ensino público. Grande parte dessa expansão se deu pelas iniciativas do Governo Federal, com a criação de uma política de cotas, e o estabelecimento de parcerias com instituições de ensino privado, por meio da disponibilização de bolsas de estudos.

Devido às iniciativas governamentais das últimas décadas, desde a expansão significativa do ensino privado, criação de uma política de cotas, criação de novos *campi* e ampliação de vagas no ensino público, tem se notado a presença de alunos, chamados por alguns pesquisadores como os da primeira geração¹, ou seja, os primeiros desbravadores de famílias que até então não tinham acesso ao ensino superior no Brasil.

As pesquisas abordando como objeto de estudo, o acesso ao ensino universitário no Brasil nas últimas décadas, têm discutido: a permanência de alunos das escolas públicas e baixa renda, nas universidades públicas; as barreiras de acesso às universidades públicas; o perfil dos alunos que ingressam nas universidades públicas; e também, a presença cada vez maior de alunos da primeira geração, ou seja, alunos de famílias sem nenhuma relação anterior com o ensino superior.

¹ Segundo Freaza, são considerados alunos da primeira geração, aqueles oriundos de família nuclear (pai ou mãe) que não cursaram o ensino superior (2004).

Dentre essas pesquisas se destacam: "Características dos ingressantes de universidades públicas do Estado de São Paulo: novos campi, velhas desigualdades?" de Gadys Beatriz Barreyro e Arlei Flausino Aureliano (2009), que analisaram o perfil dos ingressantes das novas universidades do Estado de São Paulo. Nesse trabalho, os autores concluíram que

[...] nessas instituições, não houve inclusão significativa de setores que historicamente estiveram excluídos do acesso à educação superior, apesar de uma delas apresentar alguma diferença pela sua política de reserva de vagas. Diante desse quadro, é válido considerar que a política de ampliação de vagas nas instituições estudadas, no ano de 2007, favoreceu a ampliação do acesso, mas não a sua democratização. (BARREYRO; AURELIANO, 2009, p. 25)

Nadir Zago, pedagoga, professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, empenhada nas pesquisas voltadas à escolarização da classe popular, no ensino fundamental e médio, especialmente, nas trajetórias escolares, vem desenvolvendo pesquisas também abordando o ensino superior. Em seu trabalho: "Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares" (2006), analisou a Universidade Federal de Santa Catarina, única universidade federal do Estado, entre os anos de 2001 e 2003, que possui um vestibular altamente competitivo, comparando dados estatísticos do vestibular — relação candidato/vaga — e entrevistas realizadas com alunos oriundos das escolas públicas, matriculados na universidade, com foco na trajetória escolar e a permanência universitária destes alunos. A autora concluiu que

[...] a presença das camadas populares no ensino superior não oculta — conforme também observam Bourdieu e Champagne (2001) — as reais diferenças sociais entre os estudantes. Os resultados da pesquisa indicam efeitos dessas diferenças verificados na composição social dos cursos e no exercício da vida acadêmica, nas suas mais variadas dimensões. Uma análise que vai além do levantamento dos dados brutos, como renda familiar do estudante, ocupação e escolaridade dos pais, para conhecer mais de perto a condição do estudante, mostra como à "sobrevivência" material associam-se outros custos pessoais, mas nem por isso menos dolorosos, tal como evidenciou a pesquisa, entre outras realizadas com estudantes oriundos de meios sociais similares. Estudar essa população para entender as transformações nas demandas e nas práticas escolares, assim como no perfil dos estudantes na sociedade contemporânea, representa uma necessidade para a pesquisa e as políticas educacionais em todos os níveis de ensino. (ZAGO, 2006, p. 236)

Outra pesquisa abordando o tema, "O Impacto do programa de inclusão social da Universidade de São Paulo no acesso de estudantes de escola pública ao ensino superior público gratuito" de Mauricio dos Santos Matos, Selma Garrido Pimenta, Maria Isabel de Almeida e Maria Amélia de Campos Oliveira", que analisaram o impacto do Programa de Inclusão Social da Universidade de São Paulo (INCLUSP), no acesso de estudantes das escolas públicas ao ensino superior público gratuito.

A análise dos resultados referentes ao período de 2001 a 2009 permite afirmar que o objetivo do INCLUSP de ampliar progressivamente os percentuais de estudantes egressos do ensino médio público na USP foi atingido, contribuindo também para a ampliação do ingresso de estudantes de baixa renda e de estudantes negros, sem qualquer comprometimento do critério de mérito acadêmico da Universidade. Em 2010, porém, o efeito do sistema de pontuação acrescida não foi suficiente para neutralizar a crescente diminuição da participação de estudantes de escola pública no vestibular FUVEST, fenômeno que já se evidenciava desde 2006. Esse diagnóstico sinaliza a necessidade de maior aproximação entre a USP e as escolas públicas por meio da ampliação de programas, tais como o PASUSP e o Programa Embaixadores da USP, bem como a necessidade de se criar novos programas e estratégias de publicização mais efetivas junto à sociedade, buscando atrair mais estudantes do ensino médio público para o vestibular FUVEST, por meio da divulgação das vantagens de se estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade. (MATOS *et al*, 2012, p. 740)

O ensino superior também é objeto de pesquisa na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na Faculdade de Educação, com o grupo de pesquisa liderado pela Profa. Dra. Soely Aparecida Jorge Polydoro, denominado Grupo de pesquisa Psicologia e Ensino Superior (PES), que vem desenvolvendo uma série de pesquisas abordando o ensino universitário. O trabalho, "O primeiro universitário da família: características e experiências na educação superior" de Ruth Garcia Freaza, orientada pela Prof^ª. Dra. Soely Aparecida Jorge Polydoro, teve como objeto de estudo os alunos da primeira geração, matriculados em uma universidade pública. Para Freaza (2004):

As instituições de ensino superior recebem estudantes com as mais diversas características, entre eles, os alunos de primeira geração, definidos como aqueles cujos pais não cursaram o ensino superior. Segundo estudos internacionais, comparados aos estudantes cujos pais fizeram graduação, os estudantes de primeira geração normalmente são acadêmica e

psicologicamente menos preparados para enfrentar as demandas da formação superior. (FREAZA, 2004, p.01)

Freaza desenvolveu sua pesquisa em duas etapas. Primeiro identificou os alunos da primeira geração nos cursos de graduação de uma universidade pública, considerando alguns itens específicos — histórico escolar, escolha do curso, instituição e aspectos familiares —. Na segunda etapa da pesquisa, por meio de entrevista, procurou identificar a integração acadêmica dos alunos de primeira geração na universidade.

A análise dos dados estatísticos mostraram que: “[...] no ano de 2003 houve um número representativo de estudantes da primeira geração. Esses eram, em sua maioria, do sexo masculino e eram solteiros. O nível de instrução dos pais era, principalmente, o ensino médio completo [...]” (FREAZA, 2004, p. 01). Os resultados das análises das entrevistas foram “[...] obtidos através das falas dos estudantes da primeira geração, revelam pontos a serem trabalhados para que estes possam prosseguir academicamente com sucesso.” (FREAZA, 2004, p. 01)

O acesso ao ensino superior, a permanência do aluno no curso, sua trajetória escolar, seu histórico familiar, dentre outros, são alguns dos objetos pesquisados pela comunidade acadêmica, que, nesse trabalho, foram apresentados em caráter de amostra, para delimitação do tema de pesquisa.

O objeto dessa pesquisa surgiu, primeiramente, pelo meu interesse em estudar a instituição escolar, em decorrência da minha experiência como psicólogo, envolvido nas questões sociais e por considerar *a priori* que o espaço escolar poderia ser um espaço de quebra das barreiras sociais. À medida que fui me apropriando da teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu, ela foi se constituindo como referência teórica para a construção de um olhar crítico à realidade educacional e ao espaço escolar, que se revelou na contramão do rompimento das barreiras sociais, mas sim como uma forma de reprodução delas.

Pierre Bourdieu, sociólogo de origem popular na França, desenvolveu uma teoria que ficaria amplamente conhecida como teoria da reprodução ou reprodutivismo. “Estruturalismo e marxismo foram ingredientes muito importantes nessa equação. Tal influência é mais

característica daquele marxismo estruturalista aplicado à Sociologia da Educação, influenciado por Louis Althusser.” (GOPPO, 2009, p. 03).

A teoria reprodutivista de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron se constituiu como uma forte crítica ao processo de seleção e eliminação dos alunos no sistema escolar Francês.

A reprodução articula em um esboço teórico sobre a *violência simbólica*, bem como em uma análise aprumada da presença desta violência simbólica no sistema escolar francês, conceitos-chave como *ethos*, *habitus*, *capital cultural*, *capital social*, *violência simbólica* etc. Conceitos e perspectivas que redundarão, anos mais tarde, em diversas obras de Bourdieu, numa tentativa de criar uma teoria social mais ampla – articulados em torno do conceito de campo social, este mais fruto dos estudos sobre arte, e de distinção, oriundo de suas pesquisas sobre o *gosto*. (GROPPO, 2009, p.04, grifos do autor)

Inspirados em Bourdieu e Passeron, Stival et al (2008) explicitam:

[...] toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição de um poder arbitrário. A arbitrariedade constitui-se na apresentação da cultura dominante como cultura geral. O “poder arbitrário” é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social, simultaneamente. (STIVAL et al, 2008, p. 12004)

Bourdieu em consonância com as mudanças sociais da sua época e devido à ampliação do sistema educacional francês, juntamente com o sociólogo Patrick Champagne, “[...] [atualizou] a teoria da reprodução para o contexto da França no início dos anos 1990, discutindo os efeitos da expansão do ensino secundário naquele país. (GROPPO, 2009, p. 08)

No texto "Os excluídos do interior", Bourdieu e Champagne fazem uma revisão da teoria reprodutivista considerando que a expansão escolar francesa trouxe a realidade social novas forma de desigualdades.

As novas formas de desigualdade escolar são bem mais dissimuladas, já que aumentou muito a chance de que a maioria dos que eram antes “excluídos” do ensino secundário consigam um diploma (mesmo à custa de grandes sacrifícios, algumas vezes). Mas este será um “diploma desvalorizado” (ibid., p. 221). As novas formas de desigualdade são, ao mesmo tempo, mais estigmatizantes, pois, se o indivíduo fracassa no acesso ao diploma, agora a

exclusão é ainda mais atribuída à sua própria “incapacidade”, pois aparentemente ele “teve a sua chance”. Enfim, estas novas formas de desigualdade são mais totais, dada a dependência cada vez maior de ter a identidade social constituída pela escolarização, bem como pela exigência de um “diploma” para a inclusão no mercado de trabalho. (GROPPO, 2009, p.08)

Embora a França tenha alcançado a popularização do ensino superior, segundo Bourdieu, as desigualdades permaneceram, desencadeando um processo mais elaborado de exclusão e culpabilidade do fracasso escolar individual, utilizando-se de meios mais camuflados de reprodução social.

[...] a desigualdade deixa {ou} de operar pela exclusão do acesso ao sistema e passa a funcionar pela inclusão em um ensino degradado, com efeitos igualmente “excludentes” e reprodutores da desigualdade, é complementada pela análise das “teorias” em voga que explicam o “fracasso” escolar. Tradicionalmente, a explicação do fracasso era dada pela teoria dos dons, uma explicação mais individualizante, na qual a “exclusão parecia apoiar-se tão somente nos dons e méritos dos eleitos” (ibid., p. 219). Agora emergem teorias de responsabilização coletiva, a “lógica da responsabilidade coletiva”, na qual a culpa é atribuída a “[...] fatores sociais mal definidos, como a insuficiência dos meios utilizados pela escola, ou a incapacidade e a incompetência dos professores [...] ou mesmo a lógica de um sistema globalmente deficiente que é preciso reformar” (ibid., p. 221). Oculta-se, tanto quanto fazia a teoria dos dons em relação ao ensino secundário de outrora, ainda que de forma diferente, a adaptação deste sistema escolar supostamente “democratizado” com a estrutura social novamente mantida e mesmo revigorada em suas desigualdades. (GROPPO, 2009, p.09)

A teoria de Bourdieu me parece relevante para compreender o contexto atual de expansão do ensino universitário no Brasil, principalmente, aquele que tange o ensino privado.

O interesse pela teoria de Bourdieu surgiu por intermédio da Profa. Dra. Graziela Perosa, psicóloga, professora da Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), resultante da minha experiência como aluno ouvinte em suas aulas. A jornada na EACH foi extremamente enriquecedora no sentido de amadurecer minha percepção frente às desigualdades sociais, principalmente, aquelas ligadas à educação.

Nessa perspectiva, penso que, pesquisas na direção da compreensão da forma como a democratização do ensino superior está se estabelecendo no Brasil, em decorrência das políticas de ampliação de acesso ao sistema universitário, se tornam relevantes.

O interesse de pesquisa nas trajetórias escolares e nos casos isolados, se deve, em certo sentido, à minha própria história pessoal e à minha formação em psicologia. Já na graduação me causava incomodo a relação causa/efeito na compreensão do ser humano, muito proposto pela teoria psicanalítica. Após a minha graduação como psicólogo, venho trabalhando na "Perspectiva Fenomenológica Existencial", especificamente na prática psicológica em instituições, na qual sou especialista pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE), do Instituto de Psicologia da USP.

Estudar as trajetórias escolares, especialmente, aquelas ligadas ao sucesso escolar, me pareceu um caminho na contramão do extenso número de pesquisas sobre o fracasso escolar, muito abordado, principalmente, na psicologia escolar. Desde a década de 1930 com a disseminação dos preceitos psicológicos muito se produziu com o intuito de se explicar o fracasso escolar, com foco nas dificuldades de aprendizagem.

Até a década de 1980, as tentativas de explicação do fracasso escolar estavam voltadas para culpabilizar principalmente o sujeito que sofria o fracasso e a sua família, como se fossem seres inertes, soltos no tempo e no espaço. E raras vezes o foco dos estudos voltou-se para a instituição escolar como um dos fatores determinantes deste problema. Mas, quando o fizeram, também foi num sentido de atribuir à culpa a esta e a quem nela trabalha, não a relacionando com o contexto social e político. (FORGIARINI *et al*, 2007, p. 15)

Não se pode analisar o contexto escolar a parte do contexto social. É fundamental que se estabeleça uma relação entre a escola e os mecanismos sociais, visto que a escola é um espaço de manifestação social.

Assim, para entender a trajetória, especialmente a de sucesso escolar universitário, é necessário compreender os mecanismos sociais que se manifestam nas diferentes instituições de ensino.

A universidade pública no Brasil, por uma série de fatores, seja pela absorção dos melhores alunos do ensino médio na acirrada competição do vestibular, ou pelo investimento em pesquisa e contratação de professores, tende a ser considerada simbolicamente como um centro de excelência educacional.

No Estado de São Paulo existem universidades federais e estaduais, que se reportam a legislação federal, porém as universidades estaduais apresentam autonomia em determinados aspectos, segundo a administração e as leis estaduais.

As políticas de ampliação do sistema universitário, desenvolvidas pelo Governo Federal tem o objetivo de incluir no sistema universitário alunos que até então estavam a margem dele. Este movimento se caracteriza tanto com o investimento no âmbito público como privado. Pode-se verificar essas ações com a criação do PROUNI, que concede bolsas de estudos parciais e integrais para alunos de baixa renda em universidades particulares, e também com a política de cotas, que reserva vagas para negros, pardos e indígenas e alunos das escolas públicas nas universidades federais. Estas iniciativas do governo demonstram o objetivo de inclusão dos setores historicamente excluídos da sociedade.

A Universidade de São Paulo (USP), subordinada às leis estaduais, tem respondido à opinião pública e ao Governo Estadual, de maneira resistente à política de cotas, que reserva vagas para negros, pardos e indígenas e alunos das escolas públicas, por considerar estas iniciativas como anti-meritocráticas.

Em contrapartida, no decorrer dos últimos anos, a USP tem desenvolvido seus próprios projetos de inclusão social, fundados nos preceitos meritocráticos, como por exemplo, a criação do INCLUSP, que desde 2006, garante ao estudante das escolas públicas um acréscimo percentual na pontuação do vestibular da FUVEST, conforme relatado pelo Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação da USP, em entrevista concedida em 27 de agosto de 2012 (Anexo 1).

No ano de 2012, a Presidente Dilma Rousseff sancionou a lei 12.711/2012 (BRASIL, 2012), que garante a reserva de 50% de vagas para estudantes das escolas públicas, nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação. A partir dessa lei a discussão sobre as cotas voltou a entrar em questão e a USP novamente se posicionou contrária a política de cotas de reserva de vagas.

Em resposta às ações do Governo Federal, o Governo do Estado de São Paulo, juntamente com os reitores das universidades estaduais, criou um projeto de inclusão, que propunha que o aluno das escolas públicas teria que frequentar um curso preparatório, baseado nos *colleges* americanos para, a partir da pontuação no curso desenvolvido em dois anos, ter sua vaga garantida na universidade Estadual.

Esse projeto de inclusão era controverso e foi discutido pelas comissões das universidades estaduais. As próprias comissões dentro das universidades evidenciam a contradição entre inclusão e exclusão, visto que os alunos das escolas públicas teriam de fazer um curso preparatório de dois anos, para só depois estarem aptos a frequentar um curso universitário.

Entrar na universidade, seja ela, pública ou privada, não é uma tarefa fácil, e a angústia do vestibular da FUVEST, um dos maiores do Brasil, faz parte da vida de muitos alunos que almejam uma vaga na USP.

A Universidade de São Paulo tem mais de 75 anos dedicados à produção do conhecimento, considerada como a maior universidade da América Latina, foi fundada em 1934, com uma concepção francesa. Segundo o *Institute of Higher Education Shanghai Jiao Tong University* e o *The Times*, está entre as 250 melhores universidades do mundo, e ao longo dos anos tem se firmado como uma universidade de excelência, não só por buscar, por meio do vestibular, os melhores, mas também por atender, desde a sua criação, a elite paulista.

Desde 2005, com o objetivo de ampliar o acesso à USP, foi criada na zona leste a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH), pela iniciativa dos reitores das universidades estaduais, o Governo Estadual, e pela forte atuação das comunidades reivindicatórias da zona leste. A criação da EACH não só disponibilizou novas vagas e cursos, mas se tornou mais uma possibilidade para o acesso à universidade pública.

É nesse panorama de expansão do ensino superior público, especialmente, com a criação da EACH, que alunos da Universidade de São Paulo, filhos de pais com baixa escolaridade se tornaram objeto de pesquisa, por possuírem, na minha perspectiva, após a acirrada disputa no vestibular da FUVEST, uma trajetória de sucesso escolar.

Inicialmente, pretendia analisar os alunos de primeira geração da USP, que utilizaram o INCLUSP, todavia a dificuldade de encontrar esses alunos se mostrou presente. A secretaria

da Pró-Reitoria de Graduação, daquela universidade, se disponibilizou a contribuir com a pesquisa, enviando um e-mail para todos os alunos matriculados, que se beneficiaram da pontuação do INCLUSP, convidando-os a participar da pesquisa, porém só obtivemos uma resposta. Pelas dificuldades de encontrar os sujeitos da pesquisa, a proposta foi alterada.

A secretaria da Pró-Reitoria da Graduação não pode fornecer os dados pessoais dos alunos matriculados para contato, porque tem de manter sigilo dos dados pessoais dos alunos, assim, encontrar os alunos INCLUSP dos mais diferentes cursos da graduação, se tornou inviável para mim.

Em virtude das dificuldades, os sujeitos da pesquisa foram selecionados de forma aleatória, independente do curso frequentado, sendo todos alunos matriculados na EACH - USP, filhos de pais com baixa escolaridade, ou seja, filhos de pais que iniciaram o ensino fundamental, mas não concluíram.

A coleta de dados institucionais se deu através de documentos oficiais e entrevista com o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação, que se disponibilizou prontamente a colaborar com a pesquisa.

Diante do exposto, nosso problema de pesquisa pode ser assim anunciado: Qual é a representação que os alunos, filhos de pais com baixa escolaridade e oriundos das escolas públicas, ingressantes na USP, têm das dificuldades e condições para o acesso à universidade pública?

Podemos inferir que o conceito de representação esta diretamente ligado ao âmbito social, e segundo Guareschi, “é um conceito dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural, possui uma dimensão histórica e transformadora; reúne aspectos culturais, cognitivo e valorativo, isto é, ideológicos.” (*Apud* GUARESCHI, 1996, REIS; BERLLINI, 2011, p.151)

A representação é um conceito relacional, “O ato de representar não é um processo simples. Além da imagem, ele carrega sempre um sentido simbólico”. (REIS; BERLLINI, 2011, p.151)

Desta forma, nossa hipótese de pesquisa foi a de que os alunos constroem a representação sobre o acesso à universidade como um processo ainda limitado, em que pese as políticas de inclusão, ou seja, compreendem que há um processo de melhoria no acesso, mas não de democratização no acesso.

Os objetivos da pesquisa foram:

- Constatar o padrão de ingresso na USP, segundo os dados oficiais da FUVEST;
- Conhecer a trajetória de formação educacional do aluno;
- Detectar dificuldades encontradas pelos alunos na adaptação à universidade pública;
- Identificar a relação entre o ingresso na universidade e a atuação dos familiares.

As fontes de pesquisa foram: documentos oficiais, como leis publicadas no diário oficial, estatísticas governamentais sobre o ensino superior, estatísticas oficiais da FUVEST, documentos expedidos pela Pró-Reitoria da Graduação, entre outros; entrevistas institucionais e entrevistas dos sujeitos colaboradores da pesquisa.

A pesquisa foi dividida em duas partes, a primeira corresponde à uma investigação dos dados estatísticos oficiais disponibilizados pela FUVEST, nos anos de 2011, 2012 e 2013, com o propósito de analisar o padrão de ingresso na USP e identificar o percentual de alunos da primeira geração que estão matriculados. A segunda parte da pesquisa se constitui na análise da narrativa de alguns alunos entrevistados matriculados na EACH, para compor o panorama de análise da pesquisa.

Penso que criar um paralelo entre os dados estatísticos e os relatos da representação das dificuldades e condições de acesso à universidade pública, especificamente na USP, entrelaçados com as trajetórias individuais de cada sujeito entrevistado, é fundamental para criar um panorama de análise que revele como se constitui o *ser aluno* de uma universidade pública, gratuita e de excelência acadêmica, oriundo de um ambiente familiar, até então excluído dela.

Analisar a experiência dos alunos da primeira geração, dentro da universidade, pode contribuir para o desvelamento de novas possibilidades de percepções no âmbito familiar, como também na comunidade. A narrativa oriunda das entrevistas, pode revelar os mecanismos do grupo para o acesso à USP, bem como, se existe a representação de inclusão e pertencimento à Universidade de São Paulo. Para tanto, serão consideradas questões tais como: escolha do curso, escolha da universidade, vestibular, suporte familiar, entre outros.

Nos capítulos serão abordadas as Políticas de Inclusão, propostas pelo Governo Federal, Leis de Cotas, Programas de Inclusão da USP (INCLUSP e PASUSP), Histórico da USP e USP-LESTE, como também os dados estatísticos disponibilizados pela FUVEST.

Essa pesquisa, considerando suas limitações, pode ser uma forma de refletir sobre o impacto dos programas de inclusão propostos pela USP e fomentar a discussão sobre o acesso à universidade pública no Brasil.

1 A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E AS POLÍTICAS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO

A Educação Superior no Brasil está em constante processo de expansão, segundo Abrantes *et al* (2010): “O índice de matrículas no ensino superior, ao longo dos últimos dez anos, aumentou 134%, principalmente pela participação das instituições privadas que, em 2003, respondiam por aproximadamente 70,8% das matrículas” (ABRANTES *et al*, 2010, p. 02).

A criação de novas políticas públicas educacionais, o investimento privado na educação e o Estado avaliador na área da educação Brasileira, tem de ser compreendido como resultado de um fenômeno global de mudanças econômicas estruturais.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com foco na evolução da taxa de escolarização da educação do ensino superior em todas as regiões do Brasil entre os anos de 2001 e 2009, mostrou aumento significativo e crescente em todas as regiões, conforme tabela abaixo:

TABELA 1: Evolução das taxas de escolarização bruta e líquida na educação superior – Brasil e regiões – 2001-2009.

| Brasil/ Regiões | Educação Superior (18 a 24 anos) | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------|----------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|-----------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|--|
| | Escolarização Bruta | | | | | | | | | Escolarização Líquida | | | | | | | | | |
| | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | |
| Brasil | 15,1 | 16,6 | 18,6 | 18,6 | 19,9 | 22,6 | 24,3 | 25,5 | 26,7 | 8,9 | 9,8 | 10,6 | 10,5 | 11,2 | 12,6 | 13,1 | 13,7 | 14,4 | |
| Centro-Oeste | 18,2 | 21,8 | 23,6 | 23,2 | 25,9 | 27,0 | 28,8 | 31,1 | 32,6 | 9,7 | 11,9 | 12,3 | 12,2 | 14,0 | 14,8 | 15,6 | 16,3 | 17,9 | |
| Nordeste | 9,1 | 9,5 | 10,9 | 11,1 | 11,9 | 14,3 | 15,9 | 16,9 | 18,4 | 5,1 | 5,1 | 5,8 | 5,9 | 6,1 | 7,1 | 7,7 | 8,3 | 9,4 | |
| Norte | 11,3 | 15,3 | 14,7 | 12,2 | 14,6 | 17,0 | 19,3 | 21,7 | 23,7 | 5,2 | 6,7 | 6,1 | 5,7 | 7,0 | 7,6 | 9,0 | 9,9 | 11,0 | |
| Sudeste | 17,3 | 19,0 | 21,2 | 22,0 | 23,3 | 26,7 | 28,6 | 29,4 | 30,1 | 10,9 | 12,0 | 12,8 | 13,0 | 13,8 | 15,7 | 16,4 | 16,6 | 16,8 | |
| Sul | 21,3 | 22,8 | 26,7 | 26,5 | 27,8 | 29,7 | 30,8 | 32,9 | 33,5 | 12,7 | 13,7 | 15,9 | 15,3 | 16,2 | 17,1 | 16,8 | 18,7 | 19,2 | |

Fonte: IBGE/Pnad; elaborado por MEC/Inep

Nota: Para os anos 2001, 2002 e 2003, exclusive a população rural de RO, AC, AM, RR, PA e AP.

De acordo com a tabela 1 apresentada, é possível notar o aumento da escolarização bruta² no Brasil entre os anos de 2001 e 2009. Este crescimento se dá não somente pela criação de novas universidades, tanto privadas quanto públicas, mas também pela parceria entre privado e público com a criação do programa de concessão de bolsas de estudos.

Segundo o Resumo Técnico - Censo da Educação Superior 2010, realizado pelo INEP: “especificamente no ano de 2010, as instituições privadas [contavam] com 78,2% dos ingressos de graduação; seguidas das federais, com 13,9%; estaduais, com 6,5%; e municipais, com 1,5%” (INEP, 2012, p.42).

A questão que se apresenta é que o grande número de matrículas no ensino superior está concentrado nas universidades privadas, o que notavelmente confirma a necessidade de maior participação do Estado no âmbito público.

Considerando que em 2010, de acordo com o censo divulgado pelo INEP (2012), 2.182.229 alunos entraram no ensino superior, com um aumento de 109, 2% em relação ao número de matrículas no ano de 2001, é possível compreender que o setor educacional superior brasileiro se tornou um mercado lucrativo, visto pelo aumento de universidades privadas.

Segundo o "Plano Nacional de Educação" (BRASIL, 2010), lei federal no. 10.172, de 9 de janeiro de 2001, o Brasil ainda tem um dos índices mais baixos de acesso ao sistema de educação superior, comparado com os outros países da América Latina.

O processo de escolarização, na ótica atual, está relacionado com o sistema do capital, tanto no que se refere à lucratividade atrelada à prestação de serviços, quanto à absorção das leis comerciais dentro da universidade.

O sistema capitalista é um processo sóciometabólico, que se adapta às realidades sociais transformadas por ele mesmo. Estudiosos do efeito da expansão do capital, como Mészáros, defendem que o sistema capitalista se encontra em uma crise estrutural, visto que, se depara com seus limites absolutos. (MÉSZÁROS, 2009).

Para Mészáros: “A questão é que o capitalismo experimentou hoje uma profunda crise, impossível de ser negada por mais tempo, mesmo por seus porta-vozes e beneficiários” (MÉSZÁROS, 2009, p.32).

² Escolarização bruta refere-se ao total de escolarizados, englobando aqueles que começaram os seus estudos fora da idade prevista.

As mudanças globais do capital, a expansão do sistema capitalista, o investimento do mercado internacional nos países considerados do terceiro mundo³ e a busca por novos mercados de expansão, afetaram a realidade econômica brasileira.

A livre concorrência e a lei da oferta e da procura, são as bases do sistema capitalista atual. Em uma economia globalizada, com empresas de rede globais e leis flexíveis de investimento internacional, empresas procuram países periféricos na busca de mão de obra barata e menor impostos.

No Brasil, somente na década de 1990, “com a ascensão das políticas neoliberais no país, cujos eixos centrais foram o ajuste fiscal e a implantação de um Estado mínimo, tomou curso num controle e ou corte nos gastos públicos [...]” (MANCEBO, 2004, p.848), que culminou não somente na diminuição da participação do Estado, mas na privatização de empresas estatais e de muitos serviços públicos, como por exemplo: a saúde, a cultura e a educação.

Desta forma, os investimentos nas áreas da cultura, da saúde e da educação sofreram uma significativa redução do investimento público, o que demandou a participação do investimento privado. Foi nesse panorama, que os bens de serviço começaram a ser assimilados pela ótica do capital, no sistema capitalista.

Devido à todas as mudanças do papel do Estado nos serviços públicos, com a prática das políticas neoliberais, foi na década de 1990, com o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que houve a aceleração do crescimento das universidades privadas no Brasil.

A diminuição do investimento do Estado na educação superior e o crescimento privado tornaram a prestação de serviços nessa área, um investimento lucrativo.

No que tange à educação, as reformas que vêm sendo propostas não têm se diferenciado substancialmente das que se iniciaram nos últimos dez anos, pelos menos do ponto de vista conceitual. Em especial algumas das medidas propostas apontam para uma tentativa de reconfiguração das esferas públicas, com o risco de aprofundamento do drástico quadro de privatização nesse setor. (MANCEBO, 2004, p.849).

³ O termo Terceiro Mundo é originário da guerra fria para denominar países que se posicionaram como neutros. De uma forma mais ampla o termo pode denominar países em desenvolvimento com uma economia precária.

Considerando que as áreas da cultura, da saúde e da educação se tornaram sinônimo de lucratividade para o investimento privado, é possível compreender o enorme crescimento das universidades privadas no Brasil.

A ótica Brasileira da comercialização dos bens de serviços, neste caso, a educação, não é infelizmente uma questão isolada. Existe um movimento global nesse sentido. Há poucos anos, na Europa, alunos do sistema público educacional reivindicavam melhores condições e maior investimento do governo nas universidades européias. Recentemente, alunos da parte francesa do Canadá protestaram pelo aumento das mensalidades, região esta, caracterizada pelas menores taxas de mensalidades universitárias no Canadá.

A utilização dos mecanismos do capital nas áreas da cultura, da saúde e da educação é notavelmente uma forma de expansão do sistema capitalista, visto que, ele se reestruturou tanto nas indústrias e fabricas que não havia outra forma de superação dos limites presentes, a considerar, a busca por novos caminhos de obtenção de lucro, desta forma, se direcionando para a prestação de serviços. Não se pode esquecer que o sistema capitalista se configura como um sistema sóciometabólico.

Assim, a área da educação superior no Brasil virou um mercado rentável, visto pelo grande numero de universidades privadas existentes. No Brasil, segundo o INEP existem 2.378 instituições de ensino superior e dentre elas, 2.100 são instituições privadas. (INEP, 2012).

Nos dois governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve uma tentativa de reforma universitária no Brasil, com a criação de novas universidades públicas e cursos, implantação de políticas de cotas, para declarantes afrodescendentes, e uma parceria entre Estado e instituições privadas, com a disponibilização de bolsas de estudos (PROUNI), em troca de uma redução de impostos. Porém, não se notou nenhuma atuação mais direta na intervenção do Estado, para a tentativa de mudança desse panorama mercantilizante da educação superior.

A ótica econômica na cultura, saúde e educação teve grande impacto nas relações sociais.

As relações de trabalho se alteraram, e muitos empregos foram extintos, devido à computadorização dos maquinários, como também, novos empregos surgiram, exigindo novas habilidades, muitas delas, ligadas à uma maior capacitação educacional.

Se no mercado globalizado a exigência profissional se alterou, considerando que, para muitos cargos, o histórico educacional virou requisito básico, se estabeleceu a regra elementar do sistema capitalista – oferta e procura –, aquecendo o mercado de formação universitária e cursos tecnológicos. É possível compreender que, no nível do discurso, a educação está à mercê do mercado, porém, nessa ótica – a da expansão do sistema capitalista –, ela (Educação) se tornou parte do mercado.

Entendendo que o avanço tecnológico industrial, com o advento da automação, acelerou a crise do sistema capitalista, com a substituição da mão de obra humana por um trabalho computadorizado, hoje acompanhamos o aprofundamento do desemprego mundial, em certa medida, e uma crença ingênua de que a escolarização é a solução para não ficar desempregado.

Para Mézáros: “[...] as contradições de um sistema socioeconômico, que por sua própria necessidade perversa, impõe sobre incontáveis milhões de pessoas, a privação e o sofrimento, que acompanham o desemprego.” (2009, p.141).

Nos últimos anos, um grande número de discursos propagaram as virtudes da “globalização”, deturpando a tendência de expansão e a integração globais do capital, como um fenômeno radicalmente novo, destinado a resolver todos os nossos problemas. (MÉSZÁROS, 2009, p.145).

Por entender que o sistema capitalista é sociometabólico, penso que, as novas alternativas propostas pelo mercado atual de mão de obra, como a das formações tecnológicas, promovem um novo envolvimento com o sistema, porém não solucionam a realidade do desemprego.

Atribuir à universidade a responsabilidade da empregabilidade é um dos grandes atrativos para chamar alunos, visto que, muitas universidades privadas usam em seus *slogans*, textos tais como: "faça esta universidade e tenha seu emprego garantido". Ao contrário, a escola, segundo Pierre Bourdieu, está longe de ser o espaço de quebra das desigualdades

sociais por entender em sua teoria que ela cria em seu próprio espaço desigualdades cada vez mais camufladas, assim estabelecendo um mecanismo de reprodução. (BORDIEU, 2004).

1.1 OS ALUNOS DA PRIMEIRA GERAÇÃO

A presente pesquisa surgiu em decorrência do movimento de democratização do ensino superior no Brasil, nas últimas décadas, com a criação de políticas públicas educacionais que ampliaram o acesso ao ensino superior.

Esse movimento envolve uma série de ações políticas de cunho governamental, que também contempla a iniciativa privada com a disponibilização de bolsas de estudos para estudantes da escola pública e baixa renda, o Programa de Universidade para Todos (PROUNI).

Nota-se uma ampla ação governamental na democratização do ensino superior, nas últimas décadas, não só com o PROUNI, mas com a criação de novas vagas nas universidades públicas, criação de novos *campi*, valorização do desempenho do conhecimento adquirido no ensino médio, com a utilização da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) nos vestibulares e reavaliação dos mecanismos seletivos (vestibulares).

O ENEM foi criado em 1998, com a intenção de avaliar o aproveitamento educacional dos alunos do ensino médio, para obter uma amostra sobre a absorção dos conhecimentos adquiridos pelos mesmos.

A nota do ENEM tem sido desde 2004:

[...] utilizada como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (PROUNI). Além disso, cerca de 539 Instituições de Ensino Superior (IES), já usam o resultado do exame, como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo (total ou parcialmente) o vestibular. (ANDRIOLA, 2011, p.114).

O ENEM tem ganhado cada vez mais importância, visto que, já é utilizado pela maioria das Universidades Federais, como a única forma de seleção, com algumas exceções, como por exemplo, a UNIFESP SP, que aplica um vestibular misto.

Em entrevista, o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, afirmou: “O pessoal fala tanto do ENEM, mas o ENEM é um vestibular igual ao nosso – FUVEST –. Talvez seja um pouco mais fácil que a FUVEST, mas mede só conteúdo” (Entrevista ao autor).

As mudanças provocadas pela aplicação de políticas públicas recentes, no âmbito educacional superior no Brasil, são significativas, porque a universidade brasileira foi impactada por essas políticas,

[...] que fomentaram [um] novo modelo de Financiamento do Sistema Federal de Educação Superior. As Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) foram conduzidas aos rincões mais distantes das grandes urbes, de modo a atender a crescente demanda oriunda dessa sociedade, através do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado em 2007. (ANDRIOLA, 2011, p.114).

Segundo Perosa, Santos e Barreto (2010), no artigo intitulado: "Desafios da expansão do ensino superior: a 'Face Leste' da USP", a democratização do ensino no Brasil pode ser entendida como resultado de dois grandes eixos estruturais: a difusão da instrução lenta e progressiva no decorrer do século XX e um projeto de redução das desigualdades de aproveitamento de ensino.

A considerável ampliação do sistema de ensino superior no Brasil, teve seu marco entre as décadas de 1990 e 2000, com o crescimento esmagador do ensino superior privado, no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Nos dois mandatos subsequentes do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, além do crescimento privado, houve a implementação de políticas públicas com foco na ampliação de vagas nas instituições públicas – cursos de graduação tecnológicos – , reserva de vagas para a classe popular, como também a criação de novas instituições de ensino superior. (BARREYRO, 2009).

O acesso à educação superior é uma temática recorrente em diversas pesquisas científicas, com o objetivo de “problematizar o que tem sido chamado de “longevidade

escolar”, casos “atípicos” ou “trajetória excepcionais” nos meios populares”. (ZAGO, 2006, p. 226).

Devido às mudanças graduais no acesso ao ensino superior no Brasil, a diversidade do perfil dos alunos nas universidades tem se alterado, e a presença de alunos de primeira geração, ou seja, os primeiros desbravadores de famílias sem nenhum contato anterior com a universidade, tem se configurado como matéria concreta para pesquisa.

O conceito de primeira geração se caracteriza, na literatura, por aluno oriundo de pais que não frequentaram nenhum curso superior, ser o primeiro da família a ingressar no ensino superior, e ter família nuclear, que não tenha tido nenhuma relação com a universidade. (FREAZA, 2004).

A universidade se caracteriza por uma dinâmica própria na produção do conhecimento, o que evidentemente exige uma diferente postura do aluno, o que pode se tornar um desafio para qualquer ingressante universitário, seja ele, da primeira geração ou não.

O interesse em um curso universitário pode ser o resultado de diferentes motivações: “O meio acadêmico surge como um contexto de desenvolvimento importante dos jovens adultos nos diversos países. No Brasil, para grande parte dos estudantes, o curso superior ainda é a forma privilegiada de ascensão social e realização profissional, sendo uma continuidade entre a vida escolar e a inserção laboral.” (BAGARGI, HUTZ, 2012, p. 175)

Silva *et al*, sobre os alunos do 1º ano da Universidade do Minho em Portugal relata:

A diversidade dos alunos que hoje acede ao ensino superior passa, desde, logo, pelas suas origens sócio-culturais e mais ou menos tradição de ensino superior na estrutura familiar, pelos percursos familiares anteriores, pelas bases de conhecimento e métodos de trabalho, pelos projetos de futuro de carreira e realização pessoal, entre outros. (SILVA *et al*, 2010, p. 429).

Do modelo universitário, por ter sua origem ligada, desde a sua fundação, à valores de uma elite, decorre uma série de problemáticas, que se configuram, desde o acesso ao sistema universitário até a permanência do aluno no curso de graduação.

Silva *et all* (2010), no estudo sobre a evasão de alunos na Universidade do Minho, em Portugal, concluíram que

Tomando algumas características, dos alunos que ingressam na Universidade do Minho, pretendemos destacar algumas das suas dificuldades no processo de transição e ajustamento e a necessidade de institucionalmente criar formas preventivas de actuação face ao novos alunos potencialmente mais fragilizados em termos de desenvolvimento psicossocial e de competências de autonomia. (SILVA *et al.*, 2010, p. 429).

Em contrapartida, estudos como o de Eliseu Miguel Bertelli e Adriane de Lima Penteado (2012), sobre o rendimento dos alunos bolsistas do PROUNI, caracterizado por alunos oriundos da Escola Pública e de baixa renda, em uma universidade no Paraná, ressalta na pesquisa: "Os desafios da qualidade da educação superior Brasileira com a implantação das políticas de expansão, acesso e permanência" que

[...] tendo como recorte a adoção do PROUNI por uma IES, nos cursos de Educação Física - Licenciatura e Pedagogia, comprovou-se que os alunos bolsistas apresentaram números superiores aos não bolsistas matriculados. Ressalta-se que este comportamento é observado também em outros cursos da mesma instituição e em outras instituições que realizaram esta mesma análise. (BERTELLI; PENTEADO, 2012, p. 11).

Em razão das políticas de acesso ao ensino universitário do Governo Federal e /ou programas isolados de inclusão, os alunos da primeira geração tem crescido no Brasil, o que mostra um avanço na diversidade ao acesso ao ensino superior.

Os universitários são uma população cada vez mais diversa e heterogênea que se multiplicou significativamente, em quase todo o mundo. Há cada vez mais mulheres, mais alunos de baixa renda, mais alunos vindos de minorias étnicas, mais alunos mais velhos e mais alunos que estudam em tempo parcial em função do trabalho. (*Apud* BARDARDI, 2004, FREAZA, 2004, p. 10).

Porém estudos sobre a entrada da classe popular no ensino superior público, como os de Barreyro e Aureliano (2009), mostram que as políticas públicas de ampliação de vagas nas instituições – UFABC, UNIFESP e EACH – “[...] estudadas no ano de 2007, favoreceu a

ampliação do acesso, mas não a sua democratização” (BARREYRO; AURELIANO 2009, p. 26)⁴.

Conforme pesquisa realizada pelo INEP (2012), sobre a evolução de números de ingressos ao ensino superior, entre os anos de 2001 à 2010, é possível verificar o expressivo aumento do número de ingressos em instituições de ensino privado. Em 2010, por exemplo, 78,2 % do número de ingressos se concentraram em instituições privadas e 21,8% em instituições públicas (Federal, Estadual e Municipal).

TABELA 2: Evolução do Número de Ingressos (Todas as Formas) por Categoria Administrativa – Brasil – 2001 - 2010

| Ano | Total | Pública | | | | | | | | Privada | |
|------|-----------|---------|------|---------|------|----------|------|-----------|-----|-----------|------|
| | | Total | % | Federal | % | Estadual | % | Municipal | % | Privada | % |
| 2001 | 1.043.308 | 251.239 | 24,1 | 125.701 | 12,0 | 99.214 | 9,5 | 26.324 | 2,5 | 792.069 | 75,9 |
| 2002 | 1.431.893 | 334.070 | 23,3 | 148.843 | 10,4 | 149.017 | 10,4 | 36.210 | 2,5 | 1.097.823 | 76,7 |
| 2003 | 1.554.664 | 325.405 | 20,9 | 153.393 | 9,9 | 128.323 | 8,3 | 43.689 | 2,8 | 1.229.259 | 79,1 |
| 2004 | 1.646.414 | 364.647 | 22,1 | 165.685 | 10,1 | 153.889 | 9,3 | 45.073 | 2,7 | 1.281.767 | 77,9 |
| 2005 | 1.805.102 | 362.217 | 20,1 | 148.206 | 8,2 | 166.660 | 9,2 | 47.351 | 2,6 | 1.442.885 | 79,9 |
| 2006 | 1.965.314 | 368.394 | 18,7 | 177.232 | 9,0 | 143.636 | 7,3 | 47.526 | 2,4 | 1.596.920 | 81,3 |
| 2007 | 2.138.241 | 416.178 | 19,5 | 193.919 | 9,1 | 176.047 | 8,2 | 46.212 | 2,2 | 1.722.063 | 80,5 |
| 2008 | 2.336.899 | 538.474 | 23,0 | 211.183 | 9,0 | 282.950 | 12,1 | 44.341 | 1,9 | 1.798.425 | 77,0 |
| 2009 | 2.065.082 | 422.320 | 20,5 | 253.642 | 12,3 | 133.425 | 6,5 | 35.253 | 1,7 | 1.642.762 | 79,5 |
| 2010 | 2.182.229 | 475.884 | 21,8 | 302.359 | 13,9 | 141.413 | 6,5 | 32.112 | 1,5 | 1.706.345 | 78,2 |

Fonte: MEC/Inep

As famílias contribuem muito para “a percepção prática da necessidade do estudo por partes dos jovens [que] está, portanto, assentada nas experiências negativas e positivas dos próprios pais que, no universo da cultura, foram os primeiros desbravadores” (NETTO, 2011, p.213).

Trabalhos como a de Zago (2006) tem mostrado que o estudo com grupos específicos, como por exemplo, moradores de favelas, revelam que “o aparecimento desses universitários indica uma tendência de mudança nas favelas, e que conhecer o perfil desses indivíduos e sua visão de mundo pode ajudar a entender que mudança é essa, que fatores contribuem para ela e que direção parece estar tomando” (Apud Moris *et al*, 1999, p. 324-32, ZAGO, 2006, p. 03).

⁴ O foco de pesquisa do trabalho citado foi a Universidade Federal do ABC (UFABC), novos campi da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH).

Para muitos, o impedimento da entrada na universidade pública, é o concorrido vestibular, que exige do candidato uma atitude crítica do conhecimento. Nesta proposta o ensino escolar privado tem se mostrado eficiente, com o ensino médio voltado para a preparação do vestibular para as universidades públicas.

Um exame preliminar das estatísticas de ingresso em uma universidade pública⁵ mostrou claramente a predominância de alunos filhos de pais mais escolarizados, e evidenciou a presença numericamente inferior de alunos de família de baixa escolaridade⁶.

O panorama das desigualdades no acesso ao ensino superior público, reflete as desigualdades no conceito de cultura, visto que, para Pierre Bourdieu o capital cultural está ligado a questões econômicas.

Desta forma, o capital cultural dos pais, conforme defende Bourdieu que “é a competência linguística e cultural socialmente herdada que facilita o desempenho escolar” (BOURDIEU; ZWARTZ, 1986, p.36), pode ser uma possibilidade de compreensão para a grande diferença entre a presença de filhos de pais com alto capital cultural e filhos de pais com baixa escolaridade.

Annette Lareau (2007), em seu estudo: "A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas", discute os mecanismos da classe média e da classe popular na criação dos filhos. Para ela a classe média tem desenvolvido um *cultivo orquestrado* dos filhos, que consiste na organização social das atividades dos mesmos, com cursos extracurriculares, baseados essencialmente na estimulação da racionalização, para responder às exigências sociais, diferencialmente da classe popular que propõe um *crescimento natural*, baseado nas noções básicas de sobrevivência. (LAREAU, 2007).

Para a autora acima não se pode qualificar se o *cultivo orquestrado* da classe média é melhor do que o *crescimento natural* da classe popular, porém, em uma sociedade com valores burgueses, muitas vezes, o olhar perante o *crescimento natural* é caracterizado como inferior ao *cultivo orquestrado*, já que a classe média, com a racionalização excessiva, corresponde com maior facilidade em algumas atividades socialmente exigidas. (LAREAU, 2007).

⁵ Universidade de São Paulo

⁶ Pesquisa prévia realizada pelos dados disponíveis no site oficial da FUVEST – Disponível em:< www.fuvest.br> Acessado em: 06set. 2012

Nessa direção, existe uma superposição de valores de juízo, em certa medida, é o acontece com o vestibular das universidades públicas, onde o conhecimento que é exigido no exame, corresponde à racionalização excessiva, algo para o qual a classe média está treinada.

Raymond Willians, defensor de uma cultura para todos, se opôs “[...] à idéia de uma minoria que decide o que é cultura e depois difunde entre “as massas”. Willians propõe a comunidade de cultura que a questão central é facilitar o acesso de todos ao conhecimento [...]”. (*Apud* WILLIANS, 1958, CEVASCO, 2003, p. 20).

Para Bourdieu a cultura não é um repertório de esquemas para solucionar problemas, mas sim “[...] um conjunto comum de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula, segundo uma “arte de invenção”, uma infinidade de esquemas particulares diretamente aplicados em situação particulares” (BOURDIEU, 2007, p. 208).

Na teoria de Bourdieu, o social é uma construção histórica, e a partir deste pensamento, podemos entender a desigualdade ao acesso à educação, como resultado de uma série de desigualdades sociais, que historicamente se materializaram, tanto no campo simbólico, quanto no econômico.

De acordo com Viégas *et all* (2006): “No Brasil, onde valores políticos, acomodados aos interesses locais, foram desde o início da nossa história, incapazes de corrigir o avanço da brutal desigualdade econômica e social entre nossos cidadãos [...]” (2006, p. 27), faz com que as famílias populares na tentativa de romper com as desigualdades, na perspectiva histórica de sobreposição de uma geração à outra, projetem na educação a saída da prerrogativa social do nascimento, com a busca de meios de garantir o acesso à melhor educação possível para os filhos. Esse movimento tem se notado com a busca pelos pais das escolas públicas consideradas de qualidade nos bairros, e/ou pelo investimento no cursinho pré-vestibular, onde o aluno supriria a defasagem do ensino fundamental e médio, podendo competir na luta tão acirrada do vestibular .

A pesquisa de Netto (2011) concentrou a análise na entrada de alunos da classe popular na Universidade de São Paulo, que são considerados como “[...] as raras exceções, como, por exemplo, o caso do Roberto, oriundo das classes populares que será, segundo suas palavras, o primeiro da família a entrar na USP” (NETTO, 2011, p.213).

Segundo Bourdieu (1997), para analisar a dimensão social é necessário considerar duas questões distintas, a história objetiva, que nesse caso, podemos compreender como as

desigualdades econômicas e de acesso aos bens culturais, e a história introjetada, ou seja, aquela de cunho inconsciente, que tange as significações simbólicas, como por exemplo, quando alunos oriundos da classe popular não prestam o vestibular das universidades públicas, por que já se convenceram de que não iriam ser aprovados, assim, muitos deles sequer tentam.

1.2 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE INCLUSÃO

As políticas de inclusão ao sistema de ensino superior no Brasil, desenvolvidas pelo Governo Federal, tem causado muito debate nas últimas décadas, propiciando grande reflexão e envolvendo a comunidade acadêmica, a sociedade, os alunos, os políticos, etc.

O processo de democratização do ensino superior no Brasil é resultado de um conjunto de ações governamentais, caracterizado pela ação do Governo Federal, no âmbito público, mobilizando a reestruturação e ampliação das universidades públicas, como também, desenvolvendo ações afirmativas, com a intenção de resguardar o acesso à educação das camadas mais pobres e excluídas. As ações governamentais não se limitam somente ao âmbito público, mas também em conjunto com as entidades privadas, criaram um amplo programa de bolsas de estudos (PROUNI).

A expansão do sistema universitário no Brasil é marcada por muitas lutas e por um processo de longo prazo.

Se recorrermos à história, ainda no Brasil Colônia, o acesso à educação superior estava intrinsecamente ligado às camadas de alto poder econômico, visto que, seus filhos iam estudar na Europa. Conforme Fávero (2006): “Portanto, não seria exagero inferir que Portugal exerceu, até o final do Primeiro Reinado, grande influência na formação de nossas elites” (FÁVERO, 2006, p.20).

Dentre as décadas de 1920 e 1930, com as escolas superiores no Brasil, o acesso à educação ainda era muito restrito. Foi somente na década de 1930, marcada por um movimento político intenso, que houve a junção das escolas superiores. De acordo com Fávero (2006), o movimento político da década de 1930 foi “[...] sem dúvida [um movimento] de adaptar a educação escolar a diretrizes que vão assumir formas bem definidas, tanto no campo

político quanto no educacional, tendo como preocupação desenvolver um ensino mais adequado à modernização do país, com ênfase na formação da elite e na capacitação para o trabalho”. (FÁVERO, 2006, p. 23).

Após mais ou menos trinta anos, mais uma vez a história educacional do ensino superior no Brasil foi marcada por um intenso movimento político que resultou na reforma universitária de 1960, a qual tinha o objetivo de modernização das universidades no país e reivindicação por mais autonomia. Esse movimento teve seu ápice marcado pela criação da Universidade de Brasília.

Instituída por meio da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, a UNB surge não apenas como a mais moderna universidade do país naquele período, mas como um divisor de águas na história das instituições universitárias, quer por suas finalidades, quer por sua organização institucional, como o foram a USP e a UDF nos anos 30. (FÁVERO, 2006, p. 29).

A Reforma Universitária da década de 1960, foi um movimento político marcado por um movimento estudantil muito forte, com o objetivo de reivindicar uma autonomia universitária, contratação de professores, ampliação de vagas.

Segundo Martins (2009):

A reforma de 1968 produziu efeitos paradoxais no ensino superior brasileiro. Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais, que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal. (MARTINS, 2009, p.16).

A Reforma de 1968 foi um ato político que desencadeou uma série de mudanças, em sua grande maioria, estruturais do modelo universitário atual e foi também marcado pelo surgimentos das instituições privadas de ensino.

Se a Reforma de 1968 produziu efeitos inovadores, por outro lado, abriu condições para o surgimento de um ensino privado que reproduziu o que Florestan Fernandes denominou o antigo padrão brasileiro de escola superior, ou seja, instituições organizadas a partir de estabelecimentos isolados, voltados para a mera transmissão de conhecimentos de cunho marcadamente profissionalizante e distanciados da atividade de pesquisa, que pouco contribuem com a formação de um horizonte intelectual crítico para a análise da sociedade brasileira e das transformações de nossa época. (*Apud* FERNANDES, 1975, MARTINS, 2009, p. 17).

Desta forma, para entender as mudanças no acesso universitário do Século XXI é necessário compreender esse movimento como um processo de longo prazo, repleto de embates políticos e ideológicos.

A Reforma Universitária no Brasil, após fatos históricos marcados por um intenso embate político de reivindicação, na década de 1960, em meio à Ditadura Militar, foi deixada de pano de fundo, esquecida por muitos anos, subsequentemente, e se distanciando de uma prioridade governamental. Somente no mandato do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve uma pontual retomada da questão em torno da educação superior, com a criação de ações governamentais, que resultaram na criação de políticas públicas de ampliação do acesso ao ensino superior para a classe popular.

No início do segundo ano do Governo Lula, com a mudança do titular do Ministério da Educação, a “reforma universitária” foi trazida para a agenda das prioridades do governo depois de várias décadas. Este é um fato por si mesmo significativo, uma vez que, durante o primeiro ano do governo, a questão foi tratada em seminários nacionais e internacionais sem que houvesse um compromisso com um cronograma de ações voltadas para a sua implementação. (TRINDADE, 2004, p.833)

Assim, as prioridades educacionais retornaram a exercer um papel importante na política e ganharam uma ação governamental voltada a pensar os problemas, gerir discussões e a propor soluções para algumas velhas questões, como o acesso da classe de baixa renda à universidade.

Nota-se, efetivamente, mudanças significativas no âmbito do acesso à universidade privada da classe popular, como o "Programa de Universidades para Todos", com bolsas integrais e parciais do PROUNI, criado pelo Governo Federal, em 2004, e institucionalizado

pela lei federal nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, que oferece, em contrapartida, para as instituições privadas que participam do programa, a isenção de tributos em troca de concessão de bolsas para estudantes oriundos da escola pública e de baixa renda.

Segundo o site oficial do MEC, conforme a tabela a seguir.

TABELA 3: Número de bolsas de estudo parciais e integrais do PROUNI, no 2º semestre de 2012



Número de bolsas ofertadas pelo Prouni para o segundo semestre de 2012

| Unidade da Federação | Número de bolsas | | | Unidade da Federação | Número de bolsas | | |
|----------------------|------------------|---------|--------|----------------------|------------------|---------------|---------------|
| | Integral | Parcial | Total | | Integral | Parcial | Total |
| Acre | 188 | 106 | 294 | Pará | 1.033 | 367 | 1.400 |
| Alagoas | 422 | 104 | 526 | Paraíba | 716 | 858 | 1.374 |
| Amazonas | 695 | 756 | 1.451 | Pernambuco | 1.768 | 639 | 2.407 |
| Amapá | 210 | 112 | 322 | Piauí | 606 | 211 | 817 |
| Bahia | 2.851 | 2.318 | 5.169 | Paraná | 1.822 | 5.719 | 7.541 |
| Ceará | 1.328 | 706 | 2.034 | Rio de Janeiro | 4.390 | 1.347 | 5.737 |
| Distrito Federal | 1.632 | 1.973 | 3.605 | Rio Grande do Norte | 574 | 130 | 704 |
| Espírito Santo | 992 | 353 | 1.345 | Rondônia | 466 | 567 | 1.033 |
| Goiás | 1.893 | 2.575 | 4.468 | Roraima | 88 | 77 | 165 |
| Maranhão | 958 | 1.403 | 2.361 | Rio Grande do Sul | 3.622 | 1.756 | 5.378 |
| Minas Gerais | 6.800 | 5.038 | 11.638 | Santa Catarina | 1.949 | 2.077 | 4.026 |
| Mato Grosso do Sul | 636 | 369 | 1.005 | Sergipe | 839 | 127 | 966 |
| Mato Grosso | 961 | 469 | 1.430 | São Paulo | 14.594 | 7.773 | 22.367 |
| | | | | Tocantins | 654 | 94 | 748 |
| | | | | Total | 52.487 | 37.824 | 90.311 |

Fonte: Site oficial do MEC

Conforme a tabela 3, no segundo semestre de 2012, o número de bolsas integrais e parciais, oferecidas pelo programa, foi em todo o Brasil de 90.311, dentre elas, 52.487 integrais e 37. 824 parciais. Somente no Estado de São Paulo, foram disponibilizadas 22.367 bolsas de estudos, número que se tornou significativo.

Evidentemente, não se pode esquecer de que no governo anterior ao Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no mandato do Ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, houve uma esmagadora expansão das universidades privadas, entre os anos de 1990 e 2000, o que proporcionou ao governo do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a criação do PROUNI. Verifica-se também, que no governo do Ex-Presidente Lula, esse movimento foi ampliado, se

configurando em uma série de ações governamentais para se rediscutir o que podemos chamar de uma Reforma Universitária.

Essas ações, se constituíram na criação de novos campi de universidades públicas, ampliação de vagas, cursos tecnológicos, reserva de vagas, políticas de cotas e criação do PROUNI.

As mudanças governamentais, caracterizadas pelas políticas públicas de ampliação do sistema universitário, em todas as esferas, sejam elas, pública ou privada, causaram grande impacto na sociedade, posto que essas ações propiciaram à uma grande parte da comunidade de baixa renda a entrada ao ensino superior, antes dificultada pelas barreiras sociais.

A relação entre a universidade privada e a universidade pública no Brasil é peculiar. Diferentemente do que acontece no ensino médio público, onde a escola pública é considerada de baixa qualidade, a universidade pública, no entanto, é considerada como possuidora de um ensino de excelência. Uma vaga na universidade pública, devido ao vestibular acirrado, traduz um longo percurso de estudos e de dedicação para qualquer aluno.

Geralmente são nas universidades públicas que estão aqueles alunos que tiveram as melhores condições no ensino médio, em contrapartida é o ensino superior privado, que acolhe os alunos menos preparados, ou aqueles que não tiveram as melhores oportunidades de um ensino médio de qualidade.

A questão em torno da universidade pública requer uma atenção especial quando as vagas oferecidas pelo ensino público são muito inferiores às vagas oferecidas pelo ensino privado. Desta forma, criando uma barreira social no acesso à universidade pública, devido ao número restrito de vagas em relação ao número de candidatos.

A problemática em torno do acesso ao ensino superior público traduz as desigualdades sociais do Brasil, que são o resultado da estagnação do desenvolvimento e da não ampliação do ensino universitário público por muitos anos, o que, embora considerando as positivas mudanças das últimas décadas, a realidade atual encontra-se marcada por uma desigualdade que ainda se configura de grande porte.

A expansão das universidades privadas entre os anos de 1990 e 2000, amenizaram, de uma certa maneira, o estado crítico do acesso ao ensino superior, com a disponibilização de novas vagas, porém, o valor das mensalidades e a falta de qualidade no ensino, continuaram a ser questões que se configuram como uma barreira social ao ensino superior de qualidade.

Em oposição ao padrão socioeconômico dos alunos das universidades públicas, diversos setores da sociedade começaram a reivindicar iniciativas afirmativas. De acordo com Oliven (2007) o termo

[...] ação afirmativa refere-se a um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança. (OLIVEN, 2007, p.30)

Um exemplo deste movimento foi a comunidade negra, que através de ONGS, expuseram para a sociedade as barreiras sociais dos negros no acesso às universidades públicas, e a questão ganhou repercussão.

Conforme Guimarães

Na Universidade de São Paulo (USP), em 2001 havia 8,3% de “negros” (ou seja, 7% de “pardos” e 1,3% de “pretos”) para uma população de 20,9% de pardos e 4,4% de “pretos” no Estado de São Paulo. A USP, com 34 mil estudantes de graduação é a única universidade da pública da região da grande São Paulo, que congrega 17 milhões de pessoas, excetuando a Escola de Medicina (UNIFESP), que tinha 1.281 alunos em 2001. (GUIMARÃES, 2003, p. 11)

A questão ganhou repercussão em praticamente todos os estados brasileiros, e no Rio de Janeiro, o Ex-Governador Anthony Garotinho, em 9 de novembro de 2001, sancionou a Lei 3.708 (RIO DE JANEIRO, 2001) que reservava o mínimo de 40% das vagas nas universidades estaduais cariocas – a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Estadual do Norte Fluminense – a estudantes negros e pardos.

Nessa direção: "Em 20 de julho de 2002, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através da resolução 196/2002, segue [seguiu] o mesmo caminho, reservando 40% das suas vagas de vestibular aos afrodescendentes (pretos e pardos)" (GUIMARÃES, 2003, p.15).

A Lei sancionada pelo Ex-Governador Anthony Garotinho teve muito impacto nas universidades Estaduais do Rio de Janeiro, e causou muita polêmica, principalmente por não deixar clara a forma de seleção do termo população negra e parda dos sujeitos cotistas. Desta forma, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), por meio da assessoria da Pró-

Reitoria da Graduação, se manifestou por intermédio de um relatório elaborado em 16 junho de 2003, onde solicitava a revisão da lei.

Ao fazermos uma análise crítica da Lei 3.708, de 09 de novembro de 2001, certificamos que a escolha da quota de 40 % não é razoável. [...] Entendemos que o termo populações negra e parda não é esclarecedor para a aplicação da Lei, caso ela venha a ser aprovada. Isto porque, num país como o Brasil, com uma grande miscigenação, seria muito difícil caracterizar quem não é pardo. Contudo, devemos analisar a questão da reserva de vagas também pelo ponto de vista social. As populações menos favorecidas incluem os afrodescendentes, os de origem indígena e outros. Entendemos que o problema da exclusão social deve ser analisado do ponto de vista histórico, social e econômico. [...] Aproveitamos para agradecer a oportunidade da UENF se pronunciar quanto a esta questão polêmica e lembrarmos que faz parte da vida da Universidade refletir, discutir, gerar e universalizar o conhecimento e, desse modo, promover a igualdade social. Mesmo que não pareça claro à primeira vista, esta discussão é fundamental para substanciar a inclusão social. [...] Entendemos que a Lei de reserva de vagas para as populações negra e parda consiste em uma ação, cujo objetivo se coaduna com os anseios da Universidade: ciência e tecnologia a serviço de todos, sem exclusão. (*Apud* UENF, 2003, AMARAL; MELLO, 2013, p. 45).

Assim, na época a Governadora Rosinha Garotinho encaminhou

[...] o Projeto de Lei n.º 506, de 27/06/2003, que instituiu novos critérios para o sistema de cotas para ingresso nas Universidades Públicas Estaduais. Com a aprovação da Lei n.º 4.151, de 04/09/2003, pela Governadora Rosinha Garotinho, revogaram-se as leis anteriores. Em seu artigo 5º., a Lei n.º 4.151 definiu o percentual mínimo total de 45% para os carentes, assim distribuídos: 20% para estudantes oriundos da rede pública de ensino; 20% para negros; e 5% para pessoas com deficiência e integrantes de minorias étnicas. O novo regulamento constituiu-se num modelo de sistema de reserva de vagas mais claro, passando a vigorar a partir do processo seletivo de 2004, com a possibilidade de ser reavaliado a contar de cinco anos de sua implementação. Atendendo as diversas sugestões das universidades, a nova Lei trazia a intenção clara de atender inicialmente os alunos carentes. O critério de carência, conforme estabelecido, haveria de ser definido pelas Universidades Públicas Estaduais levando em consideração o nível sócio econômico oficial estabelecido no edital. (AMARAL; MELLO, 2013, p.45)

As iniciativas afirmativas causaram grande repercussão e o programa de cotas passou a fazer parte de diversas universidades brasileiras. Em oposição a este movimento surgiu grande discussão com base meritocrática, criticando fortemente a política de cotas.

A discussão estava em torno da qualidade, haviam aqueles que apoiavam as ações afirmativas e defendiam que a política de cotas não é um questão de qualidade e que a universidade é que é responsável em formar profissionais capacitados; em oposição haviam outros que defendiam que a universidade ao acolher alunos cotistas, ou seja, aqueles menos preparados, estaria assim baixando o nível de qualidade de ensino.

1.3 LEI FEDERAL 12.711/2012 DE POLÍTICA DE COTAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

Em decorrência ao movimento de democratização do ensino superior no Brasil, e as ações afirmativas de inclusão, a Presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei 12.711/2012 (BRASIL, 2012), em agosto de 2012, que garante a reserva de 50% de vagas nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação.

Art. 3º As instituições federais vinculadas ao Ministério da Educação - MEC que ofertam vagas de educação superior reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, inclusive em cursos de educação profissional técnica. (BRASIL, 2012, p.16).

GRÁFICO 1: Distribuição das cotas – Lei 12.711/2012⁷

⁷ <http://portal.mec.gov.br/cotas/sobre-sistema.html>

BRASIL
A A A O

ENSINO SUPERIOR
ENTENDA AS COTAS PARA QUEM ESTUDOU
TUDO O ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS PÚBLICAS

SOBRE O SISTEMA **LEGISLAÇÃO** **PERGUNTAS FREQUENTES**

ENTENDA COMO FUNCIONA O NOVO SISTEMA DE COTAS LEIA O DECRETO 7.824 E A PORTARIA NORMATIVA TIRE SUAS DÚVIDAS SOBRE O SISTEMA DE COTAS

SOBRE O SISTEMA

Cálculo do número mínimo das vagas reservadas
Procedimento de aplicação da Lei nº 12.711/2012 sobre o ingresso nas instituições federais de ensino
Clique na caixa abaixo e saiba mais.

```

graph TD
    A[QUANTIDADE DE VAGAS NO CURSO] --> B[NO MÍNIMO 50% ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA]
    A --> C[DEMAIS VAGAS]
    B --> D[50% RENDA ≤ 1,5 SALÁRIO MÍNIMO PER CAPITA]
    B --> E[REND > 1,5 SALÁRIO MÍNIMO]
    D --> F[no mínimo % IBGE PRETOS, PARDOS E INDÍGENAS]
    D --> G[DEMAIS VAGAS]
    E --> H[no mínimo % IBGE PRETOS, PARDOS E INDÍGENAS]
    E --> I[DEMAIS VAGAS]
  
```

VEJA UM EXEMPLO

© 2012 Ministério da Educação. Todos os direitos reservados. tipo da página

Fonte: Site oficial do Mec.

A reserva de vagas tem especificações para a distribuição das cotas. O total de vagas é de no mínimo 50%, sendo 25% para alunos da escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e 25% para alunos de escola pública com renda bruta superior

a um salário e meio e “proporção de vagas no mínimo igual à da soma de pretos, pardos e indígenas na população da Unidade da Federação do local de oferta de vagas da instituição, segundo o último Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), será reservada, por curso e turno, aos autodeclarados pretos, pardos e indígenas. (Diário Oficial (Lei), 2012, p.16).

A lei federal 12.711/2012 (BRASIL, 2012), sancionada em 2012, é efetiva porém progressiva, o que significa que a reserva de vagas ocorrerá de forma gradual, ela foi implantada em 2013.

As universidades terão o período de quatro anos para chegarem aos 50% de reserva de vagas, em todos os cursos e turnos. Em 2013 as universidades federais foram obrigadas a reservar pelo menos 12,5% das vagas totais.

A reserva de vaga será organizada de acordo com o edital de cada instituição e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), poderá ser utilizado para a seleção das vagas reservadas.

O ENEM, criado com o objetivo de avaliar o aproveitamento escolar do estudante, no final do curso médio, poderá ser um passaporte para o ingresso nas universidades federais. O Sistema de Seleção Unificado (SISU), criado em 2010, pelo Ministério da Educação, é responsável pelo processo seletivo de instituições públicas que utilizam o ENEM como única forma de seleção. O SISU proporciona ao aluno a possibilidade de concorrer a vagas em diversas universidades e em diversos estados, ampliando o acesso ao sistema do ensino superior público.

O aluno participante do SISU poderá utilizar a Lei das cotas no seu processo de seleção. No momento da inscrição, o aluno poderá escolher entre as diversas universidades, e de acordo com a nota do ENEM, candidatar-se a uma vaga nos mais diversos cursos oferecidos.

O SISU é uma iniciativa do Ministério da Educação com o objetivo de romper com a forma tradicional dos processos seletivos, protagonizados pelo vestibular. A proposta é unificar o processo seletivo das Universidades Federais, assim proporcionando ao candidato uma gama maior de opções.

Desde o ano de 2010, muitas Universidades Federais têm adotado o Sistema de Seleção Unificada (SISU), que conta atualmente com 83.125 vagas, distribuídas por 83 instituições de ensino superior. Algumas Universidades têm usado integralmente as notas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outras mesclam instrumentos diferentes de avaliação, buscando classificar os melhores alunos para as vagas de seus cursos de graduação. (BLANK; BILHALVA, 2012, p. 01)

O candidato a uma vaga universitária com a implementação do SISU dispõe de maiores opções de escolha, em decorrência da quebra das barreiras geográficas, o que em minha opinião pode ser considerado como um avanço significativo ao deslocamento de concorrência dos grandes eixos, que se traduz em maiores chances de acesso.

Contudo, também é necessário considerar que as desigualdades se manifestam em diversos âmbitos da sociedade, como expõe o trabalho e Almeida, Perosa, Rocha e Tomizaki que apresentou como um dos resultados da segregação social, manifestada nos serviços público e privado, compreendida não só na educação e na saúde, mas também no acesso aos transportes. “[...] os grupos médios utilizam seus carros, tomando-se por isso mais independentes das condições locais, isto é, de oferta de escola, saúde, lazer, etc”. (2008, p. 35)

Desta forma, é necessário considerar que as barreiras de acesso de locomoção podem ser um impedimento para uma família de baixa renda se deslocar para outro estado ou cidade.

As ações governamentais com a política de cotas e as mudanças nos processos seletivos com o SISU, são um avanço positivo no acesso à democratização do ensino superior, porém, se nota resistência contrária a estas políticas, com base no mérito escolar, como é o caso da Universidade de São Paulo, mantida pelo Governo Estadual, que não utiliza a nota do ENEM e tampouco aderiu às políticas do Governo Federal.

2 A USP NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS SOCIAIS DE INCLUSÃO

A Universidade de São Paulo é uma universidade pública mantida pelo Estado de São Paulo, com diversos *campi* em todo o Estado. É considerada como uma das unidades de ensino científico mais importantes do país, marcada por uma trajetória de mais de 75 anos de intensa produção acadêmica.

A USP foi fundada em 1934 com a junção das faculdades que já existiam na época, e deu início a suas atividades incorporando “a Faculdade de Medicina que foi criada em 1913, a de Engenharia que existia desde 1893 e a de Agronomia fundada em 1901. Nos anos seguintes à criação da instituição da USP foram incorporadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras”. (GONTIJO, 2008, p.20).

A USP com a assimilação das faculdades existentes na época, que tinham como objetivo a produção do conhecimento e a pesquisa, característica esta que ganharia “[...] uma nova dimensão com a fundação da USP, em 1934, cujo núcleo central deveria ser a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, segundo a concepção de seus criadores Júlio de Mesquita Filho, Paulo Duarte, Armando de Salles Oliveira e Fernando Azevedo” (IEA-USP, 1987, p.73)

A USP surgiu em plena década de 1930, período de grande agitação política no Brasil, como a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932, dentre tantos outros eventos políticos significativos da época.

É necessário compreender que a USP surgiu em meio a este embate político e que seus fundadores são personagens marcantes da elite política paulistana, como por exemplo: Júlio de Mesquita Filho, filho de Júlio de Mesquita, proprietário do jornal O Estado de São Paulo, ativista político; Paulo Duarte, jornalista participante da Revolução Constitucionalista, e editor do jornal O Estado de São Paulo; Armando de Salles Oliveira, engenheiro, Interventor Federal, entre os anos de 1933 e 1935; e Fernando de Azevedo, que foi diretor geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1933). Figuras extremamente atuantes no panorama político da época.

Para Hayashi (2005) “foi o grupo do Estado o responsável pela fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. Dois anos antes, a elite paulista havia saído derrotada de

um conflito com o governo federal, a Revolução Constitucionalista de 1932” (HAYASHI 2005, p. 50).

Segundo Helena Sampaio, do Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior da Universidade de São Paulo (NUPES),

A Universidade de São Paulo, [...] faz parte da resistência da elite paulista ao governo central no Rio de Janeiro, e que teve seu ponto culminante com a Revolução Constitucionalista de 1932. Em 1934 há uma reconciliação entre as elites paulistas e o governo federal, e é neste ano que a Universidade de São Paulo é criada, dentro das normas gerais da legislação de Francisco Campos, com uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mas com uma orientação própria e grande autonomia. (SAMPAIO, [s.d.], p. 11)

O surgimento da USP cumpriu também propostas políticas definidas, de acordo com Hayashi (2005)

O surgimento da USP visava a três aspectos: a preocupação com uma eventual autonomia do Estado, que partia do cultural para atingir o político e o econômico; o empenho na formação de uma elite econômica capaz, imune às possíveis influências do governo federal contrárias aos interesses do Estado; e, sobretudo, a uma aspiração de reconquista de hegemonia totalmente perdida com a derrota de 1932. (HAYASHI, 2005, p. 50)

Em meio a essas questões políticas centradas na fundação da USP, a Faculdade de Filosofia Ciência e Letras tinha a grande missão de estruturar um ensino, que se traduziria como a alma da universidade. Para cumprir essa missão os professores contratados foram em sua maioria franceses.

Hayashi (2005) informa que a “A maioria dos contratados estava em início de carreira como, por exemplo, Claude Levi-Strauss (Antropologia), Pierre Monbeig (Geografia), Roger Bastide (Sociologia), Fernand Braudel (História) e Jean Mangué (Filosofia)” (HAYASHI, 2005, p. 52), todos franceses.

Conforme Marinho (2010), “A participação da chamada missão francesa no Brasil, que veio com a fundação da USP, foi decisiva para a renovação e modernização dos estudos das ciências humanas no país” (MARINHO, 2010, p. 03)

Muitos dos professores franceses que vieram para o Brasil, se tornaram famosos no meio acadêmico, em decorrência de seus estudos e trabalhos, afirma que “Dessa forma,

durante quarenta anos, o departamento de filosofia da USP teve professores franceses com pagamento subsidiado pela França e com boa parte das aulas ministradas em francês” (SAMPAIO, [s.d.], p.03)

A missão francesa na USP tem de ser compreendida em duas partes, a primeira na década de 1930 e a segunda na década de 1960. A atuação dos professores franceses no Brasil foi tão grande que, muitos deles, ganharam presença política, como por exemplo as declarações de Sartre, e as ideias de Michel Foucault.

Para compreender a instituição USP é necessário entender que sua fundação foi resultado de uma ação política essencialmente da elite paulistana, com objetivos claros de ganhar autonomia frente ao Estado e formar uma elite preparada para pensar, no sentido mais amplo de constituição de poder.

Segundo Enriquez, “A instituição procura capturar os indivíduos na armadilha dos seus próprios desejos de afirmação narcísica e de identificação, nas suas fantasias de onipotência ou na sua necessidade de amor”. (ENRIQUEZ *et al*, 1980, p. 178)

A Universidade de São Paulo foi e é marcada por uma grande atuação política, não somente por seus fundadores, mas a partir deles, com a missão de preparar uma elite pensante no Brasil, formou inúmeros personagens da nossa cena política, que ocupam hoje cargos de poder, como por exemplo o Prefeito da Cidade de São Paulo, Fernando Hadadd, o Ex-Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, entre outros.

A USP é considerada como a universidade mais importante do país, avaliada por instituições internacionais como o Institute of Higher Education Shanghai Jiao Tong University, e o do The Times. “Na última edição do Shanghai University (2010), que classifica as 500 melhores universidades do mundo, a USP ficou na 143ª posição. No índice do jornal inglês The Times, a USP ficou, em 2011, entre as 250 melhores instituições do mundo”. (USP, 2012).

A USP possui 240 cursos de graduação em diferentes áreas do conhecimento e contempla na pós-graduação 239 programas, totalizando 308 cursos de mestrado e 299 de doutorado, conforme os dados divulgados pelo seu site oficial.

Os mais de 75 anos de atividade são marcados por uma “[...] intensa busca pela excelência, [o que] permite à USP (fundada em 1934) integrar um seletivo grupo de instituições

de padrão mundial” (USP, 2012), o que atesta aos seus alunos um caráter simbólico de sucesso escolar e excelência acadêmica (BOURDIEU 2004).

A USP recebe subsídio do governo do Estado e conforme o Prof. Dr. Mauro Bertotti da Comissão da Pró-Reitoria da Graduação “quando a gente recebe recursos da sociedade, a USP ganha muito dinheiro, 5% do ICMS do Estado, vem para a USP, para bancar a sua existência por um ano. Então, o que eu acho que o legislador quer? Que esse recurso seja bem investido. Para formar alunos e fazer pesquisa” (Entrevista concedida ao autor).

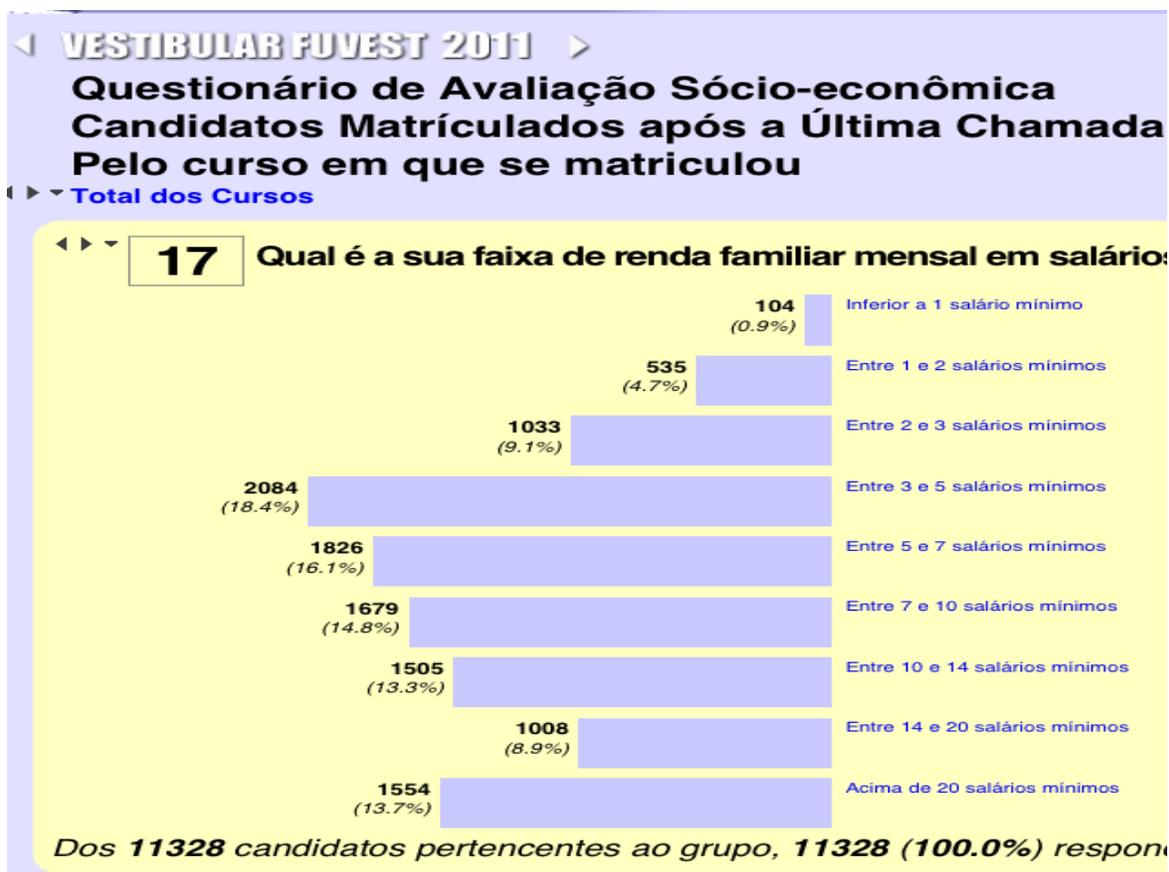
A pesquisa tem sido o foco da USP desde sua fundação, e a busca pelos mais preparados no vestibular da FUVEST, está ligada à esse objetivo inicial.

Formar os alunos, com uma taxa baixa de evasão, para justificar os recursos investidos e que esses alunos que forma, tenham um nível adequado, suficientemente bom, ótimo. Quer seja esse caminho para o mercado de trabalho, eles estão indo para lá com *selo USP*⁸ de bons alunos. Se eles vão para a pesquisa, eles também conseguem fazer pesquisa de qualidade. Simplesmente isso. (Entrevista concedida ao autor).

O investimento Estadual é traduzido na missão de construção de conhecimento de qualidade voltado principalmente à pesquisa: “qual é a missão da USP? Criar aqui conhecimento, e formar uma elite. Mas não uma elite econômica. Veja bem isso. É elite acadêmica científica e cultural do estado de São Paulo. Então, é essa a missão da USP” (Entrevista concedida ao autor).

⁸ Nota-se na fala do Prof. Dr. Mauro Bertotti com a expressão **selo USP**, que atribui aos alunos da Universidade de São Paulo um valor simbólico de excelência acadêmica e destaque na formação universitária Brasileira, que não só atribui a aqueles que o tem, sucesso escolar e pertencimento a um grupo seletivo, como, em contrapartida, exclui aqueles que não o tem, estabelecendo um processo de exclusão social camuflado, que corresponde aos das reproduções sociais de classe.

GRÁFICO 2: Estatística Sócio Econômica dos Alunos Matriculados na Última Chamada 2011⁹

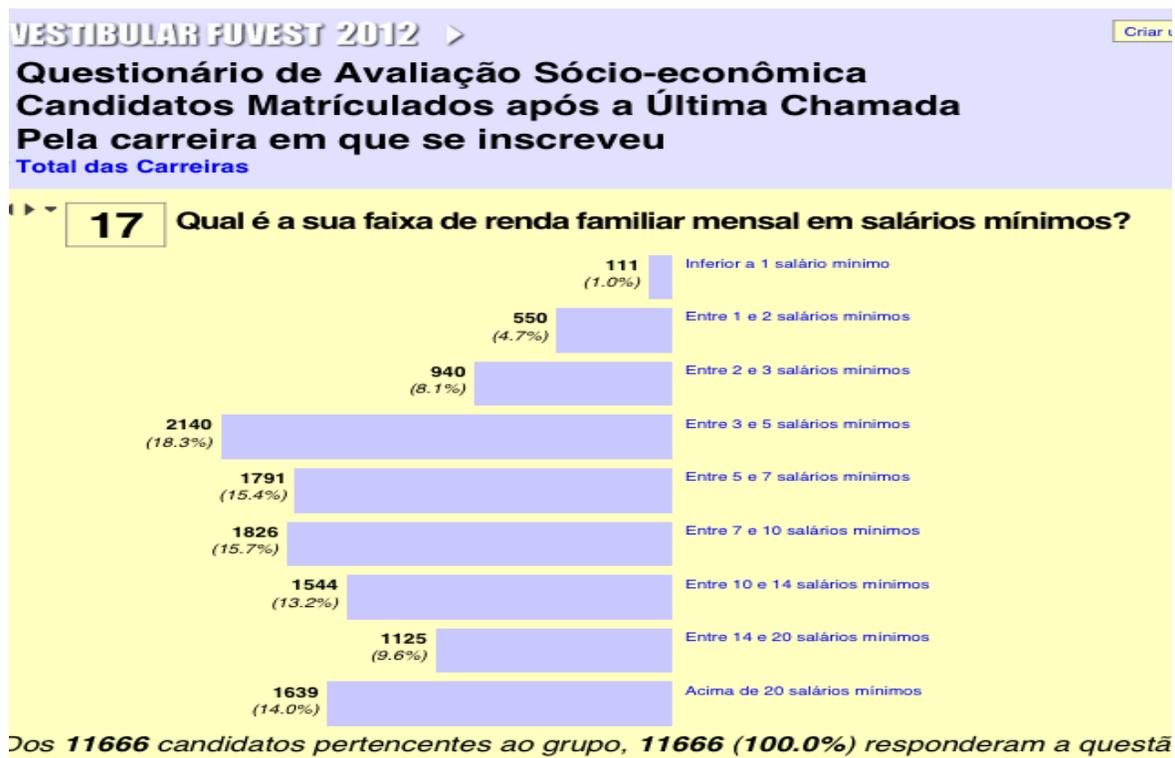


Fonte: Site oficial da FUVEST

Conforme o gráfico 2, é possível perceber que, no ano de 2011, nas matrículas realizadas na última chamada de todos os cursos da instituição, 66,8% dos alunos tinham renda familiar entre 5 salários mínimos e acima de 20 salários mínimos.

⁹ Gráfico coletado do site oficial da FUVEST – www.fuvest.br – Acessado em 08 agosto 2013

GRÁFICO 3: Estatística Sócio Econômica dos Alunos Matriculados na Última Chamada 2012¹⁰

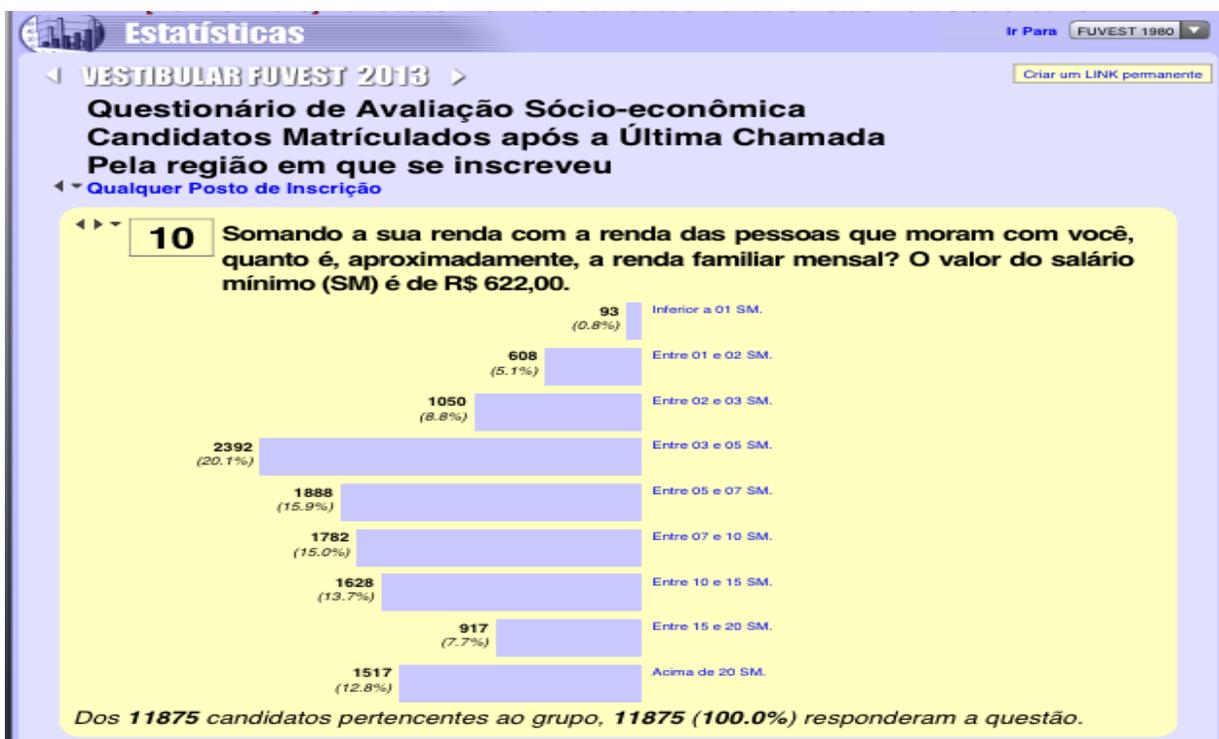


Fonte: Site oficial da FUVEST

A partir do gráfico 3 é possível verificar que, no ano de 2012, nas matrículas realizadas na última chamada de todos os cursos da instituição, 67,9% dos alunos tinham renda familiar superior, entre 5 salários mínimos e acima de 20 salários mínimos.

¹⁰ Gráfico coletado do site da FUVEST - www.fuvest.br - Acessado em 08 de agosto 2013

GRAFICO 4: Estatística Sócio Econômica dos Alunos Matriculados na Última Chamada 2013¹¹



Fonte: Site oficial da FUVest

De acordo com o gráfico 4 é possível perceber que, no ano de 2013, nas matrículas realizadas na última chamada de todos os cursos da instituição, 65,1% dos alunos tinham renda familiar superior, entre 5 salários mínimos e acima de 20 salários mínimos¹².

Segundo os dados estatísticos da FUVest apresentados, se nota a predominância de alunos com renda familiar superior a 5 salários mínimos, chegando a famílias com renda mensal superior a 20 salários mínimos, o que evidencia um padrão econômico na USP.

¹¹ Gráfico coletado do site da FUVest. www.fuvest.br – Acessado em 08 de agosto 2013

¹² Houve uma alteração na pergunta do questionário socioeconômico das estatísticas da FUVest no ano de 2013. Nos anos de 2011 e 2012 a pergunta era: “De qual é a sua faixa de renda familiar mensal em salários mínimos?” e em 2013 passou a ser: “Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? O valor do salário mínimo (SM) é de R\$ 622,00.” (www.fuvest.br – Acessado em 08 de agosto 2013)

A Universidade de São Paulo, também segundo o Instituto de Educação Superior da Universidade de Jiao Tong, em Xangai na China, está no *ranking* das universidades que mais forma doutores mundialmente. O *ranking* também mostra que a USP é a terceira colocada em verba anual para a pesquisa entre 637 universidades pesquisadas.

Para a Comissão da Pró-Reitoria de Graduação: “A USP é uma universidade de pesquisa. Também de ensino. Para fazer pesquisa, precisa ter gente. Gente, além do *staff*, dos professores e funcionários, precisa de alunos. Quanto melhores forem esses alunos, mais bem capacitada a USP vai estar, para cumprir a sua missão” (Entrevista concedida ao autor).

2.1 NOVOS CAMPI – NOVAS VAGAS

Em decorrência ao movimento de democratização do ensino superior no Brasil, o Governo Federal tem desenvolvido ações, dentre elas, a criação de novas unidades de ensino, com o objetivo de ampliar o número de vagas no setor público. O Governo Estadual também vem desenvolvendo ações nessa direção, como por exemplo, a criação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH), conhecida também como USP – LESTE.

No âmbito Federal, na última década, houve a criação no Estado de São Paulo, da Universidade Federal do ABC e os novos campus da Universidade Federal de São Paulo a UNIFESP, em Guarulhos, Osasco, Diadema e Santos.

A Universidade Federal do ABC, foi criada pela Lei 11.145 (BRASIL, 2005), sancionada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, publicada no Diário Oficial em 2005, localizada na Região do ABC. O site da instituição informa:

Até a chegada da UFABC em 2005/2006, as sete cidades de região (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra) apresentavam uma enorme demanda de vagas no ensino público superior. O ABC possuía mais de 2,5 milhões de habitantes e uma oferta de 45 mil vagas distribuídas em 30 Instituições de Ensino Superior, sendo a grande maioria privada. (UFABC, 2013,[s.p]).

A Universidade Federal do ABC utiliza a nota do ENEM, e seu processo seletivo é realizado unicamente pelo Sistema de Seleção Unificado (SISU), onde as ações afirmativas fazem parte do processo, com reserva de vagas de 50% para estudantes oriundos da escola pública e minorias étnicas.

A Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo foi um projeto “Em resposta à demanda de expansão das vagas públicas no ensino superior, de amplos setores da sociedade, a UNIFESP abriu, no campus Guarulhos, cursos de graduação na área de Ciências Humanas” (UNIFESP, 2013,[s.p])

O processo seletivo da Escola de Filosofia Letras, Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo é misto, uma parte é realizado pelo SISU, somente pela nota do ENEM, e outra com provas específicas, dependendo do curso pretendido.

A Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH) foi criada pelo Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP), e o Governo Estadual, com a proposta de expansão do ensino superior público. Em 2005, foi criado o novo campus, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, com os cursos de Ciências da Atividade Física, Gerontologia, Gestão Ambiental, Gestão de Políticas Públicas, Lazer e Turismo, Licenciaturas em Ciências da Natureza, Marketing, Obstetrícia, Sistemas de Informação e Tecnologia Têxtil e Moda.

A criação da EACH/USP foi também resultado de um grande movimento comunitário organizado pela Zona Leste que, desde 1980, reivindicava melhores condições de acesso à educação. A Zona Leste sempre foi caracterizada por uma grande população, especialmente, de baixa renda, sacrificada pelas baixas condições de vida e falta de acesso aos serviços públicos. As reivindicações eram inúmeras, desde acesso à saúde, ao transporte e, principalmente, à educação.

Em consideração à essas reivindicações, algumas mudanças começaram a surgir, como a criação de escolas e melhorias em grande parte dos serviços públicos. Como consequência dessas mudanças, a criação de uma universidade local se tornou foco de luta entre os comunidades reivindicatórias da região.

O Prof. Dr. Elie Ghaem, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e o Padre Antônio Luiz Marchioni, no trabalho: "A USP – LESTE e a contribuição de comunidades locais para a inovação das comunidades universitárias" (GHAEM, MARCHIONI, 2005, p.04), relatam que a criação de uma universidade na Zona Leste era um projeto antigo. Nessa direção houve inúmeras tentativas de ampliação de um novo campus de alguma universidade já existente, o que infelizmente não frutificou, até a abertura da Universidade de São Paulo. “No início da década de 1990, foi procurada a reitoria da UNESP (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho), que logo abandonou as negociações”. (GHAEM; MARCHIONI, 2005, p. 04).

As tentativas de criação de uma universidade na região se intensificaram na década de 1990, com a criação do Fórum de Educação da Zona Leste, nele estavam envolvidos líderes comunitários, professores, cidadãos, estudantes, entre outros, com o objetivo de lutar por uma educação de qualidade. “No final daquela década [1990], chegou a ser constituída uma comissão conjunta de integrantes do Fórum e professores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) para estudar a criação de cursos dessa universidade na Zona Leste, preparativos que depois foram suspensos pela própria UNIFESP” (GHAEM; MARCHIONI, 2005, p. 04).

O Fórum de Educação da Zona Leste foi ao decorrer dos anos ganhando cada vez mais força política de reivindicação e, em 2002, a então Prof^a. Dr^a. Sônia Penin, Pró-Reitora da Graduação da USP foi convidada a participar “estabelecendo-se entendimentos no sentido de constituir um grupo de trabalho, com integrantes do Fórum, a fim de estudar as possibilidades de instalação de um *campus* da USP na Zona Leste” (GHAEM; MARCHIONI, 2005, p. 04).

Em paralelo ao movimento de democratização do ensino superior, liderado pelas ações do Governo Federal, se estabeleceu um longo processo de luta, envolvendo a comunidade da Zona Leste, que culminaria com a abertura e a criação do novo campus da Universidade de São Paulo, o que se materializou em 2005.

A USP – LESTE surgiu como uma iniciativa da ampliação do sistema de ensino superior em decorrência das ações governamentais de democratização do ensino superior no Brasil, mas também foi resultado de uma forte atividade política das comunidades da Zona Leste.

O processo seletivo da USP – LESTE é pelo vestibular da FUVEST e o aluno oriundo da escola pública tem direito ao uso da bonificação do INCLUSP.

Conforme Barreyro e Aureliano (2009), em um estudo dos dados estatísticos disponibilizados pelo site da FUVEST, sobre o perfil do ingressantes na USP – LESTE em 2007, constatam:

Na EACH, a maior parte dos ingressantes (61%) realizou os estudos de ensino médio em escolas particulares, enquanto 37,3% o fizeram em escolas públicas. Os alunos que realizaram seus estudos em instituições de outros países, não sendo distinto aqui se público ou privado, compõem 0,1 % do universo dos ingressantes da EACH-USP. Outras modalidades possuem 1,3% dos alunos matriculados na EACH-USP, em 2007. (BARREYRO; AURELIANO, 2009, p.15)

Pierre Bourdieu defende que o sistema educacional cria na sua própria configuração uma reprodução das desigualdades sociais. “Para que a classe popular pudesse, descobrir que o sistema escolar funciona como um instrumento de reprodução, seria necessário que passassem pelo sistema escolar” (BORDIEU, 2004, p. 158).

Compreender a entrada e a permanência da classe popular no ensino superior é relevante à medida que fornece dados pontuais para entender até onde as políticas públicas educacionais estão colaborando para o sucesso educacional da classe popular

De acordo com Norbert Elias as mudanças sociais ocorrem em processos de longo prazo; e neste sentido é essencial analisar o contexto histórico mundial, transformações sociais, para então compreender a expansão do ensino superior no Brasil. (ELIAS, 2010).

2.2 A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E O PROGRAMA DE INCLUSÃO SOCIAL

A Universidade de São Paulo (USP) está no *rol* das universidades mais concorridas do país, onde a grife USP, e a aprovação no vestibular da FUVEST, pode ser entendida como uma comprovação simbólica de sucesso escolar.

A Universidade de São Paulo, desde o surgimento das discussões sobre as políticas de cotas, foi uma das instituições de ensino que se posicionou contra as propostas de um projeto

de cotas para alunos no ensino público, por entender que as cotas se configuravam como uma reserva de vagas, ferindo as bases de mérito escolar. A USP até 2005 não oferecia nenhum programa significativo de inclusão social, e somente em 2006 criou o Programa de Inclusão Social da USP (INCLUSP).

O Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, se referindo à discussão sobre a política de cotas relata que: “em meados de 2005, meados da década de 2000, como essa discussão havia, e a USP não tinha um programa consolidado de inclusão, havia iniciativas pontuais. Mas não um programa. Um projeto. Se criou o INCLUSP. Obviamente, também, porque havia pressão” (Entrevista concedida ao autor).

A discussão sobre as ações afirmativas foi tão intensa que, devido a vários setores da sociedade abordarem o tema, a questão ganhou repercussão nacional. A oposição entre cotas e bases meritocráticas recebeu destaque em diversos jornais, e a Universidade de São Paulo foi foco dessa discussão, por se tratar da maior universidade pública da América Latina.

A USP, defendendo o mérito escolar, se posicionou contra a política de cotas, mas devido a pressão social, foi obrigada a desenvolver outros mecanismos de inclusão. Conforme o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação da USP,

Em 2006, a USP estava muito pressionada com os problemas das cotas [...]. Cotas sociais ou raciais. Na época, a USP achou que cotas raciais, não era a alternativa mais viável. Então se desenhou um programa diferente. Que é o INCLUSP. Programa de inclusão social. A ideia naquela época, isso em 2006, [...] É que, alunos da escola pública, vão ser os objetos do programa. Que se achou que eles mereciam uma atenção especial, não é? Não se achava que cotas, era algo viável. Cotas seriam reservas de vagas. A gente não queria fazer reserva de vagas. A gente queria, que alunos da escola pública, que participassem do programa, entrassem por mérito. (Entrevista concedida ao autor).

Assim, o Programa de Inclusão Social da Universidade de São Paulo (INCLUSP), surgiu em 23 de Maio de 2006, aprovado pelo Conselho Universitário. Sua versão inicial foi elaborada pela Comissão coordenada pela Pró-Reitoria de graduação composta por: Selma

Garrido Pimenta, Maria Amélia C. Oliveira, Maria Isabel de Almeida, Antônio Joaquim Severino, Antônio Luís de Campos Mariani, Antônio Sergio Alfredo Guimarães, Bernadette A. Gatti, Bruno José S. de Mello, Elba Siqueira de Sá Barreto, Flávia Inês Schilling, Franco Maria Lajolo, Glaucius Oliva, João Baptista B. Ferreira, José Cipolla Neto, Lucimar Rosa Dias, Maria Thereza Frago Rocco, Mauro Bertotti, Milton Arruda Martins, Moacyr Domingos Novelli, Oswaldo Baffa Filho, Patricia Junqueira Grandino, Quirino Augusto de C. Carmello, Renato P. Morgato e Rosa Maria Fischer.

O INCLUSP é um “sistema de pontuação acrescida para os alunos da rede pública que, mesmo em condições desfavoráveis, logram se aproximar da nota necessária para aprovação do vestibular e que certamente devem ter bom potencial para o ensino superior” (INCLUSP (Anexo 2) - Comissão da Pró-Reitoria de Graduação. 2006, p.21)

O INCLUSP, conforme divulgado no site oficial da Pró-Reitoria da USP: “reúne uma série de iniciativas para ampliar o acesso e a permanência do estudante de escola pública à universidade. O programa atua na superação das barreiras educacionais que dificultam esse acesso, apoiando a participação antes e após o vestibular”. (USP, 2012).

Para o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação da USP, o INCLUSP é

Uma espécie de apoio, não é? E o programa, naquela época – ainda é hoje assim – era dividido em três grandes partes: na primeira, a USP tenta entrar em contato com os alunos. A idéia é que a USP mostre aos alunos de escolas públicas, qual é a vantagem de entrar aqui. Não só qual é a vantagem, não é? Muitos deles, acham que a USP não é pra eles. Então, tem esse sentido de auto-exclusão. E muitos não conhecem a universidade. A gente alerta a eles que ela existe e que ela é gratuita, não é? Muitos acham, inclusive, que a USP é paga. Então, a primeira etapa do programa é mostrar para o público externo, o que é a USP e porque entrar aqui. (Entrevista concedida ao autor)

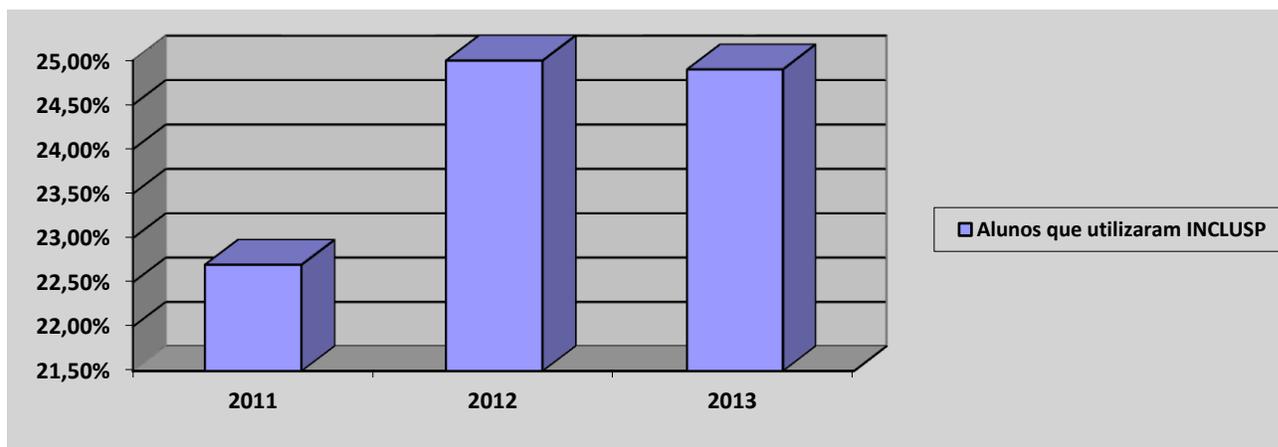
O objetivo do INCLUSP é, segundo a então Pró-Reitora da graduação, Selma Garrido Pimenta, em artigo publicado na Revista ADUSP, em 2008, “ampliar progressivamente o percentual de ingressantes que cursaram o ensino médio na rede pública de ensino, sem comprometer o critério de mérito acadêmico como legitimador desse processo” (ARANTES, p. 18, 2010)

O INCLUSP contém três etapas

[...] a primeira etapa do programa é mostrar para o público externo, o que é a USP e porque entrar aqui. E como fazer isso. A segunda etapa, a gente chama que é a etapa, em que a gente está tentando ajudar o aluno. Dar o apoio. Que é o bônus do vestibular. E a terceira etapa, é depois que eles entram aqui, eles têm apoio para a permanência estudantil. Na forma de bolsa e moradia. Então, essencialmente inclui um programa em três etapas: antes, durante e após o vestibular. (Entrevista concedida ao autor)

A proposta de inclusão da Comissão da Pró-Reitoria da Graduação com o INCLUSP, esta tendo a seguinte abrangência, de acordo com os dados oficiais do site da FUVEST, na análise referente às matrículas dos alunos da última chamada, que participaram do INCLUSP, nos anos de 2011, 2012 e 2013, apresentadas no gráfico abaixo:

GRÁFICO 5: Alunos Matriculados na Última Chamada Participantes do Programa Social de Inclusão da Universidade de São Paulo



Fonte: Site oficial da FUVEST

Conforme o gráfico 5, em 2011, dos 11.328 alunos matriculados na última chamada, 2.566 participaram do INCLUSP, ou seja, 22,7%. No ano de 2012, dos 11.666 alunos matriculados na última chamada, 2.922, ou seja, 25,0%. Finalmente, no ano de 2013, dos 11.875 alunos matriculados na última chamada, 2.953, ou seja, 24,9%.

As informações obtidas através dos dados oficiais da FUVEST são significativas, porém, se nota que, nos três anos analisados o percentual máximo de alunos ingressantes pelo INCLUSP, não ultrapassou 25%. Os dados foram coletados através da seguinte pergunta: "Você está participando do processo INCLUSP?", constante no questionário socioeconômico da FUVEST.

Outro projeto de inclusão de alunos oriundos da escola pública no vestibular da FUVEST, que contribui para diminuir as desigualdades de acesso à USP, é o PASUSP, que “é um programa criado com o propósito de ampliar a presença da USP nas escolas públicas paulistas, de modo que seus alunos passem a considerar a continuidade dos estudos em uma universidade pública, gratuita e de excelência como um possível projeto de vida” (USP, 2012).

Com o PASUSP os alunos podem receber até 15% de bônus na pontuação do vestibular, de acordo com a pontuação obtida nas provas da FUVEST, ou seja, até 5% para os alunos que estão no 2º ano, que prestaram o vestibular como treineiros e até 10% para os alunos do 3º ano.

O Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação da USP, conclui, quando se refere aos programas de inclusão social na USP: “O foco, são os alunos da rede pública. E o que a gente quer, é essencialmente que eles entrem aqui. Com méritos” (Entrevista concedida ao autor).

Em virtude da aprovação da Lei das cotas, Lei 12.711/2012 (BRASIL, 2012) pela Presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2012, a USP mais uma vez se posicionou contra as cotas e pressionada pela sociedade paulista resolveu criar novas formas de inclusão, ou seja, revendo a bonificação do INCLUSP.

Segundo o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria da Graduação

[...] a USP tem essa responsabilidade. Ir ao ensino médio pegar os melhores alunos. Porque se ela não pegar os melhores alunos, ela pode não cumprir bem o seu papel nessa missão. E ela tem que ter toda a liberdade para fazer isso. Por isso que a cota é perigosa. Porque ela é um instrumento que não nos dá autonomia, para escolher os alunos, que a gente quer escolher. Instrumento segundo a nossa filosofia. (BERTOTTI, 2013, p.8).

Em resposta às ações do Governo Federal, a Comissão da Pró-Reitoria da Universidade de São Paulo alterou a bonificação do Programa de Inclusão Social da USP (INCLUSP), para

o ano de 2014. As novas pontuações seguem as seguintes especificações que constam das tabelas a seguir.

TABELA 4: Bonificação do INCLUSP para candidatos que cursaram o ensino básico em escola pública 2014.

| INCLUSP - EB | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| Acertos na 1ª fase | % de bônus para o FUVEST 2014 |
| 0-26 | 0 |
| 27 | 5,4 |
| 28 | 5,7 |
| 29 | 6,0 |
| 30 | 6,3 |
| 31 | 6,6 |
| 32 | 6,9 |
| 33 | 7,2 |
| 34 | 7,5 |
| 35 | 7,8 |
| 36 | 8,1 |
| 37 | 8,3 |
| 38 | 8,6 |
| 39 | 8,9 |
| 40 | 9,2 |
| 41 | 9,5 |
| 42 | 9,8 |
| 43 | 10,1 |
| 44 | 10,4 |
| 45 | 10,7 |
| 46 | 10,9 |
| 47 | 11,2 |
| 48 | 11,5 |
| 49 | 11,8 |
| 50 | 12,1 |
| 51 | 12,4 |
| 52 | 12,7 |
| 53 | 13,0 |
| 54 | 13,3 |
| 55 | 13,6 |
| 56 | 13,8 |
| 57 | 14,1 |
| 58 | 14,4 |
| 59 | 14,7 |
| 60-90 | 15,0 |

Fonte: Site oficial da USP

A tabela 4 demonstra que a partir de 26 pontos de acerto no vestibular da FUVEST o candidato que cursou o Ensino Básico Público — ensino fundamental e médio — , terá um acréscimo proporcional que poderá chegar até 15%.

TABELA 5: Bonificação do INCLUSP para candidatos que cursaram o ensino médio em escola pública

| INCLUSP - EM | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| Acertos na 1ª fase | % de bônus para o FUVEST 2014 |
| 0-26 | 0 |
| 27 | 5,1 |
| 28 | 5,3 |
| 29 | 5,5 |
| 30 | 5,7 |
| 31 | 5,9 |
| 32 | 6,1 |
| 33 | 6,3 |
| 34 | 6,5 |
| 35 | 6,7 |
| 36 | 6,9 |
| 37 | 7,2 |
| 38 | 7,4 |
| 39 | 7,6 |
| 40 | 7,8 |
| 41 | 8,0 |
| 42 | 8,2 |
| 43 | 8,4 |
| 44 | 8,6 |
| 45 | 8,8 |
| 46 | 9,1 |
| 47 | 9,3 |
| 48 | 9,5 |
| 49 | 9,7 |
| 50 | 9,9 |
| 51 | 10,1 |
| 52 | 10,3 |
| 53 | 10,5 |
| 54 | 10,7 |
| 55 | 10,9 |
| 56 | 11,2 |
| 57 | 11,4 |
| 58 | 11,6 |
| 59 | 11,8 |
| 60-90 | 12,0 |

Fonte: Site oficial da USP

Na tabela 5 consta que a partir de 26 pontos de acerto no vestibular da FUVEST, o candidato que cursou apenas o Ensino Médio Público, terá um acréscimo proporcional que poderá chegar até 12%.

TABELA 6: Bonificação do INCLUSP para candidatos pretos, pardos e indígenas

| PPI - EB | |
|--------------------|-------------------------------|
| Acertos na 1ª fase | % de bônus para o FUVEST 2014 |
| 0-26 | 0 |
| 27 | 0,7 |
| 28 | 0,8 |
| 29 | 0,9 |
| 30 | 1,1 |
| 31 | 1,2 |
| 32 | 1,3 |
| 33 | 1,4 |
| 34 | 1,6 |
| 35 | 1,7 |
| 36 | 1,8 |
| 37 | 2,0 |
| 38 | 2,1 |
| 39 | 2,2 |
| 40 | 2,4 |
| 41 | 2,5 |
| 42 | 2,6 |
| 43 | 2,8 |
| 44 | 2,9 |
| 45 | 3,0 |
| 46 | 3,2 |
| 47 | 3,3 |
| 48 | 3,4 |
| 49 | 3,6 |
| 50 | 3,7 |
| 51 | 3,8 |
| 52 | 3,9 |
| 53 | 4,1 |
| 54 | 4,2 |
| 55 | 4,3 |
| 56 | 4,5 |
| 57 | 4,6 |
| 58 | 4,7 |
| 59 | 4,9 |
| 60-90 | 5,0 |

Fonte: Site oficial da USP

Da tabela 6 se extrai que a partir de 26 pontos de acerto no vestibular da FUVEST, o candidato que cursou o Ensino Básico Público, fundamental e médio, e é declarante como preto, pardo ou indígena, terá um acréscimo adicional proporcional que poderá chegar até 5%.

As mudanças nas bonificações do INCLUSP estão relacionadas tanto às discussões e ações do Governo Federal, como a Lei das Cotas, quanto à proposta do Governo Estadual para a criação de uma meta de 50% de alunos de escolas públicas nas Universidades Estaduais. Em entrevista, o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria da Graduação, dá a sua opinião referente ao movimento de expansão do ensino superior no Brasil e a posição da USP, declarando

Vou falar a minha opinião agora, não é? Eu acho que ela não pode querer, resolver todos os problemas do mundo. No Brasil, especialmente, não dá. Se a USP quiser manter a sua qualidade, especialmente na pesquisa, a expansão pode ser perigosa. Primeiro, que ela não tem cursos, para dar conta de uma expansão significativa. Ela tem até que crescido na graduação, não é? Ano a ano são criadas mais algumas áreas. Mas, ela tinha dez mil vagas a dois, três anos e agora tem onze mil vagas, coisa de três, quatro anos. Isso é dez por cento. Isso não dá conta, dos que se formam no ensino médio. Você vê que é um volume muito maior que isso, não é? Então, eu acho que esse papel não

cabe à USP. De prover o ensino superior. Mais vagas, para atender essa demanda. Não é o papel da USP. (Entrevista concedida ao autor)

2.3 A PROPOSTA DE POLÍTICA DE COTAS NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS

Em razão das universidades estaduais não estarem subordinadas à Lei das cotas 12.711/2012 (BRASIL, 2012), sancionada pela Presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2012, que assegura a reserva de 50% das vagas para estudantes de escolas públicas, pretos, pardos e indígenas, o Governado do Estado de São Paulo juntamente com o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP), criaram o Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista (PIMESP).

O projeto do PIMESP foi elaborado pela iniciativa do Governador Geraldo Alckmin e dos reitores: João Grandino Rodas, da USP, Fernando Costa, da UNICAMP e Julio Durigan, da UNESP.

O PIMESP foi lançado no dia 20 de dezembro de 2012, com o objetivo de criar um mecanismo de inclusão por mérito, em que as universidades estaduais reservem ao menos 50% das matrículas em cada curso e turno, para alunos que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas. O projeto também contempla que dentro dos 50% de alunos de escolas públicas estejam inclusos o percentual mínimo de pretos, pardos e indígenas, levantado pelo IBGE.

As universidades estaduais teriam até 2016 para alcançarem as metas percentuais de inclusão, o processo seria gradativo ao longo de três anos, 35% em 2014, 43% em 2015 e 50% em 2016. O projeto também defendia a criação de um curso superior de dois anos, somente para os alunos das escolas públicas. A proposta teria influência dos *colleges* americanos. Este curso específico substituiria o vestibular e seria oferecido pela Universidade Virtual de São Paulo (UNIVESP).

Seriam disponibilizadas 2000 vagas para o curso preparatório de dois anos e a entrada do aluno seria através da pontuação obtida pelo ENEM ou pelo Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP).

Ao término do curso, o aluno receberia um diploma universitário, e de acordo com o rendimento — nota superior a sete — , teria vaga reservada em uma das três universidades participantes do programa. Após um ano do curso preparatório, o aluno com rendimento superior a sete já poderia se matricular em uma FATEC.

O projeto também previa o auxílio de bolsas de estudos para a manutenção do aluno no curso, com subsídio financeiro para alunos de baixa renda. O PIMESP, desde sua divulgação, tem sido criticado por diversos setores da sociedade, como o acadêmico, o político, dentre outros.

Segundo a diretoria da Associação de Docentes da USP (ADUSP): “Um olhar para as disciplinas a serem oferecidas pelo ICES parece desvendar que o verdadeiro propósito da criação desse Instituto, além da popularização do EAD, é tornar realidade uma velha aspiração do governo – oferecer um ensino, a médio prazo, mais barato e batizá-lo de ensino superior” (ADUSP, 2013).

Na própria Universidade de São Paulo a discussão ganhou forma e as críticas ao programa são inúmeras. A USP, desde o surgimento das ações afirmativas, tem se posicionado contra as cotas raciais e implementado os seus próprios processos de inclusão como o INCLUSP e o PASUSP. Determinados colegiados da USP se contrapõem a favor das cotas, contra as cotas, contra o projeto de inclusão do PIMESP, como é o caso dos cursos de Medicina, Direito e Engenharia, os cursos mais concorridos do vestibular.

A Revista Veja divulgou um documento enviado pela Faculdade de Direito sobre o PIMESP, onde consta: "Não há dados que justifiquem uma preparação prévia para que os cotistas entrem na universidade" (2013 [s.p])

A Faculdade de Medicina da USP defende um programa de avaliação continuado para encontrar os melhores alunos das escolas públicas, e a revisão da bonificação do INCLUSP, mas se coloca contra as cotas raciais.

O Instituto de Psicologia, conforme moção da Congregação do Instituto de Psicologia da USP se coloca contra o PIMESP, pondera

[...] não consolida tampouco amplia ações afirmativas pois, como apontado em documento da Associação dos Juízes pela Democracia (AJD), trata-se de “forma de discriminação negativa”, já que, aos alunos das escolas públicas, negros e indígenas, será exigido que realizem, “diversamente dos demais, curso antecedente ao ingresso” aumentando seu tempo de espera para a plena convivência acadêmica e titulação o que, ainda segundo a AJD, “significa tratá-los de forma pejorativa” e aumentar o nível de exclusão a que já se encontram previamente submetidos. (Congregação do Instituto de Psicologia, 2013, [s.p.]

A discussão em torno do PIMESP tem sido tão grande, seja pelas críticas ao programa, marcada pela resistência à adesão das cotas, que em duas audiências públicas realizadas na Assembléia Legislativa de São Paulo (ALESP) nos dias 11/3 e 13/03 de 2013 a questão ganhou repercussão nacional.

Segundo o site da Associação dos Docentes da USP (ADUSP): “A Pró-Reitora Telma Zorn foi vaiada quando elogiou o programa de permanência estudantil da USP e mencionou a necessidade de manter o Programa de Inclusão Social (INCLUSP), mesmo com a eventual implantação de nova proposta. “É necessário não apenas o PIMESP, mas que os programas [de inclusão] sejam aperfeiçoados”, disse. (ADUSP, [s.p.], 2013).

As audiências foram marcadas pela presença de políticos, como o Ministro da Educação, reitora da Universidade Federal de São Paulo a deputada Leci Brandão (PCDOB), presidente da Comissão de Educação da ALESP; e os deputados Adriano Diogo (PT) e Alencar Santana (PT). Carlos Vogt, assessor do governador Geraldo Alckmin, coordenador geral da UNIVESP, Ex-Reitor da Unicamp e principal articulador do PIMESP, no Palácio dos Bandeirantes.

Conforme o site da ADUSP: “o Pró-Reitor João Meyer disse que a Unicamp está “se preparando de forma a combinar todos esses programas”, ou seja, os de inclusão que já existem na instituição e o PIMESP” (ADUSP, [s.p.], 2013, idem acima).

O Conselho Universitário da Universidade de São Paulo, devido às inúmeras críticas ao PIMESP, aprovou no dia 02/06 do ano de 2013, o Plano Institucional da Universidade, que tem o objetivo de redefinir o projeto de inclusão social da USP – INCLUSP, com mudanças que já seriam utilizadas no vestibular da FUVEST 2014.

De acordo com o boletim editado pela Assessoria de Imprensa da USP nº 76, (Anexo 4), “a proposta do Plano Institucional da USP, que visa ao desenvolvimento de novas ações de

inclusão social na Universidade, foi elaborada a partir de um amplo contexto de discussões colegiadas, que tiveram início há cerca de seis meses, na Universidade” (USP, 2013, p. 01).

O boletim relata também que o processo de elaboração do Plano Institucional da USP começou em janeiro de 2013, quando foi enviado para as 42 unidades de pesquisa a solicitação de sugestões para a criação de um programa de inclusão ao mérito, as quais deveriam ser encaminhadas aos órgãos centrais em sessenta dias.

Em seguida, as informações constantes nos documentos encaminhados pelas Unidades foram consolidadas. Como resultado dessa análise, constatou-se que a maioria das Unidades decidiu pela manutenção e aperfeiçoamento do Programa de Inclusão Social da USP (INCLUSP) e apresentou sugestões com essa finalidade. (USP, 2013, p. 01)

O Plano Institucional da Universidade, conforme o site da USP¹³, propõe: a criação de novos bônus do Programa de Inclusão Social da USP (INCLUSP), a criação do Programa de Preparação para o Vestibular da USP, o aperfeiçoamento do Programa Embaixadores USP e a ampliação dos locais de prova da Fuvest no Estado de São Paulo.

O site Sala da Imprensa da USP informa

As ações propostas visam atingir as seguintes metas até 2018: – 50% de alunos matriculados em cada curso e em cada turno que tenha cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas; – dentro desses 50% de matriculados oriundos de escolas públicas, o percentual de pretos, pardos e indígenas deverá atingir o percentual verificado pelo último censo demográfico do IBGE. (USP, 2013 [s.p])

O Plano Institucional da USP propõe, diferentemente do Projeto do Governo Estadual com o PIMESP, que as cotas de 50% de alunos oriundos de escolas públicas sejam alcançadas até 2018, e não 2016, como propunha o PIMESP.

Para tanto, a USP investe a acredita que o aumento da bonificação do INCLUSP, que as ações de divulgação do vestibular da FUVEST nas escolas públicas, com o projeto Os

¹³ Poderá ser acessado por: <http://www.usp.br/imprensa/?p=31791> Acessado em 05 de agosto 2013

Embaixadores da USP, e também que a ampliação dos locais do vestibular da FUVEST, contribuirão para o alcance das metas propostas.

TABELA 7: Mudanças das pontuações do INCLUSP, no Plano Institucional da Universidade

| Candidato | Bonificação atual | Nova bonificação |
|--|-------------------|------------------|
| Inclusp Ensino Médio - aluno que cursou ou esteja cursando ensino médio em escola pública | Até 8% | Até 12% |
| Inclusp Ensino Básico - aluno que cursou ensino fundamental na rede pública e tenha cursado ou esteja cursando, integralmente, o ensino médio em escola pública. | Até 8% | Até 15% |
| Bônus PASUSP - concedido a candidato que cursou integralmente o ensino fundamental na rede pública e que esteja cursando o 2º ou 3º ano do Ensino Médio em escolas públicas. | Até 15% | Até 20% |
| Bônus PPI –EB: candidato inscrito no vestibular na condição de Inclusp Ensino Básico e que se declararem pretos, pardos e indígenas. | - | Até 5% |

Fonte: Site oficial da USP

Conforme a tabela 7, com o novo bônus PASUSP, a pontuação para alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas, que era de até 8%, foi alterada para até 12%. Os que cursaram o ensino fundamental em escolas públicas e tenham cursado ou estejam cursando, integralmente, o ensino médio em escolas públicas, que era de até 8%, passou a ser de até 15%. Para alunos que cursaram o ensino fundamental, integralmente, e estejam cursando o ensino médio em escolas públicas, passou de até 15% para até 20%. Finalmente, a inclusão de bônus para pretos, pardos e indígenas é de até 5%.

O Plano Institucional da USP também prevê um curso preparatório para o vestibular da FUVEST, com bolsa de R\$ 300,00, para que o aluno possa ter dedicação exclusiva e manutenção dos estudos. O curso terá duração de 10 meses e será oferecido anualmente. Serão oferecidas 1000 vagas, 35% das vagas serão destinadas aos pretos, pardos e indígenas (PPI) e

30 vagas para alunos da Escola de Aplicação da USP. O curso será oferecido a partir deste ano de 2013 e, excepcionalmente, neste ano terá duração de cinco meses.

Outro foco do Plano Institucional da USP é o projeto Embaixadores da USP, que tem o objetivo de aproximar a USP dos estudantes de escola pública. O projeto que está sendo desenvolvido desde 2007, por alunos e professores da instituição, que visitam as escolas públicas do Estado de São Paulo, com o objetivo de divulgar a USP e incentivar os alunos a prestarem o vestibular da FUVEST, passará a ter os seguintes diferenciais: será ampliado com a presença de funcionários da USP e a participação do aluno/USP, e ainda poderá ser reconhecido academicamente e constar no histórico escolar do aluno embaixador.

A USP oferecerá um prêmio anual à escola pública que tiver mais alunos matriculados na universidade. O prêmio consiste em um diploma reconhecido pela USP e será chamado Prêmio INCLUSP.

Por fim, o Plano Institucional da USP prevê a ampliação dos locais de aplicação das provas da FUVEST, nas cidades de Limeira, Fernandópolis, Barueri, Carapicuíba e Taboão da Serra.

2.4 A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

A Universidade de São Paulo tem um dos maiores vestibulares do Brasil, com cursos extremamente concorridos, e uma vaga na USP é o objetivo de muitos que almejam fazer um curso superior gratuito de qualidade.

Por se tratar da maior universidade da América Latina, o vestibular da FUVEST exige muito do candidato, assim, o vestibular da USP se estabeleceu como um dos mais difíceis do país. Nessa direção, com o foco na USP, as escolas particulares do Estado de São Paulo, criaram metodologias de ensino direcionadas para o vestibular, preparando o aluno para a FUVEST.

No Ensino Básico público — ensino fundamental e médio — é possível inferir que não existe uma preocupação preparatória efetiva visando o vestibular, considerando os baixos

investimentos nas escolas públicas, falta de preparo dos professores, greves da categoria, etc. O aluno da escola pública, em comparação com o aluno da escola de ensino privado, no momento do vestibular, tem de lidar com barreiras que ultrapassam questões educacionais, como por exemplo, o acesso aos bens culturais, o que garantiria ao aluno uma atitude crítica perante o conhecimento.

As desigualdades frente ao ensino público fundamental e médio e o acesso ao ensino superior público das classes populares, deflagram questões relevantes a serem analisadas. Para Pierre Bourdieu as desigualdades escolares são uma reprodução das desigualdades sociais.

No trabalho "Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira", as autoras Melina Del Arco de Oliveira e Lucy Leal Melo Silva, trazem a problemática

[...] na Educação Superior, frequentemente, as instituições públicas são consideradas de melhor qualidade, como se observa nos exames de ingresso. Uma vez que a relação candidato vaga é grande, são selecionados os candidatos melhor preparados para o tipo de prova que é realizada. Em decorrência disto, o cenário educacional brasileiro aponta o acesso ao Ensino Superior, nas carreiras de prestígio, como um mecanismo de manutenção das desigualdades sociais do país. (OLIVEIRA; SILVA, 2010, p. 24)

Desta forma, a USP, marcada desde sua fundação por uma elite paulista e pelo objetivo de formar uma elite intelectual dominante, tem um padrão de ingresso no vestibular, onde a presença de alunos oriundos do sistema particular de ensino e grande poder econômico, são predominantes.

A partir da tabela adiante, sobre o padrão de ingresso na USP, entre os anos de 2005 e 2013, que utiliza os dados oficiais disponibilizados pelo site oficial da FUVEST, é possível verificar a relação entre alunos oriundos das escolas públicas e escolas particulares¹⁴.

TABELA 8: Padrão de ingresso na Universidade de São Paulo entre os anos de 2005 e 2013

¹⁴ A tabela contém dados coletados da avaliação do questionário socioeconômico do vestibular da FUVEST. Os dados são baseados nas respostas dos alunos matriculados na última chamada que responderam a questão "Onde você fez o ensino médio?"

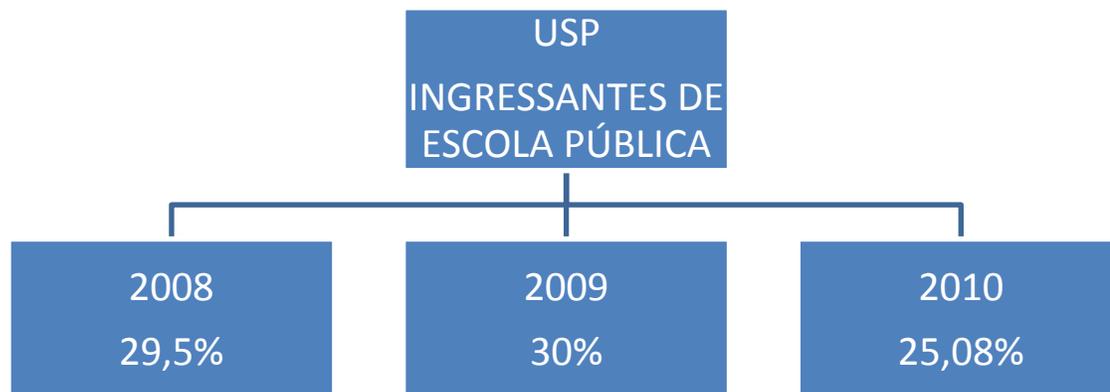
| ANO | MAIOR PARTE EM ESCOLA PÚBLICA | SÓ EM ESCOLA PÚBLICA (PARCIALMENTE ESCOLA ESTADUAL, MUNICIPAL E FEDERAL) | PÚBLICO MUNICIPAL | PÚBLICO | PÚBLICO FEDERAL | PARTICULAR | QUANTIDADE DE CANDIDATOS QUE RESPONDERÃO A QUESTÃO | TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS |
|------|-------------------------------|--|-------------------|---------------|-----------------|--------------|--|------------------------------|
| 2005 | 208 (1,8%) | - | - | 2374 (21,3%) | - | 7878 (70,6%) | 11160 | 11223 |
| 2006 | 216 (1,9%) | - | - | 2247 (19,5%) | 312 (2,7%) | 8313 (72,2%) | 11603 | 11519 |
| 2007 | 172 (1,5%) | - | - | 2470 (21,70%) | 336 (3,0) | 8029 (70,6%) | 11474 | 11377 |
| 2008 | 194 (1,7%) | 358 (3,2%) | 168 (1,5%) | 2231 (19,9%) | 358 (3,2%) | 7823 (69,71) | 11281 | 11224 |
| 2009 | 176 (1,6%) | 40 (0,4%) | 162 (1,4%) | 2635 (23,5%) | 348 (3,1%) | 7396 (66%) | 117271 | 11202 |
| 2010 | 181 (1,6%) | 40 (0,4%) | 184 (1,6%) | 2227 (19,6%) | 298 (2,6%) | 7953 (70,1%) | 11345 | 11345 |
| 2011 | 174 (1,5%) | 23 (0,2%) | 158 (1,4%) | 2357 (20,80%) | 236 (2,1%) | 7906 (69%) | 11328 | 11328 |
| 2012 | 157 (1,3%) | 29 (0,2%) | 188 (1,6%) | 2660 (22,8%) | 235 (2,0%) | 7976 (68,4%) | 11666 | 11666 |
| 2013 | 173 (1,5%) | - | - | 3119 (26,3%) | - | 8171 (68,8%) | 11875 | 11875 |

Fonte: Site oficial da FUVEST

Os dados fornecidos pela tabela 8 demonstram que existe uma presença constante e superior de alunos oriundos do sistema de ensino privado em relação aos alunos do sistema público. É necessário considerar que os dados referentes aos alunos oriundos das escolas públicas, a partir de 2006, já incluem a proposta de inclusão pelo programa de inclusão social da USP, o INCLUSP, lançado em 2006.

Os alunos matriculados na última chamada, somando os índices: maior parte em escolas públicas, parcialmente escola estadual, municipal e federal, público municipal, público e público federal, os percentuais para os anos entre 2005 e 2013 são os seguintes: em 2005, com 23,1% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2006, com 24,10% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2007, com 26,02% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2008, com 29,5% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2009, com 30,0% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2010, com 25,08% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2011, com 26,0% de alunos oriundos das escolas públicas; em 2012, com 27,90% de alunos oriundos das escolas públicas; e em 2013 com 27,8% de alunos oriundos das escolas públicas.

GRÁFICO 6: Comparativo referente aos ingressantes de escola pública na USP nos anos de 2008, 2009 e 2010

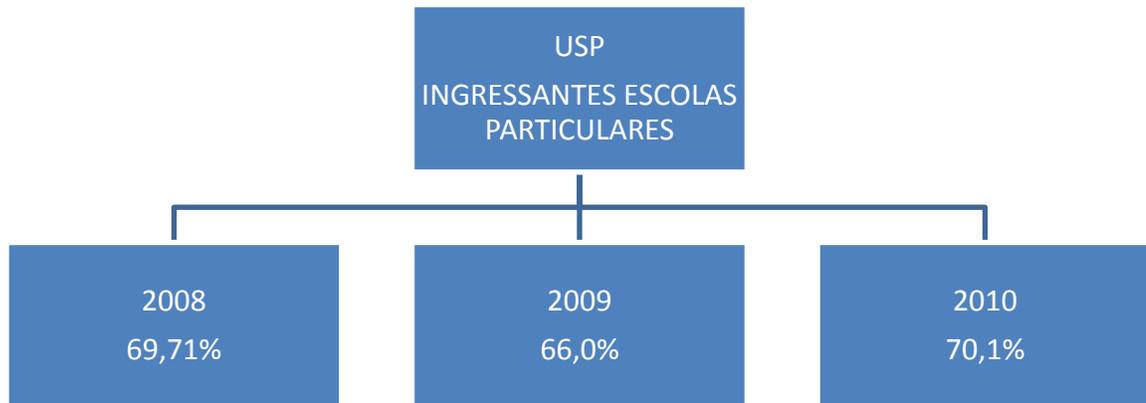


Fonte: site oficial da FUVEST

Verifica-se no gráfico 6 que em 2009 houve um significativo crescimento dos alunos oriundos de escolas públicas na USP, porém, em 2010, este número caiu e o percentual permaneceu abaixo dos 30% até 2013. Segundo o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação,

E em 2009, a gente atingiu a marca histórica de 30% de alunos de escola pública, ingressando na USP. Mudou a gestão e o que aconteceu no ano seguinte, foi uma perda grande. O número voltou aos 25%. E há inúmeras razões para explicar esses números. A principal delas, é a expansão das Universidades Federais no Brasil. A partir do momento em que haviam várias opções no estado de São Paulo, especialmente na capital, onde foi criada a UNIFESP, em Diadema, a UFABC e o PROUNI, também começou a ganhar mais vigor, não é? Os alunos podiam fazer faculdade de graça, com bolsa. Então, nesse momento, a USP perdeu alunos das escolas públicas, porque acharam que havia outras opções. (Entrevista concedida ao autor).

GRÁFICO 7: Comparativo referente aos ingressantes de escola particular na USP nos anos de 2008, 2009 e 2010



Fonte: site oficial da FUVEST

O gráfico 7 demonstra que a presença de alunos do ensino privado na Universidade de São Paulo, era a seguinte, de acordo com o percentual dos anos: 2008, com 69,71% dos alunos matriculados na última chamada, que cursaram escolas particulares, 2009, com 66,0% dos alunos matriculados na última chamada, que cursaram escolas particulares, e 2010, com 70,1% dos alunos matriculados na última chamada, que cursaram escolas particulares.

Os dados coletados permitem estabelecer um padrão de ingresso na Universidade de São Paulo, caracterizado por uma maioria de alunos oriundos do sistema privado de ensino, o que não é nenhuma novidade.

A questão em torno da inclusão de alunos de escola pública somente surgiu por pressão pública, resultante das ações governamentais de ampliação do acesso ao sistema público universitário de ensino, caracterizada pela discussão sobre as cotas e reserva de vagas.

A USP acredita que o INCLUSP pode ser o melhor caminho para a inclusão social na Universidade de São Paulo, sem perder o mérito escolar, em oposição à política de cotas, conforme a lei 12.711/2012 (BRASIL, 2012), sancionada pela Presidente Dilma Rousseff, que garante a reserva de 50% de vagas nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação.

Segundo a fala do o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria de Graduação, a USP tem o objetivo de estar entre as melhores universidades do mundo, por acreditar que

O Brasil precisa de universidades consideradas 'internacionais', que disputem o título de melhores do mundo e participem das discussões mais importantes nos campos da ciência, tecnologia e humanidades. A USP aspira à classe de universidade internacional e, para tanto, precisa concentrar esforços em diversos âmbitos, um dos quais, indubitavelmente, diz respeito à manutenção criteriosa da qualidade do seu corpo discente. Para permanecer em sua trajetória de busca da excelência internacional, a USP deve continuar agregando em seus quadros os melhores talentos egressos do Ensino Médio. Deve, também, criar estratégias para identificar candidatos cujo potencial acadêmico latente não pode ser totalmente evidenciado pelos resultados de processos de seleção. Abrem-se, então, novas perspectivas para o recrutamento de estudantes capacitados, mas cujo baixo capital cultural traz a eles desvantagens nos exames de admissão para a graduação. (BERTOTTI, 2013, p. 01)

É importante compreender que, mesmo considerando as ações do Governo Federal, como a Lei das cotas, a criação de novos campus, as ações afirmativas, as iniciativas Estaduais, a criação do INCLUSP, pela Universidade de São Paulo, a utilização do ENEM nos vestibulares, o SISU, o PROUNI, entre outros, conforme Melina Del Arco de Oliveira e Lucy Leal Melo Silva

[...] com todos os avanços ocorrendo nos meios de ingresso na carreira universitária, ela ainda não é, entretanto, acessível a uma grande parcela da população. As dificuldades de acesso remetem à Teoria da Reprodução Cultural de Pierre Bourdieu em que se discute o conceito de violência simbólica (Bourdieu, 1998) como algo que permeia a divisão social de classes e as condições materiais e ideológicas em que repousam. (OLIVEIRA; SILVA, 2010, p. 24)

Desta forma, conforme a tabela a seguir sobre os dados estatísticos dos ingressantes da última chamada do curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre os anos de 2005 e 2011, disponibilizados pelas estatísticas oficiais da FUVEST¹⁵.

TABELA 9: Ingressantes do curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre os anos de 2005 e 2011

¹⁵ A tabela contém dados coletados da avaliação do questionário socioeconômico do vestibular da FUVEST. Os dados são baseados nas respostas dos alunos matriculados na última chamada que responderam a questão “Onde você fez o ensino médio?”

| MEDICINA (COD.49) | ANO | PÚBLICO | PARTICULAR |
|-------------------|------|--|-------------|
| MEDICINA FAC. M. | 2005 | 3 (1,7%) ESTADUAL 6 (3,4%) FEEDERAL 1 (0,6%) Maior parte em Escola Pública | 164 (93,7%) |
| MEDICINA FAC. M. | 2006 | 6 (3,4%) ESTADUAL 3 (1,7%) FEDERAL 02 (1,1%) Maior parte em Escola Pública | 157 (89,7%) |
| MEDICINA FAC. M. | 2007 | 17 (9,7%) ESTADUAL 12 (6,9%) FEDERAL 02 (1,1%) Maior parte em Escola Pública | 144 (82,3) |
| MEDICINA FAC. M. | 2008 | 3 (1,7%) MUNICIPAL 8 (4,6%) ESTADUAL 7 (4,0%) FEDERAL | 147 (85,0%) |
| MEDICINA FAC. M. | 2009 | 2 (1,1%) MUNICIPAL 48 (27,4%) ESTADUAL 16 (9,1%) FEDERAL 02 (1,1%) Maior parte em Escola Pública | 104 (59,4%) |
| MEDICINA FAC. M. | 2010 | 1 (0,6%) MUNICIPAL 26 (14,9%) ESTADUAL 7 (4,0%) FEDERAL 03 (1,7%) Parcialmente Escola Estadual, Federal e Municipal 02 (1,1%) Maior parte em Escola Pública | 135 (77,1%) |
| MEDICINA FAC. M. | 2011 | 1 (0,6%) MUNICIPAL 15 (8,6%) ESTADUAL 9 (5,1%) FEDERAL | 147 (84,0%) |

Fonte: site oficial da FUVEST

Conforme a tabela 9 no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da USP, um dos mais concorridos do vestibular, são apresentados os seguintes percentuais de alunos oriundos das escolas públicas, entre os anos 2005 e 2011: em 2005, 5,7% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em escolas públicas; em 2006, 6,2% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em escolas públicas; em 2007, 17,7% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em escolas públicas; em 2008, 10,3% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em escolas públicas; em 2009, 38,7% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em escolas públicas; em 2010, 22,30% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em

escolas públicas; e em 2011, 14,30% dos alunos matriculados fizeram o ensino médio em escolas públicas.

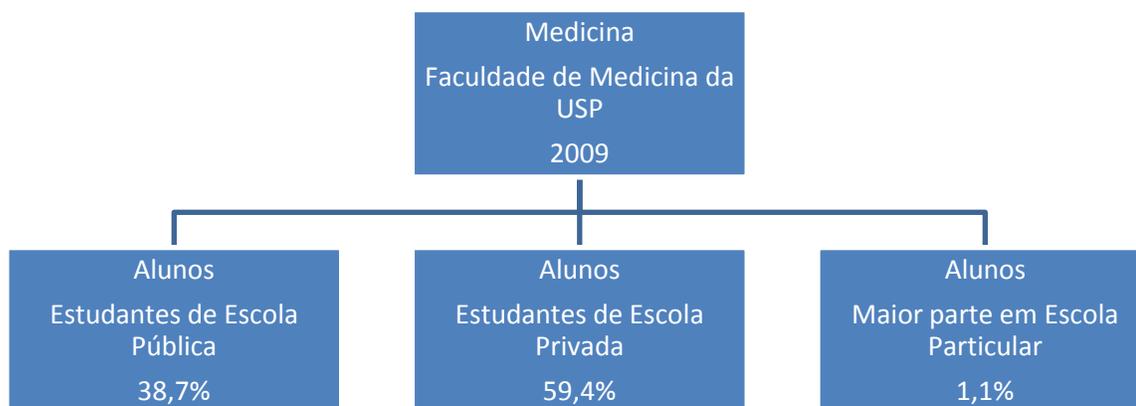
De acordo com os dados acima apresentados, desde 2005, o número de alunos oriundos das escolas públicas vem aumentando no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da USP, porém os percentuais continuam muito inferiores ao número de alunos oriundos das escolas públicas, propostos na meta do Governo Federal, se a USP estivesse submetida à Lei das Cotas.

Para o Prof. Dr. Mauro Bertotti, da Comissão da Pró-Reitoria da Graduação,

[...] a USP não pode querer que na medicina, pelo menos num primeiro instante, entrem 50% de alunos de escolas públicas. Porque, especialmente, nesses cursos mais procurados, a percentagem de inscritos de escolas particulares é maior. Então, é impossível que num curso em que 80% dos alunos que se inscrevem são de escolas particulares, metade dos que entrem, sejam de escolas públicas. É por isso que a nossa insistência o tempo todo, é que mais inscritos se inscrevam, mesmo nos cursos de maior demanda. Para que a chance de serem aprovados, mais alunos das escolas públicas, aumentem. (Entrevista concedida ao autor)

Somente em 2009, dentre os seis anos analisados (2005 a 2011), quando a USP teve 30% de alunos oriundos das escolas públicas matriculados, nos diversos cursos da universidade, o percentual de alunos oriundos das escolas públicas no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da USP teve um aumento significativo, conforme o gráfico a seguir.

GRÁFICO 8 - Percentual de alunos matriculados no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo



Fonte: site oficial da Fuvest

O ano de 2009 foi um ano atípico para o padrão de ingresso na USP, 38,7% de alunos ingressantes oriundos do ensino médio público, no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da USP, é um número significativo, porém, seria necessário analisar com critério o perfil desses alunos, e as hipóteses de tamanha queda de alunos oriundos das escolas públicas nos anos subsequentes, como por exemplo, em 2010, que foi de apenas 22,30% de alunos ingressantes do ensino médio público e em 2011, somente 14,30%.

É interessante considerar a análise do investimento extra curricular dos alunos matriculados no curso de Medicina da Faculdade de Medicina da USP, em 2009, que participaram de algum preparo para o vestibular ou fizeram cursinho pré-vestibular. Dentre os alunos que responderam à questão, no questionário socioeconômico: 6,3%, responderam que não fizeram nenhum preparo; 1,1%, responderam que sim, durante menos de um semestre; 0,6%, responderam que sim, durante um semestre completo; 22,9%, responderam que sim, de um semestre a um ano; 9,7%, responderam que sim, de um ano a um ano e meio; 24,6%, responderam que sim, de um ano e meio a dois anos; e 34,9%, responderam que sim, durante mais de dois anos.

Faz-se necessário compreender que, muitos alunos da classe popular não tem condições de investir em cursinhos pré-vestibulares, sendo assim, para que ocorra uma mudança efetiva no perfil dos alunos nas carreiras de grande competitividade e de *status* social, é fundamental, na minha opinião, iniciativas governamentais que assegurem à classe popular, o acesso à esses recursos.

De uma forma geral, conforme os dados apresentados, é possível compreender que houve nos anos analisados um aumento da presença de alunos oriundos das escolas públicas na USP, porém os valores percentuais ainda são muito inferiores, comparados aos alunos das escolas particulares.

[...] existe uma pequena parcela de estudantes da rede pública de Ensino Médio que é aprovada nos exames vestibulares das mais concorridas carreiras em universidades públicas. Esses alunos superam as barreiras educacionais, sobrevivem ao ritual de passagem mencionado anteriormente e ainda conseguem concluir a graduação frente às adversidades da desigualdade de condições no acesso à universidade. (OLIVEIRA; SILVA, 2010, p. 25).

O vestibular da USP, além de demandar os conhecimentos do currículo do ensino fundamental e médio, “dá também grande importância à familiaridade dos alunos com as atualidades, o que é definido também como um conhecimento da 'realidade' que os cerca e uma capacidade de explicá-la”. (ALMEIDA, 2009, p. 32).

Esse vestibular não é simplesmente uma prova de múltipla escola, mas um exame que exige do aluno habilidades críticas e de interpretação, o que requer uma “sólida formação acadêmica, o que só pode ser realizado por instituições escolares muito bem estruturadas” (ALMEIDA, 2009, p. 33)

O vestibular da FUVEST passou a ser parâmetro para definir a escola de qualidade, visto que, muitas escolas particulares se tornaram especialistas no exame da USP, e o índice de alunos aprovados constitui objeto do seu *marketing*.

O foco no vestibular da FUVEST não está apenas nas escolas de ensino médio de qualidade, mas também nos cursinhos pré-vestibulares, que concentram a matéria do currículo escolar em módulos, para maximizar as chances do candidato para a aprovação e uma vaga na Universidade de São Paulo.

A aprovação no vestibular da USP é significado de êxito social, no qual as famílias de classe média investem fortunas nas escolas especialistas, na tentativa de assegurar aos seus filhos uma vaga neste *rol* tão seletivo.

Segundo Pierre Bourdieu “o sistema educacional superior cumpre as funções de transmitir privilégios, distribuir status e instilar respeito pela ordem social vigente” (BOURDIEU; ZWARTZ, 1986, p.34).

Nessa direção, podemos entender que “o sistema das escolas de ensino superior permite a manutenção da ordem simbólica e social” (MARTIN, 2005, p. 332), onde aqueles detentores de maior capital cultural estão nas universidades públicas (no Brasil) e nos cursos de maior status social.

2.5 A ENTRADA DE FILHOS DE PAIS COM BAIXA ESCOLARIDADE NA USP

As iniciativas governamentais das últimas décadas, com as ações afirmativas e as políticas de ampliação ao acesso do ensino universitário público, têm o objetivo de garantir às camadas mais excluídas da sociedade, o acesso ao ensino gratuito e de excelência acadêmica, dessa maneira, pretende alterar o padrão dos alunos nas universidades públicas, que tem se caracterizado por alunos de alto poder econômico e oriundos do ensino privado.

As ações do Governo Federal tem sido recorrentes nessa questão e mudanças já se fazem presentes, seja, pela aprovação da Lei das cotas, pelos projetos de inclusão social nas universidades estaduais, e até mesmo, pela mobilização da comunidade acadêmica, política, organizacional (ONGS), entre outras, nessa discussão.

A Universidade de São Paulo, com a criação do INCLUP, em 2006, tem proposto uma alternativa na inclusão dos alunos da escola pública, que por uma série de razões, desde aquelas de cunho prático, como a qualidade da escola pública na preparação do aluno para o vestibular, como aquelas de cunho simbólico, que introjetam no aluno um papel social que o distancia da universidade pública.

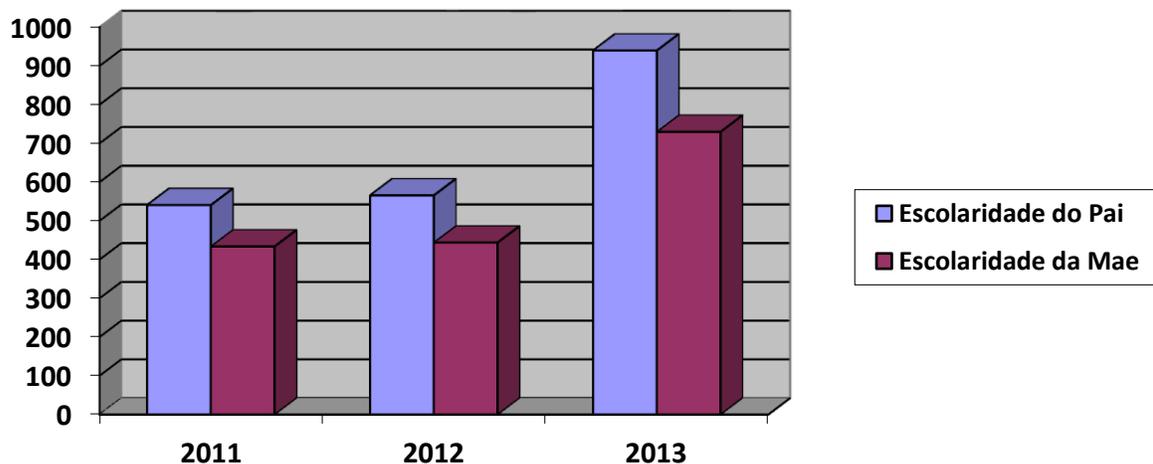
É fato conhecido que alunos de estratos socioeconômicos mais favorecidos têm amplo conhecimento sobre a USP e seu vestibular, razão pela qual o

interesse por uma universidade pública de qualidade faz parte do cotidiano familiar. O mesmo não ocorre com alunos de escolas públicas, para os quais referências sobre a USP são escassas e o fenômeno da auto exclusão exerce importante papel. Na maioria dos casos, os pais não reconhecem a educação como ferramenta para a mobilidade social. (BERTOTTI, 2013, p. 01)

Os dados estatísticos coletados no site oficial da FUVEST, apresentados anteriormente neste estudo mostram as mudanças, embora ainda tímidas, mais pontuais do INCLUSP, no padrão de ingresso da USP. Contudo, quando se trata de alunos de pais com baixa escolaridade, ou seja, os da primeira geração, aqueles alunos que os pais não tiveram nenhuma relação com o ensino universitário, a questão se torna mais contundente em termos de exclusão.

O gráfico a seguir mostra a relação de alunos da primeira geração, filhos de pais que cursaram até o ensino fundamental, mas não concluíram, e que estão devidamente matriculados na Universidade de São Paulo. Os dados foram coletados no site oficial da FUVEST e abrangem os anos de 2011, 2012 e 2013.

GRÁFICO 9 - Alunos de pais com baixa escolaridade matriculados na USP nos anos 2011, 2012 e 2013

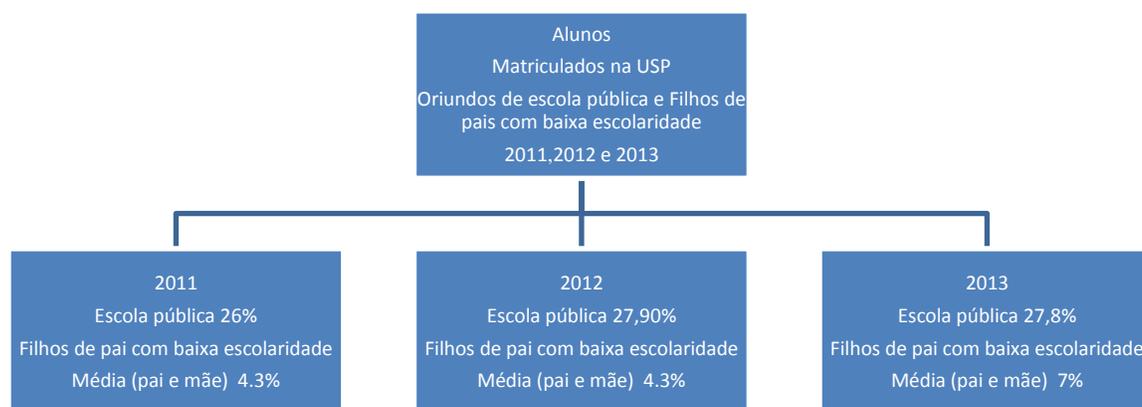


Fonte: site oficial da FUVEST.

O gráfico 9, que mostra o número de alunos matriculados na última chamada, filhos de pai ou mãe que iniciaram o ensino fundamental, mas abandonaram entre a 5ª e 8ª série, apresenta: em 2011, das 11.328 matrículas realizadas, 541 foram de filhos de pai que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram e 434 foram de filhos de mãe que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram; em 2012, das 11.666 matrículas realizadas, 566 foram de filhos de pai que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram e 444 foram de filhos de mãe que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram; e em 2013, das 11.875 matrículas realizadas, 940 foram de filhos de pai que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram e 730 foram de filhos de mãe que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram.

A partir dos dados apresentados, se percebe que a presença dos alunos da primeira geração, ou melhor, de pai ou mãe que não tiveram relação nenhuma com o ensino médio e superior, é bem inferior, comparado com o número de alunos oriundos das escolas públicas.

GRÁFICO 10 - Referente a relação de alunos de escola pública e filhos de pais com baixa escolaridade matriculados na USP nos anos de 2011, 2012 e 2013.



Fonte: Site oficial da FUVEST

De acordo com os dados apontados no gráfico 10, há uma constante na média dos alunos com pai e/ou mãe com baixa escolaridade matriculados na USP, nos anos de 2011 e 2012. No ano de 2013 ocorreu um aumento de 2,7%, em média, nas matrículas dentro do perfil desses alunos.

Os dados mostram um panorama geral do número de matrículas de todos os cursos da Universidade de São Paulo, e nesse panorama é possível perceber as desigualdades de matrículas de alunos filhos de pais e mães com baixa escolaridade¹⁶.

Pierre Bourdieu afirma que a distribuição desigual do capital cultural nas diferentes classes sociais esta relacionada com o acesso à educação e o consumo dos bens culturais. Para ele “a maioria dos diplomas universitários na França, por exemplo, são obtidos por indivíduos pertencentes às classes mais altas” (BOURDIEU; ZWARTZ, 1986, p.36), o que não difere da realidade brasileira, conforme os dados estatísticos da FUVEST, nos anos apresentados.

¹⁶ Os dados estatísticos coletados no site da FUVEST são: em 2011, dos 11.328 candidatos, pertencentes ao grupo de matriculados que responderam a questão: “Qual o grau de instrução mais alto que seu pai obteve?”, 541 (4,8%) responderam que o pai iniciou o ensino fundamental, mas abandonou entre a 5ª. 6ª série, dos 11.328 candidatos, pertencentes ao grupo de matriculados que responderam a questão: “Qual o grau de instrução mais alto que sua mãe obteve?”, 434 (3,85%) responderam que a mãe iniciou o ensino fundamental, mas abandonou entre a 5ª. 6ª série; em 2012, dos 11.666 candidatos, pertencentes ao grupo de matriculados que responderam a questão: “Qual o grau de instrução mais alto que seu pai obteve?”, 566 (4,9%) responderam que o pai iniciou o ensino fundamental, mas abandonou entre a 5ª. 6ª série, dos 11.281 candidatos, pertencentes ao grupo de matriculados, 11.666 que responderam a questão: “Qual o grau de instrução mais alto que sua mãe obteve?”, 444 (3,8%) responderam que a mãe iniciou o ensino fundamental, mas abandonou entre a 5ª. 6ª série; em 2013, dos 11.875 candidatos, pertencentes ao grupo de matriculados que responderam a questão: “Qual o grau de instrução mais alto que seu pai obteve?”, 940 (7,9%) responderam que o pai iniciou o ensino fundamental, mas abandonou entre a 5ª. 6ª série e dos 11875 candidatos, pertencentes ao grupo de matriculados, 11.191 que responderam a questão: “Qual o grau de instrução mais alto que sua mãe obteve?”, 730 (6,1%) responderam que a mãe iniciou o ensino fundamental, mas abandonou entre a 5ª. 6ª série.

3 USP-LESTE E ALUNOS FILHOS DE PAIS COM BAIXA ESCOLARIDADE

Cada caso não é um caso. Cada caso é uma pessoa. Cada pessoa carrega em si um baú de experiências, um mundo de sentimentos. E um universo de possibilidades [...]. (GARDIN, 2013, p.57)

Esse estudo foi dividido em duas etapas. Na primeira etapa foi realizado uma investigação dos dados estatísticos para constatar o padrão de ingresso na USP, segundo os dados oficiais da FUVEST, apresentados nos capítulos anteriores. A segunda etapa se deu através de entrevistas, com o objetivo de, à partir do relato oral, compreender qual é a representação que os alunos, filhos de pais com baixa escolaridade e oriundos das escolas públicas, ingressantes na USP-LESTE, tem das dificuldades e condições para o acesso à universidade pública.

Essa pesquisa, inicialmente, tinha como proposta a abordagem dos alunos filhos de pais com baixa escolaridade, matriculados na Universidade de São Paulo (USP) como um todo, todavia, as dificuldades enfrentadas durante o percurso da pesquisa, para a obtenção dos sujeitos colaboradores, exigiram mudanças.

Dessa forma, houve a necessidade de um afinamento do grupo dos sujeitos da pesquisa, e somente os alunos oriundos das escolas públicas e filhos de pais com baixa escolaridade, matriculados na USP-LESTE, se constituíram como tal.

A Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH), conhecida também como USP-LESTE, localizada na região da Zona Leste da cidade de São Paulo, oferece dez cursos de graduação e Pós-Graduação.

Na graduação os cursos são: Educação Física e Saúde, Gerontologia, Gestão Ambiental, Gestão de Políticas Públicas, Lazer e Turismo, Marketing, Têxtil e Moda, Obstetrícia, Ciclo Básico e Ciências da Natureza. Na Pós-Graduação os programas são: Estudos Culturais, Gestão de Políticas Públicas, Modelagem de Sistema Complexos, Mudança Social e Participação Política, Sistemas de Informação, Sustentabilidade, Têxtil e Moda e Interunidades.

O ingresso na USP-LESTE é realizado pelo tradicional vestibular da FUVEST, onde os candidatos oriundos das escolas públicas podem utilizar o Programa de Inclusão Social da Universidade de São Paulo (INCLUSP). A instituição disponibiliza 1.020 vagas anualmente nos diferentes cursos oferecidos.

Encontrar os sujeitos colaboradores da pesquisa foi um desafio, portanto, não houve delimitação referente ao curso de graduação no qual o aluno estivesse matriculado, a única exigência era de que ele fosse filho de pai ou mãe que cursou até o ensino fundamental e não concluiu, e estivesse matriculado na USP-LESTE.

O foco da segunda etapa da pesquisa se concentrou na história de vida dos sujeitos colaboradores, para que, através da sua narrativa, com base na expressão das experiências vividas, ele pudesse revelar fatos que mostrassem sua compreensão frente à problemática abordada.

Estudar a história de vida dos sujeitos colaboradores, em minha opinião, se constituiu uma variável fundamental para a formulação do material de análise dessa pesquisa. A partir da relação estabelecida entre o material coletado pelas entrevistas e os dados estatísticos disponibilizados pela FUVEST, foi possível elaborar uma compreensão frente à discussão aqui proposta.

A história narrada pode constituir um material que, segundo Cardoso (1998), “[...] os historiadores não podem predizer o futuro (ou se enganam quando tentam), e não podem explicar o passado, mas só interpretá-lo.” (CARDOSO, 1998, p. 08)

Para se compreender uma instituição escolar, é fundamental que, além da análise dos documentos institucionais, das políticas públicas educacionais vigentes na época, seja considerado também como material de análise o relatos dos seus atores.

Para José Carlos Souza Araújo (2007) as pesquisas nas instituições escolares vão “[...] além de sua materialidade revelada em edifícios e para além de sua estruturação organizativa (de caráter espacial, administrativo e pedagógico) configuram-se com orientações diversas do ponto de vista ideativo.” (*Apud* ARAUJO, [s.d], NASCIMENTO *et al*, 2007, p. xi)

As instituições escolares são criadas para corresponderem às suas propostas iniciais, com base em ideais que geralmente expressam as crenças dos seus fundadores. Evidentemente, as propostas de uma instituição escolar podem, através do tempo, ou por

intervenções governamentais, se alterar, porém, esse processo se constitui a longo prazo, e pode contemplar embates e resistências.

O pesquisador com a proposta de analisar uma instituição escolar tem de considerar essas variáveis, para que possa, através da pesquisa empírica, revelar as mudanças históricas que se desvelaram no processo de análise.

Esse processo de pesquisa é semelhante ao trabalho do historiador, que não constrói a história, mas sim se apropria nos fatos, segundo uma escolha, para então interpretá-los. Para Saviani [s.d]: “O historiador também não constrói a história, mas é ele quem vai determinar os caminhos de uma pesquisa produzida na perspectiva da apropriação desse processo.” (*Apud SAVIANI, [S.D], NASCIMENTO et al, 2007, p. ix*)

A instituição se constitui por uma necessidade do homem, dessa forma, a tentativa de compreendê-la, não pode estar deslocada da sua relação com o social, visto que ela corresponde às necessidades do próprio homem. Conforme Saviani (2007):

As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pela relação entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que constituem como conjunto de agentes que travam relações entre si com a sociedade a qual servem. (NASCIMENTO *et al*, 2007, p.04)

Assim, propor uma análise de uma instituição, é sem dúvida se debruçar nos fatos históricos narrados pelos documentos oficiais, na reconstrução do momento histórico e político em que a instituição foi fundada e localizá-la no tempo e espaço, mas também é considerar o relato de seus próprios sujeitos, que através da narrativa da experiência resgatada pela memória, poderão contribuir imensamente para uma compreensão real do funcionamento e das propostas da instituição, fornecendo informações que muitas vezes não estão registradas nos documentos oficiais.

Uma forma de se estabelecer o resgate da prática institucional é através do relato oral de seus participantes, que através da narrativa podem criar uma malha de informação indispensável para uma compreensão mais profunda do objeto de análise proposto.

O objeto do historiador não é construído por ele, enquanto pesquisador. O que lhe cabe é construir o conhecimento do objeto e não o próprio objeto. E construir o conhecimento do objeto não é outra coisa senão reconstruí-lo no plano do pensamento. (NASCIMENTO *et al*, 2007, p.15)

Na direção da construção de um malha histórica institucional, o pesquisador, por meio da articulação entre os dados de documentos oficiais e os dados coletados a partir dos relatos orais e escritos, pode criar, com base nas suas interpretações, uma forma de compreensão do seu objeto de estudo. Evidentemente, essa forma de análise não se torna a única, mas se constitui como uma possibilidade de compreensão frente à verdade autoral do pesquisador.

Muitos pesquisadores concentram seu foco de estudos nos documentos oficiais, por considerar que o relato oral pode conter fatos que não, necessariamente, correspondem à realidade vivida pelo sujeito na instituição, visto que, a memória pode ser enganosa, e também por considerar que o ato da narrativa também contempla a reconstrução da experiência, o que pode alterar o constructo original da vivência.

A alteração dos fatos pode ocorrer por interferências biológicas, ações químicas que alteram a memória e, conseqüentemente, o conteúdo narrado, ou em uma perspectiva psicológica, pela presença de mecanismos de defesa.

Embora exista a possibilidade de alteração dos fatos pela narrativa, o relato de experiência, em minha opinião, se constitui como uma ferramenta importantíssima para a compreensão da análise de uma instituição. Cabe ao pesquisador encontrar os sentidos das narrativas, e encontrar os pontos em comum entre elas, para assim, propor uma forma de compreensão e entendimento frente ao objeto de estudo.

Segundo Farge [s.d.]: “não importa se os fatos que se tornam conhecidos são verdades ou mentiras; o que importa é que eles estão ali registrados por algum motivo. Cabe ao pesquisador questionar e descobrir qual é esse motivo” (*Apud* FARGE, [s.d], NASCIMENTO *et al*, 2007, p. 25).

Nesse estudo, analisei os dados coletados pela entrevista de uma forma singular, considerando os pontos em comuns e as histórias relevantes de cada colaborador, sem a pretensão de predizer um futuro ou criar generalizações infundadas, mas sim debruçar minha atenção aos fatos desvelados pela narrativa e interpretá-los segundo a base teórica deste trabalho.

3.1 O GRUPO DE ALUNOS ENTREVISTADOS

O grupo de alunos participantes da pesquisa são todos alunos regulares, matriculados na USP-LESTE, filhos de pais com baixa escolaridade. A escolaridade do pai e da mãe foi um delimitador do objeto de pesquisa, onde o pai ou a mãe do aluno colaborador deveria ter cursado somente até o ensino fundamental.

Inicialmente, o convite para a participação na pesquisa foi realizado por e-mail, enviado pela Pró-Reitoria da Graduação, para todos os alunos matriculados que aderiram ao Programa de Inclusão Social da USP (INCLUSP), conforme proposta inicial de análise dessa pesquisa, porém não obtivemos sucesso, não houve retorno dos alunos.

Assim, decidiu-se focar como objeto de pesquisa os alunos da USP-LESTE, e o convite para a participação na pesquisa foi realizado pessoalmente, em inúmeras visitas ao campus, com posterior agendamento das entrevistas, conforme disponibilidade dos próprios alunos.

Foi muito difícil encontrar os colaboradores que estivessem dentro do perfil delimitado pela pesquisa, mesmo assim, conseguimos conquistar cinco alunos, que gentilmente se disponibilizaram a participar, fornecendo uma entrevista de aproximadamente uma hora de duração.

Não houve seleção prévia do curso de graduação no qual o aluno entrevistado estivesse matriculado, portanto, os alunos são oriundos de cursos heterogêneos.

O sigilo da identidade dos alunos foi resguardado e todos os nomes citados neste trabalho são fictícios, para que não haja nenhuma forma de identificação dos colaboradores. Todas as entrevistas foram devidamente autorizadas. Os formulários de autorização assinado não foram anexados para que não houvesse identificação, pois eles continham os nomes reais dos entrevistados, os mesmo encontram-se arquivados com o autor.

O grupo de alunos entrevistados é composto por cinco participantes, duas mulheres e três homens, aqui identificados como: *Katya*, *Sérgio*, *Lúcia*, *Paulo*, e *Felipe*. Segue abaixo uma pequena descrição de cada um deles:

- 1) *Katya* é do interior de São Paulo, começou os seus estudos na rede de ensino público e, devido à baixa qualidade da escola, foi transferida pelos pais para uma

escola particular. Por não se adaptar à filosofia da escola particular, que era evangélica, retornou à uma escola estadual. (Ressaltou que essa escola estadual era a melhor da região). Concluiu o ensino fundamental e médio no ensino público. Filha de um serralheiro (pai), que estudou até a 7ª ou 8ª série (não se recorda bem) e depois abandonou os estudos. Relata que o pai voltou a estudar após algum tempo, assim concluindo o ensino médio. A mãe não concluiu o ensino fundamental e não retornou aos estudos (não forneceu a profissão da mãe, mas disse que é uma profissão que não exige formação). *Katya* está no curso de Obstetrícia, já no módulo final. Fez cursinho pré-vestibular e não utilizou o INCLUSP. Não participa de nenhum programa de assistência estudantil da universidade.

- 2) *Sérgio* é negro e vem da periferia da capital de São Paulo, da região da Zona Leste. Estudou sempre em escola pública. Seu pai estudou até a 8ª série e sua mãe até a 5ª série. Fez cursinho pré-vestibular antes de ser aprovado no vestibular da FUVEST. Utilizou o INCLUSP e faz o curso de Sistema de Informação. Participa de um programa de assistência estudantil da universidade.
- 3) *Lúcia* vem da periferia da capital de São Paulo, da região da Zona Leste. Estudou sempre em escola pública. A mãe é dona de casa e estudou somente até a 8ª série, nunca retornou aos estudos. O Pai era camelô e tinha estudado até a 6ª série, após algum tempo resolveu fazer um curso de bombeiro e retornou à escola, concluindo os estudos. Fez cursinho pré-vestibular. Utilizou o INCLUSP e passou no vestibular da FUVEST, no curso Sistema de Informação. Participa de um programa de assistência estudantil da universidade.
- 4) *Paulo* estudou sempre em escola pública. O pai era vigilante e atualmente está aposentado, estudou até a 7ª série e a mãe é dona de casa e concluiu o ensino médio. Fez cursinho pré-vestibular e utilizou a pontuação do INCLUSP no vestibular da FUVEST. Faz o curso de Gestão Ambiental. Participa de um programa de assistência estudantil da universidade.

- 5) *Felipe* é do interior de São Paulo. O pai estudou até a 8ª série e a mãe tem Pós-Graduação, trabalha como professora. Fez cursinho pré-vestibular antes de prestar o vestibular da FUVEST. Participou do INCLUSP e faz o curso de Sistema de Informação. (Está no início do curso). Não participa de nenhum programa de assistência estudantil da universidade.

Todos os alunos entrevistados são estudantes de escolas públicas. Uma entrevistada cursou parte do ensino fundamental em uma escola privada, mas todos os demais, incluindo ela, cursaram o ensino médio completo na rede pública de ensino.

Os sujeitos colaboradores relatam que a figura masculina (pai) se apresenta, na maioria dos casos, com menor escolaridade. A maior escolaridade da mãe pode estar relacionada com uma forma histórica de desigualdade, onde os homens das classes populares, desde muito cedo, eram inseridos no mercado de trabalho, assim abandonando os estudos.

É importante destacar que os alunos entrevistados se encontram nos mais diversos momentos da graduação, alguns no início da curso, outros no meio e outros no término, o que nos propicia uma boa compreensão do ambiente universitário desses alunos.

No momento do convite para a participação na pesquisa, houve um interesse imediato, por parte desses alunos, pelo objeto de discussão proposto, o que culminou na disponibilidade de compartilhar as experiências e conquistas vividas por eles no processo do angustiante vestibular, chegada e permanência na USP.

O ensino complementar tem sido um mecanismo muito utilizado pelos universitários para a quebra da barreira do famoso vestibular nas universidades públicas e nas universidades particulares, consideradas de primeira linha. Não é novidade que o cursinho pré-vestibular virou um negócio lucrativo, e que muitas famílias se desdobram para pagar as mensalidades para os filhos, com uma esperança de encontrar um ensino de qualidade após a aprovação no vestibular.

Os cinco alunos colaboradores dessa pesquisa realizaram o cursinho pré-vestibular, como forma de preparo para o vestibular da FUVEST. O cursinho pré-vestibular serviu para o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos na formação fundamental e média, assim, esses alunos se tornaram competitivos no acirrado vestibular da FUVEST.

Embora esses alunos tenham investido no cursinho pré-vestibular, todos relataram que são oriundos de famílias de baixa renda. Isso pode ser explicado pela crescente oferta de cursinhos pré-vestibulares voltados para alunos da classe popular, o que tem facilitado a entrada desses alunos nesse processo de competição, que é o vestibular.

A proposta de oferecer aos alunos de baixa renda uma oportunidade no injusto vestibular é fruto de algumas ações governamentais ligadas às instituições públicas que, muitas vezes, desenvolvem projetos sociais com o objetivo de preparar esses alunos para as exigências do vestibular. A própria USP e a UNESP são alguns exemplos dessas iniciativas, na medida que desenvolvem projetos sociais com o objetivo de preparar alunos da escola pública e baixa renda, para os vestibulares mais concorridos do Brasil.

Segundo a Pró-Reitora de Extensão da UNESP, Maria Amélia Máximo de Araújo: “Consideramos os cursinhos um dos projetos mais relevantes da PROEX. Ele existe graças à fundamental colaboração de alunos bolsistas e voluntários que se dedicam à inclusão social.” (UNESP informa, [s.p], [s.d.]).

É necessário considerar que existem ONGs e grupos privados que também desenvolvem projetos sociais nessa direção, que compõe um conjunto de ações na perspectiva da quebra da desigualdade social e acesso à educação.

Dentre os cinco alunos entrevistados apenas um relatou que a família teve uma grande influência para que ele entrasse na universidade, o que revela que os demais estabeleceram a conexão com a universidade por intermédio de outras figuras.

Assim, é fundamental, que haja maior informação do acesso à universidade pública, seja ela, pelos meios de comunicação, pelo incentivo dos professores, pela divulgação na própria comunidade, por ONGs, pela iniciativa privada e pública, o que concorrerá para uma efetiva ampliação do acesso à universidade pública.

A USP possui o Projeto Embaixadores, que divulga a Universidade de São Paulo para os alunos das escolas públicas, uma iniciativa que, na minha perspectiva, deve ser prestigiada, visto que integra a USP às camadas mais excluídas da população.

No grupo dos alunos entrevistados houve predominância na procura pelo ensino universitário público em oposição ao ensino privado. Para esses alunos o objetivo era entrar

em uma universidade pública, não só pelo ensino ser gratuito, mas, sobretudo, pelo ensino público no Brasil ser considerado de excelência acadêmica.

É interessante verificar que a maior parte dos participantes relatou que tentou o vestibular da FUVEST mais de uma vez, o que mostra uma persistência na busca pelo ensino público.

Em relação ao Programa de Inclusão Social da Universidade de São Paulo (INCLUSP), lançado em 2006, a maior parte dos alunos entrevistados utilizaram a bonificação fornecida pelo programa.

A USP, pressionada pela opinião pública e pelas ações governamentais, referente às políticas de cotas, em 2013, propôs uma reformulação do INCLUSP, com um percentual de bonificações mais significativo, para auxiliar a entrada dos alunos das escolas públicas na universidade.

Também é importante lembrar que não basta ampliar o acesso à universidade pública, mas criar projetos para a permanência desses alunos dentro da universidade.

O próximo item expõe a análise das entrevistas e as contribuições deixadas pelos singulares depoimentos desses alunos.

3.2 A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E AS COLABORAÇÕES DOS DEPOIMENTOS DOS ALUNOS

No Brasil, estamos em plena efervescência da discussão sobre o acesso à educação universitária, para as camadas mais pobres e grupos historicamente excluídos, com a criação das políticas de cotas e a ação do governo, na tentativa de alterar o perfil social dos alunos das universidades públicas.

A questão ganha uma dimensão maior quando comparamos a situação educacional do Brasil com a de outros países da América Latina, como por exemplo a Argentina, onde o sistema educacional público é para todos, sem a existência do vestibular, o que revela um

enorme atraso do Brasil frente aos direitos sociais, mais especificamente, ao direito à educação superior.

Os problemas educacionais nos países como Brasil, Chile e México, segundo Nara Maria Pimentel (2011), discutidos na conferência de abertura do "Fórum Internacional de Políticas Públicas de Educação na América Latina" envolvem:

No que diz respeito às lições apreendidas e aos desafios, vale a pena destacar a alusão à subordinação da política econômica dos governos, a exclusão social presente no mundo e na América Latina e as questões federativas como eixos fundamentais na configuração do quadro de políticas educacionais dos países em destaque. De forma geral, as consequências práticas do impacto dessas questões refletem claramente a redução e o desprestígio do governo federal em relação às políticas públicas para o setor público. (SILVA *et al.*, 2011, p. 64)

Segundo Peroni (s.d.), somente “[...] nos anos 1980, após décadas de ditadura, os movimentos sociais em geral e vinculados à educação, em particular, passaram a lutar pela democratização da sociedade e por direitos sociais materializados em políticas.” (PERONI, [s.d.], p.215).

Especialmente no Brasil, nas últimas décadas, tem ocorrido uma série de intervenções do Governo Federal, com a intenção de ampliar o acesso universitário, porém, muitas dessas iniciativas se materializaram em parcerias entre o público e o privado, como por exemplo, a criação do PROUNI. Recentemente (tem se notado) se verifica uma maior presença do Governo Federal no setor público com a criação de uma política de cotas.

De acordo com Cury (2008),

O avanço no ordenamento jurídico, evidentemente muito diferente e superior do que se conheceu no passado, o contínuo pleito dos educadores e cientistas por melhor educação e até mesmo o empenho dos governos até agora realizado, apesar dos avanços alcançados, não foram suficientes para fazer da inclusão um patamar de maior equidade na vida social. A realidade continua apresentando um quadro muito aquém dos benefícios que a educação desencadeia para o conjunto social e se encontra longe das promessas democráticas que ela encerra. A retração do Estado, forçosa em alguns casos, funcional noutros, não pode se efetivar em omissão diante de situações de desigualdade, disparidade, discriminação e privilégios. E nem pode exonerar-se do seu papel de garantia do direito à educação como inalienável à pessoa e

à sociedade. É dele, sobretudo, que a sociedade continua esperando condições para a ultrapassagem de situações de excludência, vindas do passado e aliadas a outras nascidas dos tempos presentes. (CURY, 2008, p. 219)

Com foco no setor público, essa pesquisa pretende compartilhar o relato das experiências de vida de alguns alunos da USP-LESTE, considerados da primeira geração, cujos pais, ou um dos pais, estiveram à margem do ensino universitário.

Katya, uma das alunas entrevistadas, do interior de São Paulo, relata que seu pai nunca tinha entrado em uma universidade antes “[...] ele nunca tinha entrado na UNICAMP... apesar de morar tão perto [...]” (anexo 5). A aluna se emociona em contar que os pais entraram pela primeira vez em um campus universitário, no caso, a Universidade de São Paulo, por intermédio dela.

Bourdieu defende que nas relações sociais com base nos bens de consumo, ou seja, ligadas às questões econômicas, se constrói um constructo simbólico de reprodução social, onde para muitas famílias, como a de *Katya*, a universidade esta alheia ao seu círculo social, nem que seja simplesmente para passear no campus.

Para Maria da Graça Jacintho Setton ([s.d.]“ É possível afirmar que Bourdieu tem uma concepção relacional e sistêmica do social. A estrutura social é vista como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais e/ou econômicas (salário, renda) como pelas relações simbólicas (*status*) e/ou culturais (escolarização) entre os indivíduos.” (Revista CULT, S/data)

Para *Sérgio*, aluno entrevistado, os pais não estabeleceram uma cultura escolar, para eles “[...] não existe essa cultura de Universidade... de estudar... estudar pra que? Estudar só pra trabalhar.” (Anexo 6).

Portanto, o universo universitário é assimilado não como constituição de direito, mas como uma forma de privilégio para algumas classes sociais, o que revela mais um forma de exclusão, que tem origem em problemas concretos de acesso e permanência à educação no Brasil, que se transpõe ao campo simbólico social.

Sérgio, sujeito colaborador da pesquisa, se referindo aos pais, explica: “[...] para eles é diferente... né? e é até hoje pra minha mãe... ela não entende algumas coisas... como assim?... passa de ano não passa de ano? ela tem essa idéia ainda de que é como o ciclo escolar [...]”.

Lúcia, uma das alunas entrevistadas, disse que os pais não estabeleceram nenhuma relação com a escola por questões econômicas. “[...] ele estudou até a sexta série... aí ele teve de parar na época pra ajudar a família dele... que era muito pobre e etc. [...] Ela [mãe] também saiu pra poder ajudar a família dela ((voz baixa)) questões de custos [...]”(Anexo 7).

Paulo, sujeito colaborador da pesquisa, revela que sua escolha em trilhar uma carreira universitária envolveu uma grande discussão familiar, o que pode estar relacionado com a falta de contato dos pais com a educação, visto que seu pai estudou somente até a sétima série.

Isso foi uma coisa meio complicada... eles ajudaram mesmo mas eu ((gagueja)) insisti bastante... eu mostrei muito que eu queria... é... mas... mesmo depois que eu entrei na... na universidade o... os meus pais sempre quiseram que eu trabalhasse junto... ou que eu... é... ((gagueja)) não sei... é meio difícil... eu tenho a impressão de que os meus pais... por eles não terem tido um ensino melhor... eles não entendem direito... qual que é o ritmo da universidade [...] (Anexo 8)

Paulo, ainda afirma: “[...] eles sempre me deram apoio... pra o que eu fizesse... o que eu queria... embora... é claro... muitas vezes a gente tenha entrado em conflito... nesses aspectos [...]”.

É possível compreender que, em muitos casos, a educação não se constitui como um constructo essencial familiar, mas sim, a constituição do trabalho, o que pode estar relacionado com uma forma histórica de exclusão. Não é possível esquecer que no Brasil, o acesso à educação, desde o Brasil Colônia, está ligado às camadas mais ricas.

Todavia, para *Felipe*, aluno participante da pesquisa, filho de pai que estudou até a 8ª série, a relação com a universidade se estabeleceu de uma outra forma. Embora o pai não tenha nenhuma relação com a universidade, sua mãe estudou na própria USP, ou seja, ela própria rompeu a barreira da exclusão, pois também veio de uma família simples.

Felipe explicita que devido ao fato de sua mãe ter estudado na USP, ela sempre o incentivou a procurar o ensino superior, ressaltando as vantagens de se estudar em uma universidade pública, considerada de excelência acadêmica.

Eu sempre ouvi falar que era melhor... né?... do que a particular... que o ensino era bem melhor... e ver... sabe?... eu não sei... isso me motivava... mas ver o diploma da minha mãe... da USP... lá... assinado que ela tinha feito o magistério pela USP... e aí ela fez em uma particular mesmo... mas ela fez uma pós-graduação em pedagogia... então eu via que aquilo tinha futuro... né?... e ela sempre colocava na minha cabeça que isso era uma escola boa... então eu fui atrás... né?... não foi só pelo que ela disse... eu fui atrás mesmo de ver a diferença de particular e pública... e todo mundo que eu conhecia que tinha feito escola pública... tinha se dado bem na vida... enquanto gente de escola particular... faculdade particular... alguns não tinham nem conseguido se formar... porque chegava no final e não tinha a certificação do MEC no curso... tinha sido tudo em vão... o cara não ia conseguir um campo de trabalho [...] (Anexo 09).

A relação que o aluno *Felipe* estabelece com a universidade, pode ter uma infinidade de sentidos que ela(mãe)/ele dá para a universidade, o interessante é perceber como este mecanismo se apresenta. Não se pode esquecer que a USP, conforme discutido nos capítulos anteriores, contempla uma construção simbólica de excelência acadêmica, criada e materializada no campo social, no decorrer dos anos.

Para a família do *Sérgio*, aluno da primeira geração, a universidade tinha um sentido muito diferente do que para a família de *Felipe*, cuja mãe havia cursado o ensino superior na USP.

Sérgio assim descreve a reação dos pais quando avisou que foi aprovado no vestibular da FUVEST: “Então não se falava de Universidade na minha casa... até quando eu passei aqui... as pessoas não sabiam qual era a importância daqui... 'ah você passou na USP?' passei... 'ah que bom' pronto [...]”.

Para *Katya*, aluna da primeira geração, a família teve um papel crucial na busca pelo ensino superior, embora os pais dela tenham baixa escolaridade. *Katya* relata que a procura por uma escola que fornecesse um ensino melhor, sempre foi uma preocupação da sua família (referindo-se à formação no ensino fundamental e médio).

Como eu sou do interior... é... escola particular não tem o mesmo valor que tem aqui na capital... então... e era um momento em que tavam chegando escolas particulares na minha cidade... até então só tinha uma escola... um internato... e quando eu entrei... inclusive a minha turma foi a primeira turma de ensino fundamental dois dessa escola... é uma escola Evangélica... o Instituto Batista Boas Novas... tem em todas as cidades... aí... é... eu estudei lá... eu acabei saindo porque eu não me adaptei com a metodologia mais religiosa... mais tradicional... e... voltei pro Estado... eu comecei a estudar

numa escola do Estado... a escola do meu bairro que era julgada melhor ou mais... é... mais eficiente... tanto pelo Estado... tinha lá um *ranking* das cinco melhores escolas do Estado quanto pela população que morava por ali... por todo mundo... é... aí eu estudei... eu fiz todo o resto do ensino fundamental e ensino médio nessa escola... eu nunca reprovei nenhum semestre... nenhuma série... é... e quando eu tava no ensino médio eu sempre tive esse desejo de fazer faculdade... não é?... era uma coisa que tava muito no meu pensamento... meus pais sempre incentivaram... mas é... quando eu cheguei no ensino médio eu decidi que eu ia fazer faculdade pública porque... porque eu não via sentido em pagar faculdade... e aí eu conversei com alguns professores... como essa escola que eu estudava era julgada de melhor qualidade a gente tinha professores muito bons [...].

A família da *Katya* é um exemplo de pais com baixa escolaridade que tendem a se preocupar com a educação, e que buscam no ensino privado ou público a melhor formação possível para seus filhos.

Tem se discutido muito a importância da família e da escola na formação do indivíduo. Sabe-se que de acordo com a teoria de Bourdieu a escola esta longe de ser o lugar da quebra das barreiras sociais, mas sim um local de manutenção e reprodução delas.

Pierre Bourdieu (2004) adverte: “[...] se esquece sempre que a escola, não é simplesmente o lugar onde se aprendem coisas [...], mas é também a instituição que atribui títulos, quer dizer direitos e confere-nos aspirações.” (BOURDIEU, 2004, p. 155).

Assim, é importante compreender como se desencadeia esse processo de ruptura das barreiras sociais de acesso à educação pública no Brasil, e localizar os alunos de primeira geração, para encontrar na história de vida desses alunos, os indícios de uma transposição das desigualdades, ou de uma superação delas.

Na maioria dos relatos dos alunos entrevistados, se desvela que a influência para a busca de um curso universitário não se constituiu no núcleo familiar, com exceção de *Felipe*, que se configurou por intermédio de sua mãe, nos demais casos foram por meio de vínculos externos, como por exemplo: um professor.

O conceito de família é muito amplo, nesse estudo trabalho com a ideia de que família, para além da forma tradicional, pai, mãe e filhos, constitui o grupo de pessoas que se vinculam entre si, desenvolvendo os papéis familiares.

O grupo familiar dos alunos entrevistados, em sua grande maioria, estava totalmente excluído do ambiente universitário (com exceção de *Felipe*), mas isso não foi um problema

para esses alunos, considerando que, por meio de outros vínculos, desenvolveram o interesse pela educação. É relevante também que, em alguns casos, os pais consideravam a educação como algo importante, embora não tenham para si a dimensão da experiência universitária.

Da fala da *Katya* é possível depreender que a educação sempre foi uma coisa importante para os seus pais: “[...] eles valorizam... até hoje eles valorizam o estudar e... o educar... eu acredito que seja porque eles não tiveram essa condição de estudar... assim... eles não seguiram a carreira... a questão dos meus pais... eles vieram de famílias simples [...]”.

Já para *Sérgio* a família: “[...] não... não teve nenhuma relação... eles não tinham nem condições de saber como me apoiar nesse sentido.. foi uma iniciativa totalmente minha [...]”. Para ele o interesse pela educação surgiu por intermédio da escola “[...] na minha escola tinha um ou dois professores que cativavam bem os alunos... que faziam os alunos ter interesse... eram dois professores, inclusive, de Matemática... mas fora isso era... não motivava muito [...]”.

O incentivo desses dois professores da escola pública que *Sérgio* frequentou e a participação em um projeto social da Prefeitura de São Paulo foram decisivos para despertar seu interesse pelo ensino superior.

É... de início tem os projetos de... da Prefeitura lá no meu bairro... lá tinha um projeto de Informática... foi onde eu tive contato com computador... essas coisas... e dali eu me interessei pela Área de Informática e fui buscar aprender... até aonde eu poderia chegar... aí eu fui pesquisando... já com uns quatorze anos... treze anos... e vi que eu poderia fazer uma Faculdade pra me especializar... o que é bem diferente do que eu vejo hoje... né?... mas naquela época com aquela visão que eu tinha aquilo já era um começo... pra onde eu ia enxergar um caminho... pra onde eu deveria seguir... né?

O caminho para a universidade percorrido pela aluna participante *Lúcia*, passou pela indicação de uma amiga para um curso técnico, e nesse curso, como por acaso, ela ficou sabendo da USP.

Uma iniciativa minha... porque... os meus pais... assim como eu eles não sabiam de nada... é... na verdade eles não sabiam nem desse curso técnico... então... esse curso técnico foi só um... como posso dizer?... foi uma coincidência... porque minha amiga falou... “preciso fazer uma inscrição ali”... “vamo comigo?”... aí eu fui... tava com o RG na bolsa... só precisava do RG e me inscrevi também... e acabei passando e ela não... então... é... foi tudo ao acaso... não foi nada procurado... aí... quando eu soube da existência

da... USP e tal... e eu soube do conceito que ela tem... eu falei “não... eu quero entrar”... aí eu fui atrás do cursinho [...]

Para Bourdieu pondera que existem os acidentes de percurso, como por exemplo, o descrito no relato de *Lúcia*, a aprovação no curso técnico, que desencadeou uma abertura de possibilidades para ela, até então desconhecidas.

No caso do *Paulo* a influência para entrar na universidade veio de um programa educacional da TV, porque esse programa despertou nele, desde pequeno, a vontade de ser cientista.

Então... isso é uma coisa que eu queria desde bem pequeno... desde... desde criança... eu via muito a TV Cultura e... programas voltados pra ensino de ciências... aquelas coisas de criança mostrando... coisas sobre o ambiente... sobre animais... e... eu acho que foi desde aí... quis... é... estudar mais... aprender mais... ir pra universidade... é... desde pequeno que eu ia ser cientista... eu quero seguir carreira acadêmica [...]

Como já foi mencionado, para *Felipe*, a motivação se encontrava na própria casa: “[...] desde pequeno eu tive essa influência.. né?... de querer sempre chegar... pelo menos... numa USP... numa UNICAMP... que era pra... poder ser igual a minha mãe... né?”.

Segundo Dessen e Polonia (2007), da Universidade de Brasília, a escola e a família: “são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente.” (DESSEN; POLONIA, 2007, p.22).

A família pode ser entendida como um sistema, e nessa pesquisa tem se discutido a influência dos pais no processo de escolarização dos filhos, porém, o caso da aluna participante *Lúcia* é um exemplo de como os filhos podem influenciar os pais na busca pela educação.

Dois mil e nove ele [pai] era vendedor ambulante... aí depois... ele... eu acho que... me viu fazendo todas essas coisas... meio que ele “acordou” também... e foi fazer um curso de bombeiro civil... e aí hoje ele trabalha... ele dá aula hoje... sobre primeiros socorros... salvamento em altura e etcetera... tipo...

hoje... ele é realmente... ele tem uma profissão... ele trabalha numa empresa privada... tá pensando em abrir a empresa dele... certo [...]

Após o rompimento da primeira barreira simbólica à universidade pública, ou seja, a absorção da compreensão de que a universidade pública é de todos, e de que ela pode ser uma possibilidade para um curso de graduação de qualidade, os alunos da primeira geração, tem de passar pela barreira do vestibular.

Todos os alunos entrevistados nessa pesquisa foram estudantes de escolas públicas, e conforme discussões realizadas nos capítulos anteriores, a escola pública, embora não se possa generalizar, tem se mostrado pouco eficiente em preparar os alunos para o disputado vestibular das universidades públicas e federais. Tal afirmação se apoia em estatísticas da FUVEST, que apresentam um número muito inferior de estudantes da escola pública, que logram ingressar nessas universidades, comparados com o número de estudantes da escola privada.

As Universidades Federais já utilizam a nota do ENEM como forma de seleção, desconfigurando o injusto vestibular.

Embora, estejamos em um momento de transição devido às ações do Governo Federal, as Universidades Estaduais utilizam o vestibular tradicional, como a única forma de seleção, e não aderiram às políticas de cotas, desenvolvendo seus próprios programas de inclusão social, como no caso da USP, o INCLUSP.

A representação que os alunos, filhos de pais com baixa escolaridade e oriundos da escola pública, ingressantes na USP-LESTE, tem das dificuldades e condições para o acesso à universidade pública é o ponto central dessa pesquisa.

De todos os relatos dos entrevistados se extrai que, enfrentar o vestibular da FUVEST, foi um grande desafio, que exigiu muita persistência e dedicação. Nenhum dos alunos passou na primeira vez, muitos deles mudaram a opção do curso, outros, mesmo aprovados em universidades privadas, não realizaram suas matrículas, porque queriam o ensino público.

Para *Katya*, aluna participante, o vestibular

É ridículo isso... mas eu acho que... é... “meritocracia”... como o vestibular é imposto hoje... não... sei lá... é um jeito de avaliar que tem trajetórias diferentes... né?... eu tive uma trajetória... os meus amigos que estudaram em outras escolas tiveram outras trajetórias... mas a gente foi avaliado do mesmo jeito... talvez... é... pra mim não funciona... pra mim é um jeito de avaliar que

não avalia corretamente... é uma avaliação pontual e de... vestibular é totalmente pressão e exclusão... né?... e é tão longe de pessoas do Estado... que vieram do Estado... que a maioria nem presta... e... eu acho que pra começar que não avalia justamente... né?... é um método de avaliação não justo... porque avalia do mesmo jeito pessoas que têm trajetórias diferentes... e pra terminar... que... que... também diminui as pessoas... né?... o pós-vestibular é muito traumático... pra quem prestou vestibular... sabe que essa é a pior fase da vida... né? o pós-vestibular... cê sabe que quando você saiu da prova e você não fez... que você fez dois pontos a menos da sua “nota de corte”... é trágico... é péssimo... pra sua autoestima... você se sente o pior lixo da Humanidade [...]

Sérgio, sujeito colaborador, revelou que, para ele, o cursinho pré-vestibular foi uma forma de driblar o vestibular da FUVEST. Ele fez um curso oferecido por uma entidade privada, e ressalta: “[...] não era pago... eles inclusive pagavam pra gente poder estudar [...]”

A aluna participante *Lúcia* teve de arrumar um emprego para manter o cursinho pré-vestibular, porque seus pais não podiam arcar com os gastos. Ela explica:

Aí tinha aquela questão que... na época... como meu pai... ele tava trocando aí de carreira... de... etc.... então... é... a gente não tinha esse dinheiro pra pagar o cursinho mesmo que fosse sei lá... duzentos reais por mês... então ((riso)) a primeira coisa que eu tive de fazer foi arranjar emprego... porque não tinha na época como os meus pais trocarem me manterem... questão de passagem... alimentação... e ainda a mensalidade do cursinho... então eu arranjei um emprego e entrei no cursinho... no primeiro ano... aí então eu fazia o ensino médio à noite... e trabalhava durante o dia e fazia cursinho aos sábados... e durante as tardes tentava estudar as matérias do cursinho... só... ahn... aí no ano seguinte eu fiz quase a mesma coisa... mas trabalhei até o meio do ano e depois eu pedi demissão e fui só estudar integralmente meio que seis meses antes do vestibular... aí foi que eu consegui passar na faculdade [...]

Paulo, como os demais entrevistados, sempre teve como foco a universidade pública, fez o cursinho da POLI (pago) e prestou “[...] a FUVEST... de dois mil e nove... que eu não passei... e aí eu prestei em dois mil e dez... e eu passei [...]”. Ele acrescenta: “[...] eu... tinha... isso eu tinha bem claro... já... há bastante tempo... que se eu fosse... se eu fosse fazer universidade... eu ia fazer... estudar numa universidade excelente... então... eu coloquei a USP como meta [...]”

Felipe, sujeito colaborador, assim descreveu sua experiência:

Eu prestei engenharia na POLI... mas eu não tive preparação nenhuma... é aquilo... eu vim... com a bagagem da escola pública... e foi... o período do vestibular foi muito conturbado... porque... foi a época que eu tava terminando o TCC do meu técnico... foi a época das provas finais... e como eu não tinha base... eu... apanhei bastante... na escola... então... é... eu não digo que eu era o aluno mais esforçado... mas eu tinha que dar uma dedicação extra pra eu conseguir acompanhar no começo... então eu peguei a semana final... pra me formar no médio... o TCC do técnico... e aí o vestibular... então não deixei preparação nenhuma pra o vestibular... então eu acabei não passando... aí dessa segunda vez... eu pensei estudar por conta... né?... eu não ia pagar o cursinho... mas aí minha namorada me motivou a fazer isso... daí eu fui... a gente estudou sempre junto... né?... então um sempre apoio o outro... aí eu consegui na segunda vez [...]

No Brasil, a obtenção de um diploma universitário pode ser entendida como um veredicto de sucesso escolar e social que, de um lado, cria uma perspectiva de futuro de sucesso para aquele que obtém o título e, de outro, um atestado de incompetência escolar e social, para aqueles que não o tem. (ALMEIDA, 2009. Pag. 16)

Nessa perspectiva, muitos jovens, aqueles que quebram a barreira simbólica da exclusão, ou seja, que rompem com a ideia de que o espaço universitário não é para eles, procuram na educação uma possibilidade de mudança social.

Na ótica de *Sérgio*, aluno participante, os projetos de inclusão social são: “[...] muito bons, no sentido de enxergarem que há pessoas que ainda tem defasagem... ou não tiveram como se preparar tão bem [...]”. Ele completa: “[...] se não tivesse o cursinho não teria conseguido entrar... ou demoraria algum tempo a mais pra ter entrado [...]”.

Sérgio, afirma “[...] a universidade pública... que é o caminho que eles... que eu acredito que eles deveriam tentar seguir... já que as condições financeiras não ajudam... eles deveriam tentar uma Universidade Pública... mas eles não enxergam essa possibilidade! (frase exclamativa) [...]”.

A afirmação de *Sérgio* revela uma forte contradição no Brasil, onde a universidade pública deveria ser um espaço de todos, o que, infelizmente, neste momento, não é uma realidade, visto que as universidades públicas ainda contemplam, em sua maioria, os alunos da rede privada de ensino. Esse fato reitera as desigualdades sociais que sempre marcaram a história do Brasil, e mudar essa realidade exige um processo à longo prazo, para que essas desigualdades se amenizem.

Katya, aluna participante, ponderou sobre a entrada no ensino superior público: “[...] não deveria ser enxergado como uma conquista... no Brasil é sempre uma coisa a mais... uma pessoa que é graduada é 'oh' da sala... da turma... né?... o pessoal... a minha turma de ensino médio quase que toda fez faculdade... já concluiu inclusive... mas é... poucas pessoas escolheram estudar na universidade pública.”

No trabalho "Características dos ingressantes de universidades públicas do Estado de São Paulo: novos *campi*, velhas desigualdades?" (2009), Barreyro e Aureliano analisaram as políticas públicas de acesso ao ensino superior, em determinadas instituições em São Paulo, e concluíram que as políticas ampliaram as vagas, mas não o acesso à universidade.

Os alunos da classe popular buscam, geralmente, o ensino superior privado, pela facilidade de acesso. *Sérgio*, sujeito colaborador, ao se referir sobre os jovens da sua comunidade, expressa: “[...] geralmente é comum eles enxergarem a Universidade paga... particular [...]”.

Para a aluna participante *Katya*, a busca por uma universidade pública, ou, por uma universidade privada não se constitui como uma escolha.

Mais engraçado... é que sempre converso com as pessoas e que não é uma escolha... é... não é uma possibilidade de uma escolha... entre... eu ter muitos amigos que eu revejo sempre do ensino médio... assim... eram três salas de quarenta alunos... cerca de cento e vinte alunos e... dois... duas amigas escolheram estudar em universidade pública.

Segundo Bourdieu (2004), a escola é um espaço que fornece, além do conhecimento, uma série de atribuições que se materializam no campo simbólico. Assim, a própria instituição contempla em sua figura física, projeções sociais de cunho inconsciente que atribuem à ela valores estabelecidos pela sociedade, e que podem torná-la também simbolicamente excludente.

No Brasil, se estabeleceu que o ensino público superior é de excelência acadêmica e que o ensino superior privado é desvalorizado. Dessa forma, se atribui ao diploma da universidade pública um valor simbólico de superioridade, em relação ao diploma da universidade privada.

Essa relação entre o público e o privado não é uma novidade, e se apresenta bem arraigada no campo social brasileiro. Para muitos alunos da classe popular a Universidade de São Paulo, não é considerada como opção. Como explicitou o sujeito participante *Sérgio*: “eles não têm ideia... quando você pergunta pra algum deles se eles querem fazer alguma Universidade... eles querem... mas eles não imaginam que eles possam passar na USP.”

A implementação da política de cotas, nos últimos anos, já discutida nos capítulos anteriores dessa pesquisa, tem gerado uma ampla discussão de grupos conservadores, que criticam a política de cotas, com o argumento de que a absorção de alunos menos preparados no vestibular, ocasionaria uma baixa na qualidade do ensino universitário público.

A aluna colaboradora *Lúcia*, participante do INCLUSP — que defende as políticas de cotas — relata: “[...] eu passei pra segunda fase do vestibular graças ao INCLUSP... e não é porque o INCLUSP que me passou... vai... pra segunda fase do vestibular... que hoje eu sou uma aluna defasada na universidade... muito pelo contrário [...]”.

Lúcia acrescenta sobre a implementação das cotas para alunos de escola pública:

[...] porque é um ensino muito defasado... as pessoas que estudam em escolas particulares não tem essa noção... não tem a noção do que é viver onze anos nessa vida... tendo aulas vagas todos os dias... sendo... é difícil você sair no seu período de aula ao meio dia... é muito difícil... isso acontecer... é... e realmente é muito ruim... as pessoas... é que aqui eu encontro muito pouco pessoas que são de escola pública... as pessoas de escolas particulares falam... quem estuda diz ... “mas isso na escola particular tão ruim quanto na escola”... não... não é... então aluno de escola pública tem sim uma grande desvantagem no vestibular [...]

Em relação às cotas e aos programas de inclusão social, *Lúcia*, destaca: “[...] essas cotas têm de continuar... sinceramente eu acho... porque o ensino público não supre direito [...]”. *Sérgio*, aluno participante, reitera “[...] ainda é muito difícil o acesso... é muito restrito... restrito pra quem tem o conhecimento... e pra quem tem acesso aos meios de conhecimento.”

O sujeito colaborador *Paulo* considerou que a pontuação do INCLUSP não foi crucial para a sua aprovação no vestibular da FUVEST, mas se inscreveu e participou do programa “[...] eu fiz cinquenta e seis... com... com o aumento... eu acho que eu fui pra... sessenta... sessenta e um... então... acabou não fazendo a diferença [...]”.

No entanto, ele compreende a importância dos programas de inclusão, como o INCLUSP, para muitos alunos: “[...] mas... pra muita gente faz diferença sim... é questão de vida ou morte... pra muitos [...]”.

O curioso é que *Paulo* (Porém) se posiciona contra a política de reserva de vagas, para alunos da escola pública, o que, em certo sentido, é uma posição contraditória da sua parte, sendo ele ex-aluno de escola pública, estudante da universidade pública e participante do INCLUSP:

Eu acho que o... esse sistema de cotas pra estudantes de escola pública... desde que ele seja feito com algum acréscimo... mas não muito grande... ele é... é... positivo... mas... isso de destinar... é... uma porcentagem... uma porcentagem xis de vagas pra alunos... eu mesmo sendo aluno de escola pública... de universidade... de escola pública... é... eu sou contra... porque... eu acho que muitas vezes isso acaba baixando o nível... o nível de... o nível dos alunos da universidades... porque o aluno chega pra universidade sem um certo preparo [...]

Katya, aluna participante, é incisiva quando aborda a discussão em torno da queda da qualidade do ensino universitário público, devido à absorção de alunos oriundos das escolas públicas:

Eu não acho que diminui o nível da universidade ((riso))... sinceramente... é assim... claro que no primeiro ano ali... eu tive cálculo... até hoje eu tenho muita matéria exata... né?... o meu curso é exato... e existiam algumas coisas ali nos primeiros cálculos... cálculo... que era... quase ensino médio... e me pegaram... mas você corre atrás do estudo e aprende... então vai da dedicação da pessoa... se a pessoa não se dedicar... assim como tem muito aluno que veio dos melhores colégios particulares do Brasil e que bombam loucamente todas as matérias... várias vezes... os alunos de escola pública têm a mesma chance... porque... tipo... o conteúdo tá ai pra você estudar... vai da sua dedicação... então quando entra aqui... claro que uns têm uma bagagem a mais outros tem uma bagagem a menos... mas meio que você faz um nivelamento... porque aqui você vai conseguir pelo seu esforço e não pelo o que você já trouxe... o que você já trouxe as vezes ajuda [...]

Paulo, sujeito colaborador, justifica seu posicionamento contrário às cotas, por acreditar que os alunos cotistas teriam maior probabilidade de evasão: “[...] o que eu vejo... é que sim... muito alunos conseguem entrar só por causa... desse acréscimo de pontuação... mas em contrapartida... isso acaba trazendo uma evasão maior de alunos.”

É necessário compreender que a evasão, muitas vezes, está relacionada à questões financeiras, dessa forma, é uma responsabilidade social e dever do Estado garantir o acesso à educação do aluno cotista na universidade, como também sua permanência.

A aluna colaboradora *Katya* revela que, após ter sido aprovada no vestibular da FUVEST, pensou em não fazer a matrícula, porque teria de sair do interior e isso geraria gastos.

Vir pra São Paulo incluía um monte de outras coisas... financeiramente mesmo... que me fez pensar em desistir até o dia da matrícula... até o primeiro dia de aula... assim... e... mas os meus pais me deram muita força... meu pai principalmente... ele me trouxe pra fazer a matrícula... no dia da matrícula ele começou a procurar casa pra eu morar... república... e eu nunca imaginei ((voz com emoção)) que os meus pais fossem aceitar tão bem eu sair de casa assim... naquela idade... como eles aceitaram assim... eles estimularam, inclusive.

O aluno participante *Felipe* expressa sua opinião sobre as cotas: “[...] eu sou de uma opinião... não sei... eu vejo muita gente falar das cotas... e que o vestibular serve só pra barrar a entrada... mas eu sou da opinião de que é ele que faz a universidade... porque ela é pública... mas se qualquer pessoa pudesse entrar... eu acho que acabaria se tornando igual a uma escola estadual... onde qualquer pessoa pode entrar... então quem entra não dá valor [...]”.

Felipe, em sua fala, deixa transparecer uma concepção contraditória sobre o público e o privado, ao dizer: “[...] porque ela é pública... mas se qualquer pessoa pudesse entrar...”, considerando que o conceito de *público* abrange uma percepção de *para todos*.

Felipe complementa: “[...] então eu senti que a pessoa que entrou aqui no vestibular... foi a pessoa que se esforçou... então ela vai dar valor a faculdade... se ela dá valor... ela se esforça... se ela se esforça ela mostra que ela é boa... então é isso que faz a faculdade... não são os doutores que dão aula só... são porque os alunos justamente... passaram pela fase difícil que foi a FUVEST... eles têm a vontade de se dedicar aqui... eles não querem botar isso a perder... então [...]”.

Pode-se interpretar que *Felipe* está relatando sua própria experiência sobre as dificuldades enfrentadas no processo do vestibular, até sua conquista e entrada na Universidade de São Paulo.

É possível inferir que as dificuldades de acesso vividas por ele foram tão grandes que a aprovação no vestibular da FUVEST se constituiu uma recompensa do seu esforço, agregando um valor simbólico à esse lugar conquistado.

Bourdieu (1997) pontua que o espaço escolar reproduz o espaço social de desigualdades “[...] das coisas que se faz e que se faz porque se fazem e na verdade sempre se fez assim.” (Bourdieu, 1997, p. 123).

Sobre as cotas raciais, o aluno colaborador *Felipe*, assim se manifestou :

Eu acho que elas devem existir até certo ponto... eu concordo com as cotas de escolaridade pública... porque eu vivi elas... então eu sei que um aluno de uma escola particular tem uma preparação melhor... então eu acho que enquanto a universidade... a escola pública não tiver o mesmo nível de ensino de uma particular... esses alunos de escola pública merecem sim um cota... agora eu não sei... a cota racial pra mim... não compensa os erros que foram do passado... então... não é por uma pessoa ser negra que ela merece ter cinquenta por cento das vagas... que ela merece ter uma pontuação a mais do que a minha... a cor da pele da gente não mostra a dedicação que a gente teve pra entrar ali... né?

Para a aluna participante *Lucia*: “[...] é discriminação explícita de você não deixar os alunos de escola pública entrarem porque o... a qualidade vai cair... se a qualidade vai cair aí já é um problema do governo de aumentar a qualidade da... do ensino de base... entendeu? você não pode restringir o acesso dos alunos de escola pública só porque eles não estão capacitados... então... capacite eles...”.

As experiências dos alunos aqui relatadas revelam que a representação que eles têm das dificuldades de acesso ao ensino educacional público, ainda são grandes, o que conduz à percepção de que as políticas de inclusão são necessárias para que, em um processo à longo prazo, as barreiras se amenizem e de fato se tenha uma educação para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecer como objeto de análise a instituição USP é considerar, como propõe a teoria de Pierre Bourdieu (2004), a história objetiva, ou seja, os mais de 75 anos da Universidade de São Paulo dedicados à construção do conhecimento, como também a história introjetada, que corresponde ao conteúdo inconsciente, construído socialmente, que atribui à USP, um conceito de universidade de elite acadêmica.

Desde a sua fundação, tanto a USP e quanto a elite paulista estiveram conectadas, construindo e mantendo uma forma de pensar, ligada às necessidades, principalmente, da elite. No decorrer dos anos, a USP se tornou um centro de referência acadêmica, caracterizada pelos melhores alunos, selecionados pelo rigoroso vestibular da FUVEST, e por um padrão sócioeconômico de classe média e classe média alta.

Nas últimas décadas, especialmente, no mandato do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a educação voltou a ser pauta de discussão política, e se iniciou o que tem sido abordado pela comunidade acadêmica, uma nova reforma universitária no Brasil.

Desde então, o Governo Federal tem desenvolvido ações com a intenção de ampliar o ensino superior, com a criação de parcerias público/privadas, com a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais, ampliação de vagas nas universidades públicas e novos *campi* e universidades.

Essas ações têm ampliado e diversificado o público universitário, contudo, se verifica uma enorme crescente da ampliação do ensino privado superior, em comparação ao ensino superior público.

Essas iniciativas governamentais tem trazido a cultura universitária aos alunos até então excluídos do círculo superior educacional e, em muitos casos, tem se notado a presença de alunos denominados da primeira geração, ou seja, alunos universitários de famílias que não tiveram nenhuma relação com o ensino superior anteriormente.

Para garantir o acesso à educação superior aos setores mais excluídos da sociedade, o Governo Federal vem desenvolvendo algumas políticas. A Presidente Dilma Rousseff, reforçou as ações criadas e desenvolvidas no governo do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da

Silva e sancionou a lei de políticas de cotas nas universidades federais, com a reserva de vagas de 50% para alunos oriundos das escolas públicas, negros pardos e indígenas.

A discussão sobre a política de cotas se tornou ampla e setores conservadores da sociedade se posicionaram contra essas políticas, defendendo uma ação baseada no mérito escolar. As universidades estaduais se reportam às leis estaduais e não aderiram à política de cotas do Governo Federal, no entanto, desenvolveram seus próprios programas de inclusão.

No caso da USP, foi implantado, desde 2006, o INCLUSP, programa que fornece ao aluno participante, de acordo com a pontuação no vestibular da FUVEST, um acréscimo percentual para aumentar as chances dos alunos das escolas públicas na aprovação do vestibular.

Os dados estatísticas oficiais do vestibular da FUVEST dos anos de 2008, 2009 e 2010, mostraram que somente em 2009 o percentual de alunos oriundos das escolas públicas chegou a 30% dos alunos matriculados.

Após 2009 e até 2013, conforme análise dos dados estatísticos da FUVEST, o número de alunos da rede pública de ensino diminuiu, estando bem inferior às metas de 50% de reserva de vagas para os alunos das escolas públicas nas universidades federais.

O percentual de alunos oriundos da rede privada na USP chegou à 70,1%, em 2010.

A partir dos dados apresentados, se pode afirmar que a Universidade de São Paulo tem como padrão os alunos oriundos da rede privada de ensino.

A política de cotas poderia ser uma forma de diminuir as desigualdades e, em um processo à longo prazo, reverter esse padrão, estabelecendo uma cultura menos desigual no acesso ao ensino superior.

Contudo, se faz presente na USP uma forte resistência às políticas de cotas e uma tentativa de investir no INCLUSP, como forma de romper as desigualdades de acesso. O INCLUSP tem ajudado uma gama enorme de alunos, desde a sua criação, mas efetivamente não tem superado o percentual de 30% de alunos das escolas públicas, o que revela a necessidade de se repensar a efetividade desse programa de inclusão.

No ano de 2013 a USP, pressionada pela opinião pública, reviu a bonificação do INCLUSP, que pode chegar até 20% de acréscimo. Vamos apostar que essa mudança traga pontos positivos e o padrão de ingresso na USP se altere.

Penso que a política de cotas é o programa interventivo mais democrático de inclusão, visto que essa política faz a reserva de 50% das vagas em todos os cursos e turnos. Em contrapartida, a bonificação do INCLUSP pode garantir o acesso à USP, mas poderá ainda concentrar um padrão socioeconômico relativamente alto nas profissões mais disputadas, como medicina, engenharia, jornalismo, entre outras.

Pierre Bourdieu, ao se referir ao processo de democratização do ensino superior na França, afirmou que a reprodução social se configura no processo de democratização do ensino francês, quando o estudante da classe popular é incluído em cursos desvalorizados, reproduzindo um processo camuflado de desigualdade.

A criação de universidades mais periféricas, com cursos socialmente menos disputados, pode ser um indício de uma inclusão camuflada, que pretende concentrar o conhecimento atrelado ao poder econômico de uma classe dominante.

Assim, defendo a política de cotas, visto que ela garante a inclusão em todas as instâncias, desde grandes centros até a periferia. O argumento referente à queda da qualidade do ensino, com a inclusão de alunos cotistas, não se sustenta, no meu ponto de vista, porque a universidade tem meios de garantir o nivelamento dos alunos, e tem em seu escopo a obrigação de garantir um ensino de excelência.

As entrevistas revelaram as dificuldades de acesso e as barreiras simbólicas de acesso à USP. Conforme o relato dos colaboradores, constata-se o enorme investimento pessoal na tentativa de romper com a defasagem do ensino público fundamental e médio, e a busca por cursos de ensino complementar.

Ficou claro, com base nos dados oficiais da FUVEST, dos anos de 2011, 2012 e 2013, que em se tratando dos alunos da primeira geração, o índice de inclusão, nos anos citados, foi bem pequeno na USP, com destaque para o ano de 2013, que foi o ano de maior inclusão com 7%.

Em consideração ao foco de estudo desta pesquisa que foi a trajetória escolar de filhos de famílias com baixa escolaridade, definida por: qual a representação que os alunos, filhos de pais com baixa escolaridade e oriundos da escola pública, ingressantes na USP, tem das dificuldades e condições para o acesso à universidade pública?

Tendo como base a hipótese de que os alunos constroem a representação sobre o acesso à universidade como um processo ainda limitado em que pese às políticas de inclusão, ou seja, compreendem que há um processo de melhoria no acesso, mas não de sua democratização.

Nesta direção os dados qualitativos demonstraram que a nossa hipótese inicial estava correta, sendo que, através dos relatos dos colaboradores, foi possível perceber o enorme investimento pessoal na busca pelo ensino superior público e que, mesmo com as políticas de inclusão, as dificuldades ainda foram grandes, o que nos faz pensar em novas formas de garantir a democratização de acesso do ensino público, especialmente na USP.

Também se pode verificar que para a grande maioria dos entrevistados o suporte familiar não foi essencial para que os alunos colaboradores buscassem a universidade pública. Percebe-se sim que o suporte quando não oriundo das relações familiares, foi estabelecido por outra figura, seja ela, um professor, um programa social, etc.

A escolha entre a universidade privada e pública, neste grupo de entrevistados, não foi uma variável, visto que, estes alunos estavam focados em realizar uma graduação no ensino público, não só pelas questões econômicas envolvidas, mas também pelo *status* de excelência acadêmica que a universidade pública possui.

Constata-se que a família dos entrevistados após a aprovação no vestibular, em alguns casos, por não terem nenhuma relação com o ensino superior, não atribuíam o sentido que geralmente esta vinculado a USP de excelência acadêmica e *status* social. Porém verifica-se que, em outros casos, os pais mesmo sem relação com o ensino superior valorizaram a aprovação na FUVEST e ofereceram suporte aos filhos, como por exemplo na busca de uma república, no caso de *Katya* que veio do interior do Estado.

Verifica-se que a escolha do curso universitário sofreu adaptações, seja ela em decorrência das dificuldades do vestibular da FUVEST, relação candidato-vaga-, como no caso de *Felipe*, que de engenharia no campus Butantã resolveu fazer Sistema de Informação na USP LESTE.

As entrevistas claramente revelaram as dificuldades, e as barreiras simbólicas de acesso à USP. Não se pode deixar de frisar o enorme investimento pessoal dos entrevistados na tentativa de romper com a defasagem entre o ensino público fundamental e médio e a busca por cursos de ensino complementar. Porém nota-se que os alunos entrevistados estavam extremamente adaptados ao cotidiano universitário e não demonstraram nenhuma questão relevante que apontaria que os alunos de escola pública estariam em uma condição de defasagem no rendimento escolar universitário perante os alunos oriundos do ensino privado.

A fala dos entrevistados revelou que eles tem dificuldades em determinadas disciplinas, especialmente nas ciências exatas, mas nada que revelaria uma condição especial a estes alunos, até por que, sabe-se que as dificuldades de aprendizagem nas ciências exatas não são de exclusividade de alunos do ensino publico.

Os relatos das entrevistas dos alunos colaboradores reafirmam a realidade exposta pelos dados da FUVEST e expõe, traduzido em relato de vida, a marca da desigualdade no acesso a USP.

É necessário considerar as limitações desta pesquisa, que devido às dificuldades de encontrar os sujeitos inicialmente indicados para a entrevista, teve uma amostra reduzida para a etapa empírica deste trabalho.

Porém, foi possível constatar através dos dados quantitativos e qualitativos que à USP necessita repensar e reformular suas propostas de inclusão para então garantir o acesso das camadas mais excluídas á USP.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, L. *et al.* Reforma Universitária no Brasil: uma análise dos documentos oficiais e da produção científica sobre o REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. In: X COLOQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITARIA EN AMÉRICA DEL SUR. Mar del Plata. 2010. **Balanço e Perspectivas da Educação Superior na América do Sul**. Argentina, 2010. Disponível em: <<http://www.inpeau.ufsc.br/coloquio10/>> Acessado em: jan. 2012

ALMEIDA, A. *et al.* **Educação e Construção de Fronteiras Sociais no Brasil Contemporâneo**. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA: NOVAS PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO. João Pessoa, 2008. CD- ROM.

ALMEIDA, M. F. . **As Escolas dos Dirigentes Paulistas: ensino médio, vestibular e desigualdade social**. Belo Horizonte. MG: Editora Fino Traço. 2009. 192 p.

ALVES, G. .**Trabalho e Subjetividade**. São Paulo. SP: Editora Boitempo, 2011. 168p.

AMARAL, S. C. S.; MELLO, M. P.. Políticas Públicas de Acesso ao Ensino Superior: Avançando na Análise da Política de cotas com a Utilização do Enem/Sisu na UENF. [s.l.]. **Interscience Place**. Edição 25, v. 1, artigo nº 3, abr./jun. 2013 . Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org-página 33 de 196>> Acesso em: 3 set. 2013. D. O. I.: 106020/1679-9840/2503

ANDRIOLA, W. B.. Doze Motivos Favoráveis à Adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Rio de Janeiro, RJ: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, v. 19, n. 70, p. 107-125, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362011000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em: 3 set. 2013. ISSN 0104-4036

ARANTES, J. T. . Um tema (quase) interdito... por pressões internas. São Paulo, SP: **Revista Adusp**, jun. 2010. Disponível em:<<http://www.adusp.org.br/files/revistas/47/r47a02.pdf>> Acessado em: març.2010

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Ministro e Movimentos Sociais Criticam PIMESP em Audiências Públicas na ALESP. São Paulo, março

2013. Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/index.php/sistema-de-cotas/1602-ministro-e-movimentos-sociais-criticam-pimesp-em-audiencias-publicas-na-alesp>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pimesp: Ensino à Distância travestido de Política de Cotas? – Diretoria da Adusp- Uma primeira Leitura da Proposta do CRUESP. São Paulo, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/index.php/sistema-de-cotas/textos-cotas/1575-pimesp-ensino-a-distancia-travestido-de-politica-de-cotas>>. Acesso em: 18 ago. 2013.
BARREYRO, B. G.; AURELIANO, F. A.. Perfil dos Estudantes de Universidades Públicas do Estado de São Paulo: Novos Campi, Velhas Desigualdades? Paraná: **Educere et Educare – Revista de Educação.** 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare>>. Acessado em: set. 2011. ISSN: 1981-4712

BERTELLI, E. M.; PENTEADO, A. L.. Os Desafios Da Qualidade da Educação Superior Brasileira com A Implantação das Políticas De Expansão, Acesso e Permanência. [s.l.], [s.d.]: **Anpae.** Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/.../EliseuMiguelBertelli-ComunicacaoOral-int.pdf>> Acesso em: 19 set. 2013.

BERTOTTI, M.. Inclusão Social na USP: Mérito e Diversidade. São Paulo, SP: **Química Nova**, v. 36, n. 2, p. 205. mar./2013. Disponível em: <<http://quimicanova.sbq.org.br/qn/qnol/2013/vol36n2/00b-editorial36-2.pdf>> Acesso em: 24 set. 2013.

BLANK ,T. A. S.; BILHALVA, C. D. ; GILL, L. A.. Diversidade na UFPEL: As Novas Formas de Inclusão e Exclusão Trazidas Pelo Sisu. Rio Grande do Sul: **Trabalho e Trabalhadores.** 2012. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/trabalho/2013/11/07/diversidade-na-ufpel-as-novas-formas-de-inclusao-e-exclusao-trazidas-pelo-sisu-2011-atual/>> Acessado em: 24 set. 2013.

BOURDIEU, P.. **Questões de Sociologia..** Lisboa, Portugal: Editora Fim de Século. 2004. 289 p.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo. SP: Perspectiva. 2007. 424 p.

_____. **Méditations Pascaliennes.** Paris, França: Seuil, 1997. 320 p.

BRASIL, Lei nº. 3.708. Rio de Janeiro 09 de novembro de 2001. **Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro.** Institui Cota de até 40% para as Populações Negra e Parda no Acesso a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Estadual do Norte Fluminense, e

dá outras Providências. Rio de Janeiro, RJ, 09 de novembro 2001.
Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10536049/lei-n-3708-de-09-de-novembro-de-2001-do-rio-de-janeiro/noticias>> Acesso em: 22 fev. 2014

BRASIL, Lei nº. 10.172, de 10 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, 10 de jan. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm> Acessado em: 12 ago. 2013.

BRASIL, Lei nº. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 29 de ago. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm> Acessado em: 12 jul. 2013. 199 ISSN 16777042

CARDOSO, C. F. S. . **Uma Introdução à História**. São Paulo.SP: Editora Brasilense.1998. 71 p.

CEVASCO, M. E. . **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. 2ª Ed. São Paulo. SP: Boitempo, 2003. 192 p.

CURY, C. R. J. . A Educação Escolar, a Exclusão e Seus Destinatários. **Educ. rev.** [online]. Belo Horizonte, n.48, p. 205-222, dec. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982008000200010>> Acesso em: ago. 2013. ISSN 0102-4698.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. . A Família e a Escola como Contextos de Desenvolvimento Humano. Ribeirão Preto, SP: **Paidéia** [online]., v.17, n.36, p. 21-32, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>> Acesso em: jul. 2012. ISSN 0103-863X

DIREITO, MEDICINA E POLI DA USP ACEITAM COTAS, MAS REJEITAM PIMESP. **Revista Veja**. São Paulo, 12 de abril de 2013. [online]. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/direito-medicina-e-poli-aceitam-cota-mas-sem-pimesp>> Acesso em: 18 ago. 2013

ELIAS, N. . A Civilização dos Pais. In: **Au-delá de Freud: Sociologie, Psychologie, Psychanalyse**. Hervé Mazurel. Paris, França: La Découverte. 2010. 216 p.

ENRIQUEZ, E. *et al.* **A Instituição e as Instituições – Estudos Psicanalíticos**. São Paulo. SP: Casa do Psicólogo.1980. 208 p.

FÁVERO, M. L. A.. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. Curitiba, PR: **Educar**, nº 28, p. 17-36, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>>. Acesso em: jul. 2012

FORGIARINI , A. B. ; SILVA , J. C.. Escola Pública: Fracasso Escolar Numa Perspectiva Histórica. In.: XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO –A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: 35 ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA PROMOVIDO PELO DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA, NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. Paraná. **Secretaria da Educação**, , nov. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-2.pdf>>. Acesso em: agos. 2012

FREAZA, R. G. . **O Primeiro Universitário da Família: características e experiências na educação superior**. Campinas, SP. 2004. 96 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR. Estatísticas oficiais- Questionário Socioeconômico 2011, 2012 E 2013. São Paulo, SP: 2011, 2012 e 2013 Disponível em: < www.fuvest.br> Acesso em: 05 set. 2013.

GARDIN, N.. **Rosas Adormecidas**. São Paulo. SP: Ad Verbum Editorial. 2013. 72 p.

GHAEM, E. ; MARCHIONI, L. A.. A USP – LESTE e a Contribuição de Comunidades Locais para a Inovação das Comunidades Universitárias. São Paulo, SP: **Academia.edu – share research-** [s.d.]. Disponível em: <http://www.academia.edu/2533748/A_USP_Leste_ea_contribuicao_de_comunidades_locais_para_a_inovacao_das_comunidades_universitarias._2005> Acesso em: 10 ago. 2013.

GONTIJO, M. F. .**Uma Aplicação da Teoria dos Jogos ao Mercado do Vestibular Brasileiro**. 2008. 96 p. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade de São Paulo -

USP, São Paulo, SP: 2008. Disponível em:
<http://www.fea.usp.br/feaecon/media/titulacoes/file_1088.pdf> Acesso em: 22 fev. 2014

GROPPO, L. A. . Pierre Bourdieu: da teoria da reprodução à teoria social. In: Semana da Educação 2009 do Curso De Pedagogia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Campinas, SP: **Anais**. 2009. Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas.SP. 2009. p.236 - 247.

GUIMARÃES, A. S. A.. Acesso De Negros Às Universidades Públicas. São Paulo, SP: **Cad. Pesqui.** [online], n.118, p. 247-268. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000100010>>. Acesso em: 15 set. 2013. ISSN 0100-1574

HAYASHI, M., G.. A Universidade Brasileira: o caso da USP (1950-1977). São Paulo, SP: **Thesis Revista Eletrônica**, ano II, n. 4, p. 47-64. 2005. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12485908/a-universidade-brasileira-o-caso-da-usp-faculdade-cantareira>>. Acessado em: 15 jul. 2012

HUTZ, C. S. ; BARDAGI, M. P.. Rotina Acadêmica e Relação com Colegas e Professores: Impacto na Evasão Universitária. Porto Alegre, RG: **Revista Eletrônica da PUC –Psico**, v. 43, n. 2, pp. 174-184, abr./jun 2012. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CDcQFjAB&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Frevistapsico%2Farticle%2Fdownload%2F7870%2F8034&ei=WQRwU7jTCJDjsASJroA4&usq=AFQjCNEB0gBnri4M76nBX42kTF_81T1g2Q&bvm=bv.66111022,d.cWc>
Acessado em: jun. 2013.

INSTITUTO BRITÂNICO TIMES HIGHER EDUCATION. O ranking das melhores 100 melhores universidade do mundo. Londres, 2012. Disponível em: <<http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2011-2012/reputation-rankings.html>> Acesso em: 18 jun. 2013

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SAO PAULO. IEA-USP: Proposta De Trabalho. São Paulo: Estud. av. [online], v.1, n.1, p. 73-77, 1987. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141987000100007>> Acessado em: ago. 2011. ISSN 0103-4014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico. Brasília. 2012. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2010.pdf>. Acessado em: fev.2013

INSTITUTO DE PSICOLOGIA. Moção da Congregação do Instituto de Psicologia da USP sobre o PIMESP. São Paulo. SP: Abri. 2013. Disponível em: < <http://umhistoriador.wordpress.com/2013/04/11/congregacao-do-instituto-de-psicologia-da-usp-e-contra-o-pimesp/>> Acesso em: 18 ago. 2013

LAHIRE, B. . **Sucesso Escolar nos Meios Populares – as razões do improvável.** São Paulo. SP: Editora Ática. 2008. 367 p.

LAREAU, A. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. Belo Horizonte, MG: **Educação em Revista**, n. 46, p. 13-82, dez. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200002 > Acessado em: jun. 2011.

MANCEBO, D.. Reforma universitária: reflexões sobre a privatização e a Mercantilização do Conhecimento. Campinas, SP: **Educ. Soc**, vol. 25, n. 88, p. 845-866, Especial - Out. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n88/a10v2588.pdf> >. Acessado em: jan. 2010.

MARINHO, C. M. . A Importância da Missão Francesa para a Filosofia Brasileira na Fundação da USP. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. **Educação e Contemporaneidade**. Sergipe, set. 2010. Disponível em: < http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo_13/e13-16.pdf> Acesso em: fev. 2014. ISSN 1982-3657

MARTIN, M. S.. Trabalhar com Bourdieu. Pierre Encrevè e Rose-Marie Lagrave. In: **Uma flexível dominação**. Editora Bertrand do Brasil, 2005. 364 p.

MARTINS, C. B. . A Reforma Universitária de 1968 e a Abertura para o Ensino Superior Privado no Brasil. Campinas, SP: **Educ. Soc**, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02.pdf>>. Acessado em: jun. 2012.

MATOS, M. S.. O Impacto do programa de Inclusão Social da Universidade de São Paulo no Acesso de Estudantes de Escola Pública ao Ensino Superior Público Gratuito. Brasília: **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, v.93, n.235, p.720-742, aet/dez. 2012. Disponível em: < <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/40722>> Acesso em: 5 ago. 2013

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portal Cotas. Brasília: 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/sobre-sistema.html>> Acesso em: 22 ago. 2013

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portal do PROUNI. Brasília. Disponível em: http://prouniportal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=140> Acesso em: 20 ago. 2013

MÉZÁROS, István. **A Crise Estrutural do Capital**. São Paulo. SP: Editora Boitempo. 2009. 136 p.

NASCIMENTO, M., I., M., et al. **Instituições Escolares no Brasil**. Campinas, SP: Editora Associados. 2007. 125 p.

NETTO, N. D. B. A.. **Esforço e “vocaçãõ”: a produção das disposições para o sucesso escolar entre alunos da Escola Técnica Federal de São Paulo**. 256 f. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo. São Paulo. SP. 2011. Disponível em:< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-25062012-154938/pt-br.php>> Acessado em: fev. 2012.

OLIVEIRA, M. D. L.; SILVA, L. M.. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. São Paulo, SP: **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n. 1, p. 23-24, jan/jun. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a03.pdf>> Acessado em: fev. 2011.

OLIVEN, A. C.. Ações Afirmativas, relações Raciais e Políticas de Cotas nas Universidades: Uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. Porto Alegre, RS: **Educação**, n. 1 (61), p.29-51, jan./abril. 2007. Disponível em: < http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/pucrs_artigo_2007_ACOliven.pdf >. Acessado em: jan. 2012.

PERONI, V., M., V.. A Democratização da Educação em Tempos de Parcerias Entre o Público e o Privado. [s.l.]: **Revista online da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/faced/peroni/docs/PERONI%20A%20democratiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20tempos%20de%20parceria%20entre%20o%20p%C3%ABablico%20e%20o%20privado.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2014

PEROSA, G. ; GISLENE, A. S. ; LUIZ M. B. .Desafios da Expansão do Ensino Superior: A “Face Leste” da USP. São Paulo, SP: **Revista Adusp**. 2010. Disponível em:<<http://www.adusp.org.br/files/revistas/47/r47a01.pdf>>. Acessado em: abr. 2011.

REIS, S. L.; BELLINI, A.M. . Representação Sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences Maringá, PR: **Revista Cult on line**. v. 33, n. 2, p. 149-159. 2011.

Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

SAMPAIO, H.. Evolução do Ensino Superior Brasileiro, 1808-1990. [s.l.]: **Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo**. [s. d.]. Disponível em: <<http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2014

SILVA, J. L. *et. al.* Ensino superior em mudança : tensões e possibilidades. In: ACTAS DO CONGRESSO IBÉRICO. BRAGA, Portugal: **CIED**, p. 429-440. 2010. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11543>. Acesso em: 10 set. 2012. ISBN 978-972-8746-80-3

STIVAL, M. C. E.; FORTUNATO, A. O.. Dominação e Reprodução na Escola: Visão de Pierre Bourdieu. Paraná, PR: **EDUCARE - Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. 2008. Disponível em:<www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf> Acesso em: 19 set.. 2013.

SWARTZ, D.; BOURDIEU, P.. **Introdução à Psicologia Escolar**. In: Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social. São Paulo. SP: Editora: T.A.O Queiroz. 1986 . 477p.

TRINDADE, H.. A República em Tempos de Reforma Universitária: O Desafio do Governo Lula. Campinas, SP: **Educ. Soc.**,v. 25, n. 88, p. 819-844, Especial - out. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 3 set. 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO. Pré-vestibulares Aprovam 1.7 Mil Alunos de Baixa Renda. São Paulo, SP: 2Unesp Informa. Disponível em <http://www.unesp.br/aci_ses/unespinforma/acervo/33/pre-vestibulares> Acesso em: 26 jan. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. Ingresso de Alunos na Graduação. Santo André, SP: 2013. Disponível em: <http://www.ufabc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=544&Itemid=9>.. Acesso em: 10 ago. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Unifesp Guarulhos. Home page – Guarulhos, SP: Disponível em: <<http://www.humanas.unifesp.br>>. Acesso em: 10 ago. 2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Boletim Oficial de Imprensa. São Paulo, 2013. Sala de Imprensa, no. 76, v.1. Disponível em: <<http://www.usp.br/imprensa/wp-content/uploads/USP-Destaques-n%C2%BA-76.pdf>> Acesso em: 19 set. 2013.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Conselho Universitário Aprova Novas Ações de Inclusão Social de Alunos da Rede Pública de Ensino. São Paulo, 2013. Sala de imprensa. Disponível em: <<http://www.usp.br/imprensa/?p=31791>> Acessado em: 05 ago. 2013.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Proposta de Ações de Inclusão Social na USP foi Amplamente Debatido na Comunidade Acadêmica. In: Boletim – Sala de Imprensa. São Paulo, SP: n. 76, jul. 2013.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Programa de Inclusão Social- Tabelas de Bonificação. São Paulo, SP: Programa de Pós Graduação. Disponível em: <http://www.prg.usp.br/?page_id=7800> Acessado em: 10 ago. 2013

VIÉGAS, L. S. *et al* . **Políticas Públicas na Educação – Uma Análise Crítica a partir da Psicologia Escolar.** 1ª Edição. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2006. 157p.

WILLIAMS, R.. **Um Vocabulário de Cultura e Sociedade.** São Paulo. SP: Boitempo, 2007. 464 p.

ZAGO, N.. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Rio de Janeiro, RJ: **Revista Brasileira de Educação**, v.

11. n. 32. 2006. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200003>
Acessado em: jan. 2010

ANEXOS:

Entrevistador: Alan Brum

Alan Brum - Hoje, dia 27 de Agosto. Eu estou aqui com o Professor Mauro. Mauro Berdotti. A entrevista do meu projeto de pesquisa. Do meu mestrado. Excelência escolar de filhos de pais com baixa escolaridade que entraram aqui na USP (Universidade de São Paulo). O senhor autoriza a utilização de nosso material aqui?

Mauro Berdotti – Sim.

AB - Professor, eu queria que o senhor conversasse um pouquinho, como foi? Como o senhor está na comissão? A quanto tempo? Como é que funciona?

Mauro Berdotti – Eu fui Presidente da comissão de graduação aqui do IQ, durante cinco anos. Nessa época eu estava envolvido com esse programa na pró-reitoria de graduação. Ele foi criado lá. Programa de inclusão social. Enquanto eu deixei de ser Presidente. Isso foi em 2009. pela minha experiência, a pró-reitora me convidou, para continuar ajudando ela no desenvolvimento do programa. E aí eu estou lá desde 2009, como assessor da pró-reitora.

A B – Entendi. Então o senhor está desde 2009, não é?

M B– Mas antes eu já trabalhava com isso também. Porque o programa, foi criado em 2006. No INCLUSP. Naquela época eu estava no programa, porque eu era Presidente da comissão de graduação. Então, eu era membro da pró-reitoria. E eu continuei tendo o mesmo envolvimento anterior com o programa.

A B– Com o programa...

M B – Estou desde 2006, envolvido com esse programa aí. No INCLUSP.

A B – Ta. E o senhor poderia me falar um pouco, como que surgiu? Qual foi a idéia? Como que ele é?

M B – Em 2006 a USP estava muito pressionada com os problemas das cotas, não é? Cotas sociais ou raciais. E na época, a USP achou que cotas raciais, não era a alternativa mais viável. Então se desenhou um programa diferente. Que é o INCLUSP. Programa de inclusão social. A idéia naquela época. Isso em 2006, não é? É que, alunos da escola pública, vão ser os objetos do programa. Que se achou que eles mereciam uma atenção especial, não é? Não se achava

que cotas, era algo viável. Cotas seriam reservas e vagas. A gente não queria fazer reserva ou vaga. A gente queria, que alunos de escola pública, que participasse do programa, entrasse por mérito. Então, o que eles receberam na época, foi um bônus no vestibular. A nota deles era multiplicada por um fator. Que na época era 3% (três por cento) o bônus. Então, três 3% o bônus, significava que a nota era multiplicada por 1,03. Uma espécie de apoio, não é? E o programa, naquela época – ainda é hoje assim – era dividido em três grandes partes: na primeira, a USP tenta entrar em contato com os alunos. A idéia é que a USP mostre aos alunos de escola pública, qual é a vantagem de entrar aqui. Não só qual é a vantagem, não é? Muitos deles, acham que a USP não é pra eles. Então, tem esse sentido de auto-exclusão. E muitos não conhecem a universidade. A gente alerta a eles que ela existe e que ela é gratuita, não é? Muitos acham, inclusive, que a USP é paga. Então, a primeira etapa do programa é mostrar para o público externo, o que é a USP e porque entrar aqui. E como fazer isso. A segunda etapa, a gente chama que é a etapa, em que a gente está tentando ajudar o aluno. Dar o apoio. Que é o bônus do vestibular. E a terceira etapa, é depois que eles entram aqui, eles têm apoio pra permanência estudantil. Na forma de bolsa e moradia. Então, essencialmente o INCLUSP é um programa em três etapas: antes, durante e após o vestibular. O foco, são os alunos da rede pública. E o que a gente quer, é essencialmente que eles entrem aqui. Com méritos.

A B – Houve uma mudança no programa, não é? Porque como o senhor mencionou, ele começou com 3%, não é?

M B – Três por cento. E ao longo do tempo, houve algumas mudanças, não é? Em 2008 o bônus foi ampliado, para um valor maior. No mesmo ano de 2008, foi criado o PASUSP. Até eu vi que você escreveu com dois SS, não é? Mas é com um S só. É PASUSP. Foi criado o PASUSP. E aí existe uma diferença. Essa diferença é sempre muito sutil, entre o PASUSP e o INCLUSP. O INCLUSP é um programa destinado a todo aluno que acabou. Acabou ou está cursando o ensino médio em escola pública. Ele pode ter acabado já. Se ele participa do INCLUSP, ele ganha também um bônus. Hoje o status do programa, é o seguinte: o aluno que é chamado INCLUSP, que é esse que fez todo o ensino médio em escola pública, ou está fazendo, ele ganha até 8% no vestibular. Com base no desempenho da prova da primeira fase. Só que a gente acha importante também, pegar o aluno que ainda está na escola. Esse é o nosso principal interesse. Não o aluno que já se formou. Se a gente consegue conversar com o aluno que está na escola pública, ainda, a influência do programa é maior. Porque atinge

também os professores e atinge a escola. A gente pensa nisso também. Que é preciso talvez melhorar a escola pública. Não adianta pegar aluno que já se formou. Porque ele não tem mais vínculo com a escola. Ao passo, que o aluno que ainda está na escola. Esse ainda tem um vínculo forte com ela. O PASUSP é um programa que foi criado em 2008, com esse objetivo, de tentar criar um diálogo com o aluno e a escola, enquanto o aluno está na escola ainda. E pra isso recebe um bônus também. A partir do ano passado, em 2011, o programa foi reformulado. Eu sei que é um processo que está sendo aprimorado. De tal forma, que o aluno que é PASUSP, ele é caracterizado como o aluno que fez todo o ensino fundamental em escola pública e ainda está no ensino médio em escola pública. Tanto faz, se é segundo ano ou terceiro ano. A gente expandiu também para o segundo ano. Pra tentar já, atrair o aluno, para participar da FUVEST como treineiro, para ele já ver como funciona o vestibular. Então, enquanto o aluno PASUSP ele tem que ter feito todo o ensino fundamental em escola pública. Ele tem que estar no segundo ou terceiro ano e se ele inscreveu no programa, ele recebe a inscrição do FUVEST de graça, o bônus dele também é maior. É até 15%. O aluno que é INCLUSP, é um aluno que não recebe a inscrição de graça. Ele já pode ter acabado o vestibular. Ele não tem que necessariamente ter feito o ensino fundamental em escola pública. Então, tem diferenças entre os dois grupos. Eu sempre dou o seguinte exemplo: todo o aluno PASUSP, ele já é um aluno INCLUSP, mas nem todo o aluno INCLUSP é um aluno PASUSP. Porque o PASUSP é um subgrupo do INCLUSP. É um subgrupo, para o qual a gente dá mais atenção. Porque é um aluno que ainda está em escola pública, no segundo ou terceiro ano. E que fez o ensino fundamental em escola pública. Então, a gente acha que esse aluno, tem muito mais necessidade do bônus, do que o aluno INCLUSP. Que pode ter feito o ensino fundamental até em escola particular e pode até já ter acabado o ensino médio e estar fazendo, um, dois, três anos de cursinho. Então, pra esse aluno, o bônus é um pouco menor. Que é até 8%. São dois grandes grupos.

A B – Sim. Professor, o senhor comentou, não é, que a discussão toda, surgiu desses dois problemas, quer dizer, que o aluno INCLUSP primeiro, com a discussão das cotas. E o senhor mesmo frisou, que a meritocracia era uma coisa fundamental aqui dentro da universidade. Como é que foi a implantação? Quais foram os desafios? Porque houve uma grande discussão sobre a questão das cotas, não é? Então, como é que foi a proposta e o desafio da criação do INCLUSP?

M B – Eu acho que na época, não teve grandes problemas. Porque a USP não tinha feito nenhuma ação, forte como essa, não é? Então eu acho, que a universidade viu com bons olhos. Até com algum ceticismo. Porque muita gente não achou muito apropriado a USP dar o bônus. Mesmo que ele fosse pequeno, 3%. Agora, a partir do momento, que a comunidade começou a entender o programa e viu que ele tinha vantagem, não é? E que para a universidade, um programa como esse é melhor do que cotas sociais e raciais. Na própria comunidade, a idéia começou a ser bem mais, bem melhor vista.

A B – E essa comunidade é a comunidade de professores? Dos professores da universidade?

M B – Professores, mas mesmo entre os alunos e funcionários, não é? Acho que mesmo entre eles, a idéia do programa é bem vista. Obviamente que há setores, que acho que, preferia que houvesse cotas raciais. E agora que o senado aprovou a lei, não é? A discussão vai retomar, certamente. Porque se antes não havia nenhum amparo legal para as cotas, agora parece que há. Agora, acho que a discussão vai voltar aqui na universidade. E tem que mostrar para a universidade, que esse nosso programa é melhor do que o programa de cotas raciais, que é um grande preconceito.

A B – Ótimo. Obrigado professor. Eu gostaria que o senhor pudesse explicar um pouco. O senhor frisou até novamente, a questão da meritocracia. Eu queria entender, o que a universidade entende, como meritocracia?

M B – Acho que ela entende como meritocracia, o fato do aluno que entre aqui, conseguir acompanhar adequadamente os cursos de graduação. O vestibular é o nosso filtro. E o conjunto de alunos que existe, formado no ensino médio, que se interessa pela universidade, a gente quer pegar uma parte desse conjunto, que está sendo aprovado no vestibular. Também se considera que o vestibular, é um filtro adequado. Embora haja dúvidas, não é? Se ele é permissivo. Permissivo é uma palavra boa, não é? Sem o sentido desse instrumento que é o vestibular, seleciona de um conjunto, aqueles que tem as melhores condições, de cursar a graduação. Se isso é verdade. Supondo que seja verdade. Só onde tenha dúvidas, não é? A gente quer que esse instrumento, valha para todos os cursos. E que para cada curso, ele selecione o conjunto que é mais bem capacitado para cursar graduação. No momento em que se adota o sistema de cotas. Em que algumas das vagas são reservadas para um certo segmento. Eventualmente o desempenho desses alunos nesse segmento, não vai ser tão bom, quanto o desempenho que fosse pelo conjunto inteiro. Então, a dúvida, é que se não entraria na

universidade, alunos com menos capacidade de seguir o curso de graduação. Nesse sentido que se adota o sistema de bônus, não é? Porque o bônus, é algo que faz uma certa influência, mas a influência é pequena. A gente sempre diz, não é: aquele aluno que está perto de passar e não passa. Não passaria. Com o bônus, ele passa. Então a gente fala que o bônus dá um empurrãozinho. As cotas não. Se a USP adotasse o sistema de cotas, muito provavelmente, nos cursos mais concorridos, entrariam alunos com notas muito mais baixas, do que os alunos que não entram pelo sistema de cotas, não é? A própria classe, teria um conjunto de alunos de níveis muito diferentes. E isso para a graduação, não é bom.

A B – Houve uma discussão muito ampla sobre a questão da qualidade da Universidade de São Paulo, com a abertura, digamos assim, a um outro público que não estaria aqui na universidade, não é? Alguns iam contra, outros a favor. Qual foi a opinião da comissão quando criou o INCLUSP?

M B – A comissão tinha clareza, do que ela queria na época. Ela não queria o sistema de cotas. Mas ela também achava, que devia ser feito alguma coisa. Até porque – vou dar a minha opinião pessoal – ter diversidade na universidade, é muito bom. Porque os alunos, passam a conviver com pessoas de diferentes condições sócio-econômicas. Diferentes idéias. E isso é bom, para a formação deles, escolar. Pelo menos, eu acho isso muito importante, não é? Mas isso, desde que não se perca a qualidade dos ingressantes. Então, na época em que se propôs o INCLUSP, se achou que essa idéia era razoável. Com ela, a gente tentaria dar um jeito de aumentar a diversidade na graduação. Aliviaria um pouco as pressões, pela criação do sistema de cotas e não se perderia em qualidade. Para a comissão, essa foi a solução ideal. E como eu te disse antes, na universidade, não houve muitas reclamações. Até se tinha medo do contrário. Que a gente perderia a qualidade, por causa dessa proposta, não é? E o que a gente tem visto, isso é importante frisar, tem sido feito estudos de acompanhamento do desempenho dos alunos, que entram pelo INCLUSP. Comparando, com o desempenho dos alunos que não entraram pelo INCLUSP. Isso ano a ano. E se observou que, para aqueles que entraram, quando o bônus era 3%, o desempenho em relação aos outros, na graduação, era essencialmente o mesmo. E mesmo agora, que o bônus aumentou. Que o teto do bônus aumentou. Ainda assim, o desempenho dos alunos INCLUSP, não é muito diferente, do desempenho dos alunos não INCLUSP. Então, a idéia e o seguinte: que com esse nível de

bônus, que se definiu. Mesmo o mais atual. A universidade não perde em qualidade e a medida pelo desempenho dos alunos. Em todos os cursos da universidade.

A B – Professor, o senhor um pouco antes, comentou, que com a inserção do programa, teria até a iniciativa e melhorar a escola pública.

M B – É um sonho!

A B – É um sonho. Em que sentido. Em que bases foi pensado isso?

M B – Especialmente agora, nos últimos anos, em que o PASUSP foi reformulado, a idéia é que – é por isso mesmo que ele foi estendido para o segundo ano – se a classe média, principalmente a classe média, que é que tem mais poder de cobrança nas escolas. Entende que deixar o aluno na escola pública. Porque, se eles estão na escola pública, no futuro eles vão poder ter uma chance maior de entrar na universidade. Por causa do programa. Por causa do bônus. Se a classe média mantém os alunos na escola pública e ela reforça a cobrança. A chance de a escola pública melhorar, aumenta. Isso é muito verdade. Eu tenho vários exemplos, de pais que tem alunos, agora no nono ano, do ensino fundamental. O último ano do ensino fundamental. Que pergunta pra gente, se USP vai permanecer com esse programa. Porque, se ela permanecer com esse programa, essas pessoas – os pais, vão deixar os filhos na escola pública. E não matricular na escola particular. Achando que, mantendo na escola pública, no futuro, daqui a três anos, a chance do filho dela entrar na USP aumenta. Por ter deixado na escola pública. É dessa maneira, que a gente pensa, que a escola pode melhorar. Fora o fato, de que, na medida em que a USP tem o programa, ela tem que entrar em contato com os alunos da escola. Isso é o que o povo chama de embaixadores. Embaixador é o aluno e o professor que vai à escola, explicar o programa. Primeiro que a USP vai à escola, ela também chacoalha um pouco o ambiente. Mostra para os alunos, que eles tem outras opções. Que eles já têm hoje, não é? Na medida que eles vêem essas outras opções e entendem, como eles podem usar essas opções melhor, ou seja, entrar aqui, e sabe que pra isso eles têm que estudar, quando eles estudam, eles tentam fazer com que os professores ensinem melhor para eles. Dessa maneira.

A B – Professor, o senhor comentou, quer dizer, não comentou, mas a gente já até abordou aqui, que o programa, ele foi reformulado uma vez, não é? E qual é a perspectiva para os próximos anos?

M B – Essa gestão, acaba no ano que vem. Já houve, várias perguntas, se o PASUSP não seria também para alunos de primeiro ano. Uma vez, que ele já foi do terceiro para segundo, não é? Nessa gestão agora, eu acho que a idéia é consolidar o programa. Porque também, quando o programa, é muito mudado ao longo do tempo, as pessoas nunca sabem do que a gente está falando. As pessoas perdem um pouco a referência. Então, o que a gente está assim, agora tirando da mesma maneira pelo segundo ano. As inscrições da FUVEST começaram sexta-feira passada. Então, o vestibular desse ano, o PASUSP desse ano, é igual ao do ano passado. Eu acho que a idéia, é manter isso pelo menos mais uma vez, em 2013. e aí a gestão acaba. A gestão da reitoria agora. Quando entrar a próxima gestão, ela vai ter que avaliar. Para que rumo que ela vai.

A B – E pode ser que o programa, então, seja extinto?

M B – Eu espero que não. Eu estou falando por mim. Seria muito ruim, não é? Até acho que seria uma espécie de sacanagem com a sociedade. Porque a sociedade está confiando que é o seu projeto de longo prazo. E como eu te disse. Tem muitos pais, que estão mantendo os alunos em escola pública, pensando no futuro, em que eles vão poder usar o programa. Os benefícios do programa. Então, se a USP, de repente acaba, extingue com esse programa, vai ser uma espécie de traição, não é? Mas aí é a USP é quem decide, internamente, o que ela vai fazer em 2014. a partir de 2014. Esse ano, vai ser a mesma coisa do ano passado. Tudo indica pra mim, que em 2013, ele vai ser igual a esse ano. Até para as pessoas se acostumarem com ele. Que ele crie raízes, não é? Não consigo imaginar, que ele vai ser mudado.

A B – Não existe uma discussão? Não existe uma tentativa, controvérsias, dentro do grupo, de comando?

M B – No grupo, certamente não. O que a gente tem feito, desde a última mudança, que foi em 2011, é reavaliar o programa como melhorar. Melhorar no sentido de, por exemplo, como fazer com que os embaixadores, atinjam as escolas de uma maneira mais eletiva, não é? A gente sabe, que a gente não atinge todas as escolas. Como é com os embaixadores? O que a gente pode fazer? Vou dar um exemplo bem claro, pra você entender o programa PASUSP: os alunos, têm um prazo para se cadastrar no programa. Depois que eles se cadastram, eles tem um outro prazo, para enviar um atestado pra gente, dizendo que eles estão estudando naquela escola. O diretor assina esse papel. E a gente sabe, quando a gente recebe esse papel, que o aluno estava pela escola, então ele se escreve no programa. Para você ter uma idéia, no ano

passado, 27 mil alunos, se cadastraram no programa eletronicamente. Só que desses 27 mil, só 21 mil mandaram atestado pra gente. Quando o aluno manda o atestado, ele está inscrito no PASUSP. O que significa isso: que agora, numa próxima etapa, ele pode entrar e sair da FUVEST e se inscrever no vestibular da FUVEST. Ele faz isso de graça. Porque ele é aluno PASUSP. Não paga nada. No ano passado, dos 21 mil que estavam inscritos e poderiam fazer inscrição de graça na FUVEST, só 17 mil fizeram isso. Então, por que 4 mil alunos, não fizeram inscrição na FUVEST? A explicação é óbvia: é desinformação. Eles acharam, que por estarem inscritos no PASUSP, já estavam automaticamente inscritos na FUVEST. Quando não é assim. A inscrição no PASUSP, dá a eles o direito, de uma semana depois, se inscrever na FUVEST. Tem que ser assim, porque o aluno tem que ir à FUVEST, pra ver a carreira que ele quer prestar o vestibular. Porque ele tem que se inscrever lá. É um processo novo. Muitos não entenderam isso. 4 mil. Em 21 mil. Esse ano, foram feitas uma série de iniciativas, para que esses alunos, inscritos no PASUSP – que esse ano são mais, são 25 mil – saibam e tentem mais uma etapa a cumprir. Que é de graça. E no site da FUVEST, tudo eletronicamente, pode se inscrever. Então, quer dizer, a gente tem feito, são aperfeiçoamentos no programa, mas da parte operacional. Para deixar a informação chegar mais clara para o aluno.

A B – Professor, tem uma pesquisa prévia, que eu fiz, pelas estatísticas da FUVEST, eu percebi que há uma grande diferença dos grupos, das minorias, vamos chamar assim, nos diferentes cursos. Então, aconteceu alguma resistência, por exemplo, de algum departamento ou algum curso específico, quando veio a proposta do INCLUSP?

M B – Não. Não que a gente tenha sabido. Esse assunto nunca foi discutido assim, acho, internamente, nas unidades. Talvez, tenha tido alguma discussão, por grupos, por exemplo, algum grupo de funcionários. O SINTUSP. Ou o DCE, tenha feito alguma reivindicação contrária ao programa. Exatamente, pelo que você comentou. Por ele talvez não atingir, algum grupo, que esses grupos acham importante. Por exemplo, negros, não é? Mas na USP, internamente, a discussão nunca foi contrária ao programa. Nem nos departamentos da nossa unidade.

A B – A minha pergunta, seria por exemplo, um curso que é muito concorrido, quando veio a idéia do INCRUSP, por exemplo, se houve alguma resistência?

M B – Não, não porque esses cursos, quando os dados foram mostrados, eles viram que entraram candidatos, que ainda eram muito bons. Enquanto os cursos, as unidades, perceberem

que os alunos que estão entrando, ainda são muito bons, porque de novo, o que o bônus faz, é um apoio. Mas não é um apoio significativo. O aluno que recebe 10%, 15%, para ele entrar, vamos falar num caso bem claro, medicina, se ele não for muito bem na prova, esses 10% ou 15%, não vai fazer diferença nenhuma, não é? Ele só vai entrar, se ele for muito bom. E os professores percebem, não é? Isso é um assunto importante. O aluno que vai bem na prova, é um aluno INCLUSP ou PASUSP, é um aluno que tem raça. Tem vontade e muita gana pra estudar. E os professores detectam isso claramente. Então, isso fica muito claro para eles, que esses alunos, talvez, no vestibular, com esse instrumento, eles entrariam com uma nota um pouco menor. Que o que o bônus faz, é compensar. Fazer o jogo virar. Eles acabam entrando. Fazer eles entenderem, na graduação, quando se garante nas unidades, que o desempenho dos alunos continuam a ser bons.

A B – Bom, o senhor comentou, a questão do vestibular, também o vestibular da FUVEST é muito criticado, em algum...

M B – É bom criticar...

A B – Tem alguns artigos, que criticam, não é? Na opinião, a comissão ainda acredita que é a melhor forma de avaliação?

M B – Mas aí tem um problema. A comissão não discute o vestibular. A comissão nossa, está discutindo um programa de inclusão. A única interação nossa, com o vestibular, é dizer para a FUVEST, que a nota dos alunos, inscritos no programa, tem que ser multiplicada por um fator.

A B – Entendi.

M B – A gente nunca discutiu o instrumento. Porque não é competência dessa comissão, não é? Existe um grupo, sim, que discutiu o vestibular, no ano passado e foram feitas algumas mudanças. Mas a comissão de inclusão, nunca discutiu o vestibular. Pessoalmente, minha opinião. Que eu acho, certamente, que ele pode ser melhorado. Mas não tem a ver com a comissão de inclusão.

A B – E, professor, quer dizer, tem um movimento desde a década de 90, da expansão do ensino superior no Brasil. Um movimento que começa, não nos anos 90, mas ele tem uma explosão nos anos 90, com a construção, digamos assim, das universidades privadas. Não a construção, mas o aumento das universidades privadas. Como a USP pensa a questão da expansão do sistema superior no Brasil?

M B – Vou falar a minha opinião agora, não é? Eu acho que ela não pode querer, resolver todos os problemas do mundo. No Brasil, especialmente, não dá. Se a USP quiser manter a sua qualidade, especialmente na pesquisa, a expansão pode ser perigosa. Primeiro, que ela não tem cursos, para dar conta de uma expansão significativa. Ela tem até que crescido na graduação, não é? Ano a ano são criadas mais algumas áreas. Mas, ela tinha dez mil vagas a dois, três anos e agora tem onze mil vagas, coisa de três, quatro anos. Isso é dez por cento. Isso não dá conta, dos que se formam no ensino médio. Você vê que é um volume muito maior que isso, não é? Então, eu acho que esse papel não cabe à USP. De prover o ensino superior. Mais vagas, para atender essa demanda. Não é o papel da USP.

A B – Então, isso não foi nem uma discussão que surgiu? Então, o INCLUSP, ele foi resultado de uma pressão das cotas?

M B - Acho que sim. Na época, a USP, não sei se foi instrumento de pressão. Eu não estava nessa comissão inicial. Mas eu participei do processo. A USP, achava que devia dar uma resposta à sociedade. No momento em que essa discussão, era forte. Em meados de 2005. meados da década de 2000. como essa discussão havia, e a USP não tinha um programa consolidado de inclusão, havia iniciativas pontuadas. Mas não um programa. Um projeto. Se criou o INCLUSP. Obviamente, também, porque havia pressão.

A B – E qual seria a posição da Universidade de São Paulo, frente às minorias? Então, vamos pensar as minorias, não só como os afro-descendentes, mas por exemplo, como filhos de pais com baixa escolaridade.

M B - Filhos de pais com baixa escolaridade? Então, é realmente esse público, que o INCLUSP pega. Tanto o INCLUSP, quanto o PASUSP, pegam ou tentam atingir, alunos que tem esse perfil sócio-econômico desfavorável. Lógico que todos tem noção, que esses alunos, tem um capital cultural, que não os favorece. Certamente não. Isso a gente vê no vestibular. Basta ver a prova de inglês. O aluno que é de escola particular, ele faz inglês, desde que ele é pequeno. Neste caso. O aluno que é de escola pública, vai ter contato com o inglês, eventualmente no ensino médio, de uma maneira muito rudimentar. Então, certamente ele tem desvantagem. O aluno de escola particular, vai ao cinema, shows, televisão, teatro. Esse acúmulo de informações, pode ajudar no vestibular. E o aluno de escola pública, não. O aluno mais carente. Então, quando a USP criou o INCLUSP, ela tinha que definir um recorte. Um recorte que desse maiores chances para alunos que tivessem condições sócio-econômicas

menos favoráveis. Para não ter que dar um bônus – que era a maneira que a USP achou adequado – por condição sócio-econômica, há pessoas que acham que tem que ser assim: o bônus tem que ser dado pra quem é mais carente. O problema, é que medir, quem é mais carente, é muito difícil. Como é que você vai analisar, se o aluno é mais ou menos carente, olhando um extrato de imposto de renda, ou de algo que você nem pode ter na mão. Então, se achou que a co-relação era muito forte, entre a natureza da escola e a condição sócio-econômica. Isso é verdade. Há vários indicadores que dizem isso. O aluno de escola pública, ele tem menos renda familiar, do que o aluno de escola particular. Então, ao se colocar como foco a escola pública, ao mesmo tempo se atingia o recorte sócio-econômico. E ao mesmo tempo, o recorte racial. Que também se sabe, que alunos negros, tem muito maior participação na escola pública, que na particular. E analisar o histórico escolar e ver se o aluno é de escola pública, ou não para conceder o bônus, é muito fácil de fazer. Porque esse é um documento que vem da secretaria da educação. Então, isso é imune às fraudes, não é? Então, por isso que o recorte definido, foi o da escola pública, que tem co-relação com a situação sócio-econômica e também com a condição racial.

A B – O senhor falou sobre o capital cultural. O senhor poderia deixar um pouco mais claro, como a Universidade ou a comissão pensou?

M B – Como assim?

A B – Por que, o que seria esse capital cultural?

M B – É a história de vida do aluno. É aquilo que o aluno traz, que não está na escola somente. A escola, é o local importante, para o aluno receber informações das disciplinas que orientam o ensino fundamental e médio. Só que essas mesmas informações, podem ser obtidas pelo aluno, fora do ambiente escolar. Em casa. E alunos que estudam em escola particular, por deter mais renda, têm muito mais acesso a esse tipo de informação, que aluno de escola pública. E essas informações, no vestibular, podem fazer diferença. Total. É por exemplo, o caso do inglês.

A B – Professor, quais são os resultados? Os resultados, o senhor já até delimitou um pouco, os resultados que o programa pretende atingir. E quais foram os que eles conseguiram até o momento? Quais surgiram até o momento?

M B – Eu vou te falar dos três últimos anos. Quando o INCLUSP começou em 2006, porcentagem de alunos da escola pública na USP. Essa era a nossa preocupação importante. O

que se queria, esse era o output o resultado final. Que a percentagem de alunos da escola pública na USP, matriculados, aumentassem. Então, quando o programa começou, em 2005 ou 2006, esse número era 25 %, ou seja, de cada 100 matrículas na USP, 25 tinham feito ensino média em escola pública. De novo, esses 25% era uma média na USP. Há cursos em que esse número é maior. Há cursos em que ele é bem menor. O que a gente olhava era a média. Quando o programa começou, em 2006, 2007, 2008, o número aumentou. E em 2009, a gente atingiu a marca histórica de 30% de alunos de escola pública, ingressando na USP. Mudou a gestão e o que aconteceu no ano seguinte, foi uma perda grande. O número voltou aos 25%. E há inúmeras razões pra explicar esses números. A principal delas, é a expansão das Universidades Federais no Brasil. A partir do momento, que haviam várias opções no estado de São Paulo, especialmente na capital, que foi criada a UNIFESP em Diadema, a UFABC e o PROUNI também começou a ganhar mais vigor, não é? Os alunos podiam fazer faculdade de graça, com bolsa. Então, nesse momento, a USP perdeu aluno da escola pública, porque acharam que havia outras opções. E aí foi que a gente fez uma mudança no programa. Então, por isso que eu te falei nos últimos anos. O que a gente viu, a partir das mudanças, não sei se por causa delas, tomara que sim, é que houve uma retomada, tanto dos inscritos no vestibular, como o número de matriculados. No último vestibular, 28,5% dos matriculados, eram de escola pública. Ao passo que no ano anterior, era 26%. Então, quer dizer, a gente está tendo uma retomada. E o que a gente mais quer, no fundo, é que haja mais inscritos da escola pública, na FUVEST. Você não consegue ter matriculados, se não tiver inscritos. No ano passado, o número de inscritos, passou de 132 mil para 146 mil. Houve 14 mil inscritos a mais. Sendo que desses 14 mil, a maioria esmagadora, eram de escola pública. Como resultado das nossas mudanças no PASUSP. Então, o que a gente quer é isso: que mais alunos se inscrevam no vestibular, contanto que, mais também sejam aprovados. A correlação vai ser por cento. Tanto que tem mais matriculados.

A B – Professor, como que a Universidade de São Paulo, a comissão, entende as críticas sobre o baixo índice de alunos matriculados, que são oriundos da classe popular? Numa pesquisa prévia que eu fiz, por exemplo, os filhos de pais com baixa escolaridade, eu percebi que pelas estatísticas, tem cursos que tem um e tem outros cursos que tem bastante.

M B – Então, aí, não tem muito que fazer. É o que eu te falei. O que a gente olha, é a média. Na média do último vestibular, um pouco mais de 28% dos alunos que entraram na USP, eram

de escola pública, ou seja, vinha de classe econômica menos favorecida. Agora, é inegável, que há cursos em que esse número é bem menor. São os cursos mais tradicionais: medicina, direito, engenharia. Ao passo, em que há cursos, em que esse número é bem maior. Às vezes, mais do que metade deles, dos ingressantes, são de escola pública. Os cursos menos procurados das licenciaturas. Mas a USP não pode querer que na medicina, pelo menos num primeiro instante, entre 50% de alunos de escola pública. Porque especialmente nesses cursos mais procurados, em que a porcentagem de inscritos de escola particular é maior. Então, é impossível que num curso em que 80% dos alunos que se inscrevem são de escola particular, metade que entrem, seja de escola pública. É por isso que a nossa insistência o tempo todo, é que mais inscritos se inscrevam, mesmo nos cursos de maior demanda. Para que a chance de serem aprovados, mais alunos da escola pública, aumenta.

A B – Então, o senhor comentou, que a USP não poderia, por exemplo, vou usar esse exemplo como o curso de medicina, 50% dos candidatos, porque também teria que captar os alunos.

M B – Eles têm que se inscrever primeiro.

A B – Eu estou dizendo da Universidade, da escola privada, porque é um maior número de inscritos.

M B – Não, não, não é querer captar não. Não é isso não. Pelo contrário. Não estou dizendo isso. eu estou dizendo que, num universo de um certo curso, em que o número de inscritos maior é de escola particular, muito maior. A chance de os aprovados também virem de escolas particulares, é maior. Só isso. Não é que alguém quer seguir essa demanda. Pelo contrario.

A B – Professor, qual a sua opinião, frente à discussão sobre as cotas, o INCLUSP, o PASUSP? Que surgiu a questão da desvalorização da qualidade do ensino dentro da universidade. Daqui da USP. Qual é a sua opinião? O que o senhor entende sobre essas críticas? O que foi dito? O senhor concorda? Não concorda?

M B – Eu quero entender, o que foi dito?

A B – Foi dito que, com a abertura, com a possibilidade de expansão, para uma determinada classe social, o ensino da universidade de São Paulo, poderia cair.

M B – Mas não é porque eles são pobres, que vai cair o ensino. Eu acho preocupante, se a gente adotar o sistema de sistema de cotas, de tal forma que, porque ele foi adotado, sabidamente entrariam alunos, que teriam uma nota pior no vestibular. Como o vestibular, ele, como eu já te falei, embora eu ache que ele seja preditivo o suficiente, não é porque ele não

vai bem no vestibular, que ele vai bem depois na graduação, existe alguma correlação. Certamente existe. Na medida em que, entrem alunos, por esse instrumento chamado vestibular, que não tem uma condição mínima de acompanhar os cursos de graduação depois, a qualidade de graduação cairia, certamente. Mas não porque eles são pobres. Isso tem que ficar claro. Não é porque eles são pobres. Ou porque eles vêm de escola pública. É porque infelizmente, o desempenho deles, no vestibular, seria pior. Isso a gente tem dados, que mostram isso. E aí, por causa disso, na graduação, o que se esperaria é que o desempenho também seria pior. O que a gente garante, é que do jeito que é o programa hoje nosso do INCLUSP, o nível dos que estão entrando, continuam sendo igual ao dos que entram aqui, sem a bonificação no vestibular. A gente poderia, eventualmente, aumentar mais o teto do bônus. Isso a gente pode fazer. Ao invés de dar, hoje o teto é até 15%. A pergunta que se faz, é a seguinte: e se o teto fosse 20%? E se o teto fosse 25%? Fosse 30%? É uma escolha que tem que ser feita. A gente teria que ver, se o bônus fosse 30%, certamente entrariam aqui, alunos que teriam tido no vestibular, um desempenho pior, mas como o bônus foi tão alto, que eles passaram os outros alunos. Teria que ver, se esses alunos, teriam um desempenho na graduação igual aos outros. Mas isso também tem que ser feito. O que a gente sabe, é que até o teto de 15%, o desempenho não está sendo afetado. Podemos expandir. Isso no futuro. Que ninguém sabe qual é.

A B – Professor, eu gostaria de lhe perguntar, bem, os alunos entraram pelo INCLUSP, o senhor frisou bem que não há uma diferença de...

M V – Até agora não.

A B – E existe evasão do curso?

M B – Existe. Isso é um outro papo. Foi bom você ter lembrado. A gente tem analisado o sucesso ou fracasso do INCLUSP de duas maneiras, ou pela nota dos alunos na graduação, que é o desempenho na graduação, ou pela evasão. Tanto num caso, quanto no outro, não há diferença. Nos vários cursos da USP, em que entraram alunos pelo INCLUSP, o nível de evasão dos alunos INCLUSP não é diferente dos alunos não INCLUSP. Assim como as notas também. Então, do jeito que o programa está formatado hoje, a gente não tem perdas, tanto no desempenho, quanto na evasão. E é por isso que, na comunidade uspiana, o programa é bem visto ainda. A partir do momento, que se perceberem diferenças de qualidade e de evasão, aí talvez o assunto passe a ser contestado. Hoje não é, por causa disso. Pelo contrário. Ele é bem

visto. A gente tá dando uma resposta à sociedade, e a USP está mantendo a sua qualidade. Por enquanto a gente está assim, não é? Vamos ver o que acontece no futuro.

A B – Professor, eu queria lhe agradecer pela contribuição e queria lhe perguntar se o senhor gostaria de comentar mais alguma coisa?

M B – Não. Eu estou satisfeito de poder ajudar. E se aparecer mais alguma novidade, dúvidas, por favor, entre em contato. A única coisa que a gente está querendo fazer na USP, de novo, é em relação à qualidade. A gente acha que a graduação é algo tão precioso, pra gente, porque é da graduação, que a gente depois forma os pós-graduandos pra fazer a pesquisa. Pra nós, isso é muito importante. Se a gente tem na graduação, um público que tem qualidade menor do que a de hoje, o impacto na pesquisa, no futuro, também vai ser ruim. Então, o que a gente quer, é se assegurar que as nossas disciplinas de graduação, possam ser continuamente dadas num clima de qualidade. Como tem sido hoje. E esse clima, se nele houver diversidades, ou seja, alunos com condição sócio-econômica diferente, tanto melhor, não é? Uma vez que a USP é uma universidade paga por impostos públicos, acho que a gente deve isso para a sociedade. Mas desde que a gente não perca essa nossa atual condição na manutenção de qualidade.

A B – O que o senhor entende, por qualidade? Ou melhor, o que a comissão entende por qualidade?

M B - Qualidade é... quando a gente recebe, vou dar um exemplo, quando a gente recebe recursos da sociedade, a USP ganha muito dinheiro. 5% do ICMS do estado, vem para a USP, para bancar a sua existência por um ano. Então, o que eu acho que o legislador quer? Que esse recurso seja bem investido. Para formar alunos e fazer pesquisa. Se uma parte significativa desse dinheiro, entra na USP e a USP não cumpre a sua missão, que é formar alunos e formar esses alunos com qualidade, a USP não está cumprindo bem o seu papel. Então, quando eu digo qualidade, qualidade também tem a ver com isso. Responsabilidade. De usar bem o dinheiro que é investido nela. Na medida em que entrem alunos na USP, que não tem capacidade para cumprir a graduação a contento, esses alunos saem da USP. (faz um teste ou comenta algo para o entrevistador) A partir desse momento, que esses alunos entram e saem rapidamente, e aí tem a evasão. A evasão é muito custosa para a universidade. Então, o que a USP não quer, é ser depois cobrada, por ter uma evasão muito alta. Então, o que ela quer? Formar os alunos, com uma taxa baixa de evasão, para justificar os recursos investidos e que esses alunos que forma, tenham um nível adequado, suficientemente bom, ótimo. Quer seja

esse caminho para o mercado de trabalho, eles estão indo para lá com selo USP de bons alunos. Se eles vão para a pesquisa, eles também conseguem fazer pesquisa de qualidade. Simplesmente isso.

A B – Professor comentou sobre uma resposta para a sociedade. Nós entendemos como as minorias, dentro da universidade elas estão começando. O número aumentado das minorias, essa resposta seria à classe média, por exemplo?

M B – Acho que para toda a sociedade. Eu estou falando por mim. Quando a USP recebe esse dinheiro do estado de São Paulo. Ela está recebendo esses recursos, pra cumprir a sua missão. Qual é a missão da USP? Criar aqui conhecimento, e formar uma elite. Mas não uma elite econômica. Veja bem isso. É elite acadêmica científica e cultural do estado de São Paulo. Então, é essa a missão da USP. E ela tem que fazer isso, da melhor maneira possível. Como que ela faz isso? Buscando no ensino médio, quais são as melhores cabeças. Esse é o papel da USP na seleção. De um contingente que existe no ensino médio, está se formando lá, buscar as melhores cabeças. Pra ajudar a USP, a construir essa missão. Que é formar gente. Gente que, uma vez que a USP, isso tem que estar muito claro também. Tem gente que não entende. A USP é uma universidade de pesquisa. Também de ensino. Pra ela fazer pesquisa, ela precisa ter gente. Gente que, além do staff, que são os professores e funcionário, alunos. Quanto melhores forem esses alunos, mais bem capacitada a USP vai estar, para cumprir a sua missão. E é por isso que, quando eu digo em responsabilidade, a USP tem essa responsabilidade. Ir ao ensino médio pegar os melhores alunos. Porque se ela não pegar os melhores alunos, ela pode não cumprir bem o seu papel nessa missão. E ela tem que ter toda a liberdade para fazer isso. Por isso que a cota é perigosa. Porque ela é um instrumento que não nos dá autonomia, para escolher os alunos, que a gente quer escolher. Instrumento segundo a nossa filosofia.

A B – E como que a comissão entende essa captação dos melhores alunos? Se muitas vezes, o próprio capital cultural, ele está ligado com questões sócio-econômicas?

M B - Esse que é o problema. Por isso que eu te falei, não é? Eu tenho certeza, que o vestibular não é o melhor filtro, melhor instrumento. Porque, por exemplo, ele não pega isso. infelizmente. Ele mede conhecimento somente. É algo importante. Se o aluno não sabe matemática, dificilmente ele vai conseguir fazer um curso de física. Ele vai ter muitas barreiras. Esse é o problema do vestibular. Mas esse é um problema que a USP ainda vai ter que discutir. Não só a USP. O Brasil todo. Que instrumento é esse, que consegue entre uma

massa grande de alunos, detectar aqueles, que tem conhecimento adequado para continuar os estudos, mas que também tenha algo mais. Por exemplo, que saiba trabalhar em conjunto. Que saiba ter postura, isso é fundamental. Ter atitude. São atributos, que o vestibular não mede. Infelizmente. E são esses alunos que tem essas características, que também se dão bem na graduação. Mas o vestibular não está medindo isso. está medindo, naquele momento, uma foto muito pontual do conhecimento do aluno em algumas matérias do ensino médio. Por isso que eu acho que ele podia ser melhor. Ele tinha que ser mais amplo. De coisas que ele não mede hoje.

A B - Por exemplo, na comissão, na discussão quando foi planejado o INCLUSP por exemplo, não se tocou, não se pensou numa forma de avaliação, numa modificação?

M B – Então, como eu te falei antes. A comissão, não estava preocupada com o vestibular. À partir do momento, em que ele era um instrumento fixo. Mas eu acho que em algum momento, a USP tem que se voltar a essa discussão. Houve uma mudança em 2011, em que se discutia isso no vestibular, eu até estava também nessa comissão. Não tinha nada a ver com inclusão. São comissões à parte. Discutiu o vestibular. Mas nessa comissão de 2011, a única coisa que foi feita, foi algo um pouco operacional, de definir o número mínimo de pontos para passar para a segunda fase. Definir que na primeira fase, a nota dela conta junto com a nota da segunda fase. A estrutura do vestibular. Isso é algo, acho que falta. Eu sempre dei esse exemplo. Porque eu participei dessa discussão. Se você pegar uma universidade como Oxford, Cambridge, Caltech, que entrou de química agora, porque lá, eles selecionam os alunos, cada unidade seleciona os seus alunos. Não tem um vestibular como o nosso, que é para toda a universidade. Em Oxford, o aluno aplica. Quando ele aplica, ele mostra o desempenho dele no ensino médio. E lá é fácil, porque o ensino médio é muito igual. Não tem escolas boas e escolas ruins. Até deve ter, mas não como a nossa disparidade. Então, eles aplicam mostrando como é o desempenho deles no ensino médio. Então, os alunos que tem notas muito boas, esses são analisados depois por uma comissão. E o que essa comissão analisa, são coisas como essas por exemplo, atitude, postura, perseverança, solidariedade. Eles têm que fazer um texto. Explicar o que já fizeram na vida. E aí sim, que eles escolhem quem é o melhor aluno. Algo que a gente não faz aqui, de jeito nenhum. A gente faz só a primeira parte, que é medir conhecimento. Mas como fazer isso, acho que é um desafio. E nem o ENEM faz isso também. O pessoal fala tanto do ENEM. Mas o ENEM é um vestibular igual o nosso. Talvez um pouco

mais fácil que a FUVEST. Mas mede só conteúdo. Também não mede isso aí. Acho que o tet-a-tet faria a diferença. Mas a USP têm dez mil vagas. Onze mil, vagas. Então, criar esse programa de seleção, talvez fosse complicado para todas elas. A não ser que cada unidade, fizesse o seu vestibular. Mas aí, é uma coisa que está longe de acontecer. Esse dinheiro existe, eu tenho certeza.

A B – Bom, professor, eu queria mais uma vez lhe agradecer pela atenção. Muito obrigado.

M B – Bom. Até a próxima.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

inclusp



PROGRAMA DE
INCLUSÃO SOCIAL
DA USP

São Paulo
Maio/2006

inclusp
 PROGRAMA DE
INCLUSÃO SOCIAL
DA USP

São Paulo
Maio/2006

Reitora: Profa. Dra. Suelly Vilela
 Vice-Reitor: Prof. Dr. Franco Maria Lajolo
 Pró-Reitora de Graduação: Profa. Dra. Selma Garrido Pimenta
 Pró-Reitor de Pós-Graduação: Armando Corbani Ferraz
 Pró-Reitora de Pesquisa: Profa. Dra. Mayana Zatz
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária: Prof. Dr. Sedi Hirano
 Secretária Geral: Profa. Dra. Maria Fidela de Lima Navarro

O INCLUSP - Programa de Inclusão Social da USP -, aprovado pelo Conselho Universitário em sua reunião de 23 de maio de 2006, teve sua versão inicial elaborada por Comissão coordenada pela Pró-Reitoria de Graduação, assim composta:

Selma Garrido Pimenta - Pró-Reitora de Graduação
 Maria Amélia de C. Oliveira - Assessora - Pró-G - EE
 Maria Isabel de Almeida - Assessora - Pró-G - FE
 Antônio Joaquim Severino - FE
 Antonio Luis de Campos Mariani - EP
 Antonio Sérgio Alfredo Guimarães - FFLCH
 Bernadete A. Gatti - Fundação Carlos Chagas
 Bruno José S. de Melo - discente - EEEF
 Elba Stqueira de Sá Barreto - FE
 Flávia Inês Schilling - FE
 Franco Maria Lajolo - FCF - Vice-Reitoria
 Glaucius Oliva - IFSC
 João Baptista B. Pereira - FFLCH
 José Cippola Neto - ICB
 Lucimar Rosa Dias - Doutoranda - FE
 Maria Theresza Fraga Rocco - FUVEST
 Mauro Bertotti - IQ - CoG
 Milton de Arruda Martins - FM - CoG
 Moacyr Domingos Novelli - FO
 Oswaldo Baffa Filho - FFCLRP
 Patrícia Junqueira Grandino - EACH
 Quirino Augusto de C. Carmello - ESALQ - CoG
 Renato P. Morgado - discente - ESALQ
 Rosa Maria Fischer - FEA

Projeto gráfico: Solana Cheung

sumário

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| I PRESSUPOSTOS E OBJETIVOS | 8 |
| A desigualdade social como problema para a Universidade | 8 |
| O conceito de inclusão social | 11 |
| A USP e a inclusão social: responsabilidades, compromissos, possibilidades e limites. | 12 |
| A contribuição histórica da USP para a inclusão social | 13 |
| Objetivos do Programa | 14 |
| II AÇÕES | 15 |
| Ações antes do ingresso | 15 |
| Ações no ingresso | 20 |
| Ações após o ingresso | 24 |
| Avaliação das ações | 28 |
| Outras ações | 28 |
| III INDICADORES E MÉTODOS DE AVALIAÇÃO | 29 |
| IV REFERÊNCIAS AO PROGRAMA DE INCLUSÃO SOCIAL | 29 |

introdução

Este documento apresenta a versão sistematizada do Programa de Inclusão Social* que a Universidade de São Paulo se propõe a desenvolver nos próximos anos, mediante o qual buscará dar sua contribuição à tarefa nacional de superação da desigualdade que tão fortemente marca a sociedade brasileira, definindo e implementando sua política institucional nesse âmbito. Propõe-se a fazê-lo a partir de sua competência específica, qual seja, a da educação superior de alto nível, consciente das limitações do poder das instituições educacionais no que concerne ao enfrentamento e à superação dos problemas sociais abrangentes.

Com este Programa, a USP expressa sua preocupação com as barreiras socioeducacionais que dificultam o acesso a seus cursos de preferência e a permanência nestes de muitos jovens e buscará mecanismos de atuação junto com candidatos e alunos, mantendo sua finalidade específica de oferecer ensino, pesquisa e extensão, sempre investindo na qualificação da formação de seus estudantes em todas as fases desse processo. Reafirma também a importância social e acadêmica de ter, em todos os seus cursos, uma representação social, cultural e étnica mais consoante com a sociedade multicultural em

que vivemos, assegurando que todas as opiniões se façam presentes ao longo da vivência acadêmica dos estudantes, bem como a diversidade na produção do conhecimento.

Para apresentar o Programa, este documento estruturou-se em três partes. Após uma introdução, na qual são apresentados os pressupostos e as diretrizes assumidos pela Universidade para sua atuação; a segunda parte apresenta metas e ações que se propõe a realizar, de modo emergencial ou permanente, em curto, médio e longo prazos. Para finalizar, são apontadas questões relacionadas ao gerenciamento do Programa.

A proposta de inclusão social que a Universidade entende ser de sua responsabilidade funda-se, prioritariamente, na maior democratização do acesso dos segmentos menos favorecidos da sociedade a seus cursos, sem comprometimento do critério de mérito como legitimador desse acesso.

Considerando que a maioria dos jovens pertencentes a esses segmentos realiza a formação básica na escola pública, o Programa de Inclusão Social da USP terá sua atuação direcionada ao planejamento de ações de apoio voltadas para o aluno do Ensino Médio da escola pública, antes, durante e após o processo seletivo para ingresso na Universidade.

* A Universidade de São Paulo desenvolve um conjunto de ações voltadas para o atendimento aos alunos com deficiências, em consonância com as diretrizes do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Essas ações integram o presente Programa.

I. pressupostos e diretrizes

A DESIGUALDADE SOCIAL COMO PROBLEMA PARA A UNIVERSIDADE

A sociedade brasileira deste início do 3º milênio continua apresentando, no seio de sua população, um grave quadro de desigualdade social, que se expressa em todos os aspectos da sua existência real. Em que pese o significativo crescimento da renda do país com o desenvolvimento da economia, suas políticas públicas não conseguem distribuir essa riqueza de forma mais equitativa entre todos os segmentos da sociedade, visando assegurar aos menos favorecidos condições para que possam superar suas carências reais. O problema é abrangente e envolve todos os aspectos da existência humana no país, manifestando-se no universo do trabalho, na esfera das relações político-sociais e no âmbito da cultura simbólica.

Não há como desconhecer que a gravidade dessa situação, de caráter estrutural, deve-se fundamentalmente à ausência de uma política pública voltada para o desenvolvimento da educação nacional. O que se tem observado, década após década, são programas isolados e descontínuos, visando enfrentar problemas localizados em segmentos ou níveis de ensino, não contando o país com um projeto integral capaz de apresentar uma política institucionalizada e abrangente para assegurar a toda a população uma educação pública suficiente em quantidade e em qualidade, que torne desnecessárias ações compensatórias e assistencialistas que acabam agravando os problemas ao invés de solucioná-los de vez. Frente a esse quadro, ao assumir a

responsabilidade que lhe cabe no enfrentamento da exclusão social, a USP reitera enfaticamente a necessidade de o poder público assumir, mediante políticas competentes e eficazes, o seu compromisso para o enfrentamento sistemático do problema socioeducacional brasileiro.

A exclusão social é problema para a educação em geral e para a educação superior em particular, apresentando-se de modo especialmente agudo para as instituições públicas. Embora o problema extrapole a capacidade das universidades para enfrentá-lo e superá-lo sozinhas, não há dúvida de que a elas cabe, pela função que desempenham no projeto político do país, assumir com lucidez e empenho, a partir da esfera de suas atribuições específicas, responsabilidades e compromissos com propostas e ações destinadas a contribuir, de forma positiva, para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Desse modo, coloca-se como desafio para a instituição universitária pública democratizar o acesso aos seus cursos, adotando estratégias que favoreçam candidatos oriundos dos grupos sociais menos favorecidos, sem prejuízo dos critérios de mérito que devem presidir esse processo.

Diante da dimensão e da gravidade do problema, os posicionamentos das instituições e dos especialistas têm seguido diferentes orientações. Alguns entendem que o problema é de tal monta que escapa à responsabilidade da Universidade, que não deve se preocupar com ele. No máximo, caber-lhe-ia pesquisar cientificamente o assunto, produzindo esclarecimentos sobre o fenômeno e assim subsidiar os gestores do poder público no estabelecimento de políticas sociais amplas, as únicas aptas a resolver os problemas da exclusão social, com soluções que devem ocorrer e produzir seus efeitos fora do âmbito da Universidade.

Outros, face à magnitude do problema e suas características, entendem que a Universidade está relacionado a ele, mas avaliam que qualquer iniciativa para seu enfrentamento terá necessariamente resultados pouco expressivos, mais emblemáticos do que reais, de modo que as medidas tomadas nessa direção mais prejudicariam do que contribuiriam para melhorar o desempenho dos processos de acesso à Universidade pública.

Há ainda os que consideram que a gravidade da situação é tal que a única solução eficaz é aquela representada pelas ações afirmativas do tipo 'cotas' para os segmentos com desvantagens étnicas, sociais e culturais. Trata-se de postura radical que, em nome da grande dívida dos segmentos privilegiados para com os excluídos (negros, indígenas, pobres, abandonados etc.), subordina o mérito acadêmico a critérios de natureza social.

A Universidade de São Paulo reconhece seus compromissos com a questão e sua responsabilidade de contribuir para sua superação, entendendo que pode e deve tomar medidas específicas, intervindo nas condições de ingresso, considerando em seu vestibular as peculiaridades da formação oferecida pelo Ensino Médio na escola pública e apoiando candidatos desfavorecidos social e culturalmente, antes, durante e após o ingresso. A USP tem clareza do alcance dessas medidas, mas tem igualmente certo que representam uma contribuição significativa para a ampliação e a democratização das possibilidades de ingresso, ao mesmo tempo que preservam os critérios de mérito, de modo que ingressem na Universidade aqueles candidatos com mais possibilidades de aproveitamento.

O fenômeno da exclusão que atinge os segmentos pauperizados da sociedade brasileira manifesta-se no âmbito do Ensino Superior de duas formas: pelo pequeno número de ingressantes que realizaram sua formação básica na escola pública e pela evasão dos poucos que

conseguem ingressar na Universidade. Nesse sentido, a população universitária não reflete suficientemente a distribuição étnica de nosso país.

Para a USP, é evidente que o processo escolar contribui para a democratização do processo social e que a formação universitária tem uma contribuição significativa a dar para a consecução desse objetivo. Assim, buscará trabalhar a diversidade, reconhecendo a heterogeneidade das condições dos candidatos/alunos, buscando elevar o nível da formação com o objetivo de não reproduzir a desigualdade presente no ingresso.

O CONCEITO DE INCLUSÃO SOCIAL

Nas condições históricas em que se encontra hoje a sociedade brasileira, marcada por graves níveis de exclusão, o conceito de inclusão social tem relação com a qualidade de vida que caberia assegurar a todos os brasileiros. Trata-se de uma referência de cidadania, pois proporcionar qualidade de vida é garantir a toda pessoa condições objetivas para a fruição de bens naturais, sociais e culturais, frutos da produção coletiva, mas que se encontram distribuídos de forma muito desigual.

Dessa perspectiva, a inclusão social realizar-se-ia mediante a garantia de trabalho, do qual resultassem recursos para obtenção dos bens naturais para a reprodução da existência, participação na tomada de decisões de interesse comum e na produção e no consumo dos bens culturais da sociedade.

Nesse contexto, tem-se em mente a efetividade da prática de um trabalho que não seja degradante, de uma vivência social que não seja opressiva e considere a dimensão multicultural da sociedade contemporânea, visando assegurar o usufruto das múltiplas contribuições culturais.

À educação cabe tornar-se investimento sistemático para garantir a todos, particularmente aos integrantes das novas gerações, as condições para que tal situação possa viabilizar-se historicamente.

A USP E A INCLUSÃO SOCIAL: RESPONSABILIDADES, COMPROMISSOS, POSSIBILIDADES E LIMITES.

Como instituição pública de Ensino Superior, a USP é reconhecida como uma referência significativa para a sociedade brasileira. Com seu trabalho de ensino, pesquisa e extensão tem como finalidade contribuir significativamente para o desenvolvimento social, cultural e econômico do país, produzindo conhecimentos e preparando cidadãos que desempenhem papel de liderança intelectual e profissional. Isso significa envolver-se profundamente com o compromisso de ampliar e consolidar a inclusão social de seus alunos.

Nesse sentido, já vem empreendendo esforços, por meio da Coordenadoria de Assistência Social - COSEAS - e de outros atores na Universidade, para assegurar a permanência e o sucesso na vida acadêmica dos estudantes com necessidades socioeconômicas. No entanto, para ampliar a eficiência da resposta que vem sendo dada à necessidade de inclusão, tais ações precisam ser intencionalmente articuladas em um Programa capaz de combiná-las com outras de maior amplitude social.

Assim, a USP apresenta uma proposta que articula excelência acadêmica, autonomia universitária e inclusão social, presentes em todas as iniciativas de sua política de formação superior, expressa por meio de práticas e ações consentâneas, ao mesmo tempo em que

reafirma seu compromisso de valorização da graduação, espaço prioritário para a efetivação dessa política.

Por considerar que o problema da exclusão/inclusão não é da alçada apenas das instituições de Ensino Superior, a USP reitera a necessidade de que projetos de alcance universal sejam igualmente implementados, a partir de compromissos e responsabilidades a serem assumidos por outros atores sociais.

Nesse sentido, a USP compromete-se a fazer a sua parte, no âmbito do micros social, mas insiste na responsabilidade do Poder Público, em primeiro lugar, como representante legítimo que é da sociedade como um todo, em assegurar a qualidade na formação realizada na escola pública e implementar uma política pública de expansão das vagas no Ensino Superior público, forma mais eficaz e abrangente de combater a exclusão social na sua interface com a formação profissional de nível superior.

A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DA USP PARA A INCLUSÃO SOCIAL

A luta pela inclusão social não é preocupação recente da Universidade de São Paulo. Ao longo de seus 70 anos de existência, a USP, no desempenho de suas tarefas acadêmicas específicas, nunca perdeu de vista as peculiaridades da sociedade brasileira, marcada pela desigualdade social. Sua trajetória registra um amplo espectro de programas e ações orientados diretamente ao apoio aos alunos carentes e, indiretamente, à sociedade brasileira, contribuindo assim para a ampliação e consolidação de conquistas sociais relevantes por meio do Ensino Superior.

O Programa de Inclusão Social buscará dar organicidade, visibilidade e incremento às ações que vêm sendo desenvolvidas nas diversas unidades e instâncias da Universidade, articulando-as em um projeto comum, sob o signo de uma política institucional. Propõe-se ainda agregar, às ações existentes, outro conjunto de medidas voltadas para estudantes de escolas públicas, que também contribuirão para a inclusão pretendida e sobre o qual incidirão estratégias de acompanhamento para avaliar sua efetividade.

OBJETIVOS DO PROGRAMA

Com a finalidade de implementar uma política institucional de inclusão social, o presente Programa definiu como objetivos:

- Ampliar as probabilidades de acesso dos estudantes egressos da escola pública;
- Atuar positivamente na superação das barreiras educacionais que dificultam esse acesso;
- Apoiar as escolas públicas, seus professores e alunos, mediante ações especializadas;
- Incentivar a participação dos egressos da escola pública no processo seletivo de ingresso na Universidade, por meio de medidas de apoio didático-pedagógico e de divulgação;
- Apoiar, com ações específicas, a permanência dos alunos no curso superior.

A implementação dessa política, que articula ações em desenvolvimento com novas ações, terá caráter processual e pressupõe o seu acompanhamento, visando à avaliação constante, bem como possíveis reorientações que se façam necessárias para assegurar o

alcance de seus objetivos, que se desdobram em metas e ações previstas para antes, durante e após o ingresso do estudante na Universidade, como explicitado a seguir.

II. ações

AÇÕES ANTES DO INGRESSO

Dadas as situações objetivas de desigualdade social e de perfil econômico e cultural que penalizam em grande medida os estudantes que cursam o Ensino Médio na rede pública, a ampliação das possibilidades de acesso de alunos egressos da escola pública na Universidade de São Paulo e a garantia de sua permanência após o ingresso requerem ações sistemáticas de apoio ainda na fase anterior à sua participação no vestibular.

A intervenção da Universidade no período de formação que antecede o vestibular pode representar uma medida importante para que esses alunos possam superar as barreiras educacionais que têm dificultado seu ingresso nesta Universidade, bem como prevenir os índices de evasão registrados em alguns cursos. Trata-se, pois, de enfrentar as duas faces do fenômeno da exclusão educacional que, como é sabido, resulta do longo e difícil trajeto seguido pela escola pública brasileira. Atacar suas origens demanda medidas capazes de atingir, de forma positiva, os alunos antes do momento de ingresso na universidade.

Para tanto, planeja a implementação de medidas que instaurem mecanismos sociopedagógicos capazes de estimular, favorecer e respaldar a formação geral, bem como preparar especificamente os estudantes do Ensino Médio público para o vestibular. Tais medidas visam ampliar o número de ingressantes na Universidade oriundos da escola pública e devem efetivar resultados concretos que expressem a eficácia da política institucional de inclusão social desenvolvida pela Universidade no cumprimento de seus compromissos com a sociedade brasileira.

A partir do núcleo central da atuação da Universidade, que busca intensificar um relacionamento sistemático e permanente com a escola básica mantida pelo poder público, colocam-se os seguintes objetivos:

- Constituir canais ágeis e eficientes de comunicação, aptos a viabilizar relacionamento mais estável e fecundo entre esses dois pólos formadores;
- Sinalizar claramente para o conjunto das escolas de Ensino Médio, estabelecendo diretrizes que possam favorecer a formação geral e o preparo dos estudantes de maneira ampla e também o preparo específico para sua participação do vestibular;
- Manter a sociedade mais informada, de modo transparente e objetivo, sobre este Programa de Inclusão Social, bem como sobre os conteúdos programáticos de cada exame vestibular da FUVEST;
- Tomar os PCNs como uma das referências para a elaboração desses conteúdos, visando exercer papel indutor junto às escolas públicas no seu desenvolvimento curricular.

A fim de dar cumprimento a esses objetivos, são propostas as seguintes ações e medidas que devem ser viabilizadas na fase anterior ao ingresso dos alunos:

■ Ação 1.

Introduzir o Sistema de Avaliação Seriada

Desdobramentos (para escolas que aderirem ao Sistema):

- Iniciar procedimentos de avaliação seriada ao longo do curso médio em escolas que aderirem ao Sistema, mediante a aplicação de provas ao término de cada ano, com notas ponderadas que se agregarão aos resultados do vestibular;
- Identificar necessidades para subsidiar a proposição de possíveis ações da USP junto às escolas públicas de Ensino Médio;
- Oferecer às escolas participantes referências sobre o desempenho de seus alunos a fim de subsidiar sua auto-avaliação.

■ Ação 2.

Considerar os PCNs como uma das referências para a elaboração do programa dos exames de ingresso na Universidade

Desdobramentos:

- Instituir processo de discussão sobre a adoção dos PCNs como referência na elaboração dos conteúdos para os exames de ingresso;
- Envolver os sistemas públicos de ensino nessa discussão, o que poderá se constituir em elemento indutor do desenvolvimento curricular das escolas.

■ Ação 3.

Promover ações voltadas para escolas e professores do Ensino Médio público

Desdobramentos para as escolas:

- Desenvolver projetos institucionais e interinstitucionais voltados para o Ensino Médio da escola pública;

- Implantar um Centro Permanente de Apoio para atendimento aos agentes e destinatários das ações implementadas;

- Estabelecer parcerias com escolas públicas por meio de projetos e programas (laboratórios, exercícios, trabalhos de pesquisa, tiradúvidas, tutorias etc.);

- Disponibilizar os materiais didáticos já produzidos no Portal de Inclusão.

Desdobramentos para os professores:

- Ofertar vagas nas disciplinas de graduação da USP, que assim o decidirem, para professores da rede pública, como oportunidade de atualização.

- Oferecer aulas de disciplinas específicas para os professores da rede, com fins de educação continuada, sob a modalidade de cursos de extensão, integrando essa atividade na carga horária básica dos docentes da Universidade;

- Realizar gestões junto à Secretaria da Educação para que a participação em tais cursos conte pontos para progressão na carreira funcional do magistério;

- Divulgar programas de agências de fomentos, de órgãos de governo e outros, de concessão de bolsas de estudos e pesquisas para a formação de professores da educação básica.

■ Ação 4.

Envolver discentes da USP em ações na escola pública

Desdobramentos:

- Realizar estágios curriculares das áreas específicas e das Licenciaturas em escolas públicas;

- Conceder bolsas e atribuir créditos a alunos de graduação e de pós-

graduação da USP envolvidos nas atividades;

- Participar de projetos de divulgação da USP nas escolas públicas.

■ Ação 5.

Apoiar cursinhos preparatórios de caráter comunitário

Desdobramentos:

- Oferecer apoio didático aos cursinhos comunitários desenvolvidos por alunos da USP;

- Monitorar os efeitos dessa preparação no desempenho dos candidatos;

- Estimular que os cursinhos comunitários sejam interlocutores na elaboração dos critérios de apoio aos estudantes com necessidades socioeconômicas.

■ Ação 6.

Aumentar a oferta de vagas em cursos noturnos

Desdobramentos:

- Aumentar a oferta de cursos noturnos regulares;

- Ampliar a oferta de vagas em cursos noturnos já existentes;

- Criar cursos de graduação semipresenciais e a distância.

■ Ação 7.

Ampliar a presença da USP na cultura da escola pública

Desdobramentos:

- Ampliar e divulgar o Projeto Universidade e as Profissões;

- Divulgar a existência do Programa de Iniciação Científica [únior (CNPq/Fapesp)];

- Divulgar o programa de recepção aos professores da rede pública em disciplinas das unidades da Universidade de São Paulo, que assim o decidirem;
- Ampliar a divulgação de eventos e atividades da Universidade para as redes públicas de ensino.

■ Ação 8.

Incrementar a divulgação para a sociedade das ações da Universidade

- Tornar mais acessíveis informações sobre atividades permanentes e eventuais de cultura e extensão e de pesquisa.

■ Ação 9.

Criar um Portal de Inclusão Social para divulgar ações realizadas pela Universidade de São Paulo na perspectiva da inclusão social

AÇÕES NO INGRESSO

A USP, consciente de sua missão institucional de formar lideranças intelectuais, sociais e econômicas, bem como de produzir conhecimento, inovação e ações nas comunidades nas quais se insere, tem o compromisso de eleger seus discentes os jovens com maior capacidade de aproveitamento das oportunidades de aprendizagem que a Universidade oferece. Assim, o processo de admissão à USP não pode se resumir em selecionar os que detêm o maior volume de conhecimentos acumulados até o momento do ingresso na Universidade, mas se deve pautar em identificar e admitir aqueles com maior potencial para se tornarem os melhores egressos para a sociedade.

Sem abrir mão de sua função precípua de prover ensino superior de qualidade, a USP não pode abster-se da responsabilidade de atuar como agente promotora da educação geral da sociedade, em especial no que se refere ao ensino público de qualidade, um direito essencial do cidadão e principal vetor de inclusão social e redução da desigualdade.

Assim, o Programa de Inclusão Social da USP deve ter como foco ações direcionadas à melhoria do ensino público fundamental e médio que, além de contribuir para a educação geral, permitam identificar os melhores talentos, independentemente de sua história social e econômica.

A USP tem também a responsabilidade de aprimorar a qualidade de seu sistema de seleção, em razão de seu grande impacto nos modos de organização do conhecimento e nas metodologias de ensino adotadas pelas escolas de Ensino Médio. Em particular, se praticar um exame de seleção que considere não só as informações acumuladas, mas também a capacidade de aprendizagem e de organização dos conhecimentos já incorporados, de maneira articulada com a realidade, a USP poderá induzir a uma perspectiva de formação mais ampla na educação básica.

Com isso, será possível minimizar a possível perda de talentos decorrente da perversa combinação de fatores negativos, como a deterioração da qualidade do ensino oferecido pela escola pública, e um sistema de admissão à Universidade que privilegia o acúmulo quantitativo da informação no momento do ingresso e não o potencial intelectual e criativo dos candidatos.

O Programa prevê um sistema de pontuação acrescida para os alunos da rede pública que, mesmo em condições desfavoráveis, logram se aproximar da nota necessária para aprovação no vestibular e que certamente devem ter bom potencial para o Ensino Superior. Com um pequeno fator de acréscimo de 3% na sua nota, os candidatos poderão atingir a pontuação requerida para convocação.

Simulações realizadas com dados da FUVEST de 2006 indicam que esse fator elevaria de 23,6% para 30% o número de ingressantes oriundos da escola pública. Esse impacto será maior nas carreiras de elevada procura (p. ex., medicina, direito, jornalismo), nas quais um pequeno acréscimo na nota representa o avanço de muitas posições na classificação geral.

Prevê-se ainda a instituição do Sistema de Avaliação Seriada para escolas de Ensino Médio da rede pública que manifestem interesse de participar desse processo. Para tanto, será constituído um Grupo de Trabalho para, ao longo de 2006, propor a operacionalização da Avaliação Seriada que, quando implementada, poderá se combinar com o Sistema de Pontuação Acrescida, incluído nesta proposta em caráter emergencial e experimental.

Apresenta-se a seguir o conjunto de ações NO INGRESSO, que buscam ampliar o percentual de ingressantes provenientes da escola pública.

■ Ação 1.

Implementar, em caráter experimental, o Sistema de Pontuação Acrescida, no qual um fator de acréscimo de 3% será aplicado às notas das 1ª e 2ª fases para alunos da rede pública

Desdobramentos:

- Calcular a nota de corte normalmente, aplicar o multiplicador 1,03 para as notas dos alunos que cursaram o Ensino Médio integralmente na escola pública e acrescentar aos convocados para a 2ª fase aqueles que ultrapassarem a nota de corte;
- Aplicar igualmente na 2ª fase o multiplicador de 1,03 nas notas dos alunos oriundos da rede pública;

- Instituir um programa de acompanhamento do desempenho acadêmico dos alunos para verificar a eficácia do Sistema de Pontuação Acrescida em selecionar aqueles que tenham bom potencial.

■ Ação 2.

Realizar modificações imediatas no Vestibular

Desdobramentos:

- Reduzir de 100 para 90 o número de questões na 1ª fase, mantendo a duração de cinco horas e assegurando abordagem interdisciplinar;
- Atribuir pesos iguais às 1ª e 2ª fases no cálculo da nota final;
- Manter o número atual de isenções da inscrição no vestibular para estudantes com necessidades socioeconômicas, trabalhando intensamente na divulgação do programa para que o número de isenções seja efetivamente utilizado.

■ Ação 3.

Implementar outras modificações graduais no vestibular

Desdobramentos:

- Considerar na definição dos conteúdos programáticos do vestibular as diretrizes dos PCNs;
- Reorganizar os conteúdos programáticos das matérias, visando priorizar o raciocínio, a associação dos conhecimentos, a interdisciplinaridade, a compreensão dos problemas e suas soluções;
- Analisar o impacto das questões interdisciplinares na 1ª fase com o objetivo de ampliá-las.

■ Ação 4.

Incluir o Sistema de Avaliação Seriada no processo de ingresso

Desdobramentos:

- Implantar a Avaliação Seriada em escolas públicas que manifestarem a intenção de fazer parte desse processo;
- Considerar as notas da Avaliação Seriada no processo de ingresso na Universidade de modo combinado com o Sistema de Pontuação Acrescida.

AÇÕES APÓS O INGRESSO

Uma política de inclusão social deve levar em consideração o oferecimento de múltiplos tipos de apoio indispensáveis aos alunos ingressantes, alvo dessa política, para que possam se manter no curso e completar com êxito seu trajeto escolar. Deve ainda assegurar apoio financeiro para que estes possam prosseguir seus estudos no curso escolhido, especialmente para os de período integral. Esse apoio basear-se-á em um Programa de Bolsas especialmente criadas para tal fim, que deverá incluir bolsas já existentes e ampliá-las numericamente.

Para dar cobertura institucional a essa proposta, será necessário criar um Fundo de Bolsas, do qual participem como gestores representantes de professores e alunos ligados às três áreas de conhecimento: exatas, biológicas e humanidades. Esse fundo deverá atender à Universidade como um todo, independentemente da origem dos recursos captados. A ele caberá a responsabilidade de captar, administrar e distribuir recursos destinados exclusivamente às bolsas acima referidas.

Os recursos poderão ser obtidos de diversas fontes: com o orçamento da USP; governos municipal, estadual e federal; agências de fomento (FAPESP, CNPq etc.); iniciativa privada - principalmente daqueles empreendedores instalados no campus, como é o caso dos bancos -; fundações que se beneficiam dos recursos humanos e materiais da USP; doações de ex-alunos e doações de maneira geral.

A permanência dos estudantes nos cursos requer ainda recursos de infra-estrutura, especialmente para os cursos noturnos, o que inclui investimentos em salas de aula (Programa Pró-Salas) e laboratórios (Programa Pró-Lab), salas Pró-Alunos, bibliotecas e serviços de apoio. O SIBi deve encontrar meios para garantir o atendimento dos usuários dos cursos noturnos durante todo o período das aulas e também aos sábados.

Nos diversos campi, será necessário aumentar o número de linhas de ônibus para atender um maior número de passageiros em menor espaço de tempo, dando ao aluno condições de voltar para casa após o término das aulas. Será necessário assegurar condições para que o aluno do período noturno possa se alimentar no campus. A segurança é outro ponto que deverá merecer especial atenção, bem como as condições específicas de ambiência e recursos que dizem respeito à moradia estudantil.

A formação cultural ampliada, de base humanística, será assegurada pela ampliação das oportunidades de convivência universitária que não se limite à área de formação específica. Ações serão empreendidas para promover maior divulgação e criação de novas possibilidades de participação em eventos artísticos e culturais, com a integração de museus, orquestras, cinemateca e outros institutos científicos e culturais para a ampliação do capital cultural dos alunos, buscando favorecer uma formação ampliada e interdisciplinar. Atenção especial será dada às ações culturais diretamente voltadas aos alunos que residem nas moradias estudantis.

■ Ação 1.

Instituir um Fundo de Bolsas na USP

- Criar um Fundo de Bolsas, que deverá atender aos alunos da Universidade como um todo;
- Para atender questões de natureza econômica e educacional, deve-se instituir bolsas específicas que assegurem aos alunos condições de permanência na Universidade de São Paulo e melhor aproveitamento dos estudos;
- Buscar recursos de diversas fontes (orçamentárias, governamentais, de agências de fomento e outras);
- Aprimorar os processos de identificação nas necessidades socioeconômicas dos alunos;
- Estabelecer critérios de alocação de recursos e das bolsas baseados no perfil de necessidades dos alunos.

■ Ação 2.

Implementar ações de apoio à permanência

Desdobramentos:

- Ampliar a oferta de bolsas;
- Regularizar a oferta de apoio emergencial aos alunos com problemas não previstos e urgentes;
- Ampliar recursos de infra-estrutura (salas pré-alunos, laboratórios, bibliotecas etc.), especialmente para cursos noturnos;
- Incrementar programas de apoio específico para alunos com problemas sociais que extrapolem a carência econômica;
- Implementar programa de tutoria acadêmica;
- Assegurar a infra-estrutura das Unidades para o pleno funcionamento dos serviços necessários ao desenvolvimento dos cursos noturnos;
- Monitorar o uso de benefícios e o aproveitamento acadêmico.

■ Ação 3.

Integrar ensino, pesquisa e extensão na graduação.

Desdobramentos:

- Inserir desde os primeiros anos o estudante em grupos de pesquisa (Programa Ensinando com Pesquisa);
- Ampliar programas e aumentar o número de bolsas de iniciação científica;
- Estimular o envolvimento do aluno com atividades de extensão;
- Atribuir créditos a atividades de pesquisa e extensão.

■ Ação 4.

Aprimorar a gestão acadêmica dos cursos visando favorecer o melhor aproveitamento pelo aluno

- Instituir estratégia de avaliação dos cursos;
- Monitorar tempo de permanência;
- Monitorar o tempo médio de conclusão;
- Assegurar a oferta regular de disciplinas.

■ Ação 5.

Ampliar as oportunidades de acesso dos estudantes a bens culturais oferecidos pela Universidade

- Promover atividades científico-culturais;
- Atribuir créditos a atividades culturais

■ Ação 6.

Valorizar a convivência universitária a fim de concretizar a integração entre os campos do saber

- Flexibilizar as estruturas curriculares, visando facilitar o acesso dos

estudantes às ofertas das distintas unidades e instituições da Universidade;

- Apoiar iniciativas com potencial para favorecer a interdisciplinaridade e a multiculturalidade;
- Disponibilizar informações sobre o que é realizado na USP para orientar a escolha informada dos estudantes.

■ Ação 7.

Assegurar infra-estrutura compatível com as necessidades dos cursos, especialmente dos noturnos.

AVALIAÇÃO DAS AÇÕES

Apoiar, conduzir e financiar a realização de pesquisas sobre a implementação, o desenvolvimento e a avaliação dos resultados do Programa de Inclusão Social da USP.

OUTRAS AÇÕES

■ Ação 1.

Criar um Portal de Inclusão Social na Universidade de São Paulo

■ Ação 2.

Implementar ensino a distância

III. indicadores e recursos

a serem detalhados

IV. gerenciamento do programa de inclusão social

1. Constituir um FUNDO ESPECIAL para o financiamento do PROGRAMA. Para isso, criar linha específica no orçamento da USP, a ser significativa e progressivamente ampliada com recursos provenientes de diversas fontes, a saber:

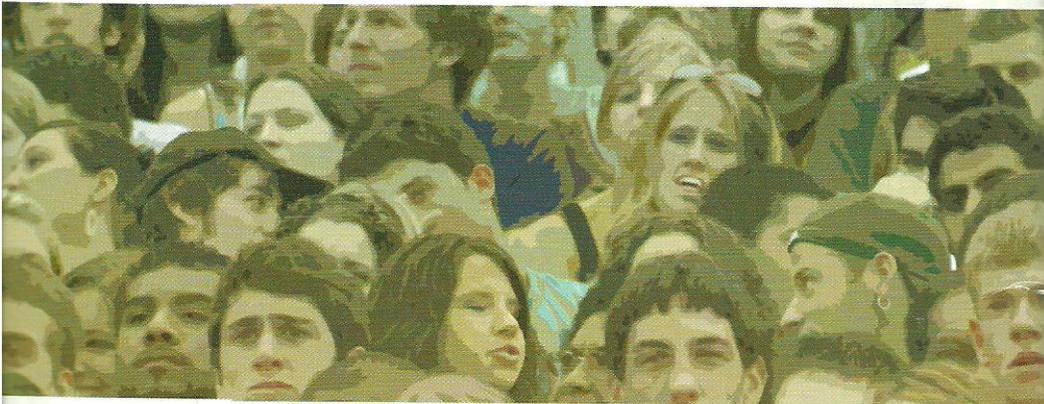
- complementação ao orçamento da USP;
- agências de fomento;
- públicas (federais, estaduais e municipais);
- associações e entidades da sociedade civil;
- empresas estatais;
- sociedades de ex-alunos da Universidade de São Paulo;
- iniciativa privada;
- outras.

2. Criar um GRUPO GESTOR do PROGRAMA.



PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Rua da Reitoria 109
05508-900 - São Paulo - SP
Tel: 11 3091 3290
Fax: 11 3812 9562
e-mail: prg@edu.usp.br
www.usp.br/prg

inclusp
→ PROGRAMA DE
INCLUSÃO SOCIAL
DA USP



Moção da Congregação do Instituto de Psicologia da USP sobre o PIMESP

A Congregação do Instituto de Psicologia da USP instituiu, em outubro de 2012, a Comissão Assessora da Congregação para uma Política de Inclusão na USP com o objetivo de conduzir o processo de discussão com a sua comunidade de professores, alunos e funcionários sobre as políticas de inclusão por cotas nesta Universidade. Pressionada pela notícia veiculada, mais rapidamente pelos jornais do que pelas vias oficiais, do conteúdo do Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público de São Paulo (PIMESP), decidiu manifestar-se.

O PIMESP, concebido sem a participação da comunidade das Universidades Estaduais Paulistas, foi produzido pelo Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP) com a participação das Secretarias Estaduais de São Paulo, Universidade Virtual do Estado de São Paulo, UNIVESP, entre outros órgãos do governo estadual. Os dirigentes das Unidades da USP foram comunicados sobre o PIMESP em ofício de 28 de janeiro de 2013 de que teriam 60 dias para se manifestar. Em 18 de março, a Congregação do IP/USP manifestou-se favoravelmente à adoção de cotas nas universidades estaduais paulistas e contrária à implantação do PIMESP. Propôs um prazo de 90 dias para que a comunidade da USP seja incluída no debate, por meio de seus representantes, ouvido seu corpo de pesquisadores e especialistas, e discuta as várias possibilidades para um projeto de cotas que finalmente inclua os egressos das escolas públicas e os segmentos sub-representados no corpo discente de estudantes pretos, pardos e indígenas. Recusamos a aprovação do PIMESP por diversas razões que foram apontadas no debate da proposta. O texto não faz uma avaliação dos dez anos de experiências brasileiras de implementação de cotas nas universidades federais. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) publicados pelo jornal O Estado de São Paulo (18/03/2013), a reserva de vagas para cotistas nas instituições federais de ensino já fosse de 50% (meta para 2016), a nota de corte desses estudantes teria, na média, uma queda inferior a 5%. Na concorrência ampla, em que disputam os alunos de escolas particulares, o desempenho mínimo para ingressar nas instituições teria um salto de 1%. Não faz sentido, portanto, o Programa se autoneamar como de Inclusão com Mérito, deixando subentendido

que outros programas de inclusão não contemplam o mérito acadêmico do ingressante.

O projeto deixa de valorizar programas de inclusão já existentes na USP, tais como a Tutoria Científico-Acadêmica, a Pré-Iniciação Científica, o Programa Embaixadores da USP, que poderiam compor, com outras iniciativas, um Programa de Ações Afirmativas na USP. O PIMESP não consolida tampouco amplia ações afirmativas pois, como apontado em documento da Associação dos Juízes pela Democracia (AJD), trata-se de uma forma de discriminação negativa, já que, aos alunos das escolas públicas, negros e indígenas, será exigido que realizem, adversamente dos demais, curso antecedente ao ingresso • aumentando seu tempo de espera para a plena convivência acadêmica e titulação o que, ainda segundo a AJD, significa tratá-los de forma pejorativa e aumentar o nível de exclusão a que já se encontram previamente submetidos. Do ponto de vista acadêmico, o projeto é ambíguo e leva à confusão com relação à sua finalidade: trata-se de um curso pré-universitário, intermediário entre ensino médio e universitário (college), de um curso pós-médio (Darcy Ribeiro), ou mesmo de um curso de escola de ensino médio ministrado pela universidade? Portanto, pelas razões acima expostas, a Congregação do Instituto de Psicologia manifesta-se contra o PIMESP e a favor de uma discussão mais representativa que produza propostas que versem sobre Ações Afirmativas na Universidade de São Paulo.

Congregação do Instituto de Psicologia da USP

5 de abril de 2013

Entrevista Katya.

Alan: Você pode me contar um pouco sobre a tua trajetória escolar e aí até o teu caminho aqui na entrada na Universidade?

K: é... então... eu estudei... eu entrei no primário numa escola estadual e aí com... mais ou menos na terceira série... assim... meus pais julgavam que a escola não era boa... não tinha uma alfabetização de qualidade aí... ainda não era progressão continuada no ensino fundamental... mas eles julgavam que num... não tava sendo eficiente o ensino... sei lá com que critérios... e aí eles... é... decidiram me colocar numa escola particular... nessa época meu pai trabalhava... começou a trabalhar com uma oficina dele de serralheria e aí eu era a única filha e tal... e aí eu fui estudar numa escola particular até a sexta ou sétima série do ensino fundamental eu estudei nessa escola particular... é uma Escola Evangélica... aí eu saí da escola por (...)

Alan: e você tinha alguma bolsa na escola (...)

K: não...

Alan: ou não?

K: não... a gente pagava normalmente o valor da escola mesmo... como eu sou do interior... é... escola particular não tem o mesmo valor que tem aqui na capital... então... e era um momento em que tavam chegando escolas particulares na minha cidade... até então só tinha uma escola... um internato... e quando eu entrei... inclusive a minha turma foi a primeira turma de ensino fundamental dois dessa escola... é uma escola Evangélica... o Instituto Batista Boas Novas... tem em todas as cidades... aí... é... eu estudei lá... eu acabei saindo porque eu não me adaptei com a metodologia mais religiosa... mais tradicional... e... voltei pro Estado... eu comecei a estudar numa escola do Estado... a escola do meu bairro que era julgada melhor ou mais... é... mais eficiente... tanto pelo Estado... tinha lá um ranque de cinco melhores escolas do Estado quanto pela população que morava por ali... por todo mundo... é... aí eu estudei... eu fiz todo o resto do ensino fundamental e ensino médio nessa escola... eu nunca reprovei nenhum

semestre... nenhuma série... é... e quando eu tava no ensino médio eu sempre tive esse desejo de fazer faculdade... não é?... era uma coisa que tava muito no meu pensamento... meus pais sempre incentivaram... mas é... quando eu cheguei no ensino médio eu decidi que eu ia fazer faculdade pública porque... porque eu não via sentido em pagar faculdade... e aí eu conversei com alguns professores... como essa escola que eu estuda era julgada de melhor qualidade a gente tinha professores muito bons... que eles passavam no concurso e escolhiam ir pra lá... né? eu tinha uns professores da UFSCAR... da UNICAMP... tinha muitos professores formados em escola pública também e eles me incentivavam... me dava a maior força a estudar e tal... é... terminei o ensino médio e eu prestei vestibular pra UNICAMP (...)

Alan: aí deixa eu entender... porque até a tua estória você tá me contando que então você procuraram uma escola particular... depois foi pra... aí vocês resolveram voltar pra uma escola do Estado... né?

K: isso...

Alan: escola estadual... e vocês procuraram qual era a melhor escola?

K: isso...

Alan: então... como é que foi isso sempre na tua família?... porque você tá me contando de um histórico de uma busca de um ensino de melhor qualidade... é isso?

K: é... é... meus pais sempre se preocuparam com isso... assim... de qualidade de escolas... assim... as vezes... e... ((gagueja)) na minha casa eles julgam até hoje a escola que eu estudei... a Escola Evangélica como de qualidade... e a cidade também julga... mas é que eu não me adaptava com a metodologia da escola... então... eu... acabei preferindo sair da escola do que... e pedindo pra sair da escola... do que ficar... ah... naquela escola... eu tava numa fase assim adolescente e tal... e aquilo me incomodava muito... tá numa Escola Evangélica... num sistema... é... quase que religioso de seguir as coisas... e de... e me incomodava bastante... né?... e a minha família não é Evangélica... eu acho que então por isso que me perturbou mais essa situação... aí eu... a... já existia... existe ainda esse... essa cultura na minha cidade... uma cidade pequena... né?... a gente conhece quase todas as escolas da cidade... de que existem escolas boas e escolas ruins mesmo as do Estado... mesmo usando o mesmos livros... a mesma

metodologia... e aí entre as escolas boas do Estado que tinha na cidade... tinha a ETEC e tinha essa minha escola que ocupava esse ranque que o Estado fazia na época... dos cinco melhores escolas... e... porque eles... de acordo com a nota do SARESP...né? eu acho que eles usam... e aí eu fui pra essa escola que eu pra sétima série ainda... então eu fui pra essa escola que é no meu bairro inclusive... é bem perto da minha casa...

Alan: e você me falou que educação era uma coisa importante... né? pelos teus pais...

K: é... eles valorizam... até hoje eles valorizam o estudar e... o educar... eu acredito que seja porque... ((pausa))

Alan: você acredita...

K: que seja porque eles não tiveram essa condição de estudar... assim... eles não seguiram a carreira... os estudos... por... por... por [inaudível] aprender... a questão dos meus pais... eles vieram de famílias simples... meu pai tem uma família que veio do... do Nordeste... veio morar em São Paulo e tudo mais... então ele tem essa estória de que ele terminou o ensino técnico porque ele precisava pra aquele emprego que ele tinha... antes disso ele abandonou a escola... voltou... e aí teve que adquirir uma formação para profissão (...)

Alan: então ele abandonou a escola com que mais ou menos (...)

K: olha... eu não tenho certeza... eu acho que ele abandonou a escola na oitava série... na sétima série... é que eu acho que devia ser diferente... mas ele... e aí depois ele voltou com... um pouco antes de um nascer... acho que com uns dezoito anos... e aí terminou... porque aí ele tinha esse emprego de serralheiro...

Alan: ahn... e aí ele precisava...

K: de uma formação pra se manter nesse emprego...

Alan: ahn... e a tua mãe?

K: a minha mãe saiu da escola pra trabalhar também... mas como ela tinha uma formação menos... ((gagueja)) ela conseguiu um emprego que exigia menos de formação... acho que ela não continuou os estudos... e eu nasce quando minha mãe tinha dezoito anos...

Alan: uhn... e ela ficou... ela tem... qual a escolaridade dela agora?

K: seu eu não me engano é o ensino fundamental completo...

Alan: o ensino fundamental... bom... e aí você tá me contando tudo isso e como que na tua opinião isso te influenciou pra essa busca na Educação... da escola de melhor qualidade... como é que é isso?

K: é... então... pra mim eu acho que assim... o que influenciou muito foi o lugar onde eu estudei... mais do que dentro de... escolher a faculdade... mais do que dentro de casa... assim... meus pais sempre fizeram questão que eu terminasse o ensino médio... isso era uma regra em casa... “se você vai fazer ensino médio... tem que terminar o ensino médio”... não existe na minha família... tanto pros meus primos quanto pros meus tios... essa possibilidade de abandonar a escola... né?... os doze anos do ciclo... esse é o ideal pra eles... aí como eu sempre disse que eu queria fazer faculdade... é... eles incentivaram isso... nunca disseram pra eu não fazer ou pra... ou qual eu tinha que escolher... também... nunca disseram... nem se preferiam que eu fizesse escola pública ou escola particular... isso nunca foi... acho que meus pais nem pensavam que era possível estudar numa escola pública... né?... com a bagagem que eu tinha de ensino (...)

Alan: você tá falando de uma Universidade pública ou de uma Escola pública?

K: não... uma Universidade... é que chamo de escola Universidade também... ((riso))

Alan: como assim impossível?... me fala sobre isso...

K: não... eu não sei... eu não sei se meus pais enxergavam como... pra eles era muito distante... Universidade... sempre foi um... é um... até hoje é um universo muito distante...

Alan: a Universidade ou a Universidade pública?

K: a Universidade...

Alan: a Universidade...

K: é uma coisa muito esquisita... assim... minha mãe... antes que eu viesse estudar aqui... ela nunca tinha entrado numa Universidade... né? antes do meu pai me levar pra eu prestar o vestibular... ele nunca tinha entrado numa Universidade...

Alan: uhn...

K: ele nunca tinha entrado na UNICAMP... apesar de morar tão perto (...)

Alan: eu percebi que você se emocionou... é verdade?

K: é... ((riso)) é... então... pra eles é diferente... né? e é até hoje pra minha mãe... ela não entende algumas coisas... “como assim?”... “passa de ano não passa de ano?” ela tem essa ideia ainda de que é como o ciclo escolar... não é (...)

Alan: tou percebendo que você tá bem emocionada... como é que isso mexe com você?

K: eu acho que mexe um pouco porque eu tou me formando esse semestre... e aí lembrar quando ((voz com emoção)) entra na faculdade... quando sai... é meio direfente... assim ((riso))... um pouco... porque... agora a gente tá falando de como eu escolhi vim pra cá... faz lembrar algumas coisas...

Alan: uhn...

K: como... agora que a gente tá fechando o ciclo... né?... e pra mim... eu não sei se você conhece a história do Curso de Obstetrícia... ((voz com emoção)) mas a gente viveu muita coisa aqui... né? e aí ((voz quase com choro)) toda hora que fala disso dá... uma dificuldade... mas isso vai passar... é... ah... eu não sei mais o que ia falar... ((riso))

Alan: bom... ce tava me contando... não é?... que quanto teus pais vieram na Universidade que isso foi a primeira vez que eles entraram numa Universidade...

K: foi...

Alan: e aí eu te falei que você se emocionou... e aí você me falou que você tá concluindo...

K: isso...

Alan: e ao mesmo tempo você me falou que a Universidade era uma coisa muito distante para os teus pais...

K: sempre foi...

Alan: ahn... então como que isso tudo... qual o sentido que você tá dando pra isso tudo?

K: assim... eu... nunca tinha parado pra pensar desse jeito... mas... é... lá em casa... meu pai... ele conta pra todo mundo aonde eu estudo... o que eu faço... e faz questão de explicar pra todo mundo o que eu faço... mas... assim... pra eles eu vejo isso como uma conquista... assim...

Alan: uhn...

K: é... quase que pessoal... quase que deles...

Alan: então você tá falando que é uma conquista dos teus pais?

K: é... eu acho que... é isso que eu vejo quando eles falam... mas eu... eu encaro a formação universitária como... como outras coisas... assim... eu penso que é... que é uma... responsabilidade praticamente...

Alan: uhn...

K: não uma conquista... não deveria ser enxergado como uma conquista... no Brasil é sempre uma coisa a mais... assim... uma pessoa que é graduado é “oh” da sala... da turma... né?... o pessoal... a minha turma de ensino médio quase que toda faz faculdade... já concluiu inclusive... mas é... poucas pessoas escolheram estudar na Universidade pública...

Alan: uhn...

K: escolheram mesmo... mais engraçado... e que sempre converso com as pessoas é que não é uma escolha... é... não é uma possibilidade de uma escolha... entre... eu ter muitos amigos que eu revejo sempre do ensino médio... assim... eram três salas de quarenta alunos... cerca de cento e vinte alunos e... dois... duas amigas escolheram estudar em Universidade pública...

Alan: como é que é isso... você falou que não é uma escolha (...)

k: não é uma escolha... as pessoas não

Alan: e qual é o sentido do que você dá pra isso?

k: é... ((pausa)) como assim? ((riso))

Alan: porque você... me conta um pouco... assim... que você falou que você queria uma Universidade pública... né?

k: isso... isso... porque... é... eu acho que escolher a Universidade foi mais relacionado ao lugar que eu estudei... os professores que eu entrei em contato... e tudo mais... exatamente por isso... porque na minha escola tinha muito professor formado em Universidade pública... na UFSCAR... na UNESP... na UNICAMP... a maioria eram da UNICAMP... e... eles sempre contavam sobre a formação deles... sobre a vivência deles... e nesse período também eu... eu... tava em contato com uma ONG... que eu também tava sempre em contato com pessoas de... de... da Universidade... do ensino superior... e aí a gente tinha várias conversas e tal... e pra mim a Universidade era mais próxima... porque eu tinha um círculo social... eu convivi com pessoas que estiveram nesse ambiente... eu acho que para os meus pais é tão distante porque as pessoas da idade deles... as pessoas com que eles convivem nun... nunca vivenciaram isso... a Universidade...

Alan: e aí você enfrentou o vestibular da FUVEST...

K: é... quando eu... eu... eu nunca quis fazer USP... eu queria fazer UNICAMP (...)

Alan: ah... cê não queria fazer a USP... queria fazer a UNICAMP?

K: é...

Alan: e aí o que é que aconteceu?... como é que você veio parar aqui na USP?

K: então... isso é uma estória com o meu curso... assim... na UNICAMP tem um programa que chama UPA... Universidade de Portas Abertas... e... no... eu... aí divulgava... né? os professores divulgavam nas escolas que ia ter o UPA... a gente combinava e uma turma grande do ensino médio ia pro UPA... eu fui pro UPA com uma amiga... e eu ia prestar Enfermagem lá... que eu já sabia que eu queria fazer Obstetrícia... eu queria fazer Parto... e eu ia prestar

Enfermagem e depois me especializar em Obstetrícia... ia prestar lá e na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto... é... e numa das palestras eu conheci o Curso de Obstetrícia...

Alan: daqui da USP?

K: lá na UPA... e o Curso de Obstétrica só tinha aqui... né?... mas aí... primeiro eu prestei o vestibular... no ensino médio... eu não passei... aí eu entrei no cursinho... eu fiz um cursinho da UNICAMP que chama Cooperativa do Saber... é um cursinho cooperativado... e tem um estilo de ensino diferente... assim... e aí eu prestei... aí depois do cursinho eu prestei outras opções... não é?... e aí eu escolhi Obstetrícia... na verdade eu escolhi a Obstetrícia... não a Universidade de São Paulo...

Alan: uhn...

K: e eu passei em Obstetrícia... enfim...

Alan: então... interessante o que você está me falando... você não escolheu a Universidade de São Paulo (...)

K: não (...)

Alan: você escolheu o curso?

K: foi o curso...

Alan: ahn... e você... quando você prestou o vestibular você... quantas vezes você prestou o vestibular aqui da USP?

K: uma vez só...

Alan: uma vez?... e aí você já passou?

K: é... e depois de ter feito o cursinho... eu prestei o vestibular da UNICAMP duas vezes... assim que eu sai do ensino médio e depois de um ano de cursinho...

Alan: ahn...

K: depois de um ano de cursinho eu prestei UNICAMP... com a minha opção inicial que era Enfermagem e tudo mais e prestei Obstetrícia também na FUVEST como... assim... “vamo ver o que é que vai dar”... vai que eu passe... não sei o que...

Alan: e você utilizou o INCLUSP?

K: não tinha INCLUSP ((risos)) eu sou da turma de dois mil e nove... o INCLUSP começou em dois mil e nove mas eu já tinha saído do terceiro ano... ((gagueja)) aí eu tinha uma amiga que ainda tava no ensino médio e ela ia usar... mas eu não podia mais... assim... o INCLUSP era uma prova que a gente fazia... do ensino médio... não é?

Alan: o INCLUSP é uma pontuação que a pessoa ganha... não é?... quem veio... quem fez o ensino médio na escola pública... então tem uma pontuação a mais no vestibular da FUVEST...

K: isso... mas tinha que fazer uma prova... não é?

Alan: isso...

K: a prova a parte no primeiro ano do ensino médio... no segundo ano... no terceiro ano?...

Alan: uhn...

K: então... não tinha essa possibilidade...

Alan: e aí você então passou aqui na USP?

K: uhn...

Alan: e qual é o sentido que você deu pra isso tudo?

K: então... é... foi assim... eu... eu vi como uma... ((gagueja)) uma realização de um objetivo... eu tinha esse objetivo no ensino médio como um objetivo pessoal... “eu vou fazer faculdade” mas não sabia ainda aonde... nem que curso ia fazer exatamente... mas... é... pra mim... foi esse o sentido que eu dei a priori... quando eu passei no vestibular... né? é uma meta que eu dei conta... mas aí... vim pra São Paulo incluía um monte de outras coisas... financeiramente mesmo... que me fez pensar em desistir até o dia da matrícula... até o primeiro dia de aula... assim... e... mas os meus pais me deram muita força... meu pai principalmente... ele me trouxe

pra fazer a matrícula... no dia da matrícula ele começou a procurar casa pra eu morar... república... e eu nunca imaginei ((voz com emoção)) que os meus pais fossem aceitar tão bem eu sair de casa assim... naquela idade... como eles aceitaram assim... eles estimularam inclusive...

Alan: cê tá se emocionando de novo?

K: [inaudível] ((risos)) mas é que... depois... quando... no segundo ano... o curso teve uns problemas de política... e... é... ia fechar... não ia fechar... tinha um problema com o registro profissional... a Universidade tava cogitando fechar o curso... essas coisas todas... eu não sei se você entrou em contato com essas notícias... e aí... tudo isso de quem tava em Obstetrícia naquele momento... meio que ganhou outro significado pra gente... é... é quase místico... né? mas naquele momento a gente começou a perceber que quem ia ficar no curso era porque tinha alguma coisa que ver com essa carreira... era mais do que... do que a... o ensino... tinha a ver um pouco com a escolha da carreira... e aí eram decisões fundamentais... e aí meu pai e minha falaram assim... “volta pra casa”... né?... foi um momento que eles falaram assim “não vale a pena terminar esse curso”... “se nem a Universidade não quer esse curso aberto” (frase exclamativa) e eu me vi tentada a trancar... sair... a voltar pro conforto da minha casa... e fazer outras coisas...

Alan: você me falou que você não veio pela Universidade... você veio pelo curso... e aí o curso da maior Universidade da América Latina...

K: não é que eu não vim pela Universidade... claro que estudar na USP é uma coisa muito grande... e estudar numa escola... numa Universidade pública sempre foi o meu objetivo... eu nunca pensei em pagar Universidade (...)

Alan: me fala como é que é essa coisa grande (...)

K: mas pra mim (...)

Alan: estudar na USP (...)

K: mas pra mim eu preferia a UNICAMP porque eu convivi com a UNICAMP... e aí quando eu passei na FUVEST e não passei no vestibular da UNICAMP... também foi um sofrimento...

Alan: ((voz muito baixa)) de verdade...

K: tudo errado ((risos))... tá tudo errado... não faz sentido nenhum essa avaliação por vestibular... é... não é de inclusão... é de exclusão... vestibular tem um objetivo claro... que é tirar as pessoas da Universidade... e assim... quando a gente fala sobre quem estudou em escola pública... é mais nítido ainda que a Universidade não quer essas pessoas... não quer... assim... você... é... dentro da Universidade você é olhado como o herói ((risos)) do ensino público... do ensino do Estado... né?... todo mundo fala “ah... onde você estudou?”... no Estado... “nossa... que bom que você conseguiu... né?” (frase exclamativa) é... “poucas pessoas do Estado entram na Universidade de São Paulo”... não sei o que... não tinha que ser assim (frase exclamativa)... pra mim.. eu parti do princípio claro de que a Universidade é toda mantida por impostos públicos e que todas as pessoas pagam... e a maioria das pessoas que pagam impostos estudam em escola do Estado... e essa é uma escola Estadual (frase exclamativa)

Alan: uhn...

K: por isso que eu sempre me refiro a Universidade como “escola”... eu acho... porque essa é uma Escola Estadual...

Alan: e que é que você acha... qual é a tua opinião sobre a posição da Universidade de São Paulo que não propõe “cotas”?

K: é isso... é segregar... e é colocar... e é... ((gagueja)) da Universidade de São Paulo de que a partir do momento que alunos de escola pública... ou que começarem essas políticas inclusivas de “cota” é... a qualidade da Universidade vai cair... como se quem faz a qualidade da Universidade é... eu não sei... da onde que eles tiram esse tipo de qualificação... mas a Universidade enquanto Instituição julga que a qualidade da Universidade está extremamente atrelada ao padrão de aluno elitista... ao padrão elitista de vivência dentro da Universidade...

Alan: então qual é a tua opinião da posição da “meritocracia” que diz que “as ‘cotas’ iriam baixar a qualidade das Universidades”?

K: ah... é ridículo isso... mas eu acho que... é... “meritocracia”... como o vestibular é imposto hoje... não... sei lá... é um jeito de avaliar que tem trajetórias diferentes... né?... eu tive uma trajetória... os meus amigos que estudaram em outras escolas tiveram outras trajetórias... mas a gente foi avaliado do mesmo jeito... talvez... é... pra mim num funciona... pra mim é um jeito de avaliar que não avalia corretamente... é uma avaliação pontual e de... vestibular é totalmente pressão e exclusão... né?... e é tão longe de pessoas do Estado... que vieram do Estado... que a maioria nem presta... e... ((gagueja)) eu acho que pra começar que não avalia justamente... né?... é um método de avaliação não justo... porque avalia do mesmo jeito pessoas que têm trajetória diferentes... e pra terminar... que... que... também diminui as pessoas... né?... o pós-vestibular é muito traumático... pra quem prestou vestibular... sabe que essa é a pior fase da vida... né? o pós-vestibular... cê sabe que quando você saiu da prova e você não fez... que você fez dois pontos a menos da sua “nota de corte”... é trágico... é péssimo... pra sua autoestima... [inaudível] você se sente o pior lixo da Humanidade...

Alan: eu to percebendo que você tá se emocionando... cê tá falando de como você sentiu?

K: ((voz baixa)) muitas vezes... ((voz com volume normal)) muitas não... eu prestei vestibular poucas vezes... né?... mas quando eu prestei o vestibular da UNICAMP... eu sabia que envolvendo tudo aquilo tinha uma pressão psicológica minha mesmo... eu ((gagueja)) eu me cobrava muito estudar na UNICAMP porque eu fiz cursinho da UNICAMP... porque sei lá... porque eu morava perto da UNICAMP e eu tinha que estudar na UNICAMP... é... mas... o... e aí quando eu não passei... é muito ruim você olhar pra sua prova e falar “faltava cinco pontos”... “faltava meia-questão”... né?... a FUVEST não... a FUVEST a primeira vez que eu prestei eu passei com uma nota ótima... e primeira fase... passei em nono lugar no meu curso... umas coisas assim... porque exatamente por causa disso... porque não tinha essa pressão psicológica “obrigação de estudar na USP”... e eu tinha nítida consciência disso... os meus professores me diziam isso... os meus pais me diziam isso... que eu não precisava... eu não era obrigada a passar agora no vestibular...

Alan: uhn...

K: mas... é... é uma questão de autoestima quase... e quando... quando você coloca... claro que eu tinha outros amigos de escola particular e que talvez tiveram notas menores do que eu...

mas quando você coloca junto com isso o vestibular e o seu histórico de ter estudado em Escola Estadual... juntos... mais do que autoestima... você destrói sua capacidade intelectual... cê diz... “porque estudei nesse lugar”... “porque tenho essa vida assim”... “nunca vou entrar no vestibular”... e “eu nunca vou conseguir pensar do jeito que eles querem que eu pense”... “eu nunca vou passar nessa prova”... “essa prova não é feita pra mim”... né?... ou “eu não sou feito pra essa prova”... é pior ainda... né?... o pensamento do vestibulando... não é que a prova não tá certa... é que você não se encaixa no padrão...

Alan: cê tá falando como você se sentiu?...

K: é... como eu me senti enquanto “vestibulanda”...

Alan: uhn...

K: mas eu sei que não é esse o pensamento certo... e é assim que as pessoas se sentem (frase exclamativa)... não é? (...)

Alan: e deixa eu te perguntar uma coisa... você participa de algum programa de Assistência Social aqui na USP?

K: não... não... eu... eu tenho “Bolsa de Iniciação Científica”... por duas vezes eu fiz Iniciação Científica... e eu tive “bolsa”...

Alan: uhn... estudar na Universidade de São Paulo alterou as relações sociais nos amigos e na família?

K: na família eu acho que não... mas com os amigos sim...

Alan: e como você acha que as relações com os teus pais... você até já comentou isso... não é?... que “a influência a Universidade não veio da tua família... veio da relação com os teus professores”... não?

K: ((voz baixa)) eu acho que foi assim... ((voz com volume normal)) assim... dentro da minha... de casa... eu tive apoio a minha decisão... mas... é... escolher a faculdade... tudo mais... eu acho tinha mais relação com professores do que com a minha casa... não sei...

Alan: e... você estabelece alguma relação da escolaridade... por exemplo... da baixa escolaridade dos teus pais com o... com a influência com os estudos ou não?... ou você acha que (...)

K: não... eu acho que assim... é... essa visão dos meus pais e dos meus tios... que têm uma história muito parecida... de que a gente tem é que estudar até o ensino médio e que... na obrigação deles é... ((pausa)) não só proporcionar isso... mas consegui com que seus filhos concluam o ensino médio... tem muito a ver com que eles puderam estudar ou não puderam estudar...

Alan: uhn...

K: e aí eles tomam essa responsabilidade como... eu vou fazer... os meus filhos têm que... o que eu não fiz... né?... coisa que eu não fiz... superar aquilo que eles não puderam ou julgaram ((gagueja)) não conseguir terminar...

Alan: uhn... você considera que você tem uma excelência escolar?

K: ((risos)) como assim?... em termos de... porque eu estudo na Universidade de São Paulo?... ((voz baixa)) não... não... ((voz com volume normal)) eu acho que eu... eu gosto muito da minha formação... porque... eu... eu tive oportunidades interessantes enquanto Curso de Obstetrícia [inaudível] mas eu não acho que a Universidade de São Paulo seja “a excelência em ensino”... eu acho que o método de pensar da Universidade de São Paulo ainda é muito preso às tradições... é muito preso a coisas que não tem... a gente só reflete que eles querem segregar no vestibular com a FUVEST... né?

Alan: que tradições você está falando?

K: ah não... tem umas coisas assim... impossíveis... essa estória de que o melhor aluno é o que melhor média ponderada... sabe?... avaliar a qualidade do aluno... outro dia eu assisti uma palestra que o professor veio avaliar a qualidade dos alunos de ensino médio de Escola Pública e de Escola Particular... a partir da média ponderada com reprovações... e aí eu fiquei pensando... “não existe outro índice... né?”... esses alunos não fazem Iniciação Científica... não fazem projetos de extensão... alunos fazem mais projeto de extensão... né? ou quais estão mais

ligados à vida Acadêmica intensamente e quais estão aqui pra se formar como profissionais e saírem da Universidade como meros profissionais que poderiam ter feito... né?... eu acho que poderiam ter feito qualquer Universidade... e que não proporciona tanto incentivo Acadêmico... tanto incentivo produção científica... eu acho que essa tipo de avaliação quantitativa que pesa tanto... tanto pros alunos quanto pros professores... é... ridículo isso... não demonstra excelência...

Alan: uhn...

K: se a Universidade de São Paulo tinha que ter excelência... não por isso... né?... pode se por outros projetos... por outros programas... por outro tipo de avaliação... mas hoje a... o Índice (CAPS) não mostra avaliação... eu não quero fazer... eu não quero não... a minha primeira escolha não é Mestrado na Universidade de São Paulo... exatamente por causa desse tipo de avaliação e de jeito de pensar e de... linha de educação mesmo...

Alan: uhn...

K: eu preferia entrar em contato com outras coisas... mas eu acho que eu vou acabar fazendo mesmo ((risos))

Alan: bom... eu queria te agradecer... a gente tá chegando no final... você gostaria de falar sobre alguma coisa?

K: não... não... eu acho que eu não tenho mais nada que pudesse acrescentar... só que é muito bacana a sua pesquisa... depois eu quero ler ((risos))

Alan: obrigado...

K: ((voz baixa)) de nada...

Entrevista Sergio

Alan: Você poderia me contar um pouquinho qual foi sua trajetória até você chegar aqui na Universidade de São Paulo?

Sergio: sim... é... o primeiro passo foi um cursinho em dois mil e seis... um cursinho de parceria entre o Banco Santander [inaudível]... FIA e a Caixa... Caixa Econômica... Caixa Econômica... não... desculpe... Nossa Caixa... naquela época...

Alan: uhn...

S: aí fiz o curso no ano inteiro de dois mil e seis e entrei aqui em dois mil e sete...

Alan: e como é que foi pra você na... você fez Escola Pública ou não?

S: isso... sempre em Escola Pública...

Alan: sempre em Escola Pública... e como é que foi na Escola Pública?... e como é que foi?... me conta um pouquinho da tua trajetória lá...

S: na Escola Pública eu sempre fui esforçado... né?... eu tinha bastante facilidade em aprender... então... minha maior qualidade era sempre ir bem nas provas... e no trabalho eu não ia tão bem assim... mas eu sempre fui regular... tirava “b” ou “c”...

Alan: uhn... nos trabalhos... você tá falando no trabalho de trabalhar mesmo?

S: trabalho escolar...

Alan: ah... trabalho escolar... certo...

S: trabalho escolar...

Alan: e... como você avalia a Escola Pública?...

S: ((breve pausa))

Alan: ou a tua escola... que você fez...

S: a minha escola ((pausa)) a minha escola conseguia ter um ou dois professores que cativavam bem os alunos... que faziam os alunos ter interesse... né? eram dois professores inclusive de Matemática... mas fora isso era... não motivava muito...

Alan: uhn...

S: então a avaliação é essa... a escola não é motivante... não te dá... não te dá uma visão do que você pode alcançar...

Alan: e como que você veio então fazer... parte aqui na Universidade?... como é que foi essa trajetória pra você?

S: é... de início tem os projetos de... da Prefeitura lá meu bairro... um deles é o EGJ Espaço Gente Jovem... que eles chamam de [inaudível] então... [inaudível] crianças lá como se fosse uma creche... mas pra criança e adolescente... dos cinco anos até os quatorze... lá tinha um projeto de Informática... foi onde eu tive contato com computador... essas coisas... e dali eu me interessei pela Área de Informática e fui buscar aprender... até aonde eu poderia chegar... aí eu fui pesquisando... já com uns quatorze anos... treze anos... e vi que eu poderia fazer uma Faculdade pra me especializar... o que é bem diferente do que eu vejo hoje... né?... mas naquela época com aquela visão que eu tinha aquilo já era um começo... pra onde eu ia enxergar um caminho... pra onde eu deveria seguir... né?

Alan: aí você então falou que o caminho pela Universidade... né?... você chegou a tentar outras Universidades?...

S: não... não cheguei... eu não entendia bem o que era Universidade também... a pergunta que você tinha feito sobre a escolaridade dos meu pais... isso contava muito porque era uma coisa... não existe essa cultura de Universidade... de estudar... “estudar pra que?” “estudar só pra trabalhar” (frase exclamativa)...

Alan: uhn...

S: então não se falava de Universidade na minha casa... até quando eu passei aqui... as pessoas não sabiam qual era a importância daqui... “ah você passou na USP?” passei... “ah que bom” pronto...

Alan: uhn...

S: enquanto outras pessoas fazem festa... eles acham normal... então... é... eu encontrar esse caminho pra Universidade foi nesses espaços... né? primeiro no [inaudível] pelos meus professores e depois indo buscando informação... “como que eu faço pra trabalhar com tal coisa?”... “pra fazer isso”... “como que eu faço pra ser um profissional de tal área?”... então foi olhando pra profissionais que eu fui vendo a possibilidade de me especializar ou ter mais instrução...

Alan: uhn... e você me falou então da escolaridade dos teus pais... qual é a escolaridade dos teus pais?

S: como o meu pai morreu quando eu tinha cinco anos... então meu pai... acredito que fez até a oitava série mas minha mãe fez até a quinta série...

Alan: uhn... então você tá me dizendo que não teve nenhuma relação entre a escolaridade com teus pais e a Universidade... o vestibular...

S: não... não teve nenhuma relação...

Alan: uhn...

S: eles não tinham nem condições de saber como me apoiar nesse sentido...

Alan: uhn...

S: foi uma iniciativa totalmente minha...

Alan: e aí você então prestou o vestibular... ce prestou só aqui da USP ou você prestou de outras Universidades?

S: prestei a FATEC... CEFET... UNICAMP... UNESP e a USP... e a Federal de São Carlos... também...

Alan: e aí você passou...

S: passei na FATEC e aqui...

Alan: e aqui na USP?

S: isso...

Alan: qual é o curso que você passou?

S: Sistema de Informação...

Alan: Sistema de Informação... você usou algum tipo de pontuação pelo INCLUSP?... pelo PASUSP?... que são esses Programas de Inclusão...

S: ((voz baixa)) INCLUSP...

Alan: o INCLUSP?...

S: isso...

Alan: e você achou que ele te ajudou?... que ele fez a diferença?...

S: ajudou bastante...

Alan: como que você considera esse Projeto de Inclusão na USP?

S: eu considero ((pausa)) muito bom... muito bom no sentido de ele enxergar que há pessoas que ainda tem defasagem... ou não tiveram como se preparar tão bem (...)

Alan: você tá falando de você?... ou você tá falando de (...)

S: falo de mim também... porque eu... se não tivesse o cursinho não teria conseguido entrar... ou demoraria algum tempo a mais pra ter entrado...

Alan: uhn...

S: o cursinho reforçou todos os conceitos que eu precisava pra fazer a prova...

Alan: e esse cursinho era da onde?

S: era dessa parceria entre Bancos e Entidades...

Alan: então ele não era pago... o curso?...

S: não era pago... eles inclusive pagavam pra gente poder estudar...

Alan: uhn...

S: eles financiavam alimento... transporte...

Alan: ahn...

S: e ainda tinha uma ajuda de custo de trezentos reais... então... a única preocupação durante aquele ano foi estudar...

Alan: uhn... então... e você passou no vestibular da FUVEST?...

S: isso...

Alan: e como que você se sente sendo um aluno da Universidade de São Paulo?

S: a sensação é de uma responsabilidade por ter chego aqui...

Alan: como é que é essa responsabilidade?

S: é responsabilidade de... ((gagueja)) de estudar bem... né?... e... e... fazer bem a vida Acadêmica... aproveitar essa oportunidade que outras pessoas que são de onde eu sou não tiveram e muitas também não terão...

Alan: e da onde você é?

S: eu sou daqui da Zona Leste... do Jardim Iguatemi...

Alan: e como que é essa... porque você tá falando de uma forma bem peculiar... ahn?

S: isso... então... lá a maioria das escolas são parecidas com a minha...

Alan: uhn...

S: e... e pelo que você vê nas... nos adolescentes e nos jovens que tão estudando agora... você vê que eles não tem uma perspectiva de tentar acessar a Universidade... ou seja... eles não enxergam que ela existe...

Alan: uhn...

S: eles não... não tem uma perspectiva de seguir o caminho Acadêmico...

Alan: e como é que é isso?... porque da onde que na tua opinião... como é que é que eles não vêm a Universidade?... você tá falando da Universidade em geral ou da Universidade Pública?

S: a Universidade Pública... a Universidade Pública... que é o caminho que eles... que eu acredito que eles deveriam tentar seguir... já que as condições financeiras não ajudam... eles deveriam tentar uma Universidade Pública... mas eles não enxergam essa possibilidade (frase exclamativa)...

Alan: uhn...

S: geralmente é comum eles enxergarem a Universidade paga... particular...

Alan: uhn...

S: né?... eles não têm ideia... quando você pergunta pra algum deles se eles querem fazer alguma Universidade... eles querem... mas eles não imaginam que eles possam passar na USP...

Alan: uhn...

S: não imaginam... então... essa é a sensação... então é por isso que eu me sinto... é... responsável por desempenhar bem esse tempo que eu tou aqui... de estudar...

Alan: uhn... como que você avalia o acesso a Universidade Pública no Brasil?

S: ((pausa)) ainda é muito difícil o acesso... é muito restrito...

Alan: restrito pra quem?

S: restrito pra quem tem o conhecimento... e pra quem tem acesso aos meios de conhecimento...

Alan: uhn...

S: quem tem a condição de ter condição...

Alan: e essa condição que você tá falando... ela é exatamente no que?

S: é em parte cultural... como no meu caso é... se fosse depender da minha cultura familiar eu não ia conhecer que eu poderia chegar na Universidade...

Alan: uhn...

S: tanto é que de todos os meus parentes que eu conheço... só eu consegui fazer isso...

Alan: uhn...

S: então... muitos dos que eu conheço da minha região... do meu bairro... tem a mesma estória... a família não conhece o mundo da Universidade... não conhece o mundo de buscar o conhecimento... seja por Universidade ou seja por si próprio... eles não conhecem essa possibilidade... estudar não é um... não é algo que enriquece a pessoa... não é algo que enriquece a pessoa culturalmente... é algo que só serve pra ganhar dinheiro ou pra melhorar um pouco a vida...

Alan: você falou da estória... não é?... como a tua estória tem muitos... o que é que foi de especial em você... que você está aqui na Universidade?

S: ((breve pausa)) não tem nada de especial... é... eu soube aproveitar as poucas oportunidades que apareceram... né? eu consegui enxergar essas poucas oportunidades que apareceram e eu já... e eu desde pequeno tenho essa curiosidade de querer aprender as coisas... do “porque?” então sempre que surgiu uma oportunidade... e as oportunidades eram o que?... eram o [inaudível] como eu te falei... era um espaço da Prefeitura... eles permitiam você o computador e dali pode parecer nada... como foi nada pra muitas pessoas que foram junto comigo pra lá e não conseguiram ver que dali poderiam chegar em outro lugar... então eu fui indo degrau por degrau... algo simples como um projeto de ensino de uso de computador... de lá eu fui pra uma

outra Entidade que é também relacionada com o [inaudível] que é o Centro de Profissionalização de Adolescentes... que fica lá perto da região... nesse Centro de Profissionalização de Adolescentes eles tinham também... né?... dentro do curso... é... um projeto de... orientar os adolescentes na carreira profissional... ali eu também encontrei essas oportunidades que tinha lá... pessoas que orientavam a gente e questionavam a gente sobre o que é que a gente queria ser no que diz respeito a vida Acadêmica ou estudo... preparação profissional...

Alan: uhn...

S: dali eu também consegui tirar esse incentivo... importante que eu esqueci de citar antes... esse Centro de Profissionalização de Adolescentes foi de onde eu tirei mais incentivo... se na família tivesse o que eu tive lá... eu acredito que a chance de outros jovens que tenham a estória parecida comigo... seria maior... lá foi onde tirei maior incentivo... porque de Educadores de lá... é... eles tinham essa insistência com todos nós... que tava fazendo parte do projeto de... de estudar... de procurar uma... procurar estudar... se preparar pra entrar numa Universidade Pública... que era prioridade pra eles... que eles acreditavam como eu que quem vive na Periferia tem que priorizar entrar numa Universidade Pública... então... esse foi o maior incentivo... daí em diante eu fui buscando... aí eu mesmo por mim fui procurando o que é que eu precisava fazer... pra entrar numa Universidade... o que é que eu precisava estudar... o que é que eu ainda tava muito defasado... então... esse foi um passo fundamental...

Alan: você participa de algum tipo de Assistência Social aqui na USP?

S: sim... eu me inscrevi pra “bolsa” [inaudível] “bolsa” de... eu esqueci o nome... Apoio à Permanência Estudantil... isso...

Alan: como você avalia a discussão de “cotas” pra Universidade?

S: ((breve pausa)) a “cota” pra mim é... uma maneira ((breve pausa)) imediatista de resolver um problema que é muito longo... né?... que é de muito tempo... mas eu acredito que mesmo assim... ela ainda é positiva... porque de alguma maneira ao abrir a discussão... ela abre aquilo que eu falei pra você... a perspectiva... jovens que não têm perspectiva... que não conhecem que existe a possibilidade de acessar a Universidade... quando você abre a discussão pra eles

de que alguém que não tinha direito passa a ter direito... mesmo que não seja aquele direito... é... por mérito... né?... porque em parte vai ser por mérito de quem é aprovado... com o conhecimento... e parte é por um reconhecimento do próprio Estado de que aquela pessoa foi injustiçada... mas mesmo assim é uma abertura... quando você coloca o assunto em discussão... você chama a atenção dessas pessoas que estão distraídas pra o que elas podem ter... que é um direito delas... então... a discussão... pra mim é... o maior valor da “cota”...

Alan: uhn...

S: de você através da discussão dela... chamar a atenção de pessoas que não prestavam atenção no que era Universidade... eu prestei atenção no que era Universidade... por outros meios... mas têm pessoas que precisam de ter esse assunto na luz pra eles verem...

Alan: uhn... você tá falando de pessoas... que tipo exatamente de pessoas você tá falando?

S: como você quer dizer?... é... classe social?... financeira?... ((breve pausa)) pessoas como eu (frase exclamativa) são classe social... classe “c”... é isso?... é classe “c” que mora na Periferia e que no ambiente que eles vivem... na escola... na família... no trabalho... não... não existem pessoas que... não existem tantas pessoas que estão na Universidade Pública... no trabalho não existem pessoas que estão na Universidade Pública... na família... e não existem pessoas que estão na Universidade Pública na escola... meus professores não estudavam na USP e nem em nenhuma Escola Pública... então... não existe ao redor dessas pessoas... é... referências de que ela pode chegar a lugar onde essas pessoas chegaram... ou seja... são pessoas que não têm referência de alguém que já chegou na Pública...

Alan: uhn...

S: da minha família as pessoas que eles conhecem que chegaram numa Pública sou eu... eu sou uma referência... eu posso inspirar pessoas... que moram na minha Região... no meu bairro... pessoas da minha família... pessoas de onde eu trabalho... eu posso inspirar essas pessoas de que eles podem conseguir chegar na Escola Pública... podem conseguir o Ensino Superior de qualidade...

Alan: uhn... qual é a tua opinião sobre a posição da Universidade de São Paulo... que é totalmente contra as “cotas”?

S: ((breve pausa)) minha opinião é que a Universidade de São Paulo... ela quer manter um padrão de... de excelência sem incluir as pessoas que... que no meu ver forem injustiçadas tempo... a injustiça... no caso... essa injustiça que leva muito tempo... eu posso exemplificar pra você da seguinte maneira... eu estou na Escola Pública hoje... mas minha mãe não faz ideia do que é que é isso... e ela não faz ideia porque a mãe dela... também não fez ideia... se a minha mãe chegou até a quinta série... a minha avó não chegou a ir pra escola... provavelmente a mãe da minha avó nunca ouviu falar de escola... ou seja... você tem uma sucessão genealógica de pessoas que não têm a cultura do conhecimento... então... como que você vai chegar pra um garoto hoje da minha idade... um homem de vinte e cinco anos... negro... que mora lá na Periferia... no Jardim Iguatemi... e fala pra ele “porque você não tentou entrar na Escola Pública?”... “porque não tentou entrar na USP?”... ele vai te perguntar... mas “como que eu vou conseguir entrar na USP?”... “como que eu faço pra entrar na USP?”... é isso que eles me perguntam... “como que você conseguiu entrar na USP se você estudou na mesma escola que eu?”... “naquela escola que era ruim”... então nesse sentido é... responde a tua pergunta... “como que eu vejo a USP não apoiando a questão das ‘cotas’?”... eu vejo que ela quer manter o nível sem considerar toda essa história... e nisso... é aonde ela peca... porque se ela existe... se a USP existe pra contribuir pra Sociedade... ela devia reconhecer que fazendo isso ela também contribui pra Sociedade... mais pessoas vão ter acesso... talvez isso diminua a excelência que ela tem na hora que ela seleciona os alunos que tem mais competência pro vestibular... mas com isso ela acaba dando mais oportunidade pras pessoas conhecerem esse nível de excelência que tem aqui...

Alan: você acha que a excelência da USP... ela tá ligada a questão do vestibular?

S: sim... o vestibular... ele seleciona... ele seleciona pessoas que já vêm preparadas pra o nível de exigência da USP... então... não basta você só fazer a prova... porque foi essa a minha dificuldade... eu tou aqui porque eu entrei em dois mil e sete... já era pra eu ter saído... e porque eu tou aqui ainda?... porque uma coisa é você estar preparado pra prova... o ano de dois mil e seis inteiro eu fiz um cursinho pago... me dediquei durante um ano pra um único

momento... que era a prova... e não pra a vida Acadêmica... quando a USP... se a USP fizer isso... é... apoiar as “cotas”... vai acontecer com todos eles o mesmo que aconteceu comigo... eles vão tá prontos pra entrar... mas e pra viver a vida Acadêmica?... eles não tão prontos porque?... porque viver a vida Acadêmica já é algo cultural familiar... que a pessoa aprende desde criança... entrando numa escola de qualidade... é... aprendendo métodos de ensino de qualidade... agora... quando você sai de uma Escola Pública... que os métodos de ensino não... não são tão interessantes... que você não cria uma cultura de estudo... você chega aqui e não consegue acompanhar todos os que passaram no vestibular naquele mesmo nível e... e vão permanecer nesse mesmo nível até o fim... até concluir a Graduação... você não consegue acompanhar eles...

Alan: uhn...

S: então nesse sentido o vestibular seleciona e mantém um nível de excelência...

Alan: uhn... como é a tua relação com os professores e com os colegas?

S: ((pausa)) bom... a relação é amistosa... ((gagueja)) eu sempre converso... eu tenho poucas colegas aqui... porque o tempo que eu fico aqui... é sempre o tempo de aula... né? eu não consigo aproveitar muito como as pessoas que fazem o curso integral... ou até mesmo as pessoas que durante o curso conhecem pessoas que moram perto da sua casa... que eu tenho poucas pessoas que moram perto da minha casa... né?... no Jardim Iguatemi... na Zona Leste... a maioria dos alunos que estudam aqui moram na Zona Oeste ou Zona Norte... e muitos deles têm amigos em comum... é... que são amigos antes da USP... então... é... pra mim é até difícil às vezes fazer muitas amizades com... com todos eles... porque a maioria do tempo eu chego do trabalho... aqui... perto do horário de aula... perto das sete horas... vou pra aula das sete horas até quinze pras onze e depois disso eu volto pra casa...

Alan: cê trabalha com o que?

S: eu sou Analista de Suporte...

Alan: uhn... você já sentiu algum tipo de constrangimento em dizer que você veio de Escola Pública aqui dentro da Universidade?

S: não... isso não existe aqui... ((voz com volume baixo)) constrangimento não...

Alan: uhn...

S: ((voz com volume baixo)) eu nunca senti...

Alan: mudou as tuas relações sociais e familiares você ter entrado na Universidade de São Paulo?

S: ((pausa)) muda no... no trabalho... no trabalho muda porque as pessoas no trabalho têm mais conhecimento do que na minha família... na minha família não mudou muito porque eles não têm muito conhecimento ((riso)) da importância da USP...

Alan: uhn...

S: mas no trabalho as pessoas reconhecem... reconhecem que é um grande feito... ((voz com volume baixo)) a Universidade...

Alan: qual é a tua opinião sobre essa discussão dentro da Universidade que alunos oriundos da Escola Pública iriam baixar a qualidade da Universidade?

S: ((breve pausa)) eu acredito que ela tem um pouco de verdade... até na questão de que te falei... o vestibular seleciona alunos que além de tá prontos pra fazer o vestibular... tão prontos pra viver a vida Acadêmica... no sentido de que tão prontos pra estudar naquele ritmo de exigência que a USP tem... então... alunos que vêm da Escola Pública... têm um ritmo de estudo menos exigente do que alguns alunos de... a maioria dos alunos que vêm das Escolas Particulares...

Alan: uhn...

S: e é claro... das Escolas Particulares de qualidade... essa é a diferença...

Alan: uhn...

S: os alunos da Escola Pública é... tem um ritmo de estudo... é... mais lento...

Alan: bom... eu queria te agradecer... e perguntar se você gostaria de contribuir com mais alguma coisa...

S: por hoje... por hoje é só...

Alan: obrigado...

Entrevista Lucia

Alan: Você poderia me falar um pouco da tua trajetória escolar até a tua entrada aqui na Universidade?

Lucia: é... bom... eu fiz o Ensino Fundamental numa escola municipal de bairro... perto da minha casa... que eu moro na periferia da zona leste... e aí... o ensino médio também fiz numa escola pública de bairro... lá perto também... só que no meio do ensino médio eu entrei num curso técnico... não era bem “técnico”... era tipo uma iniciativa social de uma empresa muito grande que tem lá perto... e aí nesse curso técnico eu... descobri que tinha um “dom” a mais... e... descobri a existência da USP... de faculdades públicas... porque até então eu achava... que tipo... o único meio de não pagar a faculdade era pelo PROUNI e tal... e aí... tipo descobri cursinhos... tudo mais... descobri essa... esse outro mundo... né? e então... aí eu saí depois que eu terminei esse curso técnico... eu fui atrás de cursinhos pré-vestibular e tal... aí no terceiro ano eu comecei a fazer cursinho... aí eu tentei FUVEST... não passei... não passei por muito poucos pontos... mas não passei (...)

Alan: aí deixa eu te perguntar... só pra eu entender... então você fez a escola pública... né?...

L: isso...

Alan: e aí depois você foi pra uma ETEC?...

L: não... eu fiz o ensino médio público... o ensino médio numa escola pública... e durante o ensino médio eu também fiz um outro curso... que não é o curso do ensino médio... era um curso enfim... de sistemas industriais... e... que você aprendia todo o funcionamento de uma empresa e tal... mas que não tinha nada a ver com a formação de base do ensino médio e tal... não tinha nada a ver uma coisa com a outra...

Alan: e você me disse que foi lá então que você começou... ampliou essa visão (...)

L: isso...

Alan: sobre a universidade?

L: foi lá que eu realmente descobri que existiam universidades... e existiam universidades públicas... porque até então o meu único contato... com algum tipo de universidade... era... a universidade que meu tio fez... que inclusive ele tava fazendo na época... que era uma universidade particular... e que ele tinha entrado pelo PROUNI... com isenção total do pagamento... então... ((gagueja)) na minha... no meu mundo... até aquele ponto... só existia universidades pagas e o único meio de não pagar seria pelo PROUNI... ((voz com volume baixo)) esse tipo de coisa...

Alan: uhn... e aí foi no contato com esse curso... e como é que foi esse contato?... como é que se deu isso assim?...

L: então... essa empresa que tem lá perto de casa... ela é uma multinacional muito muito grande... então pessoas que trabalham lá dentro... são pessoas altamente qualificadas e... envolve muita engenharia... engenharia mecânica principalmente... então... tipo... todos os engenheiros que tinham lá... eles eram engenheiros da POLI... e eles que davam as aulas pra gente sobre as matérias de engenharia... e então... e aí eles falavam... que eram formados em tal universidade e tal... mas eu falei... “que universidade é essa?” e tal... aí que eu vi... que descobri... que vim pesquisar... e tal... e descobri que a USP é “a USP” e etcetera e toda fama que ela tem e tal... e aí então eu cheguei... eu conversei com o professor doutor que a gente tinha... lá... era o único doutor que tinha na empresa... e daí ele me disse todas... ele falou sobre os cursinhos pré-vestibular... indicou vários cursinhos e tudo mais... como é que funcionava do vestibular naquela época e etcetera e aí... (...)

Alan: e como que você foi buscar esse curso?

L: então... foi mais pela internet... não é?... porque (...)

Alan: mas foi uma iniciativa tua?...

L: uma iniciativa minha... porque... os meus pais... assim como eu eles não sabiam de nada... é... na verdade eles não sabiam nem desse curso técnico... então... esse curso técnico foi só um... como posso dizer?... foi uma coincidência... porque minha amiga falou... “preciso fazer umas inscrição ali”... “vamo comigo?”... aí eu fui... tava com o RG na bolsa... só precisava do RG e me inscrevi também... e acabei passando e ela não... então... é... foi tudo ao acaso... não

foi nada procurado... aí... quando eu soube da existência da... USP e tal... e eu soube do conceito que ela tem... eu falei “não... eu quero entrar”... aí eu fui atrás do cursinho...

Alan: você falou que os teus pais não sabem... né? (...)

L: não (...)

Alan: que é que eles fazem?...

L: então... a minha mãe até essa época... ela era só dona de casa... é... ela vivia pra cuidar da casa... e do meu irmão... e o meu pai... ele foi vendedor ambulante por muitos anos... a... desde... até um pouco depois... até o primeiro ano da faculdade... em dois mil e onze... ele era vendedor... não... mentira... um pouco antes... um pouco antes... vai... dois mil e oito... por aí... dois mil e nove ele era vendedor ambulante... aí depois... ele... eu acho que... me viu fazendo todas essas coisas... meio que ele “acordou” também... e foi fazer um curso de bombeiro civil... e aí hoje ele trabalha... ele dá aula hoje... sobre primeiros socorros... salvamento em altura e etcetera... tipo... hoje... ele é realmente... ele tem uma profissão... ele trabalha numa empresa privada... tá pensando em abrir a empresa dele... certo...

Alan: e ele estudou até que série?

L: então... ele estudou até a sexta série... aí ele teve que parar na época pra ajudar a família dele... que era muito pobre e etcetera... ((voz com volume baixo)) ajudar a trabalhar e tal... e ((voz com volume normal)) aí quando ele resolveu fazer o curso de bombeiro civil ele resolveu também voltar a estudar e... aí ele concluiu o ensino fundamental e ele ia concluir o ensino médio mas aí ele começou a fazer outras coisas e como que na carreira dele não exigia... ele resolveu não fazer... e a minha mãe ela só fez até a oitava série... só... não quis voltar em nenhum momento...

Alan: uhn...

L: que ela também saiu pra poder ajudar a família dela ((voz baixa)) questões de custos... etcetera...

Alan: e aí você me disse que foi nesse curso que você começou a saber da USP... e como é que foi então pra você... ir em direção ao vestibular?

L: bom... aí tinha aquela questão que... na época... como meu pai... ele tava trocando aí de carreira... de... etcitera... então... é... a gente não tinha esse dinheiro pra pagar o cursinho mesmo que fosse sei lá... duzentos reais por mês... então ((riso)) a primeira coisa que eu tive que fazer foi arranjar emprego... porque não tinha na época como os meus pais trocarem me manterem... questão de passagem... alimentação... e ainda a mensalidade do cursinho... então eu arranjei um emprego e entrei no cursinho... no primeiro ano... aí então eu fazia o ensino médio à noite... e trabalhava durante o dia e fazia cursinho aos sábados... e durante as tardes tentava estudar as matérias do cursinho... só... ahn... aí no ano seguinte eu fiz quase a mesma coisa... mas trabalhei até o meio do ano e depois eu pedi demissão e fui só estudar integralmente meio que seis meses antes do vestibular... aí foi que eu consegui passar na faculdade...

Alan: você prestou quantas vezes o vestibular?

L: duas... na verdade foram três porque eu prestei uma outra vez quando eu já tava dentro da Universidade... mas aí foi só pra testar conhecimento mesmo... ((voz baixa)) não tinha nenhum objetivo de trocar de curso não))...

Alan: então na primeira vez você não passou?

L: não...

Alan: aí depois você foi pra segunda vez?

L: fiz mais uma no de cursinho aí... aí tentei a segunda vez... aí eu passei em cinco universidades...

Alan: cinco... quais universidades você passou?

L: é... UNIFESP... São Carlos... [inaudível] USP e [inaudível]

Alan: você me disse todas federais e estaduais... né?...

L: isso...

Alan: você não prestou nenhuma particular?

L: não... porque... eu percebi que eu podia simplesmente entrar em uma pública e... na verdade... isso ao longo das tentativas virou um sonho... né?... então... é... foi meio que não... particular... vou entrar em alguma pública... não sei...

Alan: você utilizou pelo INCLUSP aquela a USP?...

L: sim... é... eu fiz... o... a prova do INCLUSP que eu acho que se chama PASUSP não me lembro mais...

Alan: uhn...

L: que era só pra alunos de faculdade pública... e aí eu fui muito bem inclusive nessa prova... e... foi ela que me ajudou a passar pra segunda fase no ((gagueja)) no último ano... mas eu fiz... eu peguei todas as cotas de ensino público e etcetera... mas... tipo... pra passar de segunda fase pra cá... eu conseguia passar mesmo sem essa nota...

Alan: então... você... qual é a tua opinião... o INCLUSP ele ajudou você ou não? (...)

L: ela ajuda... ele ajuda... porque querendo ou não... é... porque assim... a minha escola [inaudível] tem... não só eram públicas... como elas eram de bairro... e as escolas públicas de bairro são muito piores do que as escolas públicas do centro... o ensino é muito mais defasado mesmo... tem até uns estudos falando sobre... é... que... tipo... é que eles pegam os professores desmotivados e jogam pra periferia porque lá ninguém vê... tem vários estudos e reportagens sobre isso... e... então... é... ajuda mesmo porque fazendo um cursinho... não supre três anos de estudo intenso ali... sobre as matérias enfim... sobre as matérias do ensino médio... mesmo fazendo dois anos de cursinho... mesmo assim... eu vejo que existem pessoas que sabem muito mais... matérias de ensino médio eu não sei... porque é... eles não entram tão a fundo... né? no cursinho...

Alan: na tua opinião você acha que o INCLUSP ele faz a diferença pro aluno? (...)

L: faz... faz... ((voz baixa)) faz bastante... ((voz volume normal)) eu passei pra segunda fase do vestibular graças ao ((voz baixa)) INCLUSP... ((voz volume normal)) e não é porque o INCLUSP que me passou... vai... pra segunda fase do vestibular... que hoje eu sou uma aluna defasada na universidade... muito pelo contrário...

Alan: e qual é a tua opinião referente à discussão na Universidade de São Paulo... que ela não é a favor das cotas?

L: então... aí existem ((gagueja)) várias questões... tipo tem as cotas pra alunos da universidade pública... eu acho que sim... deveriam existir...

Alan: de escolas públicas?

L: de escolas públicas... porque é um ensino muito defasado... as pessoas que estudam em escolas particulares não tem essa noção... não tem a noção do que é viver onze anos nessa vida... tendo aulas vagas todos os dias... sendo... é difícil você sair no seu período de aula ao meio dia... é muito difícil... isso acontecer... é... e realmente é muito ruim... as pessoas... é que aqui eu encontro muito poucas pessoas que é de escola pública... então... tipo... as pessoas de escolas particulares falam... quem estuda diz ... “mas isso na escola particular tão ruim quanto na escola”... não... não é... então aluno de escola pública tem sim uma grande desvantagem no vestibular... claro que... a cota hoje no PASUSP é o ideal... porque se aumentar mais... o aluno pode ficar com aquilo de “não eu tenho”... “não vou estudar tanto porque eu tenho um monte de cota”... mas se não tiver... o aluno de escola pública vai estar em desvantagem... enquanto o ensino não melhorar... essas cotas têm que continuar... ((voz baixa)) sinceramente eu acho... porque o ensino público não supre direito (...)

Alan: e como você percebe essa questão de uma discussão que os alunos de escola pública... se aumentarem os alunos de escola pública... a qualidade do ensino na universidade... ele baixa... como você avalia isso?

L: olha... realmente eu concordo com isso... eu concordo que o ensino vai cair... só que isso é discriminação explícita de você não deixar os alunos de escola pública entrarem porque o... a qualidade vai cair... se a qualidade vai cair aí já é um problema do governo de aumentar a

qualidade da... do ensino de base... entendeu? você não pode restringir o acesso dos alunos de escola pública só porque eles não estão capacitados... então... capacite que eles (...)

Alan: você como sendo uma aluna de escola pública... você acha que você... como que você se coloca nessa situação? (...)

L: eu não acho que eu diminui o nível da universidade ((riso))... sinceramente... é assim... claro que no primeiro ano ali... eu tive cálculo... até hoje eu tenho muita matéria exata... né?... o meu curso é exato... e existiam algumas coisas ali nos primeiros cálculos... cálculo... que era... quase ensino médio... e me pegaram... mas você corre atrás do estudo e aprende... então vai da dedicação da pessoa... se a pessoa não se dedicar... assim como tem muito aluno que veio dos melhores colégios particulares do Brasil e que bombam loucamente todas as matérias... várias vezes... os alunos de escola pública têm a mesma chance... porque... tipo... o conteúdo tá aí pra você estudar... vai da sua dedicação... então quando entra aqui... claro que uns têm uma bagagem a mais outros tem uma bagagem a menos... mas meio que você faz um nivelamento... porque aqui você vai conseguir pelo seu esforço e não pelo o que você já trouxe... o que você já trouxe as vezes ajuda...

Alan: sim...

L: mas não é o que vai determinar se você vai ir bem ou não...

Alan: uhn... e como você avalia... não é? o acesso a universidade pública no Brasil?

L: bem... ((risos)) assim... muito... porque em nenhum momento na escola pública falaram... [inaudível] tanto que no terceiro ano... vários particulares da região foram falar com a gente e... foram oferecer os seus cursos etcetera mas... nunca ninguém falou pra gente de USP... nunca ninguém falou pra gente de faculdades federais... da UNICAMP... nunca... sabe?... então... eu já começo vendo por aí um certo desprezo... e “não queremos esses tipos de alunos” na nossa universidade... sinceramente...

Alan: como assim?... porque sendo uma universidade pública o público não é de todos?

L: uhn... não... não sinto que seja assim... até porque vai pelos... eu tou no terceiro ano... então eu conheci muita gente que entrou e que já saiu da faculdade... muita gente que entrou e tá

começando um curso agora e tal... e a maioria são pessoas de média e alta renda... não... é muito difícil você ver alguém pobre... sinceramente é muito difícil você ver alguém pobre aqui na USP... então... esse... e a classe média e alta da... do Brasil... não são a maioria... logo... não é a maioria que ta tendo acesso ao ensino público...

Alan: uhn... você me falou que você passou em várias universidades... federais... não é?... estaduais... o que é que fez escolher a Universidade de São Paulo?

L: acho que foi uma questão assim de ((riso)) de orgulho... né?... de falar “tou na melhor da América Latina”... ((riso)) é isso aí... vim lá de baixo... saí lá da periferia e tou na melhor da América Latina... acho que realmente é uma questão de orgulho... e uma questão também que a USP é uma cidade... porque até quando eu entrei na USP meus pais não... hoje em dia as coisas mudaram em casa... mas na época que eu entrei eu não teria condições de ir pra UNICAMP... por exemplo... e ir morar lá... e pagar república e etcetera...

Alan: uhn... você utiliza alguma assistência social da Universidade de São Paulo?

L: desde o primeiro ano... eu pego todos os tipos de bolsas... é... moradia... alimentação... transporte etcetera... é... porque a renda do meu pai é baixa e se comparado a renda per capita... vai... dos alunos da USP ((riso)) é muito inferior ao que eles têm...

Alan: e você acha que estudar na Universidade de São Paulo alterou as tuas relações sociais?

L: sim... totalmente... totalmente... na verdade hoje é difícil ter amigos como eu tinha... na classe social que eu participava antes... porque as pessoas que... até porque as pessoas que estudam aqui não fazem parte da minha classe social... então... foram com elas que eu criei relações de amizade... então realmente mudou bastante... ((voz baixa)) o tipo de pessoa com quem eu me relaciono...

Alan: e com a tua família?

L: olha... a minha família... ela... expandiu os horizontes... realmente... ela... meus pais viram que existe muita coisa... a mais... e criaram... até pouco tempo atrás... a minha mãe ainda não tinha entendido a grandiosidade de estudar numa escola... numa universidade pública... a grandiosidade que era a USP... o quão importante ela era no país... ou quão importante ela era

no meio acadêmico... e tudo mais... mas com o tempo minha mãe foi criando essa consciência... sabe?... essa consciência social de... da importância que é estar aqui na universidade...

Alan: você se considera numa excelência escolar?

L: ((voz baixa)) sim... ((voz com volume normal)) eu acho que o meu desempenho aqui foi muito maior do que o esperado... teve dificuldade sim... mas já tou no terceiro ano... nunca repeti nenhuma matéria... tou na segunda iniciação científica... provavelmente indo pro Canadá o ano que vem... então... acho que eu soube explorar todas as oportunidades [inaudível] ((voz baixa))...

Alan: uhn... e você se sentiu em algum momento tímida de falar sobre a tua estória?

L: olha... a minha estória não... mas algumas vezes eu me senti tímida pela minha social... é... (...)

Alan: como assim?

L: ah... porque no primeiro ano os meus pais eles eram... eles ainda estavam mudando muita coisa em casa... então a gente tava passando muito por apertos financeiros... e tipo... por exemplo... os meus amigos saem pra lugares muito caros as vezes... e tipo... às vezes eu não tinha esse dinheiro... eu não tinha... tinha o dinheiro mas não era pra eu desperdiçar digamos assim... não com esse tipo de diversão... então... algumas vezes eu ficava constrangida de falar... então ((risos))... não dá pra ir num lugar mais barato? Porque eu tou... mas aí... acho que é uma questão também de intimidade com os relacionamentos que você tem... conforme for criando mais intimidade com o pessoal... aí sim eu fui me abrindo mais... a minha realidade... mas mesmo assim... chegar e levar o pessoal na minha casa e tudo mais... mesmo que minha casa seja bem feita e etcetera é... ((gagueja)) ainda não me sinto confortável ao ponto de levar algum amigo da faculdade na minha casa... por exemplo...

Alan: uhn... e com os professores?... tem algum tipo por você vir da escola pública?

L: não... na verdade os professores eles até se surpreendem... pra falar a verdade... pelo fato de eu ter vindo da escola pública e não ter tipo nenhuma dificuldade assim... dificuldade que impedisse o andamento acadêmico...

Alan: uhn...

L: mas eles nunca me restringiram de nenhum programa de iniciação científica ou de nenhum processo seletivo de alguma coisa por ser de escola pública...

Alan: qual é a tua expectativa com o curso?

L: olha... hoje em dia... assim... eu realmente penso em participar do mundo acadêmico... sei lá... eu gosto muito mais da parte de pesquisa do que da parte empresarial... apesar... enfim... as coisas ainda estão se definindo... não existe um caminho correto pra o que eu quero porque até muito provavelmente eu vá mudar pra o interior... depois que eu sair daqui... com... a UNICAMP é uma ideia agora... mas mesmo assim... eu faço iniciação científica na POLI... então... lá também tem muita oportunidade... enfim... ainda não é... são muitas oportunidades... e não dá pra escolher agora... ainda... vou pra essa e não pra aquela... mas todas as oportunidades são muito muito boas e... vagas de emprego se for esse caminho que eu escolher... não faltam... e oportunidades pra você abrir a empresa... principalmente que [inaudível]... acho que (...)

Alan: você acha que um diploma da USP vai pesar?

L: dependendo do caminho que eu escolher... sim... acho que na verdade ((riso)) na maioria deles vai pesar bastante... é... porque... ser formado pela USP... você tem bastante garantia de que você teve um bom... uma boa estrutura... porque... se o professor dá uma boa aula ou não... isso independe... porque você vai ter que aprender pra passar... porque se ele dá uma boa aula ou não... passar é difícil... então você vai precisar aprender a matéria pra isso... se não você não consegue estudar pra passar...

Alan: uhn...

L: isso você precisa aprender... isso acaba garantindo que você vai ter um bom conhecimento sobre os assuntos que você precisa e aí... e etcetera...

Alan: você é filha única?

L: não... tenho um irmão de... doze ou treze anos... ele tem sete anos a menos do que eu...

Alan: você tá com quantos anos?

L: vinte e um... então ele tem doze... treze... vai fazer treze no final do ano... isso aí...

Alan: você estabelece alguma relação com a escolaridade dos teus pais e a tua busca pela educação?

L: como assim? Como assim com alguma relação?

Alan: ou na verdade a sua vontade em estudar...

L: olha... não... assim... os meus pais... eles ainda falaram pra eu ir... que tipo... eles estavam tentando me dar tudo que eles não tiveram... etcetera e tal... e tipo... assim... e que estudar pra mim sempre foi uma coisa natural... então... eu pensava em terminar o ensino médio... fazer uma faculdade e tal... mas nunca foi relacionado à escolaridade dos meus pais... nunca foi... “eu quero terminar porque os meus pais não terminaram” nunca... nunca foi esse pensamento assim...

Alan: uhn... a gente tá chegando ao final... eu queria te agradecer... você gostaria de comentar?... falar mais alguma coisa?

L: olha... eu só acho que é bom salientar aqui sim... eu concordo que as cotas pra estudantes de escolas públicas precisam existir... e não... eu não concordo que as pessoas que opinam sobre isso sejam de escolas particulares e falem que o ensino é igual... porque eles nunca passaram por isso... eles nunca estiveram lá e eles nunca passaram anos lá... eles não sabem o que é isso... devia se... então fazer uma pesquisa com todos... pra começo de conversa... só ver quantas pessoas de escola pública tem e quantas pessoas de escolas particulares...

Alan: na tua opinião... você o prazer e a conquista foi de estar na maior... na melhor universidade da América Latina... e como você entende que a melhor da América Latina é contra as cotas?

L: olha... é como eu disse... eu entendo isso como uma restrição social muito muito grande... porque... era pra própria escola (...)

Alan: eu percebi que quando você fala de restrição social você até diminui o tom da voz...

L: é porque... é aquilo... se é público deveria ser pra maioria e não é... porque quem tá aqui são pessoas de alta renda... e as pessoas de alta renda no país são a maioria... então é uma relação básica... porque ela não consegue relacionar?... independente do seu nível intelectual... porque... dá pra ver pelas reações das amigas da minha mãe... por exemplo... sabe?... todas elas ficam abismadas de... como assim?... eu consegui entrar... porque pro... pra... pro mundo aonde eu vivo ((riso)) é... ter alguém numa escola pública é o ponto fora da curva... é... a exceção da regra... e não deveria (...)

L: da universidade pública...

L: a universidade pública não deveria ser a exceção da regra pra a maioria...

Alan: uhn...

L: das pessoas... claro que sim... precisa sim manter um nível alto pra as pessoas poderem entrar... porque a USP só chegou aonde ela tá hoje... pela excelência do ensino... pela excelência do conteúdo produzido... acadêmico... de pesquisa... inovação e etcetera... se isso cair ela não vai ser tão boa quanto ela é hoje... mas (...)

Alan: e isso tá relacionado com a entrada ou como a universidade tem que estabelecer (...)

L: está relacionado com o preparo...

Alan: uhn...

L: se ela produzir mais coisas pra preparar... ou então tipo... não sei... antes ((gagueja)) no vestibular... ou depois que os alunos entrarem... tiverem uma preparação... alguma coisa assim... sei lá... pros alunos de escola pública terem um reforço ou alguma coisa assim... na POLI... por exemplo... tipo... em física... os alunos estavam indo muito mal... em Física I... que era a primeira física que eles tinham... então os caras foram lá e fizeram a Física Zero... que era física do ensino médio... basicamente... mas isso pra todo mundo... porque não pode fazer

isso pra quem tiver tendo mais dificuldade... entendeu?... o aluno escolher qual o nível... se ele vai gastar mais tempo ou não... daí tudo bem... já é um... vai... é um problema do aluno... vamos dizer assim... mas restringir ao ponto de tirar as cotas... acho que isso vai restringir mais ainda os alunos... até porque é uma lógica simples... se o aluno faz a escola pública a vida inteira... é porque ele não teve condições de pagar uma escola particular... uma escola melhor... e ele não vai ter condições de pagar um cursinho... (frase exclamativa) e muito menos um... porque cursinhos aí... se forem os cursinhos sociais vai tá em torno de duzentos reais... agora os cursinhos normalmente são quinhentos... seiscentos reais... que é o que muita gente ganha...

Alan: você acha que o vestibular da FUVEST é a melhor avaliação que tem pra entrada na universidade?

L: não... porque... falando em probabilidade é muito a sorte que tá relacionado a isso... porque as vezes simplesmente cai uma matéria que você manje bastante... ou que foi a matéria que você mais viu... e então você se dá muito bem... eu acho... na verdade hoje no Brasil... eu acho que nenhuma das formas de avaliação são as ((gagueja)) melhores possíveis... porque realmente mede mais o quanto você sabe naquele... ou quão bem você está naquele dia... porque por exemplo... eu tenho uma amiga que ela... ela estudou... fez quatro anos de cursinho pra entrar na [inadível] e nunca conseguiu entrar... mas nós que estávamos com ela... sabíamos o quanto que ela sabia das matérias... mas era uma questão psicológica que ela não conseguia ficar bem o suficiente pra fazer as coisas ali na hora... então... ela... não é que ela não tinha capacidade de entrar pela visão... vai... já que a capacidade é o quanto você sabe... não é que ela não sabia pouco... mas a questão psicológica acho que ali não era a favor dela... então se há esse tipo de falha é porque o sistema não funciona...

Alan: Eu queria te agradecer muito pela tua colaboração...

Entrevista Paulo

Alan: você pode me contar um pouquinho qual foi a tua trajetória escolar até você chegar aqui na USP?

Paulo: tudo bem... quando... o ensino fundamental eu fiz todo em escola... eu fiz todo em escola estadual...

Alan: ahn...

P: é... primeiro... eu fiz do primeira à quarta série na... ((gagueja)) na escola... é... Regente Feijó... Escola Estadual Regente Feijó... e... o... fundamental dois... eu fiz até a sétima série na Escola Estadual Professor Joaquim Luiz de Brito... e depois no... no Miss Browne... é... quando eu cheguei... quando eu fui pro ensino médio... prestei pra uma ETEC... a ETEC Albert Einstein... e aí eu tive um ensino um pouco melhor...

Alan: uhn...

P: é... mas no ensino... no meu ensino fundamental mesmo foi realmente muito ruim... é... se você quisesse aprender alguma coisa mesmo... tinha que ser por conta... lendo... sempre faltava professor... é... os... os alunos também não ajudavam muito na aula... era complicado...

Alan: e aí como que você fez?... qual foi o caminho que você percorreu?... você disse que a escola não era boa... né?

P: não era boa... até... até que... estudando por conta... eu entrei no ensino técnico... né?... e aí a escola já era... já era melhor... é... a gente tinha professor... tinha aula... é... um nível puxado... mas mesmo assim eu... já sentia que tinha uma defasagem... uma defasagem de base em mim... conteúdo... por exemplo... de matemática... e isso tudo já... já trouxe problemas que eu carrego até hoje... né?

Alan: uhn...

P: até hoje em certas disciplinas que são mais... exatas na universidade... a gente tem... eu tenho uma maior dificuldade porque me falta a base... do... dos primeiros anos do ensino...

Alan: aí você terminou o ETEC... não é?

P: terminei o ETEC é... e... eu fiz um ano de cursinho...

Alan: cê tava trabalhando?... morando com teus pais?... como (...)

P: eu morava com os meus pais... e aí... a gente conseguiu um cursinho popular...

Alan: a gente... porque eles te ajudaram? (...)

P: eles me ajudaram... eles me ajudaram...

Alan: uhn...

P: e aí eu... e aí eu entrei na USP... em gestão Ambiental em dois mil e dez...

Alan: e me diz uma coisa... o que é que teus pais fazem?

P: o meu pai era... agora ele tá aposentado... ele era vigilante de... de uma empresa de valores... e a minha mãe dona de casa...

Alan: tá... e aí... eles estudaram?... como é que foi?

P: a minha mãe fez... ela terminou o ensino médio... e o meu pai... ele só estudou até a sétima série...

Alan: só até a sétima série?

P: só até a sétima série...

Alan: tá... e aí você me disse que ele te ajudaram... né?... então... como é que foi essa ajuda?... como é que foi essa questão da educação lá na tua casa?

P: então... isso foi uma coisa meio complicada... eles ajudaram mesmo mas eu ((gagueja)) insisti bastante... eu mostrei muito que eu queria... é... mas... mesmo depois que eu entrei na... na universidade o... os meus pais sempre quiseram que eu trabalhasse junto... ou que eu... é...

((gagueja)) não sei... é meio difícil... eu tenho a impressão de que os meus pais... por eles não terem tido um ensino melhor... eles não entendem direito... qual que é o ritmo da universidade...

Alan: uhn...

P: ou quanto é desgastante... ou o que você está fazendo mesmo...

Alan: uhn...

P: é... mas... eles sempre me deram apoio... pra que eu fizesse... o que eu queria... embora... é claro... muitas vezes a gente tenha entrado em conflito... nesses aspectos...

Alan: e você é filho único ou não?

P: não... eu tenho uma irmã mais nova...

Alan: uma irmã nova?... e você... como é que foi esse teu desejo de fazer a universidade?... como é que foi isso?

P: então... isso é uma coisa que eu queria desde bem pequeno... desde... desde criança... eu via muita TV Cultura e... programas voltados pra ensino de ciências... pra... é... aquelas coisas de criança mostrando... coisas sobre o ambiente... sobre animais... e... eu acho que foi desde aí... eu... quis... é... estudar mais... aprender mais... ir pra universidade... é... desde pequeno que eu ia ser cientista... eu quero seguir carreira acadêmica...

Alan: uhn... então... cê tá me dizendo que foi através da TV Cultura (...)

P: eu acho que sim... eu acho que foi... ((gagueja)) foi... foi (...)

Alan: eu percebi que até você sorriu (frase exclamativa)

P: é porque a gente lembra da infância... né?

Alan: ahn...

P: e... mas ((gagueja)) não foi... eu... eu acho que não teve influência de meus pais nisso... não teve... muita influência da escola... até porque o nível de ensino da escola era bem ruim... e aí

isso foi tomando mais força durante o ensino médio... né?... quando você já tá mais perto de prestar... eu pensei em prestar biologia... é... aí eu fiquei um bom tempo entre biologia e gestão ambiental... e acabei prestando gestão ambiental...

Alan: uhn... e aí você... bom... o que é que te levou a escolher a Universidade de São Paulo?... você tentou outras universidades?... como é que foi?

P: não... eu... tinha... isso eu tinha bem claro... já... há bastante tempo... que se eu fosse... se eu fosse fazer universidade... ((gagueja)) eu ia fazer... uma... uma... estudar numa universidade excelente... então... eu coloquei... eu coloquei a USP como meta...

Alan: uhn...

P: e... aí... no ensino médio... no ensino médio que tinha professores bastante bons... o nível de ensino era bom... é... a gente sempre foi estimulado a... perseguir coisas maiores... assim... perseguir... é... colocar metas maiores... procurar universidade pública... é... ou até... até mesmo universidade particular... mas... com... buscando um nível de excelência...

Alan: uhn... por exemplo... então você tá me dizendo que a vontade da universidade foi desde pequenininho?

P: foi desde pequeno...

Alan: mas... e o desejo pela... por uma universidade de excelência surgiu com a relação com os professores... é isso?

P: eu acho que em parte... em parte... porque... é... você... você... sempre abre... abre jornal... ou... vê notícias... você ouve de universidade... USP... UNICAMP... UNESP... UNIFESP... universidades públicas... isso acaba chamando atenção... então... acho que foi nisso... que eu acabei procurando a USP...

Alan: uhm... e você então... não te passou pela cabeça... você nem tentou um vestibular em outras universidades?

p: não...

Alan: o primeiro vestibular foi o vestibular (...)

P: foi a FUVEST... de dois mil e nove... que eu não passei... e aí eu prestei em dois mil e dez... e eu passei...

Alan: você prestou em dois mil e dez?

P: é... de dois mil e oito pra dois mil e nove... e de dois mil e nove pra dois mil e dez... dois mil e dez eu entrei...

Alan: ahn... e você fez algum cursinho pra passar?

P: eu fiz... eu fiz cursinho...

Alan: você fez cursinho?... e aí... qual o cursinho que você fez?

P: eu fiz o cursinho da POLI...

Alan: ahn...

P: na unidade da Lapa...

Alan: e esse cursinho era pago?

P: era pago...

Alan: uhn... era pago... e aí quando você prestou o vestibular na FUVEST... você utilizou do INCLUSP?... por exemplo... ou não?

P: não... ((gagueja)) não... o INCLUSP é...

Alan: é aquela pontuação (...)

P: porque tem o INCLUSP e o PASUSP...

Alan: isso...

P: é que eu sempre confundo os dois... sim... eu tive... eu tive... essa... esse acréscimo de pontuação... mas não fez diferença... minha pontuação foi bem acima da... da nota de corte...

Alan: então como é que é isso?... como que você avalia então essa... essa iniciativa... pra entrar... pra facilitar... ou pra propiciar... sei lá que termo que a gente pode usar... e você mesmo disse que não fez diferença... como é que é?

P: não fez diferença porque minha pontuação foi muito maior do que a nota de corte...

Alan: uhn...

P: porque a nota de corte em gestão ambiental... um ano antes de eu prestar... ela era... acho que quarenta e quatro... no ano em que eu prestei... acho que ela foi pra trinta e três...

Alan: uhn...

P: eu fiz cinquenta e seis... com... com o aumento... eu acho que eu fui pra... sessenta... sessenta e um... então... acabou não fazendo a diferença...

Alan: uhn...

P: mas... pra muita gente faz diferença sim... ((gagueja)) é questão de vida ou morte... pra muitos...

Alan: uhn... e você... na tua opinião... é um programa interessante?

P: eu acho que o... esse sistema de cotas pra estudantes de escola pública... desde que ele seja feito com algum acréscimo... mas não muito grande... ele é... é... positivo... mas... isso de destinar... é... uma porcentagem... uma porcentagem xis de vagas pra alunos... eu mesmo sendo aluno de escola pública... de universidade... de escola pública... é... eu sou contra... porque... eu acho que muitas vezes isso acaba baixando o nível... o nível de... o nível dos alunos da universidades... porque o aluno chega pra universidade sem um certo preparo...

Alan: uhn...

P: é... eu acho que o problema... ((gagueja)) o problema de inclusão... ele não tem que ser no gargalo da universidade... ele tem que ser no ensino de base... que é o que tá mais deficiente no Brasil hoje em dia... então... eu acho que é... o governo tá colocando o... a solução da forma contrária... pelo final e não pelo começo...

Alan: uhn... e você mesmo me disse... que isso é vida ou morte pra muitos aluno... né?...

P: uhn...

P: e em contrapartida você fala que é contra as cotas (...)

P: eu sou...

Alan: como é que é isso pra você então?

P: ((gagueja)) então... é porque tem... o que eu vejo... é que sim... muito alunos conseguem entrar só por causa... desse acréscimo de pontuação... mas em contrapartida... isso acaba trazendo uma evasão maior de alunos...

Alan: uhn...

P: a gente vê muita gente que entra na universidade e... por não tá preparado... por não ter um conhecimento de base... chega no primeiro semestre... e tem uma disciplina de cálculo... a pessoa não sabe fazer nem... sei lá... produtos notáveis... que é conteúdo da sexta... sétima série... e não consegue acompanhar o ritmo... e acaba... deixando a universidade... né?

Alan: uhn... e você me falou... que até você tem algumas dificuldades ainda (...)

P: sim...

Alan: que é da base...

P: sim...

Alan: e como você fez pra permanecer?

P: como eu fiz pra permanecer?... é... insistindo... voltando... estudando conteúdo... conteúdo... até do ensino médio e... às vezes não passando na disciplina e fazendo de novo... mas... é que tem... tem casos e casos... por exemplo... eu faço gestão ambiental... mas isso é mais comum em alunos aqui na EACH de ciências da natureza... é um curso muito fácil de entrar... mas ele é muito complexo... ele é um curso muito pesado... o... pessoal já tem física avançada... cálculo... química avançada... e muitas vezes o pessoal não... não ((gagueja)) não tem... tem

menos do que a base... e a nota de corte é baixa... eu acho que é vinte e três... vinte e cinco... alguma coisa assim... então... não é difícil de entrar... mesmo que você não tenha muitos conhecimentos...

Alan: uhn...

P: a... a concorrência de candidatos por vaga é baixo... então... entra muita gente... mas se forma... muito pouca gente... então... é nesse aspecto que eu acho... que o problema não tá na... a solução não está nas cotas e sim... em melhorar o ensino de base...

Alan: uhn... e como você avalia o acesso às universidades públicas no Brasil?

P: ((respira fundo)) isso é complicado... o acesso é ruim... eu acho que... falta informação pra população... é... você não vê... ((gagueja)) você não vê na televisão as pessoas... o... com frequência dizendo... “olha vai ter as inscrições do vestibular pra universidade pública tal”... é... “são de tal data até tal data”... é... não se explica como é a universidade pública... na escola... é... por exemplo... até o final do fundamental... nunca citaram... é... nunca falaram de vestibular... como funcionava... nunca disseram se quer... que a universidade pública não era paga... porque... é... as vezes você conversa com o pessoal no trem... e... aqui na zona leste... e... as pessoas perguntam se você paga alguma coisa pra estudar na USP... o pessoal não tem essa... noção de que... é tudo dinheiro fruto dos impostos que cada um paga...

Alan: uhn... por exemplo... e essa grande discussão na Universidade de São Paulo sobre a meritocracia?... então... que se tivesse os alunos cotistas da universidade pública... a qualidade do ensino... ela iria baixar... você com a tua estória... você vindo da escola pública... que é que você... qual é a tua opinião sobre isso?

P: a minha opinião... é que... ((gagueja)) isso pode até ser feito... mas desde que... desde que seja feito com algum preparo... é... por exemplo... os alunos que tiveram uma pontuação mais baixa... que vieram de escolas públicas... eles tiveram... algum reforço... alguma coisa assim... antes de ter as disciplinas já da... grade curricular normal... é... eu acho que muita gente consegue... sim... acompanhar... mesmo que aos trancos e barrancos... mas... é... a quantidade de alunos que... que deixam a universidade é muito grande... acaba... acaba... eu tenho a impressão de que... assim... a universidade ela é... o... o foco da universidade... ela é... é a

pesquisa... né?... o ensino é meio que... secundário... e muitas vezes os professores não tão muito aí pra ficar explicando... coisas que... supostamente você já deveria saber quando entrou numa universidade... então... eu acho que... acaba sendo... contraproducente... porque você... inclui muitos alunos... com esse sistema de cotas pra eles não acompanharem... pra... eles acabarem desistindo...

Alan: uhn... e como que você sente sendo um aluno da Universidade de São Paulo?... você disse que buscou um universidade de excelência... não é?... como você se sente?

P: como eu me sinto?... me sinto... é uma coisa bastante conflituosa... eu me sinto... eu sinto que eu tou numa universidade excelente... que eu tou em contato com a produção de conhecimento o tempo todo... mas ao mesmo tempo eu... eu sinto que eu tou num... num sistema inflexível... que não... que tenta mexer na forma de... de entrada... mas não se preocupa muito com os alunos enquanto eles tão... eles tão dentro... quando... depois que você entrou... você não vê muito... por exemplo... não tem incentivo de grupos de estudos pra... é... que os alunos absorvam melhor... o que tá sendo passado... é...

Alan: então você acha que a questão está na entrada... na abertura da possibilidade dos alunos cotistas entrarem na universidade ou na questão da própria universidade se preparar na formação durante o curso?

P: eu acho que... ((voz levemente mais baixa)) na verdade nenhum dos dois... eu acho que o problema tá no ensino de base ((voz com volume normal))... eu acho que tá se pensando o sistema ao contrário... eu tou com... eu acho que se o ensino público fosse melhor... naturalmente mais... mais pessoas de escola pública iam entrar na faculdade...

Alan: uhn... e me diz uma coisa... você não procurou outras universidades... né?

P: não...

Alan: então... só foi a USP... é... você participa de algum programa de assistência social aqui da USP?

P: sim... é... ((gagueja)) é... eu sou... eu sou bolsista do COSEAS... é... e porque eu tenho renda baixa... eu... eu tenho uma ajuda pra me manter...

Alan: uhn... e você fez uma escolha... o que te levou a trazer pra universidade?... foi a escolha do curso ou foi a universidade?

P: eu acho que ambos... na verdade ambos... eu... eu sempre quis trabalhar nessa área mais voltada pra... pra meio ambiente... biologia... e... ((breve pausa)) e eu procurei aonde tinha o... onde se fosse melhor trabalhado... e no caso... calhou de ser a USP... e também por tá na cidade... tá na cidade onde eu vivo...

Alan: uhn... e quais são as tuas perspectivas... depois que você se graduar com um diploma da Universidade de São Paulo?

P: eu... eu tenho pensado muito em... em... por enquanto prestar a um concurso... e... estudando pra um mestrado em ecologia... eu tou... tou pensando já... e me preparando pra tentar tanto aqui no Instituto de Biociências... no Campus Oeste ou então no Canadá...

Alan: uhn... e você me disse... é... você acha que por ter um diploma da Universidade de São Paulo isso tem um sentido... qual é o sentido que isso tem pra você?

P: ((breve pausa)) é que... acaba que... os alunos da Universidade de São Paulo ((gagueja)) meio que.. mesmo por experiência... não sei se tem alguma pesquisa aqui... que aponta isso... mas tem uma maior facilidade de... de encontrar trabalho... ou no caso do que eu quero fazer... que eu quero seguir carreira acadêmica... é... ((breve pausa)) isso sim... isso você tem um grande incentivo dentro da universidade... a entrar em contato com a pesquisa... então eu acho que é isso o... não o diploma... mas o “estar na USP” te proporciona... o contato maior com a geração de conhecimento...

Alan: estudar na Universidade de São Paulo alterou as tuas relações sociais com os teus amigos e a tua família?

P: ((pausa)) ((voz baixa)) não... não... ((voz com volume normal)) não... porque problemas com a minha família eu sempre tive... calhou de... de um sair de casa quando... sair de casa no ano passado... mas aí juntou... ((muitas vozes no ambiente)) juntou problemas de casa com o...

((breve pausa)) juntaram problemas com a minha família... e... e... porque eu morava muito longe da universidade... e eu acabei vindo morar... aqui perto... mas não mudou as relações com os meus amigos não...

Alan: uhn... é... você... você pensa que existe uma diferença entre a USP Leste e a USP Butatã?

P: eu acho que na falta de estrutura e porque a gente ainda não tem uma... uma... uma cultura acadêmica muito estabelecida... porque o campus é novo... mas... eu acho que não tem ((gagueja)) muita... de... é... em geral na tem muita diferença...

Alan: uhn...

P: eu acho que são coisas que tão sendo trabalhadas e tão melhorando...

Alan: você estabelece alguma relação com... por exemplo... a escolaridade dos teus pais e a tua busca pela escolaridade?

P: estabeleço...

Alan: qual?

P: eu... vendo a vida que os meus pais leva... e a dificuldade que eles sempre tiveram com a escolaridade baixa... isso foi um grande motivo pra me estimular... a ter uma escolaridade maior... é... porque... é cada vez mais difícil você conseguir um emprego com a escolaridade baixa... e ser bem remunerado... e não correr o risco de ficar na mão de... de depender só do lugar aonde você trabalha... e não conseguir outro emprego... é... meu pai passou muito tempo por isso e... eu não quero isso pra mim...

Alan: e... é... por exemplo... como é que foi pra eles... não é?... ver que você entrou na Universidade de São Paulo?... uma universidade pública...

P: eu acho que eles não... eles não chegaram a entender o... talvez o nível de dificuldade... o... acho que eles não entenderam direito a conquista... eles ficaram felizes... mas acho que se eu tivesse entrado em qualquer outra universidade... eles iam ficar felizes do mesmo jeito...

Alan: uhn... e me diz uma coisa... você falou que então... a baixa escolaridade dos teus pais foi um estímulo para você... e com o teu irmão?... que é mais novo?

P: a minha irmã... ela... ela num se interessa muito por estudo... e... ((voz baixa)) ela não sabe se ela vai fazer universidade...

Alan: você... você gostaria de contribuir com mais alguma coisa?

P: não... eu acho que é só isso...

Entrevista Felipe

Alan: Você poderia me contar um pouco... qual foi essa tua trajetória até você chegar aqui na Universidade de São Paulo...

Felipe: bom... como meu pai e minha mãe... eles sempre trabalharam numa... meu pai só fez até o fundamental dele... né? ele se formou só até o ensino fundamental dele... aí... minha mãe... é... fez a graduação dela... ela fez é... o magistério pela USP mesmo... então... desde pequeno eu tive essa influência.. né?... de querer sempre chegar... pelo menos... numa USP... numa UNICAMP... que era pra... poder ser igual a minha mãe... né?... então... eu sempre estudei na escola pública... porque não tinha condições de uma particular... e aí quando eu fui pro ensino médio... eu consegui... é... entrar numa escola... numa ETC... né?... então eu fiz o técnico de informática... fez o meu interesse pela área da informática... e quando eu me formei eu tentei prestar pra USP... mas eu não consegui passar de primeira...

Alan: e você agora tá fazendo que curso aqui na USP?

F: eu tou fazendo sistema da informação... estou seguindo nessa área...

Alan: ahn... então continua...

F: bom... daí... é... eu comecei a trabalhar depois disso... aí tive que trabalhar de janeiro a julho... né?... e juntei todo o dinheiro que eu pude pra pagar aí naquele semestre... um semi-extensivo de um cursinho... que era pra um conseguir entrar aqui... daí eu tive o apoio de todo mundo... e tal... aí consegui um desconto... consegui fazer o cursinho... mas foi aquela coisa... eu acordava sete horas da manhã ia dormir meia-noite... estudava quinze horas... quatorze horas por dia... até conseguir entrar aqui... né?...

Alan: e qual o cursinho que você fez?

F: eu fiz o (POLI)...

Alan: (POLI)... tá... então você me contou que ficou estudando... me conta um pouquinho como é que era a tua relação lá na escola pública... como é que era com os teus professores? (...)

F: então... na escola pública eu sempre achei que teve... era muito afastava de atenção... de professor... sabe?... falta de responsabilidade também... teve um ano que eu fiquei sem aula de história... minha oitava série... se eu não me engano... fiquei sem aula de história... nenhuma... ficava trocando de professor o tempo todo... e... acabei sem ter aula de história... então quando eu entrei na ETEC... eu tava perdido em todas as matérias... porque matemática eu tinha parado... em... equação de segundo grau... é... história... eu tinha parado em feudalismo... então eu tava totalmente perdido... totalmente atrasado... eu tive que correr muito atrás disso...

Alan: uhn...

F: e alguns professores que tinham lá... eram bons... mas não ajudava a sala também... porque na pública podia entrar qualquer aluno... então muitos não tavam nem aí pros estudos... eles só iam lá pra cumprir a presença... e depois arrumar um jeito de tirar nota na prova... aí era bem difícil... porque as aulas que eram boas os alunos que atrapalhavam...

Alan: e aí você me contou que a tua mãe fez magistério na USP... não é?... e o teu pai estudou até a sexta série... é isso?

F: até a oitava...

Alan: até a oitava série... e aí você me contou... da onde que veio esse desejo de fazer uma universidade pública?

F: ah... é que... eu sempre ouvi falar que era melhor... né?... do que a particular... que o ensino era bem melhor... e ver... sabe?... eu não sei... isso me motivava... mas ver o diploma da minha mãe... da USP... lá... assinado que ela tinha feito o magistério pela USP... e aí ela fez em uma particular mesmo... mas ela fez uma pós-graduação em pedagogia... então eu via que aquilo tinha futuro... né?... e ela sempre colocava na minha cabeça que isso era uma escola boa... então eu fui atrás... né?... não foi só pelo que ela disse... eu fui atrás mesmo de ver a diferença de particular e pública... e todo mundo que eu conhecia que tinha feito escola pública... tinha

se dado bem na vida... enquanto gente de escola particular... faculdade particular... alguns não tinham nem conseguido se formar... porque chegava no final e não tinha a certificação do MEC no curso... tinha sido tudo em vão... o cara não ia conseguir um campo de trabalho...

Alan: então ela fez numa universidade privada e fez uma pós-graduação na USP... é isso?

F: não... é ao contrário...

Alan: ah... o contrário...

F: ela fez na USP e a pós-graduação numa privada...

Alan: tá... então... ela foi te estimulando... não é?... pra fazer uma (...)

F: isso... ela sempre me incentivou... porque ela nunca se preocupou com dinheiro... ela se preocupou comigo sendo feliz... então... ela falou... escolhe uma coisa que te faz feliz... onde te feliz... se você quiser fazer aqui perto de casa... ótimo... mas se você quiser correr atrás em outro lugar... vai... e foi o que eu fiz... tanto que eu sou do interior de São Paulo... e tou estudando aqui na zona leste... então...

Alan: então você falou que o dinheiro não era o problema no sentido de que se você quisesse fazer uma outra universidade... ela iria pagar (...)

F: daria um jeito...

Alan: uhn...

F: eu... nem que eu tivesse que trabalhar... contar com a ajuda deles... mas eu ia dar meu jeito... mas é claro que... uma grande... eu não ia ter condições... né?... então aí complicava... então esse também foi um fator de eu querer a pública... porque era... um... era a excelência de qualidade e sem ter muitos custos... né?...

Alan: uhn... e você... é... chegou a pensar em outra universidade ou não?

F: pensei... além da USP?

Alan: isso...

F: então... pública... eu prestei a UNICAMP... a UNESP... a UNESP eu passei... mas pelo fato de ser em Bauru... meu curso era muito longe... aí eu acabei desistindo dela... a UNICAMP eu não consegui... mas eu também pensei na PUC... né?... na PUC e na Mackenzie... porque elas têm [inaudível] bom... mas eu pensei em prestar elas... mas eu só poderia entrar nelas se eu conseguisse pelo menos a bolsa integral... porque até mesmo a bolsa parcial... é de cinquenta por cento... é de setenta e cinco... ainda ficava muito caro pra mim...

Alan: uhn...

F: então... aí eu tive que... que abrir mãos delas... né?... pra passar aqui... a Mackenzie eu não consegui a bolsa... na PUC eu consegui a de cinquenta... mas não foi o suficiente pra mim...

Alan: então quer dizer... cê chegou a prestar essas universidades...

F: cheguei...

Alan: você passou... mas você não continuou...

F: não... é... eu consegui também a CEUNSP... uma vaga... esse ano mesmo... mas aí... entre a CEUNSP... e a USP... aí eu preferi a USP...

Alan: uhn... e como é que foi?... você passou no Mackenzie... na PUC... aí você cancelou a matrícula? (...)

F: não... não... o Mackenzie... eu não cheguei a passar nela... eu não consegui... e a bolsa... na PUC (...)

Alan: você não prestou o vestibular? (...)

F: não... não... é... a Mackenzie eu ia prestar mas eu desisti dela...

Alan: tá... o Mackenzie você não fez...

F: não... mas é que lá... tem uns cursos que eu gostaria de fazer... que eu também gosto muito da parte de administração...

Alan: uhn...

F: então... era uma opção pra mim... a PUC eu cheguei a fazer a prova... mas eu não fui ver o meu resultado... porque o resultado da PUC saía antes do da FUVEST... e eu já tinha que pagar na matrícula... a primeira parcela... então se eu passasse lá... era muito dinheiro pra eu passar lá... depois passar aqui e eles não pagarem depois o valor de volta pra mim... então acabei abrindo mão dela também (...)

Alan: cê nem foi ver a tua qualificação...

F: não... eu nem fui...

Alan: tá...

F: ia CEUSP eu consegui a bolsa... mas eu consegui ela pelo PROUNI...

Alan: uhn...

F: então eu abri mão dela... porque eu tinha muita chance de passar aqui... e eu achei melhor deixar pra alguém... pro próximo da lista...

Alan: ahn...

F: porque ele podia fazer um uso melhor do que eu...

Alan: ahn... e aí você então decidiu prestar o vestibular da FUVEST... você disse que prestou duas vezes... né?

F: prestei...

Alan: e aí... uma vez você não passou?

F: não... eu prestei engenharia na POLI... mas eu não tive preparação nenhuma... é aquilo... eu vim... com a bagagem da escola pública... e foi... o período do vestibular foi muito conturbado... porque... foi a época que eu tava terminando o TCC do meu técnico... foi a época das provas finais... e como eu não tinha base... eu... apanhei bastante... na escola... então... é... eu não digo que eu era o aluno mais esforçado... mas eu tinha que dar uma dedicação extra pra eu conseguir acompanhar no começo... então eu pequei semana final... pra me formar no

médio... o TCC do técnico... e aí o vestibular... então deixei preparação nenhuma pra o vestibular...

Alan: uhn...

F: então eu acabei não passando... aí dessa segunda vez... eu pensei estudar por conta... né?... eu não ia pagar o cursinho... mas aí minha namorada me motivou a fazer isso... daí eu fui... a gente estudou sempre junto... né?... então um sempre apoio o outro... aí eu consegui na segunda vez...

Alan: uhn... e quando você prestou a primeira vez... você não pensou em prestar uma universidade privada?

F: não... dá primeira vez não... a primeira vez é que eu tava com a cabeça muito no meu técnico... já sair do técnico e encontrar um trabalho... então eu não tava me preocupando muito com a faculdade... porque o técnico de uma ETEC a gente já... acaba já saindo com muita oportunidade de emprego... né?... então eu não tava pensando já numa faculdade... tanto que eu prestei duas... né?... prestei na verdade três... a UNICAMP... a USP e a UNESP... eu passei pra UNESP mas não fui fazer... e a USP e a UNICAMP eu nem passei pra segunda fase... nada...

Alan: uhn... bom... e... como é que você se sente sendo um aluno da Universidade de São Paulo?

F: agora eu tenho orgulho... né?... de mim... saber que tudo que eu fiz foi recompensado... né?... então até mesmo quando eu vou no cinema... eu tenho orgulho de ir no cinema... só mesmo por ter a carteirinha de estudante da USP...

Alan: uhn...

F: e eu sinto que agora eu tenho que fazer isso valer a pena... então... hoje eu fiquei aqui a te às oito... né?... que foi só pra estudar... então eu paro pra jogar bola... eu paro pra me divertir... mas eu sei que de tarde eu posso ficar aqui... eu fico aqui três... ou quatro vezes na semana à tarde toda que é pra estudar... pra me dedicar a isso...

Alan: mas interessante o que você falou... isso... de ir no cinema e você mostrar a carteirinha... fala mais um pouco de como é que é essa sensação...

F: é... eu não sei... é que a gente chega... e ele pede... “apresente uma carteirinha de estudante”... então você vê gente apresentando de escola particular... eu... quando eu apresento a minha da USP... eu sinto um orgulho... porque eu vi o tanto que eu me esforcei... eu sei aonde eu tou... e agora com isso... onde eu posso chegar... então eu apresento... dá até vontade de ir no cinema... só pra mostrar a carteirinha... e pagar meia...

Alan: e quais outras... assim.. você me trouxe uma questão da tua vida que você fala da USP... do sentido que a USP tem, né?... pra você tem alguma outra parte na tua vida que você gosta de falar que você está estudando na USP? (...)

F: ah... eu acho que... assim... não sei... eu... gosto de falar... mas é que... ela abre muitas portas... né?... então eu... fui fazer meu exame de moto da autoescola... e na fila eu tava conversando com um cara sobre a faculdade que a gente tava fazendo... e tinha um homem olhando... ouvindo a gente conversar... e aí o menino falou que ele tava fazendo uma universidade particular e eu falei que eu tava fazendo USP... então o cara chegou perto da gente... ele pediu pra gente repetir a faculdade que a gente tava... que ela tava ouvindo a nossa conversa... aí quando eu falei que tava fazendo USP ele tirou o cartão dele... falou que “se precisasse de qualquer coisas era só entrar em contato com ele” que ele conseguia um emprego pra mim...

Alan: uhn...

F: então eu guardei o cartão do cara... tenho até hoje... sabe?... foi só eu ter comentado... ele nem perguntou o curso que eu fazia... e já me entregou o cartão...

Alan: e que é que você achou do outro teu colega?... que tava lá do teu lado?

F: então... é... pelo jeito que ele via... ele gostava do que ele fazia... mas é aquela coisa... não sei se ele não teve as mesmas oportunidades... que eu mesmo incentivo... então ele via... o curso que ele fazia... como bom... eu não conseguiria... né?... porque eu sabia aonde eu podia

chegar se eu me esforçasse... por isso que eu nem tentei fazer uma particular... eu quis mesmo uma pública... eu não sei nem se eu tivesse conseguido a bolsa de cem por cento nas particulares que eu tentei... se eu teria feito... porque o meu foco sempre foi aqui... foi o que eu me dediquei mais... tanto que depois que acabou o vestibular daqui... pra mim foi como se tivesse acabado todos... quando acabou a segunda fase... eu ainda tinha a UNICAMP pela frente... mas pra mim foi como se tivesse acabado... porque aqui... eu o meu foco...

Alan: uhn... você tá me falando muito da vontade... não é?... do... dessa oportunidade que você teve... você acha que é só a dedicação que vale pra entrada na USP?

F: ((breve pausa)) eu acho que é bastante... dedicação e a vontade da pessoa... então... você pode querer entrar na USP... mas se você não se dedicar pra isso aí você não consegue... e... mas também você pode se dedicar pra isso... mas porque alguém te obriga a fazer isso... né?... então... você pode não ter a vontade... eu acho que as duas têm que andar juntas... você tem que tem um motivo... você quer entrar... você tenha vontade de entrar... e você tenha dedicação pra estudar pra isso... e saber que não acaba no vestibular... que depois que você entra... você tem que representar aquilo que você conseguiu... você conseguiu... tá na hora de mostrar o porque... entendeu?...

Alan: e o que é que você pretende representar aqui dentro da USP?

F: então... por enquanto eu ainda tou confuso do que seguir... porque eu vim aqui certo de que eu ia me formar aqui... sair trabalhando... montar meu escritório... por o diploma na parede e seguir nisso... mas depois que eu entrei aqui... eu vi... tem a área acadêmica... o mestrado... o doutorado... então eu quero estudar... eu quero pesquisar... eu quero contribuir com algo a mais pros outros...

Alan: uhn...

F: ainda não sei em que área... ainda não sei como... mas eu tou estudando... me inscrevi pra tutoriais e essas coisas porque eu quero entrar nessa áreas... vida acadêmica... porque eu quero...

Alan: você tá há quanto tempo aqui no teu curso?

F: o meu curso... eu comecei mês passado...

Alan: mês passado?...

F: é... eu tou no primeiro semestre agora...

Alan: ahan... e você me falou... queria que você analisasse... não é?... na tua opinião... o acesso a universidade pública no Brasil...

F: eu sou de uma opinião... não sei... eu vejo muita gente falar das cotas... e que o vestibular serve só pra barrar a entrada... mas eu sou da opinião de que é ele que faz a universidade... porque ela é pública... mas se qualquer pessoa pudesse entrar... eu acho que acabaria se tornando igual a uma escola estadual... onde qualquer pessoa pode entrar... então quem entra não dá valor... então eu senti que a pessoa que entrou aqui no vestibular... foi a pessoa que se esforçou... então ela vai dar valor a faculdade... se ela dá valor... ela se esforça... se ela se esforça ela mostra que ela é boa... então é isso que faz a faculdade... não são os doutores que dão aula só... são porque os alunos justamente... passaram pela fase difícil que foi a FUVEST... eles têm a vontade de se dedicar aqui... eles não querem botar isso a perder... então...

Alan: e qual é a tua opinião sobre as cotas?

F: não... eu acho que elas devem existir até certo ponto... eu concordo com as cotas de escolaridade pública... porque eu vivi elas... então eu sei que um aluno de uma escola particular tem uma preparação melhor... então eu acho que enquanto a universidade... a escola pública não tiver o mesmo nível de ensino de uma particular... esses alunos de escola pública merecem sim um cota... agora eu não sei... a cota racial pra mim... não compensa os erros que foram do passado... então... não é por uma pessoa ser negra que ela merece ter cinquenta por cento das vagas... que ela merece ter uma pontuação a mais do que a minha... a cor da pele da gente não mostra a dedicação que a gente teve pra entrar ali... né?... então eu acho que... tem que compensar pelo mal que foi causado antigamente?... sim... mas não com essas cotas... porque aí... um menino mais pobre... por ser branco... pode ficar pontos atrás pela a cota que o negro tinha... só pelo fato de ser negro... então ele pode ser negro rico... pode ter um branco

pobre... e o negro pode ficar batendo pontuação a frente por ser negro... então... não concordo com essas...

Alan: e você utilizou o INCLUSP... ou PASUSP na tua? (...)

F: a primeira vez eu utilizei o PASUSP... que é aquele que dá acho... se não me engano... quinze por cento a mais... agora você tem que prestar o treineiro e o oficial pra ter esses quinze por cento... e dessa vez... é... eu testei... eu tentei pelo INCLUSP que ele dá os sete por cento mesmo da cota... da cota de escolaridade pública... aí eu acho que isso me ajudou bastante...

Alan: você acha que o INCLUSP fez a diferença pra você entrar na USP ou não?

F: dessa vez nem tanto... porque dessa vez eu me dediquei mesmo... então... minha nota de corte foi quarenta e quatro... se eu não me engano... sem o INCLUSP eu cheguei ao quarenta e nove... mas sem dúvida com ele... eu... fui pra cinquenta e dois ou cinquenta e três... então já me colocou um pouco pra frente... né?... mas eu acho que sim... ele é necessário... em alguns casos... porque como eu falei... pode ter um cara que não tava fazendo cursinho... que ele se dedicou pra caramba... mas ele não fez o mesmo que eu... então ele merece também essa chance...

Alan: uhn... e você utiliza de algum tipo de assistência social aqui dentro da USP?

F: por enquanto não... mas... é... eu... tou... é... era pra sair o resultado hoje... né?... que eu não fui ainda pra casa pra conferir tudo... mas eu tou tentando eles... porque... é difícil agora... principalmente... como... como eu moro longe... pra eu... como eu posso dizer?... ((breve pausa)) pra eu não exigir demais da minha mãe... né?... pra não ter que me levar quatro horas da manhã numa estação de trem... pra eu andar mais três de trem... pra eu chegar até aqui... então... eu tou morando numa república... só que isso gera muito gasto pra eles... né?... e eu queria essas bolsas da USP... essa assistência social... justamente pra não precisar dar esse peso pra eles... e pra eu não ter que trabalhar... porque eu sei que se eu trabalhasse... a minha tarde e a minha noite... seriam perdidas... não perdidas... mas eu gastaria ela pro trabalho invés de me dedicar totalmente a faculdade... então... eu tou tentando ainda...

Alan: na tua opinião... há uma discussão aqui dentro da universidade de São Paulo... que fala que se a abertura pros alunos de escola pública... iriam baixar a qualidade da universidade... você como sendo um aluno que veio da escola pública... qual é a tua opinião sobre isso?

F: hum... eu concordo com isso... né?... porque tem muita gente que não quer nada... não sei se você estudou em escola publica também... ou não?...

Alan: eu também estudei...

F: então... eu não sei se você viu isso quando estudava...mas... é... tem muita gente que... tá lá... por tá lá... então aí ele terminaria... o pai mandaria ele pra cá... ele ia poder entrar... simplesmente por ter feito uma escola pública... então ele entra... faz e sai... só que ele não se dedica... aí isso acaba sujando o nome da própria faculdade... então muita gente... assim... acabaria abaixando o nível... né?... porque é gente que não presta atenção nas aulas... é gente que só vem aqui pra arrumar confusão...

Alan: e você acha que você está abaixando o nível da universidade? (...)

F: então... eu acho que não... porque... eu vim da minha dedicação... eu acho que se... quem entra... quem não entra de qualquer jeito... com a FUVEST aí você não entra só... saiu da faculdade prestou a prova... você não entra... não é questão de sorte só... porque tem a segunda fase... por mais que o cara tenha sorte na múltipla escolha... a segunda fase ele tem que escrever... ele tem que saber o conteúdo... então... você entra aqui você já tem que saber alguma coisa sobre isso... e... agora se o cara não quer nada... se ele só tem a porta aberta pra ele entrar... então ele não precisa se dedicar... é o que eu falei... não tem o esforço dele aqui dentro... porque ele só conseguiu... quando a gente batalha pelo que a gente quer... a gente aproveita aquilo de uma maneira muito melhor... do que se a gente só ganha aquela coisa...

Alan: uhn... qual é a tua relação com os professores e com os colegas aqui na universidade?

F: aqui... eu acho... eu gosto muito dos professores... porque eles estão sempre aí... não só pra tirar dúvidas do que foi passado em aula... mas qualquer outra dúvida que eles tenham conhecimento... eu acho que... é... pelo fato deles serem muito bem escolhidos... então eles têm uma carga muito boa... de conteúdo pra passar pra gente... né?... porque aqui o requisito

mínimo é um doutor... então ele sabe explicar... ele sabe dar aula... por enquanto eu não encontrei nenhum professor ruim... todos estão disponíveis pra tirar dúvidas e pra ajudar... eu vejo que eles não são preocupados em explicar tudo pra gente... eles dão o conteúdo mas eles querem que a gente... é... chegue aonde eles querem... né?... mas eles são sempre aí pra tudo que a gente precisar... e os alunos que são aqui... é também porque... se eles são aqui... é porque eles querem a mesma coisa que eu... eles se esforçaram do mesmo jeito... é... eu acho que isso é muito legal... então aqui você encontra gente de todos os tipos... de todos os lugares... e isso ajuda muito no conhecimento... por exemplo... o meu amigo veio da Coreia... ele veio da Coreia quando era novo... e agora ele tá aqui... ele estudou... ele fez particular e tudo... mas ele entrou na USP... então agora... de vez em quando eu peço aulas de coreano pra ele... só pra aprender mesmo... então... acho que o contato que você tem com outras culturas... outros costumes... outros jeitos... outras pessoas... é muito importante... também...

Alan: você já sentiu algum tipo de constrangimento por ser da escola pública?

F: não... nunca senti... eu... me sinto orgulhoso por isso... porque... sabe?... eu vim de uma escola pública... a escola na cidade onde eu estudei... tinham cinco escolas... a minha era a quarta... em qualidade... então mesmo vindo de lá... eu vi que eu consegui chegar aqui... eu não (...)

Alan: da onde que você veio mesmo?... qual era a cidade?

F: é... é de Itupeva... a escola... que eu fiz o fundamental... é... então... eu não reclamo da escola... eu acredito sim... que ela me ajudou... e eu não tenho vergonha de falar... se alguém pergunta... “da onde você veio?”... “de escola particular?”... não... eu vim de pública... eu vim de uma pública... eu me esforcei... e eu tou aqui dentro... né?... tudo bem... eu precisei do cursinho... mas... mas eu tenho orgulho de dizer também... as vezes... aonde eu vinha antes... que é em parte o que eu sou hoje... né?... elas contribuíram bastante...

Alan: estar na USP... ser um aluno da Universidade de São Paulo... mudou as suas relações sociais?

F: ((breve pausa)) não... não... assim... tem aquela coisa do orgulho de ter carteirinha USP... de ser um aluno USP... mas meu melhor amigo... ainda é o cara que eu conheci na oitava série da

escola pública... meus amigos... eu não mudo com eles... né?... porque... é... eu tento manter do mesmo jeito que eu era... a diferença é que agora eu sou um cara mais ocupado... por ter muita coisa a mais pra estudar... mas eu não vejo que... é... como é que eu dizer... que eu sou melhor do que eles... por tá na USP... eu vejo justamente ao contrário... eu tou aqui... quem constrói a USP é o governo... com o dinheiro de impostos... então eu tenho uma dívida com as pessoas que tão lá fora... que pagam esses impostos... não é?... então eu tou aqui... pra tentar no futuro... poder ajudar quem tá lá fora...

Alan: quantas pessoas dos teus amigos estão em universidades públicas?

F: ah... bastante... eu tenho amigos que tão fazendo outros campus da USP (...)

Alan: mas que vieram da tua escola?

F: é... exatamente... da minha... da mesma turma que se formou no terceiro colegial comigo tem bastante... aqui mesmo na EACH eu tenho seis... que eram da minha sala... agora da turma da oitava série lá da escola pública... poucos... dá pra contar... dois... no máximo que eu conheço... que eu sei que estão em escolas públicas... em universidade públicas...

Alan: uhn...

F: mas do ensino médio... bastante gente... conseguiu entrar...

Alan: você falou na questão dá responsabilidade... não é?... de você estudar numa universidade pública... não é?... e como universidade pública é do governo... ela trabalha com os impostos... não é?... você não acha que também seria uma forma de que a universidade fosse para todos?... por ela ser pública?

F: ah... sim... é... isso eu concordo... ela deveria sim... ser pra todos... (...)

Alan: ela não é pra todos?

F: não... exatamente... o primeiro problema é que ela não tem vagas... pra todo mundo que quer...

Alan: uhn...

F: a gente pode perceber isso num curso de medicina... quanta gente não presta medicina... e quantas vagas existem?... mas isso aí com o tempo acho que dá pra melhorar... né?... porque a gente viu o quanto de campus que abriram... quantos prédios foram construídos pra ter mais cursos e mais vagas... agora pra entrar... eu acho que sim... deveria ter um processo seletivo... mas não como a FUVEST... eu acho que... talvez baseado nas notas que a pessoas tirasse na escola pública... seria uma maneira muito melhor... porque você tá na pública... você tem que se esforçar a partir da pública... então as suas notas de lá... vão fazer você aqui dentro... isso seria... pouparia muito estresse da FUVEST e... poderia ser muito mais justo também com as pessoas... eu acho...

Alan: você acha então que a universidade pública... a USP... é injusta?

F: ah... deixa eu pensar... não... injusta não... mas eu acho que o sistema de... de entrada dos alunos nela... poderia ser melhor... né?... porque eu acho que até agora... o que eles têm como... como a FUVEST... ela é justa... mas exige muito esforço... então... eu acho que existem alternativas melhores... não que ela seja injusta... mas existem alternativas melhores...

Alan: como?... você pode me dar o exemplo de alguma?

F: é... pelas notas mesmo... porque eu posso ter sido um aluno muito regular... então... eu saio da escola como aluno regular... me esforço depois que sair da escola... e entro... né?... como eu também posso não ter me esforçado depois da escola... mas ter tido notas boas... então esse aluno que teve notas boas... mas não foi bem na FUVEST ele não merecia tá aqui dentro?... ele merecia... ele era um cara que sabia... que tinha vontade... mas ele não foi bem na FUVEST... entendeu?... então acho que se fosse pelas notas é... obrigaria... tiraria esse peso das pessoas de fazerem a FUVEST... e ao mesmo tempo daria um incentivo pra aqueles que querem estudarem já desde o começo... desde novos eles já começam a estudar... a se preparar para o futuro deles...

Alan: você considera que o teu sucesso escolar... de ter entrado na Universidade de São Paulo... tem alguma relação com a escolaridade dos teus pais?

F: ((breve pausa)) ah... a da minha mãe sim... né?... pelo fato dela ter feito aqui... então ela sempre seguiu nessa área da educação... é... então... o nome USP... que ela tem do magistério

dela... por mais que seja um magistério dela... já me dá... me deu vontade... e ela seguir nessa área da educação também... sempre foi bom pra mim... e o meu pai... a parte do meu pai não vem da... da escolaridade dele... mas ele sempre me apoiou é... na parte mais pessoal... né?... porque apesar dele não ter se formado... não ter o ensino médio dele... ele foi um cara que cresceu com o fundamental... então... ele começou trabalhando como mecânico de uma oficina... hoje ele é gerente de uma empresa... então ele conseguiu crescer... mas ele cresceu pelo que ele é... né?... pelo jeito que ele é com as pessoas... pelo jeito dele... então ele sempre me ensinou isso... pra eu tentar crescer desse jeito também...

Alan: você falou muito nesse nome USP... o que é que esse nome... USP... significa pra você?

F: é uma faculdade boa... grande... reconhecida mundialmente... né?... e que tem muito a me oferecer... é isso que eu considero o nome USP... um lugar reconhecido por muita gente... e eu tou nele... e agora eu tenho muita chance... e muita oportunidade... muita coisa... muita coisa boa ainda pela frente...

Alan: se é um lugar reconhecido e você disse que você tá nele... você se sente reconhecido?

F: me sinto... é... não precisa... é só uma pessoa perguntar... onde você estuda... você falar que eu estudo na USP... a pessoa já sabe... né?... tem muita gente que só de você falar isso... já te dá os parabéns... fala... “nossa parabéns você conseguiu entrar”... né?... então... eu acho que eu me sinto reconhecido sim... de eu estudar aqui...

Alan: você gostaria de colaborar com mais alguma coisa?

F: ((voz com volume baixo)) não tenho mais alguma coisa... eu acho que é só isso...

Alan: obrigado...